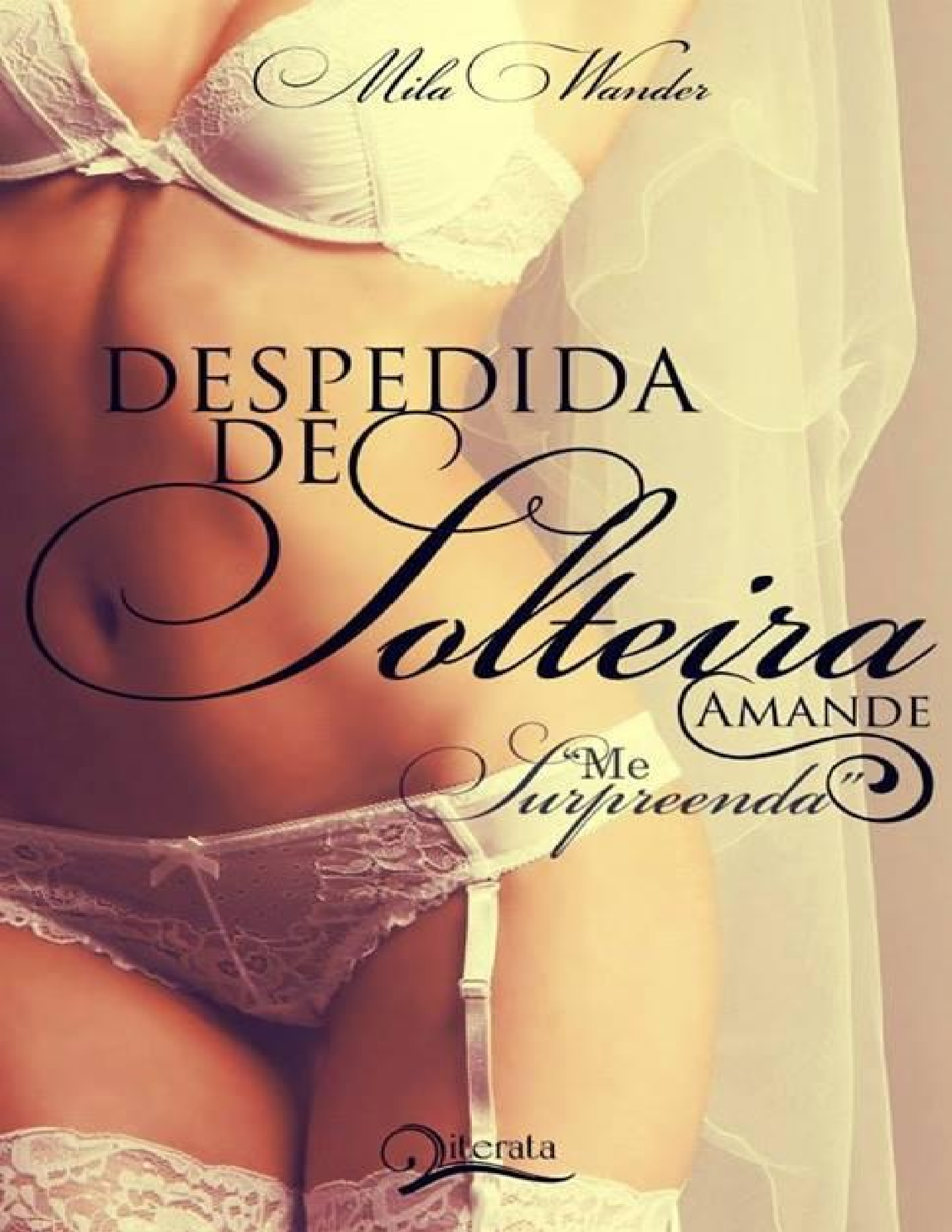

Mila Wander
DESPEDIDA DE Soltera
AMANDE
"Me Surpreenda"
literata

Despedida de Solteira
– Amande –

Mila Wander

Revisão: Giulia Ladislau (giu3790@yahoo.com.br)

AGRADECIMENTOS:

Muito obrigada a todos(as) os(as) leitores(as) de Despedida de Solteira, que praticamente me obrigaram a correr atrás de uma publicação. Vocês são demais!

Obrigada as Calebmaníacas, que simplesmente piram com as coisas que o nosso querido protagonista faz. Também sou uma Calebmaníaca de carteirinha!

Um beijo especial para as queridas Danila Melo, Cristiana Moura e Giulia Ladislau. Sem vocês meus dias não teriam graça. Um grande abraço para as autoras Josy Alcântara e Vanessa Bosso. Vocês são umas divas!

Agradeço, de coração, a todos os que me acompanharem nesta história. Espero que tenham uma ótima e prazerosa leitura.

Beijos, Mila Wander

1º Capítulo

Politicamente correta

Oi, meu nome é Amande.

Posso parecer uma pessoa normal, mas as aparências enganam mais do que queremos admitir. Devo confessar que, no meu caso, os problemas começam rapidinho. Percebe-se logo pelo nome: Amande. Sim, eu sei que é engraçado, mas tente fazer um esforço para não me chamar de Amanda.

Não é tão ruim assim, é?

Existem vantagens e desvantagens de se ter um nome incomum. Entretanto, a maior de todas as desvantagens, para uma pessoa como eu, é que o fato de ter o nome escrito errado por causa da idiotice de algum funcionário preguiçoso do cartório – ou pela falta de senso do meu pai – é extremamente humilhante. Exato, você acaba de descobrir que meu nome era para ser Amanda. Era...

Tenho vinte e sete anos. Bom, pelo menos esta é a idade do meu coração. O meu cérebro, por sua vez, deve estar soprando sua sexagésima velinha. Não, não sou tão petulante para achar que sou madura demais, inteligente demais ou experiente demais. Não falo neste sentido. Pode ter certeza de que qualquer garotinha de dezesseis anos já passou por momentos mais marcantes do que eu, sabe? Aqueles momentos que você relembra e se dá conta de que aprendeu alguma coisa.

Sei que isso é meio confuso, mas entenderá com o tempo. O problema é que o espelho diz muitas coisas sobre a nossa idade – pelo menos o meu diz –, porém, não há definidora de idade tão eficaz quanto a nossa própria personalidade.

Posso me explicar.

Sou uma pessoa definida pela sociedade moderna como a “politicamente

correta”. Você deve estar pensando: “ora, não há nada demais em fazer as coisas certas, todo mundo devia ser como você, Amande”. Não se engane e jamais repita tal absurdo. Foi com esta ideia que a minha vida, aos vinte e sete anos, navegou por mares que eu percebi, talvez tarde demais, que não me levariam ao caminho que me traria a real felicidade.

Concordo que muita gente deveria ter certos hábitos que eu cultuo, hábitos considerados antigos e recalcados. Na verdade, chega a ser um dever de cada cidadão. Coisas básicas como desligar o chuveiro enquanto estiver passando shampoo ou escovando os dentes, não dar descarga se for só o número um, apagar todas as luzes quando sair de casa, levar sempre a sacolinha quando for passear com o cachorro, nunca estacionar em lugares proibidos... Enfim, existe uma coisa da qual não abro mão: ordem.

Gosto de tudo organizado, desde a minha gaveta de calcinhas até a minha lista de e-mails – tenho certeza de que você nunca organizou sua caixa de e-mails, pelo menos não como eu, que separo meticulosamente por ordem alfabética, de prioridade, data e assunto. Sigo uma rotina extremamente rigorosa, criada e estudada por mim mesma. Não faço nada que signifique ficar longe dos padrões, por isso odeio, simplesmente odeio, quando surgem imprevistos. Não há nada pior do que surpresas. Tudo o que eu não puder calcular, classificar, dividir ou separar por cores simplesmente me causa ânsia de vômito.

Desde pequena sou assim. Bom, não me lembro de nenhum momento na minha vida em que eu tenha deixado alguma coisa fora do lugar. Guardava meus brinquedos logo quando terminava de brincar, às vezes até antes disso. Nunca sujei um copo e o deixei em cima da pia. Acho que, se a minha mãe tivesse permitido, seria capaz até de, enquanto bebê, lavar minha própria mamadeira.

Nunca apertei a campainha do vizinho e corri. Nunca fui a um lugar diferente do que tinha dito aos meus pais. Nunca falsifiquei minha carteira de identidade nem invadi boates ou filmes para maiores de dezoito anos sem ter atingido esta idade. Jamais, em toda a minha vida, menti para alguém. Claro, já omiti muitas coisas das pessoas, já disse sim quando queria dizer não – e também o contrário –, visto que estou longe de ser uma sem-noção. Falo de mentiras mais óbvias, não de simples mentirinhas que a boa educação exige vez ou outra.

Sou assim; verdadeira, correta, estrategista e muito dinâmica. Não sou tão

divertida quanto gostaria de ser, mas não posso dizer que sou uma pessoa amarga, silenciosa e introspectiva. Converso com as pessoas, gosto de me comunicar e tenho mania de comprar livros. Sim, adoro livros, de todos os gêneros. É engraçado observar tão de pertinho como as pessoas agem. Os livros abrem portas repletas de experiências que não vivi – e que certamente jamais viverei, pois sou escrava das minhas próprias atitudes –, e faz com que eu aprenda com elas sem, de fato, ter passado por aquilo.

Tenho amigas legais que são, em sua maioria, muito diferentes de mim. Não considero isso uma desvantagem, pois sei que sem o amor delas eu não seria nada e nunca, nunquinha mesmo, teria conhecido o Caleb. De certa forma, o João Pedro também. Bom, falo sobre eles daqui a pouco... Quero falar mais sobre as minhas grandes amigas, pois é por causa delas que se principia esta história.

Estudamos juntas desde a sétima série, embora eu só as tenha conhecido na oitava, visto que, antes disso, eu mal sabia que no horário do intervalo se podia fazer outra coisa além de lanchar, ir ao sanitário e continuar estudando. Jéssica, de longe a mais extrovertida, louca de pedra e afoita criatura vivente deste planeta, decidiu que seria divertido – leia-se cômico – fazer amizade com uma nerd como eu. Confesso que me assustei com ela nos primeiros dias de amizade pelo seu jeito doidinho de ser, mas depois fui apenas relevando e rindo sempre que possível. É bom rir da Jéssica, ela está acostumada e você pode fazer isso o quanto quiser.

Acabei conhecendo as outras meninas por intermédio dela: Fabiana, Lara, Claudinha e, por último, no Ensino Médio, Paloma se integrou ao nosso pequeno grupo. Paloma é a criaturinha mais meiga e simpática que já vi. Ela é a que mais se parece comigo: consciente, organizada, inteligente e pé no chão. Quando as meninas cometem alguma burrada, ela é a primeira a aconselhar. Normalmente fico ao seu favor, pois confio muito no seu poder de reflexão para solucionar os mais variados problemas.

Foi no baile de conclusão da escola que elas, em unanimidade, decidiram ser o momento ideal para que eu conversasse com o carinha de quem estava a fim: o João Pedro. Ele era muito inteligente, embora não tão bonito, e fazia parte do grupo de xadrez. Sério, toda e qualquer boa nerd se apaixona por um integrante da equipe de xadrez, é quase obrigatório. O fato é que passei o ano inteiro paquerando João Pedro – entenda que para mim, naquela época, paquerar

significava observá-lo enquanto ele não olhava e virar o rosto assim que percebesse que eu estava olhando. Aqueles momentos eram repletos de uma grande emoção, talvez a maior que já aconteceu na minha vida. Claro, antes do Caleb. Você vai compreender, aos poucos, que a minha vida se divide em dois momentos: a. C. e d. C. (antes do Caleb e depois do Caleb).

Mas... voltemos ao João Pedro e ao maldito baile de formatura. Acabei seguindo os conselhos das minhas amigas e finalmente decidi falar com ele. Conversamos bastante, na verdade foi a conversa mais longa que já tive. Durou cerca de... um ano e meio, quando nós, já na faculdade, demos nosso primeiro beijo – no meu caso, foi primeiro *de verdade*. Sim, demorou pacas para sairmos do canto, mas tem fácil explicação: dois nerds juntos não dão certo neste tipo de coisa. Somos capazes de decorar toda a obra de Tolkien, mas incapazes de confessar o quanto gostamos de alguém.

Começamos a namorar naquele mesmo dia. Eu estava com dezoito anos, e ele com dezenove. Nosso namoro foi bem tranquilo e tradicional. Víamo-nos todas as terças, quintas e sábados, com horário meticulosamente cronometrado por mim. Sério, não dei trabalho aos meus pais com relação a isso. Acho que fui muito mais rígida comigo mesma do que eles. Jamais deixei meus estudos ou demais coisas mais importantes do que um namoro em segundo plano.

Não fazíamos nada que não estivesse disposto na minha agenda. João Pedro me conhecia bem, sabia dos meus problemas de organização e aversão a surpresas. Eu também o conhecia, e isso passou a nos completar de tal forma que fortaleceu o nosso relacionamento. Passamos por bons momentos, crescemos juntos, construímos nossas carreiras... Ele se tornou um grande designer gráfico, embora seu trabalho como *freelancer* tenha me chateado muito. Permaneci na área administrativa e acabei montando uma loja de cosméticos, que vendem mais do que água. Sério, você não faz ideia de quantos produtos as mulheres usam. Nem eu sabia que conseguiria viver bem – até demais – no ramo da beleza, afinal estou longe de ser um modelo de perfeição e não uso metade das coisas que vendo.

Convidei a minha amiga Lara para vir trabalhar comigo na loja. Ela é uma garota muito convincente, mas não se deu bem na faculdade de História. Quero dizer, Lara é uma ótima historiadora, mas não teve muitas opções de emprego na área. Minhas clientes acabam gastando o dobro do previsto apenas sendo atendidas por ela, o que de fato fez com que se tornasse gerente rapidinho e

também o meu braço direito. Lara é tranquila, embora seja o tipo de pessoa que não consegue arranjar nada na vida além de clientes. Apesar de ser muito convincente, é um fiasco quando se trata de relacionamentos. A coitada já teve centenas de namorados, mas nenhum deles a mereciam. Só você vendo os *espécimes* que ela encontra... Cada um mais imbecil do que o outro.

Os encontros com as minhas amigas acontecem de quinze em quinze dias, sempre nas noites de quinta. Acredite, foi o melhor dia que conseguimos arranjar depois de cada uma ter seguido sua vida em direções completamente distintas. Apesar de manter contato com a Lara na loja, nossos momentos para conversar de verdade são nesses encontros, em que escolhemos a casa de alguém e nos revezamos também na preparação do jantar.

Somos muito ocupadas, principalmente a Cláudia, que já é uma mulher casada e mãe de uma menina maravilhosa. Ela se vira em mil para concluir a faculdade de Agronomia e não trabalha porque simplesmente não sobra tempo. Já a Fabiana se deu muito bem na vida: escolheu a área jurídica, trabalha no Tribunal de Justiça da cidade e ganha horrores.

Paloma seguiu o rumo da arte, por incrível que pareça, e recentemente abriu o próprio ateliê. Ela é muito talentosa. Faz pinturas em tela e esculturas de gesso sensacionais! A inauguração do espaço foi um sucesso, e minha amiga vive pra lá e pra cá, atendendo a solicitações de clientes cada vez mais ricos, dispostos a pagar fortunas por uma obra-de-arte assinada por ela. A Jéssica é um caso completamente à parte. Por ser louca e até mesmo meio perturbada, nunca concluiu a faculdade e vivia fazendo *freela* como modelo numa agência. Pelo menos era o que eu pensava...

Bom, o fato é que amo as minhas amigas. Por isso que, depois de quase nove anos de namoro, quando João Pedro me pediu em casamento – e eu aceitei –, não podia deixá-las de fora da minha felicidade. Foi com muito carinho que as convidei para uma noite de encontro de quinta-feira no meu apartamento. E foi com muito carinho que defini que elas seriam as minhas madrinhas de casamento.

Claro que eu não podia esperar que as coisas fugissem da normalidade. Afinal, estava tudo na minha agenda, todos os preparativos do casamento. Eu tinha criado um site só para isso, de modo que, três meses antes do casório, já tinha todos os contratos devidamente quitados e tudo, absolutamente tudo, sob

controle: *buffet* completo, salão de festa, garçons, fotógrafos, igreja, iluminação, filmagem, cerimonial, decoração, convites, vestido, maquiagem, depilação...

As coisas só começaram a desandar por causa da maldita despedida de solteira. Que, por sinal, nem havia me passado pela cabeça.

2º Capítulo

Uma rodada de soda

– Despedida de solteira? Pra quê? – perguntei, tendo cinco pares de olhos bem abertos apontados na minha direção.

– Como assim pra quê? – retrucou Jéssica, com um sorrisinho sarcástico estampado no rosto.

Estávamos na casa da Lara, em nossa última reunião de quinta-feira antes do meu casamento, por isso não se falava sobre outra coisa. A última prova dos vestidos das madrinhas seria no dia seguinte e basicamente era a única coisa que faltava para eu poder dizer, com convicção, que estava tudo pronto. Foi então que a Jéssica, como sempre espalhafatosa, veio com essa de despedida de solteira. Sério, não sei quem foi o idiota que inventou tamanha barbaridade. Afinal, como vou me despedir da solteirice se estou namorando há nove anos?

– Meninas, socorro! – pedi, balançando a cabeça com avidez. Olhei para Paloma, pois ela era a única pessoa que podia me apoiar naquilo de modo esclarecedor, mesmo tendo Lara, a senhora convincente, e Fabiana, a senhora Tribunal de Justiça, presentes.

– Bom, acho que uma despedida de solteira não faz muito sentido no caso da Amande – ela disse, e meu peito se inflou de alívio. Sabia que podia contar com a Paloma! – Ela não bebe, não usa drogas e odeia dançar. Esse tipo de coisa tem que ser divertida, não?

– Exatamente! – exclamou Jéssica, piscando seus cílios abarrotados de rímel pelo menos umas trezentas vezes. – Ela *precisa* se divertir, deixar de ser tãão certinha. Agora que vai casar, as coisas só ficarão piores! Não vai mais viver a vida!

– Claro que vou viver a vida, não vou morrer só porque irei me casar! – retruquei.

Jéssica fez uma cara bem feia.

Sério, ela acha que um relacionamento duradouro é a coisa mais careta do mundo. Jéssica nunca namorou um cara por mais de duas semanas, e olha que ela faz todos os cálculos. Também, linda do jeito que é, com seu corpo escultural, cabelos loiros compridos e olhos verdes, nem precisa se dar ao trabalho de ficar com apenas um homem. Todos a querem, logo, ela aproveita ao máximo. Tento não julgar, afinal, minha vida podia ser diferente se eu não fosse tão sem sal.

É impressionante que eu tenha conseguido um marido decente.

– Sabe, desta vez acho que a Jess tem razão – disse Cláudia, que brincava com uma batata frita *smile*. – Estou tão cansada de ser mãe e esposa! Não que eu não goste, amo a minha filha e o meu marido, mas sabe... acho que deixei de curtir muita coisa que deveria.

Suspirei fundo. Algumas meninas também fizeram o mesmo, pois compactuávamos a vida difícil que Claudinha levava. Ela tinha engravidado antes da faculdade, mudado de cidade porque o marido tinha sido remanejado e não chegou a se casar com ele. Digo, eles não são casados no papel, pois na época não tinham dinheiro para uma cerimônia. Até hoje não haviam decidido nada quanto a isso. Era uma pena, pois Cláudia podia realmente ter usado sua inteligência e beleza para coisas mais produtivas do que correr atrás de um mecânico e engravidar dele na primeira oportunidade que surgiu.

– Viu só? – desdenhou Jéssica finalmente. – Eu tenho *toda* razão. Aliás, não somente tenho razão como também, sabendo que Amande jamais faria algo sem estar planejado, corri atrás de cada um dos detalhes da despedida de solteira dela!

– Você correu? – Fiquei realmente surpresa.

– Claro que sim, a Lara me ajudou.

Lara sorriu de um jeito tímido, enquanto eu a fuzilava com os olhos. *Traidora!*

– Ah, Amande, desculpa! Achei a ideia da Jess muito legal! Não podia te contar antes desta reunião, pois temos que decidir os horários em conjunto.

– Horários? Pensei que fosse apenas uma noite numa boate – disse Fabiana, que estava sentada num *puff* cor-de-rosa.

– Olha pra mim, tenho cara de mulher de boate? – perguntou Jéssica. Respondi mentalmente, mas não pude dizer em voz alta, embora fosse a minha vontade absoluta. – O que planejei para nós é muito mais do que uma noitada. É a melhor despedida de solteira que já existiu no mundo inteiro! – Abriu os braços de modo teatral.

– Oh! – Cláudia pôs as mãos na boca, abafando uma gargalhada. Seu corpo pequeno tremeu, e os olhos claros se apertaram.

De súbito, todas riram como loucas. Não me pergunte por que, mas, quando Cláudia fazia a mínima menção de que começaria a rir, nós a acompanhávamos. Deve ser por causa da sua gargalhada similar a uma hiena no cio. Impossível não rir junto.

– Podem rir à vontade, amiguxas. Vocês viverão momentos surpreendentes!

– Ai, ai... Ela tem razão, pessoal – disse Lara, recuperando-se da gargalhada. – Jess caprichou de verdade, vale a pena ouvir o que ela tem a dizer.

– Ah, vai logo com isso! Vamos ouvir toda a proposta, depois decidimos se iremos ou não – comentou Paloma.

Todas concordaram.

Jéssica se levantou do sofá e desfilou sua bunda enorme até o canto da sala, buscando nossa atenção. De fato, atenção é uma coisa que ela consegue chamar com muita facilidade.

– Iremos amanhã à noite – foi a primeira coisa que disse. Estávamos prontas para rebater tal absurdo, mas ela fez um gesto brusco com as mãos, pedindo silêncio. – A última a largar todas as noites é a Fabi, por isso vamos às dez horas, todas juntas. O amigo do meu vizinho tem uma casa muito legal na praia, e estava alugando por um preço genial por causa da baixa estação. Não resisti e a aluguei para o fim de semana! Gente, a casa é linda! Lara, diga a elas!

– Sim, é realmente magnífica. Tem piscina, churrasqueira... Os quartos são enormes. Coisa de outro mundo. E fica de frente para a praia!

– Exato! – continuou Jéssica. – Aluguei uma *van* com um amigo, por isso não nos preocuparemos com a viagem de forma alguma. Também realizei vários contratos, vamos ser tratadas como rainhas! Podem apostar, será um fim de semana memorável para todas nós! Ah, tenho uma amiga que é babá, já combinei tudo: ela vai tomar conta da filhinha da Cláudia.

– Uma babá? Mas nunca deixei a Gabriela com uma babá antes!

– Não se preocupe, amiga – completou Lara. – A moça é profissional, inclusive já ligamos para o Renato. Ele já está sabendo de tudo. O João Pedro também sabe, Amande. Como viram, está tudo sob controle!

– Vocês ligaram para o meu marido? – Cláudia arregalou os olhos.

Àquela altura do campeonato, eu já tinha até perdido a fala.

– Sim, foi moleza! – disse Jéssica. – Sabemos que a Fabiana estará de folga neste fim de semana, e você, Amande, não vai abrir a loja até a segunda. Lara disse que vocês não têm fornecedores para receber no sábado, então não vai ter problema. Paloma, seu ateliê pode esperar até o domingo, não fará mal.

– Fi... Ficaremos longe o fim de semana... Inteiro? – perguntei, incrédula.

– Sim, voltaremos no domingo à tarde! Não é genial? Não precisam se preocupar com nada! Só levem uma mala com roupas e pronto. O resto deixa comigo! – Jéssica estava um poço de animação. Ela dava pulinhos grotescos que a faziam parecer uma líder de torcida oxigenada.

Um minuto de silêncio total.

Eu estava absolutamente pasma, sentindo-me uma marionete nas mãos de uma louca que usava silicones e fazia depilação na “parte de trás”, se é que você me entende.

Claudinha mordeu mais uma batata frita e sorriu de leve, prova concreta de que Jéssica tinha conseguido mais uma cúmplice. Fabiana olhava para o teto. Se a conheço bem, estava calculando quantos processos teria que adiar – ou não – para estar conosco no fim de semana.

O semblante da Jéssica deixava claro que aquela batalha estava completamente perdida para mim. Havia sido perfeita demais, certamente tinha gastado uma nota preta com aquilo, e seria um absurdo se não fizéssemos o

mínimo esforço para proporcionar aquele momento que, segundo ela, prometia ter fortes emoções.

O simples fato de não ter pensado na maldita despedida de solteira me deixava indignada, até porque odeio viajar de última hora. Se fosse apenas uma noite numa boate, talvez não tivesse ficado tão arrasada. Porém, o maior problema naquilo tudo era que eu não tinha desculpas para dar. Já não pretendia abrir a loja no sábado, pois estava a fim de descansar um pouco. Todos os detalhes do casamento, que seria no outro sábado, estavam prontos.

Sendo assim, o que raios eu tinha para fazer? Nada!

– Por mim, tudo bem – fui a primeira a sussurrar. Foi um miado rouco e muito baixo, mas todas ouviram e me encararam como se eu fosse a mais nova aparição paranormal sendo exibida no *Discovery Channel*.

– Rá! – Jéssica gritou, visto que provavelmente o meu consentimento era o mais difícil de obter naquela sala, e talvez no mundo todo.

– Estou dentro – Cláudia disse logo em seguida.

Paloma soltou apenas um grunhido, mas sabíamos que tinha aceitado.

– Vocês venceram. Por mim tudo bem também – acrescentou Fabiana.

– Lara, traz mais uma rodada de soda! – gritou Jéssica, extremamente animada. – Vamos arrasar!

Oh, meu Deus... Aquele foi o começo do meu fim.

3º Capítulo

Papos e ajustes

Pela manhã, marcamos de nos encontrar no Celia’s Noivas, estabelecimento onde mandamos fazer os vestidos. Fui a primeira a chegar, pois sou uma pessoa que vai além da pontualidade. Sempre chego aos lugares pelo menos meia hora antes do combinado. Odeio, simplesmente detesto, ser esperada.

As meninas chegaram praticamente no mesmo horário, mas Lara foi a primeira. Pegou logo seu vestido e seguiu na direção do provador sem falar muita coisa. Notei que estava diferente, por isso decidi que devíamos ter uma conversa.

– O que aconteceu, Lara? Algum problema? – perguntei, sentando-me em uma das cadeiras muito belas que tinha na frente de um dos provadores.

– Ah... É que... Desculpe, mas não estou muito animada para entrar na igreja – ouvi-a dizer lá de dentro.

– Mas, por quê?

– É que... É que... – Calou-se.

Ela ficou tanto tempo calada que pensei que alguma coisa tinha acontecido. Portanto, decidi abrir as cortinas e entrar no provador. Encontrei Lara sentada num banco de apoio, trajando o belo vestido de madrinha estilo dama de honra. Tudo estaria absolutamente normal se a minha amiga não estivesse com lágrimas nos olhos.

– O que houve, Larinha? Conta pra mim, o que aconteceu?

– Ah, Amande! – choramingou. Aproximei-me rapidamente, acocorando diante dela. Queria vê-la de perto. – Eu sou tão feia!

– Feia? Mas... Lara, você não é feia! – falei com convicção, pois fui muito

sincera. Lara era baixinha e meio rechonchuda, suas bochechas davam vontade de morder. Tinha longos cabelos castanhos e olhos da mesma cor, um pouco puxados. Era gordinha, mas e daí? As gordinhas são lindas, e Lara era uma delas.

– Claro que sou! Olha só este vestido! Parece um balão! O modelo fica perfeito em qualquer uma das meninas... Em mim fica uma droga! – reclamou entre lágrimas.

– Oh, Lara... Levante-se, deixe-me ver.

Ela fez o que pedi. De fato, o modelo não favorecia suas curvas. A faixa lilás que apertava abaixo do peito e deixava o restante do vestido cair no corpo lhe dava um aspecto de gestante.

Chamei a costureira imediatamente. A mulher veio correndo com uma fita métrica e uma caixinha de alfinetes em mãos.

– Dona Célia, creio que será melhor fazer alguns ajustes neste modelo. – Apontei para o vestido. Lara ainda choramingava, mas tentava se controlar. – Quero esta faixa lilás na cintura dela, não abaixo dos seios. Também acredito que ficaria melhor se existissem mangas dando apoio nos braços.

– Mas... Senhorita Amande, o modelo do vestido é...

– Não me importa o modelo do vestido – falei. – Não quero amiga minha se sentindo mal no meu próprio casamento. Faça essas alterações, pois não ficará tão diferente dos demais, apenas melhor ajustado.

– Tudo bem, mas ela terá de vir pelo menos duas vezes na semana que vem – respondeu a costureira.

– Certo, sem problemas. Lara, você terá folga nos dias em que precisar vir, ok? – defini.

– O... Obrigada, Amande – ela gemeu, dando-me um forte abraço.

Lara mudou totalmente de humor depois que soube que seu vestido seria alterado. Ela me agradeceu pelo menos umas quinhentas vezes, e eu apenas a abracei muito forte em todas elas. Falando sério, seria ridículo demais que fosse obrigada a usar um modelo de vestido claramente feito para mulheres magras. Infelizmente, no dia em que o escolhemos, não pensamos em nada disso. Afinal,

Lara era a única gordinha entre nós – provavelmente tinha ficado calada por pura vergonha –, embora Cláudia e eu não fôssemos tão magras quanto a Jéssica e a Fabiana. Sou uma mulher considerada normal; minha barriga me incomoda, meu quadril é largo demais para o meu gosto, sofro de celulite nas coxas e tenho estrias no bumbum.

Quando as meninas chegaram ao Celia's Noivas foi uma verdadeira confusão. Tínhamos combinado de provar os vestidos no nosso horário de almoço, portanto não poderíamos nos prolongar muito.

– Estão prontas para hoje à noite? – foi Jéssica quem perguntou primeiro.

Paloma fez uma careta. Talvez ela estivesse tão animada quanto eu.

– Com certeza! – respondeu Cláudia, que não via a hora de tirar "férias" do marido e da filha. – Por falar nisso, a babá chegou hoje pela manhã! Ela é um amor, Jess!

– Sim, ela é ótima e muito profissional. Gabi está em boas mãos.

– Espero que sim! – Cláudia sorriu abertamente.

– Ah, esqueci de dizer! Meninas, não levem máquinas fotográficas nem celulares! – alertou Jéssica. – É uma coisa que quero fazer, a despedida ficará apenas em nossas lembranças!

– Para quê tudo isso? – perguntou Paloma, desconfiada.

- Confiem em mim, é sério. Vocês vão adorar!

Sinceramente, eu não consegui me inteirar na conversa sobre a maldita despedida. Havia ligado para João Pedro na noite anterior mesmo, e ele se mostrou muito tranquilo com relação à minha viagem fora de hora; disse que estava tudo bem e que ia passar o fim de semana trabalhando em um projeto para uma grande empresa no ramo automobilístico. Ele também prometeu que passaria no meu apartamento antes da nossa partida, a fim de me dar um beijo.

– Só um! Dá para imaginar? – Jéssica gritou, acordando-me do transe em que eu havia entrado.

– Só um o quê? – perguntei.

– Acorda, Amande! Estamos falando sobre você este tempo inteiro! Por

isso que ainda não tinha se defendido! – Jéssica estava mais bonita do que de costume, usando o belíssimo vestido de dama de honra. De fato, havia ficado perfeito nela.

– De quê falavam? – decidi perguntar, mas me arrependi rapidamente.

– Da sua virgindade – completou Cláudia, e riu como uma hiena. Todas riram, claro, menos eu, embora tenha ficado com muita, mas muita vontade.

– Oh, Senhor... – Paloma revirou os olhos, ainda sorridente.

– Deixem a coitada! – reclamou Fabiana. – Todo mundo tem o direito de dormir com quem quiser.

– *Exatamente* isso! – Jéssica praticamente gritou. – Ela tem o direito de dormir com quem quiser, mas acabou escolhendo apenas um. Unzinho! Que deprimente!

Corei de vergonha. Sério, odeio este assunto. Não consigo me portar diante dele, devo ser uma anormal. As meninas nem piscam os olhos quando falam de sexo, já eu, fico igual a uma pessoa que acaba de colocar colírio. *Isso sim* que é deprimente!

– Que besteira! João é um cara legal, eles namoram há tantos anos! – Lara me apoiou. – O que Amande ia fazer? Traí-lo? Claro que não, se ele é o cara certo, para quê procurar por outros?

– Exatamente! – defendi-me.

– Tudo bem que demoraram... quantos anos mesmo? – quis saber Cláudia

– Uns sete – respondi, sentindo meu rosto inteiro pegar fogo.

– Sete anos só no beijinho? Gente, em que mundo vocês vivem? – Jéssica parecia realmente indignada.

– Ah, nem fale de mim. Não sou virgem desde os dezessete – disse Cláudia.

– Dezenove – completou Fabiana, sorrindo.

– Vinte – sussurrou Paloma.

– Vinte e dois – Lara comentou, meio envergonhada.

– Quinze! – Jéssica praticamente berrou. Cláudia fez todo mundo rir.

Pois é. Essas são as minhas amigas. Fazer o quê? Têm coisas na vida que não escolhemos, simplesmente amamos. Depois que aprendemos a amar, o único jeito é aceitar, conviver e, principalmente, rir.

– *Tá*, e daí que perdi a virgindade aos vinte e cinco? Foram só três anos depois da Lara! – Apontei.

– *Este* não é bem o problema – disse Jéssica, inquisitiva. – Você é a única de nós que teve um relacionamento decente, tirando a Cláudia, que se casou aos dezenove.

– Ter um relacionamento decente é um problema? – questionei, fazendo caretas. Às vezes é difícil demais entender a Jéssica. Ela me olhou como se pensasse a mesma coisa, só que de mim.

– Claro que não tem nada de errado, Amande – defendeu Paloma, vestindo suas roupas novamente. – Relaxa!

– Ah, esquece! A questão aqui é que você não tem ponto de comparação! – Jéssica grunhiu, começando a retirar o vestido.

– Ponto de comparação?

– Concordo! – disse Fabiana. – As mulheres precisam de um ponto de comparação, senão ficarão sem saber de quê exatamente gostam! Por exemplo, Amande jamais saberá se o João Pedro é bom de cama, pois ela nunca dormiu com outro cara.

Meu rosto virou um pimentão. Por que elas não mudavam de assunto?

– Não tenho do que reclamar – murmurei. – Agora, parem de falar do desempenho sexual do meu noivo! Vou me casar com ele e não preciso sair experimentando por aí a fim de saber quem tem o melhor sexo. Há coisas mais importantes nesta vida, sabiam?

– Tipo o quê? – perguntou Jéssica. Ela havia feito uma expressão tão engraçada de indignação que a Cláudia acabou rindo como uma hiena de novo.

Óbvio, rachamos de rir.

4º Capítulo

A louca viagem

– Meu amor, são só dois dias – disse João Pedro enquanto me abraçava. – Não há nada demais nisso, vocês só vão relaxar um pouco. Aproveite, pretendo te dar muito trabalho na lua de mel. – Riu maliciosamente.

Estávamos sentados no sofá do meu apartamento. Embora morasse sozinha há quase três anos, não permitia que meu noivo dormisse comigo. Ele sequer tinha as chaves. As meninas achavam aquilo um absurdo, mas eu só chamava de privacidade. Não éramos casados, logo não via motivos para viver com ele como se fôssemos. Sendo assim, João dividia as contas de uma casa no Centro com um amigo. Depois do casamento, combinamos de morar no meu *apê* até que a nossa casa ficasse pronta. Com muita sorte, não demoraria muito.

Meu apartamento era grande, espaçoso e bem decorado. João achava muito engraçado o fato de não conseguir ver nada fora do lugar, mesmo quando às vezes dava uma passadinha sem avisar - o que era raro, visto que sabia perfeitamente o quanto eu odiava surpresas.

– Eu sei, mas alguma coisa não está me cheirando bem – respondi. – Jéssica é doida, você sabe disso. Estou confiando na palavra da Lara e só aceitei ir porque ela disse que tinha ajudado Jess nos preparativos.

– Relaxa, lindinha. Vai dar tudo certo, será tranquilo – João disse, alisando meus cabelos castanhos.

Sorri timidamente. Não adiantaria discutir, visto que não fazia ideia do que ia acontecer. Ele podia estar correto, e então eu estaria fazendo papel de rabugenta.

– Por falar nisso, e a sua despedida de solteiro? Pensou em alguma coisa?

– Será apenas na semana que vem. Os rapazes me chamaram para ir a uma boate de *striptease* – comentou.

– É o quê? – praticamente gritei, erguendo-me do sofá.

João Pedro iniciou uma crise de riso que me deixou completamente irritada.

– Adoro quando faz essa cara de brava. Vem cá, estou brincando. Vamos apenas encher a cara em algum barzinho.

Soltei todo o ar que havia prendido, porém continuei muito chateada. João me puxou pelos braços, fazendo-me sentar em seu colo. Observei de perto seus lindos olhos castanhos. Eles eram pequenos e engraçados por trás dos óculos que usava.

– Minha futura esposa, apenas relaxe – ele sussurrou, dando-me um selinho rápido. – Te amo.

– Eu também – respondi, ainda meio birrenta. – Tome cuidado com essa tal despedida. Não vá beber demais, sabe que não gosto disso.

– Não se preocupe.

Naquele momento, ouvimos buzinas insistentes. Fui conferir através da janela, era a *van* contratada pela Jéssica. Suspirei profundamente. Estava desanimada ao extremo, mas não ia deixar transparecer. Afinal, elas estavam tão contentes! Pelo menos foi o que percebi quando me despedi do João e entrei no veículo.

Confesso que fiquei surpresa. Aliás, não, surpresa foi apelido. Quase tive um troço quando vi que as meninas bebiam *drinks* coloridos e gritavam como loucas as músicas da *Lady Gaga*, que tocavam no último volume.

Um coquetel de coloração suspeita foi praticamente atirado em minhas mãos. Sério, nem deu tempo de perguntar o que era aquilo. Sendo o que fosse, teria que funcionar para me fazer aguentar aquela viagem. Pela primeira vez na vida, simplesmente virei o copo, sentindo o mundo girar logo em seguida.

Paloma foi a única que pareceu admirada com a minha atitude. Jéssica apenas soltou um grito similar a um “uhul” e me ofereceu outro copo, desta vez composto por um líquido rosa – ela tirava inúmeras garrafas de plástico dentro de uma caixa de isopor, que estava na mala da *van*, e misturava em copos com formatos estranhos.

Decidi não me arriscar demais, pois a última gota de álcool que eu tinha bebido provavelmente havia sido a meia taça de champagne no réveillon. O líquido rosa estava extremamente forte, embora fosse gostoso como chiclete derretido. Fui tomando em goles bem pequenos, assim duraria a viagem toda e não seria taxada de chata por não querer beber. Se bem que, juro, beber não é má ideia quando se está dentro de um automóvel com cinco garotas que pareciam ir a um zoológico, não a uma casa de praia.

– Prometo, este fim de semana será o mais inesquecível das nossas vidas! – gritou Jéssica na metade do caminho. Ela estava tão animada que foi impossível duvidar do que falou.

Cheguei a me sentir péssima por estar criticando tudo mentalmente, pois Jess certamente havia feito o possível para nos agradar, principalmente a mim, que era a noiva. Tentei relaxar um pouco e mandar meus pensamentos calculados para os ares. Até que foi fácil; Fabiana começou a contar altas piadas e, mesmo que algumas não fossem engraçadas, ríamos toda vez que a Claudinha fazia o favor de gargalhar.

Minha maior sorte nas duas horas de viagem foi o fato de o motorista ser altamente profissional. Permaneceu calado a viagem inteira e seguiu corretamente o limite de velocidade, sem imprudências ou exageros. Fiquei muito satisfeita com isso, senti que pelo menos uma coisa estava sob controle; chegaríamos todas vivas, e isso era o que mais importava.

Jéssica fez o favor de abrir as janelas em alguns trechos da viagem, sobretudo quando cruzávamos alguma cidade. Ela ficava gritando como se fosse uma louca, chamando a atenção dos transeuntes. Cláudia, que também era muito extrovertida – e um pouco sem-noção –, acompanhou-a em alguns trechos, enquanto Lara e Fabiana rachavam de rir. Paloma e eu apenas morremos de vergonha, pedindo para que fechassem os vidros. Quando vimos que não ia adiantar, resolvemos começar a rir também.

Enfim, as duas horas que quase mataram o meu senso de organização findaram. Percebi que estávamos perto quando comecei a sentir um cheirinho agradável de maresia. A noite estava tranquila; não havia nuvens no céu e o clima era bem aconchegante. Quanto mais nos aproximávamos, percebíamos que as casas iam ficando ainda mais sofisticadas. Até que, por fim, entramos numa rua localizada na beira da praia. Podia-se ver o mar – uma vastidão negra e

calma àquela hora da noite – e ouvir o barulhinho das ondas beijando a areia. Confesso que aquilo me animou bastante. Sempre gostei de praia.

Descemos da *van* de um jeito bem engraçado. Lara e Fabiana estavam visivelmente alteradas, visto que haviam tomado mais de cinco copos do *drink* colorido. Sendo assim, as risadas foram gerais quando Lara enganchou o salto de sua sandália no batente do veículo e quase caiu no chão, se não fosse Fabiana que, sem muita coordenação por causa do álcool, caiu ao tentar ampará-la.

– A noite nem começou e vocês já estão assim? – reclamou Jéssica, só que com um amplo sorriso nos lábios.

– Não estamos bêbadas! – rebateu Fabiana, levantando-se rapidamente. Lara conseguiu ficar de pé e, meio trôpega, sentou-se no meio-fio.

– Eu estou bem! – avisou, levantando um dedo. Essa atitude fez Claudinha rir, e então já era.

Observamos o muro da casa que Jéssica havia alugado; era enorme e coberto por uma vegetação muito bonita, com flores amarelas decorando. Fiquei logo curiosa para entrar. Percebemos, surpresas, que o grande portão de madeira trabalhada já estava aberto, visto que Jéssica simplesmente girou a maçaneta e nos pediu para entrar.

A sensação que tivemos foi de estar invadindo a casa do *Big Brother* ou algo do tipo. O que vimos nos causou espasmos extremos de admiração, exceto talvez em Lara – que já conhecia o lugar – e na própria Jéssica.

Um jardim imenso se estendia diante de nós, com plantas belíssimas e muito bem iluminadas por refletores coloridos que saíam do chão. Havia uma linda piscina adiante, com uma espécie de cachoeira no canto, jorrando águas meio cor-de-rosa por causa das lâmpadas. Ao lado, uma grande área de garagem, que estava ocupada por uma espécie de estande gastronômico. Homens circulavam por ali – provavelmente uma equipe inteira de culinária havia sido contratada –, montando uma cozinha completa na área da churrasqueira. Perto da piscina, uma enorme mesa de jantar estava quase pronta, tendo um rapaz elegantemente vestido acendendo algumas velas.

– Uau! – Não contive minha extrema admiração.

– Jéssica, sua filha de uma... – começou Fabiana. – Como conseguiu isso?

Como fez isso?

– Cara! – gritou Cláudia.

– Já falei, nada como ter muitos amigos. E amigos de amigos de vizinhos de primos... – Jéssica estava muito satisfeita. – Venham, vamos entrando. Jorge vai tirar nossas malas da *van* – disse, referindo-se ao motorista.

– Nossa! Mas este lugar é... incrível! – falei, sem me cansar de observar cada detalhe.

Depois da piscina havia uma espécie de construção feita de vidro, que supus ser a casa. Era simplesmente enorme, mas, como todos os vidros estavam fechados, não dava para ver como era por dentro. Muito me admiraria se não fosse tão perfeita quanto o jardim e toda a área externa. A casa tinha dois andares e, acima, pude ver uma sacada que certamente tinha uma bela vista para o mar.

– Vamos, meninas, não se acanhem! – chamou Jéssica. Estávamos tão admiradas que quase não saímos de perto do portão.

Fomos nos aproximando, soltando expressões cada vez mais espantadas. Percebi que os rapazes bem vestidos entraram em formação como se estivessem em um quartel – eles nos receberam como se fôssemos rainhas, fazendo uma grande e exagerada reverência. Claro que achamos isso um espetáculo. Apenas os cozinheiros, que estavam na parte de dentro do estande, continuaram trabalhando. Com muita admiração, percebi que haviam montado um pequeno bar no lado oposto da piscina, onde mais um rapaz estava sacudindo garrafas e copos para os ares.

– Jéssica! – gritei. – Jéssica! Jéssica... – Balancei a cabeça freneticamente.

Mal estava acreditando naquilo; nem se eu tivesse planejado ia ser tão perfeito. Parecia que tudo tinha sido calculado com muita precisão para nos agradar.

5º Capítulo

O primeiro jantar

Enquanto soltávamos gritos de admiração e agradecimentos para a Jéssica, um rapaz alto com um sorriso imenso nos lábios se aproximou.

– Senhoritas, sejam bem-vindas! Meu nome é Marlos – disse o homem, sem deixar o sorriso morrer. Parecia ser um cara muito simpático e trajava um terno elegantíssimo. Instantaneamente achei que estava mal vestida; usava apenas um short jeans simples e uma blusa lilás. Meu cabelo curto estava em um rabo-de-cavalo. Só não me senti pior porque as meninas estavam muito parecidas comigo, exceto Lara, que vestia calça jeans e Jéssica que, como sempre, escolhera um vestido escandalosamente curto. – Fiquem à vontade, esta noite foi feita especialmente para vocês. Acompanhem-me, preparamos um jantar fabuloso. Nosso *Cheff*, Sr. Amoretto, irá cumprimentá-las em breve.

"Que homem mais educado!", foi o que pensei.

Marlos nos levou até a imensa mesa de jantar. Os pratos estavam muito bem postos, além de talheres de diversos formatos, taças, guardanapos, arranjos e velas cheirosíssimas. Alguns rapazes se aproximaram e, educadamente, foram puxando as cadeiras até todas estarem sentadas.

– Uau! – Suspirei.

– Eu disse que ia valer a pena! – comentou Lara, que já tinha se recuperado um pouco da bebida na *van*. Bom, pelo menos ela parecia bem melhor, embora provavelmente ainda estivesse meio "alta".

Cláudia e Paloma estavam tão surpresas que simplesmente não falaram nada. Apenas olhavam ao redor e abriam a boca com espanto.

– Jéssica, você se superou, amiga. Sério mesmo, nunca imaginei algo assim! – disse Fabiana, tão emocionada quanto o restante.

O tal de Marlos deu a volta na mesa, ficando de frente para nós. Os outros rapazes seguiram ordenadamente na direção do estande.

– Senhoritas! – ele disse. – Nosso prazer será lhes servir até o fim. Desejamos que tenham uma ótima comemoração, somos especialistas em despedidas de solteira. Neste fim de semana magnífico, iremos tratá-las do modo como merecem. Começaremos por este delicioso jantar! Edu e Caleb irão lhes servir; enquanto isso, Marcelo preparará as bebidas. – Apontou para o *barman* que fazia acrobacias com os copos. – Vocês podem escolher o que quiserem, temos uma lista completa de *drinks* ao lado do guardanapo de cada uma.

Pegamos a bendita lista, mas ninguém conseguiu se concentrar nas bebidas, exceto, talvez, a Jéssica. Confesso que estava um pouco distraída com os rapazes que nos serviam. Na verdade, mal tinha percebido o quanto eles eram belos, porém foi impossível não notar depois que Cláudia e Fabiana começaram a piscar muito os olhos e a dar risadinhas entre si.

– Senhorita, deseja salada de camarão? – um deles me perguntou. Olhei para o dito-cujo e quase tive um troço. Era um loiraço muito gato, com olhos verdes e um sorriso perturbador. Seu cabelo estava um pouco arrepiado, o que o deixava ainda mais charmoso.

– Claro, por que não? – respondi, meio embasbacada. O homem me serviu com modos tão requintados que, pela segunda vez, lamentei não estar bem vestida.

Percebi que o loiro só havia servido a Lara, Paloma e eu, enquanto o outro, de cabelos pretos, serviu ao restante das meninas.

– Garotas, acho que vou de vinho! – disse Jéssica, ainda com o cardápio do bar em mãos. – Quem me acompanha? Este vinho *rosé* deve ser magnífico. Vai cair muito bem com o nosso jantar.

– Por mim tudo bem, amiga! Adoro vinho! – respondeu Fabiana. Ela usava o próprio guardanapo, feito de um tecido elegante que lembrava linho, para se abanar. Ainda estava pasma com a beleza dos garçons.

– Hoje estou topando tudo! – Cláudia se animou.

– Por mim tudo bem também – falei. Todas me olharam como se eu tivesse criado pernas de polvo, asas de morcego ou qualquer outro elemento que me

tornasse uma aberração.

Tá certo, eu sei que não bebo. Não estou acostumada e chego a me incomodar quando as pessoas bebem demais perto de mim. Porém, aquela foi a primeira vez em que uma surpresa me deixou admirada de um modo agradável. Certamente uma taça de vinho não me faria mal.

– Você está bem, Amande? – perguntou Paloma, com seu costumeiro jeito tímido.

– Estou ótima – respondi sorrindo.

Marlos sequer nos deu a chance de chamar por ele. Assim que decidimos o que queríamos, ele já estava se aproximando com uma garrafa de vinho em mãos. O loiro delicioso segurava uma bandeja de taças enormes, e ambos foram nos servindo com uma perfeição digna de bons profissionais. Quase me arrependi de não tê-los contratado para servir aos convidados no meu casamento.

– Que maravilha! – exclamou Cláudia quando deu um gole no vinho. – Está delicioso!

Jéssica abriu um sorriso que ia de orelha a orelha.

– Muito bom mesmo! – Lara riu.

De fato, o vinho estava uma maravilha, combinando perfeitamente com a salada. Tudo estava tão impecável que chegava a ser inacreditável. Admito que achei que estava sonhando em vários momentos.

Passamos alguns minutos em silêncio, apenas nos deliciando.

– Aliás, está tudo tão perfeito! – Fabiana já terminava de devorar a salada e estava sendo servida de mais vinho pelo loiro. – Obrigada – disse ao rapaz. Ele apenas sorriu delicadamente.

Marlos se aproximou mais uma vez.

– Senhoritas, serviremos o prato principal em breve. A escolha foi estudada pelo nosso *Cheff,* juntamente com a queridíssima Jéssica. – Apontou para ela de modo cortês. Nós a observamos com sorrisos nos lábios, orgulhosas demais pela ótima ideia de nossa amiga. – Aproveitando o clima praieiro e o leve odor de maresia, serviremos um delicioso assado de salmão ao molho de

mostarda, acompanhado por batatas *sauté*. Teremos também um sublime arroz de frutos do mar e casquinhas de siri, tenho certeza de que vão adorar!

Marlos era mesmo muito simpático. Sua beleza evidente – composta por uma pele negra caramelada, olhos redondos muito brilhantes e um sorriso impecável – só ficava ainda mais perfeita quando falava daquele modo extremamente educado. Fiquei encantada com aquele homem.

– Muito bom! Obrigada, Marlos – fui obrigada a agradecê-lo por tanta gentileza.

– Estamos aqui para lhes servir, senhorita Amande – respondeu. Franzi o cenho. Como sabia o meu nome? Estava prestes a perguntar quando ele fez uma reverência e se retirou, fazendo um sinal para o garçom moreno, que se aproximou segurando uma bandeja.

O moreno não sorria e mantinha a cabeça abaixada, servindo-nos com muita habilidade enquanto o garçom loiro retirava os pratos que já estavam vazios. Percebi que era belo, queria vê-lo de perto, mas, quando chegou a minha vez de ser servida, Paloma resolveu engajar algum assunto. Pude notar que até então não tínhamos conversado sobre nada além da perfeição de tudo o que nos era proporcionado naquela noite.

– Então, Amande, o vestido está pronto mesmo ou terá a última prova? – perguntou Paloma.

– Está prontíssimo! A última prova foi feita há duas semanas. Irei buscá-lo nesta segunda! – respondi, agradecendo ao moreno por ter me servido, porém havia perdido a deixa para encará-lo.

– Você é uma noiva perfeita! – disse Fabiana. – O casamento vai ser um sucesso, nunca vi algo tão bem planejado. Às vezes dou uma olhada no site e fico encantada com todos os detalhes que posta!

– Deu um trabalhão, mas vai valer a pena! – falei, engolindo um pedaço do salmão. Estava divino, como todo o resto.

– Então, João Pedro vai mesmo morar no seu apartamento? – perguntou Cláudia, interessada.

– Vai, por enquanto. Nossa casa não está pronta... Estão reformando a

cozinha e os quartos ainda.

– Finalmente vai dormir com um cara, hein, amiga? – comentou Jéssica, como sempre, falando coisas que me deixam envergonhada.

– O quê? Você ainda tem aquele problema de não dormir com ninguém? – Fabiana ficou impressionada.

– Deixem a coitada! – defendeu Paloma.

– Ah, gente... Só não gosto. João respeita isso, porém agora as coisas vão mudar. Não posso me negar a dormir com meu próprio marido – expliquei.

Elas riram. Tipo, riram de mim e da minha mania de dormir sozinha. Dá pra acreditar? Sou mesmo uma piada!

O problema é que elas não sabem que eu tenho motivos muito fortes!

Primeiro, não consigo dormir em qualquer posição. Tem que ser de lado, de preferência inclinada para a direta, com dois travesseiros na cabeça e um entre as pernas. Meus braços têm que ficar acima do meu rosto. Juro, já tentei dormir de outra forma, mas não consigo.

Segundo, odeio conversar com alguém quando estou prestes a dormir. Este horário para mim é sagrado, na verdade é o único que tenho para pensar melhor nas coisas que tenho para resolver.

Terceiro... Bom, este ponto é meio complicado. Confesso que omito de minhas amigas – e do meu próprio noivo – há algum tempo, mas a verdade é que não me vejo fazendo horas e horas de sexo. Tipo assim, em minha opinião, o sexo tem que ter hora para acabar. Se eu permitisse que João dormisse comigo, a que horas iríamos, de fato, dormir? Esta dúvida me aborrecia, mas infelizmente teria que mudar meus hábitos.

– Ah, amiga... Nem acredito, você finalmente vai se casar – comentou Lara, sorridente. – João deve estar tão feliz! Ele sempre te amou muito.

– É verdade, também estou muito feliz. Posso ser sincera com vocês? Também estou morrendo de medo! – admiti. As garotas riram de leve.

– Isso é altamente normal – concluiu Cláudia. – Tenho certeza de que vai adorar a vida de casada. É tudo muito diferente, mas é gratificante.

– Não era você que estava tirando férias do marido? – Jéssica ironizou. Rimos mais uma vez.

– Esqueci de dizer; é cansativa também, principalmente quando se têm filhos – Cláudia completou sem se abalar.

– Não me vejo sendo mãe. Acho que isso vai demorar muito para acontecer. Talvez jamais aconteça – falei. E era verdade. Só de pensar nisso já sentia calafrios.

Neste momento, o homem moreno se aproximou e me serviu mais vinho. Nem eu tinha reparado que a taça estava vazia. Agradeci a ele, desta vez observando-o. Ele não olhou para mim, apenas fez um gesto e saiu. Mais uma vez não consegui encará-lo como queria, apesar de ter achado seu perfil encantador.

– Como pode dizer algo assim, Amande? Ser mãe é uma dádiva! – continuou Cláudia enquanto pegava uma colherzinha para devorar sua casquinha de siri.

– Meu sonho é ser mãe – Jéssica admitiu. – Mas, primeiro, tenho que encontrar *o* cara.

– Você *realmente* está procurando – comentou Paloma com desdém.

– Como assim? – Jéssica não tinha entendido, mas a alfinetada havia sido bem óbvia. Decidi mudar de assunto rapidamente:

– Pois é, são esses detalhes que fazem com que eu me pergunte se estou preparada para este casamento. Foram nove anos de relacionamento, mas parece que ainda tenho tanto a amadurecer! – desabafei. Acho que o vinho estava surtindo algum efeito. Nunca fui de falar tanto, principalmente sobre mim. Pior ainda se levar em conta que estávamos sendo ouvidas pelos garçons, que mantinham uma distância confortável para nos servir sempre que necessário.

– Você vai amadurecer com o tempo – disse Paloma.

– Sim, é verdade. Esse tipo de coisa nos faz mudar. Acho que você vai perceber que isso era o que te faltava na vida – concluiu Cláudia.

– Talvez... Enfim. Não posso ter dúvidas agora, o casamento é daqui a uma semana.

– Verdade – falou Fabiana. – Não fique pensando muito nisso, apenas viva o momento. Ei, vamos fazer um brinde? – sugeriu.

– Vamos! – Jéssica voltou a ficar sorridente, erguendo sua taça para o alto.

Acompanhamos o movimento dela, juntando nossas taças delicadamente, visto que elas eram grandes e pareciam caras.

– Ao casamento da nossa amiga Amande! – disse Fabiana.

– À felicidade dos pombinhos! – Cláudia completou.

– E à nossa festa de despedida de solteira, que será a mais memorável de todas! – Jéssica concluiu, soltando gritos que foram acompanhados por todas nós.

Mal sabia eu que ela estava certíssima.

6º Capítulo

Cobaias e gaiolas

Sr. Amoretto, o *Cheff* que cozinhou as maravilhas que nos foram servidas, surgiu assim que terminamos de jantar. Ele era bem mais velho do que os rapazes, mas muito bonito também. Trajava vestes impecáveis, tradicionais de cozinheiro. Beijou a mão de cada uma de modo magistral e recebeu os devidos elogios, que fizemos questão de não poupar.

Jéssica decidiu pedir alguns *drinks*, pois estava louca para ver o *barman*, o tal de Marcelo, fazendo suas acrobacias. Saímos da mesa e nos aproximamos do bar, comentando sobre como a piscina parecia atrativa – embora estivesse fazendo um pouco de frio. Marcelo era um homem alto, forte e tinha traços orientais. Seus cabelos eram compridos, pretos e muito lisos, lembrando um samurai.

Não soube dizer se havia sido uma coincidência, mas percebi que os rapazes eram diferentes entre si – embora igualmente belos –, como se fosse impossível deixar de agradar o gosto de qualquer mulher. Por exemplo, dei uma olhada geral nos homens que trabalhavam; além do loiro e do moreno que nos serviram, tinha mais dois rapazes bronzeados na cozinha, isso sem contar com o Marlos. Havia outro loiro com cabelos cacheados ajudando o Marcelo no bar, parecia um anjinho.

Decidi pedir ao Marcelo que me preparasse a coisa mais “fraca” que tinha. Ele piscou um olho, falando no meu ouvido que faria apenas um coquetel de frutas sem álcool e que juraria não contar o “segredinho” a ninguém. Sorri amplamente, impressionada com sua gentileza. Será possível que todos aqueles rapazes eram simpáticos? Sério, eles deviam ganhar muito bem com aquilo.

Esse pensamento me fez lembrar um detalhe muito importante: Jéssica estava pagando por tudo sozinha. Não podia permitir tal absurdo, pois certamente ela havia gastado uma nota preta. Só com o aluguel daquela casa enorme eu já me sentiria constrangida, e ainda tinha o serviço dos rapazes – que

deve ter sido ainda mais caro do que a casa.

Acabei chamando Jéssica num canto, de modo que pudéssemos conversar a sós. As meninas estavam super entretidas com o pequeno show que o Marcelo fazia com as garrafas. Nem notaram quando nos afastamos.

– Jess, você precisa me dizer quanto custou essas coisas. Não aceito um não como resposta, preciso ajudá-la a pagar por isso – falei, olhando-a nos olhos.

Ela fez uma careta engraçada, mas depois abriu um amplo sorriso.

– Olha, Amande, conheço-a muito bem e sei que não vai adiantar dizer que não precisa. Você vai insistir até o fim e a situação vai ficar chata, por isso vou te mandar logo a real: eu não estou pagando por nada – disse simplesmente.

Abri os olhos ao máximo.

– Como assim? Jéssica, um serviço desse tipo não pode sair de graça!

– Vou te explicar, mas... queria que ficasse apenas entre nós. – Jéssica daquela vez havia parado de sorrir.

– Sim, claro, pode falar. – Balancei a cabeça, concordando.

– Conheço esse grupo há algum tempo, trabalham lá na agência. Bom, resumindo, eles me devem alguns favores... E estão lançando este empreendimento agora. Foram meses de pesquisa, mas faltava realizarem um teste real. Bom... Nós somos o teste.

Abri a boca, embasbacada. Não sabia se tinha entendido direito.

– Esse pessoal... está testando o serviço conosco? Somos uma... Como posso dizer?

– Cobaia – ela respondeu. – Sim, somos uma espécie de cobaia. Mas, olha, não se preocupe. Acompanhei cada processo, tenho certeza de que sairá tudo em ordem. Tudo é meticulosamente planejado, eles são profissionais.

– Sim, não tenho dúvidas disso, mas... ainda tem o aluguel da casa.

– Amande, esta casa faz parte do empreendimento. Tudo é deles, inclusive a *van*.

– Tudo? – Soltei o ar dos pulmões, sentindo-me esbaforida. Não esperava

por algo do tipo, mas pelo visto as surpresas estavam apenas começando.

– Tudo. Tudo mesmo. E está sendo oferecido a nós de graça. Eles só querem a nossa opinião, observar o que pode ser mudado, proporcionar experiência à equipe... Enfim. Estão testando a si mesmos.

– Poxa, eu... Nem sei o que dizer.

– Apenas relaxe, Amande! Vamos nos divertir muito, acredite. A equipe está disposta a nos fornecer um prazer que nem imaginamos que pudesse existir.

Jéssica riu e, como Fabiana a chamava para pegar sua batida de kiwi, acabou indo embora sem me dar chance de fazer mais perguntas.

Confesso que uma pulga se instalou atrás da minha orelha depois da conversa com a Jéssica. Sei que eu devia confiar nela, até porque estávamos sendo tão bem tratadas que era quase impossível os rapazes falharem em alguma coisa muito séria. Tentei manter meus pensamentos focados no profissionalismo deles.

Quando terminava de tomar o meu segundo coquetel sem álcool, Marlos se aproximou de nós, chamando a nossa atenção:

– Senhoritas! Nossa equipe está preparando coisas incríveis para esta noite. Contudo, sabemos que estão um pouco cansadas da longa viagem. Irei lhes apresentar a casa, que será de vocês por todo o fim de semana. Além disso, gostaria de mostrá-las seus aposentos, para que se refresquem com um bom banho e nos vejam de volta daqui a meia hora. O que acham?

– Perfeito, Marlos – Cláudia se adiantou a responder.

– Beleza! – disse Fabiana.

Eu, particularmente, estava louca para ver a casa por dentro. Seguimos Marlos em silêncio, por incrível que possa parecer. Acho que a expectativa era tão grande que mal conseguíamos falar alguma coisa. De fato, não nos decepcionamos. Assim que o homem abriu uma porta grande de vidro, percebemos de cara a ampla sala de estar que se estendia diante de nós.

Acredito que nunca tinha visto sala tão grande e bem equipada. Incluía tudo: aparelho de som, TV, sofás maravilhosos de couro negro – que pareciam confortáveis –, além de toda a decoração disposta de modo impecável. Alguns

arranjos de rosas vermelhas tornavam o ambiente bastante feminino, como se tivesse sido pensado exatamente para um grupo de mulheres.

Havia quadros maravilhosos com desenhos surreais que lembravam mulheres nuas. Marlos abriu todas as cortinas, e constatamos que as paredes que davam para a área externa eram de vidro. Conforme entrávamos na casa, Marlos ia nos mostrando cada detalhe: sala de jantar, cozinha, corredores, banheiros... Tudo estava ordenado do jeito que o meu senso de organização amava.

Dizer que fiquei maravilhada é muito pouco. As meninas não ficaram diferentes de mim, visto que, a cada cômodo apresentado, uma nova onda de exclamações admiradas se fazia presente. Por fim, Marlos nos apresentou aos nossos quartos. Todos eles se encontravam no andar de cima. Como eu era a noiva, acabei ficando com o maior, exatamente o que tinha a sacada com vista direta para o mar. Nem preciso dizer o quanto adorei aquela escolha. Inexplicavelmente, minha mala já estava lá.

Marlos nos avisou que estavam preparando algo similar a uma festa no andar de baixo, por isso as meninas e eu decidimos que nos arrumaríamos bem – e rápido. Pudera, se aqueles rapazes bonitos continuassem usando terno, eu continuaria me achando uma mendiga.

Quando me vi sozinha no quarto, fiquei morrendo de preguiça; acabei me deitando na cama enorme e confortável. Permaneci ali durante longos minutos. O conforto era tão grande que quase adormeci, mas a curiosidade para saber o que rolaria na festa foi muito maior. Tomei um banho quentinho de ducha – tentando ignorar a banheira de hidromassagem que praticamente gritava por mim –, sequei meus cabelos, passei uma leve maquiagem e escolhi um vestidinho preto básico com sandálias também pretas.

Fiquei pronta em uma hora. Foi quando ouvi batidinhas na minha porta; era Jéssica, perguntando se eu já estava arrumada. Soube que as meninas estavam me esperando havia vinte minutos. Confesso que me irritei com isso, odeio me atrasar para qualquer coisa que seja.

Quando finalmente desci as escadas, todas estavam sentadas no sofá de couro, conversando animadamente sobre alguma coisa. Minhas amigas se mostraram particularmente lindas naquela noite, tive muito orgulho de cada uma delas.

Notei que a porta de vidro e as cortinas estavam fechadas.

– Marlos disse que vai nos chamar em um minuto! – alertou Fabiana, que vestia um belíssimo vestidinho creme e longos brincos dourados. Estava uma gata, com seus cabelos castanho-claros muito compridos.

Nem deu tempo para que eu me sentasse no sofá. Marlos já abria a porta e nos oferecia seu amplo sorriso. Sério, ele era um espetáculo.

– Senhoritas, estão preparadas? – perguntou.

Respondemos que sim em uníssono. A animação era geral. Não fazia ideia do que me aguardava, mas também estava animada – o que era muito esquisito, pois jamais havia gostado de sentir a angústia da antecipação que toda surpresa proporciona.

Marlos abriu a porta, e saímos para o jardim. Imediatamente, uma música muito agitada começou a tocar. Sério, tenho até... É difícil definir o que senti naquele instante, quando olhei para a tal “surpresa” que haviam nos preparado. Acho que a melhor forma de definir é descrevendo a cena que se fez diante de nós.

Primeiramente estava tudo escuro, exceto pelo jogo de iluminação fantástica que fazia o ambiente parecer uma boate muito louca; havia luz negra, um globo de espelhos enorme e luzes caleidoscópicas girando em todas as direções. Até aí tudo bem. Vários sofás que pareciam serem feitos de plumas estavam espalhados, circulando uma área logo após a piscina que, naquele momento, havia se transformado numa verdadeira pista de dança.

Marcelo girava suas garrafas e copos pelos ares, mostrando uma habilidade impressionante. Não sei por que, mas acabei me demorando nele. Acho que fiquei com medo de que quebrasse uma das garrafas. Ou então impressionada demais com seu físico perfeito sendo exibido de uma maneira tão peculiar.

Ao lado da pista de dança, o garçom loiro e o moreno contracenavam movimentos sensuais com barras curtas que tinham fogo saindo pelos dois lados. O auge foi atingido quando os dois sopraram para cima e uma chama imensa invadiu a pista. Sim, eles estavam fazendo um show de pirofagia bem na nossa frente. Mas o problema de tudo não foi esse. Não mesmo, eles podiam cuspir fogo à vontade se dependesse de mim. O problema é que ambos usavam apenas uma tanguinha curta igual ao Marcelo, deixando seus físicos também à mostra.

Sim, fiquei horrorizada. Entretanto, creio que nada foi mais traumatizante do que as gaiolas, localizadas ao redor da piscina. Dentro delas, homens apenas de sunga e gravata-borboleta dançavam no ritmo da música.

7º Capítulo

Uma dança

Entrei em estado de choque. Juro, fiquei simplesmente parada com a boca aberta, tentando encontrar sentido para tudo o que via. As meninas não tiveram a mesma reação embasbacada. Jéssica foi a primeira a gritar e sair correndo na direção da pista de dança. Cláudia também foi, puxando as mãos de Lara que, mesmo parecendo envergonhada, soltou vários gritinhos.

Paloma deu alguns passos, mas parou. Decidiu que não pagaria o mico de dançar, por isso foi direto para o bar. Pediu, ainda de longe, que Marcelo lhe fizesse a bebida mais forte que tinha. O *barman* atendeu prontamente, com um sorriso malicioso no rosto. Pensando bem, eles formavam um belo casal, visto que ambos tinham traços orientais.

Olhei para Fabiana, que aparentemente havia sido a única sensata. Ela estava tão pasma quanto eu, com os olhos arregalados e os cabelos esvoaçantes por causa do vento marítimo.

– *Tô* fodida! – berrou, entrando em desespero. – Minha carreira acabou, me fodi, me fodi, me fodi, me fodi... – repetiu. Suas mãos tremiam enquanto as passava nos cabelos. Estava muito nervosa.

Por um segundo não entendi o que ela queria dizer com aquilo. Só então me lembrei de que Fabi trabalhava no Tribunal e não podia participar de nenhum tipo de escândalo.

– Oh, céus... – murmurei. Ia dizer alguma coisa, mas Marlos acabou se aproximando antes que tivesse a oportunidade.

– Algum problema, senhoritas?

Àquela altura do campeonato, Fabiana já chorava. Abracei-a lateralmente e decidi resolver aquilo de uma vez.

– Marlos, minha amiga aqui tem uma carreira a zelar. Ela está com medo de arruinar tudo, entende? – falei, fingindo ter uma firmeza que certamente não possuía. Ou pelo menos, diante daquela situação, havia sido reduzida a nada.

– Compreendo... Porém, senhorita Fabiana, não se preocupe com isso nem por um segundo – disse Marlos, tentando acalmá-la. – Não permitimos fotografias ou filmagens em nossas instalações. Todos os profissionais assinaram um contrato de silêncio, portanto a senhorita pode se divertir à vontade sem problema algum. Nossa casa é vigiada por uma equipe especializada de segurança. Além de tudo, todas as casas ao redor são de veraneio, nenhuma está sendo ocupada neste fim de semana. A senhorita está absolutamente protegida.

Conforme Marlos ia explicando, Fabiana foi enxugando as lágrimas e se acalmando. Por fim, sorriu timidamente.

– Tem certeza? Absoluta? – perguntou.

– Sim, posso mostrar os contratos se a senhorita desejar. – Como se já soubesse que alguma coisa daquele tipo iria acontecer, Marlos retirou alguns papéis do bolso de seu paletó. Entregou-os a Fabiana, que deu uma olhada muito rápida e devolveu.

– Tudo bem, estou convencida.

– Ótimo. Desejamos que as senhoritas se divirtam, não se preocupem com nada. Podem ficar à vontade e, tendo qualquer problema ou dúvida, estou às ordens. – Com um gesto de reverência exagerada, Marlos sorriu e nos deixou a sós.

Encarei Fabiana. Ela parecia outra pessoa; seu semblante preocupado havia se dissolvido muito rapidamente.

– O que está esperando, Amande? Vamos aproveitar! – gritou, puxando minhas mãos. Guiou-me até a pista de dança, onde os rapazes cuspiam fogo e dançavam sensualmente.

Depois de um minuto os observando, Fabiana já tinha se esquecido de mim – ela havia começado a gritar e a cantar junto com as outras meninas –, portanto me largou e finalmente pude me afastar à francesa. Resolvi ficar com a Paloma perto do bar. Depois de pegarmos alguns *drinks* – pedi o meu com muito álcool desta vez –, sentamo-nos em um conjunto de sofás com plumas da cor lilás.

Não conversamos muita coisa, apenas ficamos observando o desempenho dos rapazes. Os que dançavam nas gaiolas eram sensacionais. Suas danças, sempre ritmadas, ganhavam uma beleza extremosa quando somadas aos físicos invejáveis de cada um. Admito, era uma coisa linda de se ver. Alguns nos encaravam vez ou outra, soltavam beijinhos e riam maliciosamente. Toda vez que isso acontecia, Paloma e eu rachávamos de rir. Bom, tudo estava muito exagerado, mas não deixava de ter graça. Eu só ficaria preocupada se começassem a tirar as tanguinhas. Como nenhum deles parecia estar a fim de fazer isso – e olha que Paloma gritou algumas vezes para que fizessem, acho que ela começava a ficar bêbada –, eles continuaram “vestidos”. Ainda bem.

Eu não possuía a mínima noção da hora. Nenhuma das meninas tinha um relógio, por isso decidi me levantar e perguntar ao Marlos, que estava coordenando o pessoal que trabalhava na cozinha. Eles haviam preparado alguns petiscos e nos serviam sempre com elegância.

– Marlos, poderia me dizer a hora? – perguntei.

– São... três da manhã – respondeu, conferindo seu relógio de punho. – Não se preocupe, a festa está só começando.

Decidi não responder. Apenas sorri, peguei mais um *drink* com Marcelo e voltei para o sofá. Paloma apontou para a pista de dança. Os garçons tinham parado de cuspir fogo e começado a dançar com as meninas.

– Quer dançar um pouco? – ela perguntou em alto e bom tom, pois a música estrondosa não permitia que nos escutássemos normalmente. – Elas parecem felizes!

– Nem morta! – Ri alto. – Elas estão bêbadas, olha só! – Apontei na mesma hora em que Jéssica descia até o chão, sendo acompanhada pelo garçom loiro.

– Jéssica não precisa estar bêbada para fazer isso!

– É verdade! – Gargalhamos.

De repente, a música agitada deu lugar a uma canção romântica, bem lentinha. Foi neste instante que os rapazes saíram das gaiolas e vieram nos chamar para dançar. Paloma sequer pestanejou; segurou a mão de um moreno gostosão e partiu para a pista de dança. Mantive-me irredutível.

Percebendo que eu ainda estava sentada – e sozinha –, os rapazes se revezaram para me chamar para dançar, dando pausas curtas de uns dois minutos entre cada convite. Eles estavam tentando me convencer e certamente pensavam que eu não os achava bons o bastante para mim. O que era cruel, visto que a beleza deles era o único motivo pelo qual tiraria o meu traseiro do sofá. Pena que este motivo era fútil demais para a minha consciência.

Acabei rejeitando todos os caras da gaiola, o garçom loiro e o *barman* com cara de anjinho que ajudava o Marcelo. Foi então que o garçom moreno se aproximou. Diferentemente dos outros rapazes, ele nada falou, apenas me olhou e ofereceu a sua mão. Aproveitei a deixa para encará-lo de perto, porém o ambiente estava tão escuro que não consegui ver nada além do contorno perfeito de seu rosto.

– Desculpe, eu não quero dançar – respondi.

– Se me der apenas um bom motivo, prometo que ninguém lhe incomodará – ele disse. Sua voz era sensual e marcante. Firme e doce ao mesmo tempo. *Uau!* Confesso que fiquei balançada.

– Tenho um perfeito: não sei dançar.

O homem riu de leve. Juro, minha pele se arrepiou instantaneamente. Seu riso inspirava sensualidade de um modo incrível!

– Isso pode ser um motivo, mas não é um problema – retrucou. – Venha comigo, você não vai pisar no meu pé. E, se assim fizer, tenho certeza de que não acharei ruim.

– Bom, na verdade eu não apenas não sei dançar como também não gosto. Simplesmente não me atrai.

– E o que te atrai, senhorita Amande? – perguntou, aproximando-se mais um pouco. *Nossa!* Sério, eu daria tudo para ver suas expressões. Porcaria de iluminação!

– Muitas coisas me atraem – fui taxativa, mas fiquei curiosa: – O que te atrai, senhor...?

– Pode me chamar só de Caleb.

– Caleb?

– Sim, é o meu nome.

– Então, Caleb, poderia me dizer o que te atrai?

– Neste momento, estou tentando atraí-la para uma dança.

– E isso iria te atrair?

– Consideravelmente – respondeu, com o mesmo tom sensual.

Caleb falou aquilo tudo de uma forma tão colossal que foi impossível não pegar na sua mão. Ele me levantou do sofá e, sem me soltar, guiou-me até a pista de dança. As meninas ainda dançavam agarradinhas, cada qual com seu par. Quando menos esperei, aquele homem misterioso já me envolvia em seus braços, fazendo eu me agarrar ao seu pescoço. Levando em consideração que ele estava sem camisa, posso dizer que a situação ficou, no mínimo, constrangedora. Ainda mais quando grudou nossos rostos, e pude senti-lo tão de perto. Como cheirava bem! Era um cheiro fantástico de homem bonito.

Dançamos duas músicas e meia. Estava começando a ficar desconfortável nos braços dele, pois achava aquilo tudo muito estranho. Dispensei-o brevemente e fui ao bar pedir outra bebida ao Marcelo. Nunca havia bebido tanto na minha vida. Já me sentia um pouco tonta, mas incrivelmente não estava a fim de parar.

Depois de uns vinte minutos, a música foi diminuindo de volume.

Marlos se aproximou de mim:

– Senhorita Amande, poderia se encaminhar até a sala de estar? Chegou o momento.

Franzi o cenho, confusa. Não sabia do que ele estava falando, mas decidi obedecê-lo. Marlos foi buscar as meninas enquanto eu praticamente me atirava no sofá de couro. Não sabia que a sensação de dormência que a bebida fornecia era tão relaxante. De verdade, sentia-me em casa.

As meninas chegaram, animadíssimas, e se sentaram no sofá.

– Gente, que tudo! Que noite maravilhosa! – gritou Cláudia. Seus cabelos curtos e cacheados estavam assanhados, mas ela continuava linda. – Jéssica... Você foi uma... Ah, uma filha de uma mãe!

Rimos.

– Está tudo sensacional! Esses caras são o máximo! Como são lindos! – disse Lara, olhando para cima de modo sonhador.

– São gatos demais! – concordou Fabiana. – O loirinho com quem eu dancei... Nossa! Que homem cheiroso!

De repente, Marlos entrou na sala com seu velho sorriso estampado no rosto. Paramos de fofocar imediatamente, prestando atenção nele. Seja qual fosse a novidade, certamente seria uma coisa maravilhosa. Pelo menos eu estava convencida disso.

– Senhoritas, espero que estejam se divertindo bastante!

– Estamos sim, com certeza! – Cláudia praticamente gritou.

– Demais, vocês são demais! – Fabiana acompanhou. Soltamos um “uhul” em conjunto e depois gargalhamos. Marlos nos olhava satisfeitíssimo.

– O fim de semana está apenas começando! Neste momento irei apresentá-las aos nossos rapazes. Senhorita Amande, queira se levantar – pediu. Fiz o que disse. Marlos segurou a minha mão e me levou para o meio da sala. – Como rainha desta despedida de solteira, você tem muitos direitos... Um deles é escolher, além do seu, um acompanhante para cada convidada.

– Eu? Escolher? Como assim? – Comecei a rir do nada. Realmente estava bêbada.

– Nossos rapazes foram treinados para oferecer o maior prazer possível a vocês. Cada convidada tem direito à companhia integral de um de nossos homens; eles lhes servirão em todos os aspectos. Cabe a você escolher, senhorita Amande. Posso chamá-los?

Abri a boca.

Franzi o cenho.

Olhei para as meninas.

Elas estavam tão pasmas quanto eu. Apenas Jéssica sorria amplamente.

8º Capítulo

Belos produtos numa vitrine

Um resquício de sobriedade formulou inúmeras ideias na minha cabeça, cada uma mais maluca do que a outra. Precisava pensar um pouco, estava muito confusa. Marlos me encarava com o mesmo sorriso de sempre enquanto eu ficava envergonhada por causa dos malditos pensamentos.

– Eu... Eu... Marlos, pode nos dar licença por um minuto? Preciso falar com as meninas – pedi. Não consegui ver outra saída. Precisava entender aquilo direito.

Ele fez uma reverência e saiu, fechando a porta de vidro.

Meu primeiro alvo foi a Jéssica.

– Jéssica, pode nos explicar isso? – perguntei, ainda de pé no centro da sala. As meninas a encararam.

– Resumindo, é isso mesmo que estão pensando! – ela disse, animada.

– Como assim, “o que estamos pensando”? – Paloma rebateu.

Jéssica suspirou profundamente.

– Garotas, esses rapazes estão em nossas mãos. Somos praticamente as donas deles, podemos mandar e desmandar. Eles farão o que quisermos.

– O que quisermos? – Fabiana levou uma mão à boca.

– Sim. Tudo mesmo.

– Tudo mesmo? – desta vez fui eu que perguntei.

– Vou ser bem exata para que não haja dúvidas: podemos levá-los para cama. Eles realizarão todos os nossos desejos, fantasias, enfim... São profissionais nisto.

– Está querendo nos dizer que... que estamos no meio de um bando de... – comecei, mas não tive coragem de prosseguir.

– Garotos de programa! – completou Lara, provavelmente escolhendo o termo mais razoável para defini-los.

– Você sabia disso, Lara? O tempo todo? – perguntei, admirada de verdade.

– Claro que não! Não desta parte!

– Não posso dormir com ninguém, eu sou casada! – Cláudia berrou.

– Eu vou me casar – sussurrei. – Jéssica, você foi longe demais. Isso é... horrível. É um... absurdo!

– Meninas, ninguém aqui é obrigada a dormir com ninguém – disse Jéssica calmamente. – Os rapazes vão ficar ao nosso dispor, mas podemos dispensá-los quando quisermos. Acreditem, eles irão nos respeitar bastante. Para todo caso, serão apenas nossos acompanhantes; irão realizar algumas atividades que não vão ter a ver com sexo!

– Meu Deus... – murmurou Paloma.

– Jéssica, se a minha carreira... Jéssica... Jéssica, minha carreira! – Fabiana começava a se desesperar novamente.

– Você está segura, Fabi. É sério, não colocaria ninguém nessa se não soubesse que estamos seguras. Prometo, gente. É só deixar acontecer, vamos nos divertir!

Suspirei profundamente. Olhei para a porta de vidro. Meu limite de surpresas aceitáveis estava se esgotando.

– Por mim tudo bem, então – disse Fabiana, mas com as mãos cobrindo o rosto. – Foda-se, vamos nessa, meninas. Oportunidade única! Amande, se é pra ser assim, quero o garçom loiro.

Ótimo, Fabiana estava bêbada.

– Vocês estão ficando cada vez mais loucas... – comentou Paloma. – Mas se estamos na chuva temos que nos molhar. Quero conhecer o Marcelo.

Encarei Paloma com os olhos esbugalhados. Ela não era de agir daquela

forma, só a perdoei porque havíamos tomado muitos *drinks*. Outra bêbada.

– Qualquer um, qualquer um... Quero nem olhar pra cara do sujeito – disse Cláudia.

– Digo o mesmo, qualquer um está bom – Lara completou. – Estou envergonhada!

É sério que elas estavam aceitando aquilo tudo?

Suspirei de novo. Tentei pensar, mas não consegui fazê-lo com precisão. Que escolha eu tinha? Ir embora? Como? Jéssica havia deixado claro que ninguém seria obrigada a nada.

Sendo assim, fiz a mim mesma a pergunta mais perigosa do mundo: por que não?

– Tudo bem – consegui responder, achando que todas nós tínhamos ficado loucas.

Abri a porta de vidro e chamei pelo Marlos, dizendo-lhe que podia fazer o que devia ser feito. Suspirei pela milésima vez e aguardei os garotos entrarem. Vergonha completa me definia. Mal consegui encará-los, diferentemente das meninas. Elas praticamente babavam pelos rapazes, que estavam de pé, usando suas tanguinhas, um ao lado do outro, como se fossem produtos em uma vitrine. Lamentável.

Pensei em desistir. Desisti de pensar.

– Amande, querida, é só escolher. Irei apresentá-los agora. Este você já conhece, é o Marcelo. – Marlos apontou para o nosso querido *barman* oriental. Não tive outra escolha a não ser fitá-lo.

“Oh, Marcelo...”, pensei, “Logo você?”

Marcelo sorria amplamente, exibindo seu abdome perfeito. Não parecia desconcertado, tímido, horrorizado nem nada que podia me traduzir naquele momento.

– Este é o Henrique. – Marlos apontou para o anjinho loiro. Lindo demais! Henrique sorriu, exibindo dentes perfeitos que só o faziam ainda mais encantador. Céus... Como era belo aquele homem. Confesso que corei um pouco

ao encará-lo.

– Este é o Edu. – Oh, sim. O garçom loiro se chamava Edu. E que lindo ele era. Olhos bem clarinhos... Eram azuis? Não sei, talvez fossem verdes. E que corpão era aquele?

– Este você também já conhece, é o Caleb. – Apontou para o garçom moreno. Sim, o mesmo com quem eu havia dançado pouco tempo atrás. Empolgada com a boa luminosidade da sala, que desta vez não iria me impedir de vê-lo, finalmente o encarei. Ele olhava para mim seriamente.

Se disser que me surpreendi com o que vi, estarei sendo muito cruel. Surpresa é pouco para definir. Admiração se tornou uma palavra banal, pois aquele homem na minha frente não podia ser adjetivado com palavras tão pequenas. Qualquer uma havia se reduzido a nada.

Caleb não era o cara mais alto nem o mais sarado do recinto. Tinha os músculos firmes, nos devidos lugares, e a sua pele branca – diferentemente da dos outros rapazes, que estavam bem bronzeados – chamava a atenção. Seu rosto era... espetacular. Ele tinha os cabelos lisos e escuros um pouco bagunçados na testa, o que só trouxe ainda mais charme para o seu olhar. Sim... E que olhar! Composto por duas piscinas de águas límpidas, ou dois oceanos que se juntam em uma ilha paradisíaca qualquer, ou ainda duas pedras preciosas e muito brilhantes... Não dava para decidir, pois eram, de longe, os olhos mais lindos que já vi na vida. Eles ficavam ainda mais marcantes por causa do desenho de suas sobrancelhas grossas, levemente arqueadas. Sua barba estava por fazer e... Céus, como tive vontade de tocá-lo!

Encarei o Caleb durante eternos segundos. Ele me encarou de volta sem mexer sequer um músculo da face. Até que, como se fosse pouco ser tão perfeito, sorriu. Não, minto, não foi bem um sorriso. Caleb levantou um pouco o lado esquerdo de sua boca desenhada, contracenando uma expressão cheia de malícia. Juro, pensei que enfartaria.

– Este é o João – disse Marlos. Acordei do transe. Na verdade, tomei um susto quando ouvi o nome do meu noivo e fui guiada para perto de um rapaz negro, alto e muito musculoso. Era um homem bonito, sem dúvida, mas confesso que os olhos do Caleb ainda estavam na minha mente.

Resfoleguei, tentando me recuperar.

– E por último, o Fernando. – O último rapaz era muito bronzeado. Tinha o cabelo longo, castanho-claro, e tatuagens maneiras nos braços. Sorriu quando o encarei, e acabei sorrindo de volta. Parecia ser bem simpático. – Espero que já tenha a sua escolha, senhorita Amande.

Afastei-me um pouco, de modo que podia visualizar todos os rapazes. Confesso que quase não olhei para mais ninguém. Meus olhos estavam fixos nos do Caleb. Infelizmente – ou felizmente – ele havia voltado a ficar sério.

– Marcelo pode ficar com a Paloma, e o Edu pode ficar com a Fabiana – defini, já sabendo qual era a preferência delas.

Parei.

Fitei o Caleb mais uma vez. Estava quase implorando mentalmente para que fizesse a caretinha maliciosa de novo, mas ele permaneceu sério demais.

Sabendo que a preferência da Jéssica, como toda boa loira oxigenada, era um rapaz negro e alto, defini que ficasse com o João. O homem riu, olhando para a minha amiga. Não conferi a reação dela, mas tenho certeza de que havia ficado feliz.

– Henrique pode ficar com a Cláudia – falei. Renato, o marido dela, tinha cabelos meio compridos e a cor da pele muito parecida com a do Fernando. Por isso, decidi não deixar os dois juntos. Não queria que ela ficasse se lembrando do marido. Podia tê-la deixado com o Caleb, mas... Mas...

Mas...

Muito bem, estava diante de dois caras. Um seria meu, o outro, da Lara. Olhei para trás, buscando o olhar dela. Não queria que aquela escolha fosse baseada na minha vontade, pois ficaria me sentindo uma traidora. Sério, é feio desejar outros caras. Eu ia me casar, afinal. Sabia que nada demais ia rolar, mas mesmo assim...

Lara olhou para mim e, disfarçadamente, alisou os cabelos. Entendi o recado na hora: ela preferia o cabeludo tatuado. Como sempre, escolhendo os caras mais diferentes. Pelo menos o Fernando parecia ser uma boa pessoa. Pensando bem... De quê isso importava?

Olhei mais uma vez para o dono de dois oceanos impressionantes.

– Fernando pode ficar com a Lara – murmurei.

Instantaneamente, Caleb ergueu a boca para o lado esquerdo de novo. Alguém já havia lhe dito para nunca fazer aquela cara? Certamente sim. Ele tinha que ter consciência do quanto aquilo mexia com as mulheres, do contrário não o faria com tanta perfeição.

9º Capítulo

Massagem nos pés?

– Perfeito – disse Marlos, depois que todas as escolhas foram feitas.

“Oh, sim, Marlos... Perfeito *mesmo*!”, pensei.

– Bom, senhoritas, continuaremos com a festa! Rapazes... – Marlos piscou um olho na direção deles e saiu pela porta de vidro.

Continuei encarando o Caleb.

Os rapazes se aproximaram das meninas; cada qual pegou o seu par e foi saindo para a área externa. A música tinha voltado a tocar. Cláudia soltou uma gargalhada, então todo mundo riu. Menos eu. Eu... Eu só encarava o Caleb.

Ele se aproximou devagar, ficando muito perto. Pegou minha mão e a beijou demoradamente. Acompanhei o trajeto da sua boca... *Uau*! A sala ficou quente tão rápido!

– É uma honra para mim ser sua companhia, senhorita Amande – sussurrou com aquela voz sensual e adocicada. Podia sair mel da boca dele, facinho. E eu me transformaria numa abelha com igual facilidade.

Em um momento de lucidez, afastei-me delicadamente. Estava pensando coisas feias demais. O álcool tinha atingido meu cérebro, de modo que era difícil raciocinar.

– Caleb, não precisa de tudo isso – falei, tentando ser firme. – Sejamos sinceros, vou me casar daqui a uma semana e não pretendo viver fortes emoções na minha despedida de solteira, se é que me entende.

Ele pareceu refletir um pouco.

– E o que pretende viver na sua despedida de solteira, senhorita?

– Só quero me divertir com as minhas amigas.

– Suas amigas estão se divertindo. – Caleb apontou para a porta de vidro, que havia ficado aberta. As meninas dançavam animadamente, cada uma com seu par. Riam, gargalhavam... O clima de descontração era geral.

– Eu sou diferente. Tenho outras concepções de diversão.

– Diga-me suas concepções e iremos nos divertir. É para isso que estou aqui – murmurou.

Encarei-o mais uma vez. Por que seus olhos tinham que ser tão lindos? Por quê?

– Neste momento quero apenas sentar e beber mais um pouco – confessei. Na verdade queria beber muito, mas meu raciocínio não permitiu que admitisse em voz alta.

– Como quiser. Vem comigo.

Caleb fez uma reverência e pegou a minha mão. Entrelaçou com a sua... Como era quente e macia! Precisava matar a Jéssica depois daquilo.

Ele me guiou até um dos sofás e se sentou ao meu lado.

– O que vai querer beber?

– Alguma coisa forte. Bem forte mesmo, com muito álcool – incitei.

– Trago em um minuto.

O momento em que fiquei sozinha me deu certo alívio. Precisava respirar um pouco, compreender melhor o que tinha acontecido. Necessitava pensar, mas era impossível tendo uma música tão alta ardendo os tímpanos.

Aquilo tudo estava sendo uma loucura sem tamanho. Quem diria que as coisas seriam assim? Esperava por um fim de semana comum na praia, tomando sol com as amigas. Por que não podíamos fazer um programa normal? Será que João Pedro sabia de tudo aquilo? Duvidava muito. O pior de tudo era que eu não sabia o que ia acontecer. Simplesmente não tinha controle sobre nada.

Uma onda de pânico invadiu o meu peito depois que me dei conta disso. Comecei a passar mal. A música estava incomodando demais, por isso fui obrigada a voltar para a sala. Fechei a porta de vidro e me sentei meio largada no sofá.

Dois minutos depois, Caleb apareceu.

– Está se sentindo bem?

– Sim, só a música que está me incomodando. Fecha a porta quando passar, por favor?

– Claro.

Ele fez o que pedi e se aproximou, oferecendo-me uma bebida bem estranha. Nem perguntei o que era, virei o copo de uma vez. O líquido queimou minhas entranhas. Fiz uma careta.

– É forte!

– Trouxe outro – disse Caleb, colocando mais um copo na mesinha de centro. Sentou-se ao meu lado logo em seguida.

– Pensei que fosse sua – falei apontando para a outra bebida, que parecia ser a mesma que eu tinha acabado de engolir.

– Não bebo quando estou trabalhando.

– Ah... – Suspirei.

Caleb estava muito perto de mim, nossas coxas se encostavam de leve. Afastei-me um pouco e me virei de lado, assim poderia vê-lo melhor. Sim, podia vê-lo perfeitamente. Nossos olhos se encontraram de novo, permanecendo desse jeito durante alguns segundos.

– Então... Você trabalha com isso há muito tempo? – indaguei, meio sem assunto.

– Um pouco – respondeu, mas tratou logo de mudar o rumo da conversa: – Suas amigas são bastante animadas.

– São sim, bem diferentes de mim.

– Por quê?

– Não sei, sou anormal – admiti. Peguei o outro copo e tomei um gole generoso. – Sei que devo estar parecendo super antipática, desculpe-me por isso. Só não gosto de certas loucuras. Prefiro viver sem riscos, sabe?

– Compreendo, mas isso não faz de você uma pessoa anormal – disse Caleb. – Apenas uma mulher sensata.

– Acredite, se um dia chegar a me conhecer o bastante, saberá.

– Isso é um convite para que eu te conheça o bastante? – perguntou.

Olhei-o demoradamente, e ele fez o mesmo. Sério... Aquilo estava demais. Caleb seduzia apenas com o fato de respirar. Falando aquelas coisas então... Não ia dar certo. Não ia mesmo. Eu tinha que ficar longe. Aliás, *precisava* ficar!

– Acho que vou dormir. – Tentei me livrar dele, deixando sua pergunta no ar. – Estou cansada... Meus pés doem.

– Posso lhe fazer uma massagem – murmurou, meio rouco.

Encarei-o novamente. Um par cintilante de sedução me chamava... Gritava por mim, dizendo alguma coisa ininteligível demais para a minha razão.

– Não... Não, Caleb – sussurrei, vacilante. Foi impossível manter qualquer resquício de firmeza.

– É sério, você vai gostar. Vem aqui. Apenas relaxe.

Ele se curvou e puxou um de meus pés. Sem saber o que fazer, deixei-me levar. Caleb retirou minhas sandálias com delicadeza enquanto eu me inclinava, apoiando as costas nas almofadas.

Sentir as mãos dele acariciando meus pés foi um momento esquisito. E igualmente fantástico. Ele tinha dedos leves, profissionais. Cada parte do meu corpo foi amolecendo aos poucos, vítima dos movimentos incríveis que aquele desconhecido fazia.

Fechei os olhos e tentei relaxar, esquecer o fato de estar sozinha na sala com um dos caras mais lindos e atraentes que já tinha visto na vida.

Concentrei-me apenas nas boas sensações.

10º Capítulo

A Teoria de Caleb

Senti uma coisa estranha se remexendo. Abri os olhos devagar e percebi que estava sendo carregada pelo Caleb. Ele me envolvia completamente em seus braços, como se eu fosse uma criança indefesa.

– O que está fazendo? – murmurei.

Caleb mirou seus lindos olhos em mim, tornando a fazer a caretinha deliciosa.

– Você dormiu no sofá, vou te colocar na cama.

– Não... – Movi as minhas pernas na tentativa de me desvencilhar, mas não consegui. – Não precisa, ponha-me no chão.

– Estamos chegando.

Um segundo depois, já estava deitada em algo muito confortável. Olhei ao redor, observando o quarto. Estava meio desnorteada, provavelmente por causa do efeito da bebida. Sentia-me um pouco tonta.

Caleb pegou um edredom macio e me cobriu, cuidando para deixar os meus pés bem aquecidos. Logo em seguida, curvou-se e me encarou de perto. Quase morri. Meu coração iniciou uma batida frenética enquanto observava o seu rosto.

– Tem algo mais que eu possa fazer pela senhorita? – perguntou, sussurrante.

Alguma parte consciente de mim havia escutado a pergunta, porém estava tão absorta no desenho dos olhos dele que simplesmente não encontrei forças para responder.

– A senhorita está bem?

Aquiesci, balançando a cabeça.

– Precisa de alguma coisa?

– Não... Não sei se vou conseguir dormir – admiti. E era verdade. Quando ele me deixasse sozinha, o que eu ia fazer? Começar a pensar sem parar como sempre faço quando estou prestes a dormir? Sabia que, se começasse a refletir, iria embora daquele lugar antes mesmo de amanhecer.

– Perdeu o sono? – Ele fez a careta de novo. *Ai, meu Deus...*

– Você... poderia fazer aquela massagem de novo? Só até eu dormir... – pedi, meio relutante. Na verdade as palavras saíram da minha boca como se não me pertencessem. A última coisa que queria naquele momento era dar vazão aos meus pensamentos racionais e extremamente calculados.

– Será um prazer – disse Caleb, sentando-se na cama e descobrindo as minhas pernas. Com um movimento preciso, apoiou meus pés e contracenou os mesmos movimentos deliciosos que havia feito na sala. Desta vez, fiquei o observando. Ele não me olhou nem por um segundo, apenas mantinha concentração no que fazia.

A sensação de relaxamento era incrível, mas, por algum motivo desconhecido, não consegui fechar os olhos. Observei cada toque, amoleci em cada ponto crítico que Caleb me massageava. Vi quando estendeu a massagem para a região da minha panturrilha de um modo fantástico. Admirei cada detalhe, tocada por um silêncio extremo. Não ouvia música vinda do quintal, provavelmente a festa já tinha acabado. Pudera, com um olhar de relance para a varanda, percebi que não tardaria a amanhecer.

– Ainda não dormiu? – Caleb sussurrou depois de um tempo incalculável, e seu hálito soprou meus pés. Confesso, cada centímetro do meu corpo tremeu.

– Desculpa. Pode se recolher, vou ficar quietinha esperando o sono chegar.

– Sou seu por tempo integral até o domingo – ele respondeu, com os olhos fixos nos meus.

De repente, aquilo ficou demais para mim. Puxei minhas pernas para longe dele, deixando suas mãos no ar.

– Caleb... Vá embora, por favor. É sério, quero dormir em paz.

– Tem certeza de que este é o seu maior desejo?

– Meu maior desejo não lhe interessa. – Fui grossa de propósito. – Quero que me respeite, eu vou me casar.

– Peço perdão se por algum milésimo de segundo tenha deixado parecer que eu agi desrespeitosamente com a senhorita. Meu dever primordial é proporcionar prazer e diversão, portanto se...

– Já disse – interrompi. – Não me divirto com este tipo de coisa. Não tenho desejos secretos, fantasias... nem nada que não possa fazer com o meu futuro esposo.

Caleb me encarou seriamente. Não parecia contrariado, balançado ou qualquer outra coisa. Sua expressão era calma, inalterável.

– Fico muito feliz pela senhorita. Tenho certeza de que será extremamente bem sucedida em seu casamento.

– Sim, serei – murmurei, um pouco vacilante. De verdade, sua sentença foi tão definitiva que meu único fio de raciocínio se permitiu duvidar, como se tivesse sido criado especialmente para discordar das coisas que ele dizia. Não faz sentido, eu sei.

– Isso é muito bom. E muito raro – ele prosseguiu. – Só espero, de coração, que não esteja enganando a si mesma. Espero que o motivo verdadeiro pelo qual não queira se divertir seja a pura certeza no que diz, faz e sente. E não a dor da dúvida ou o arrependimento que poderia ferir seu orgulho ou seus valores, pois isso não existe aqui.

Franzi o cenho. Como ele falava educadamente! Sua voz macia era feito música, e as palavras pareciam ganhar ritmo quando proferidas pela sua boca meio rosada.

– O que quer dizer com isso, Caleb?

– Quero dizer que aqui a senhorita não tem nada a perder ou temer. Ninguém te julgará ou punirá; cada detalhe não pulará esses muros. Aqui você é livre, você pode ser você, inteira, sem problemas, sem dúvidas.

– Estou sendo eu! – informei, meio zangada. – Esta sou eu, com cada um dos recalques. Sim, sou uma recalcada. Tenho valores, tenho moral, tenho ética...

Aqui ou em qualquer lugar, jamais serei uma pessoa passional. Não ajo por impulso, essa coisa de “a carne é fraca” não existe para mim. Sou o que penso.

– Compreendo tudo o que diz, senhorita Amande, e concordo com algumas coisas na medida do possível. Entretanto, posso te provar o contrário. Posso te mostrar um mundo que não conhece.

– O que você pode me provar, Caleb? Que estou certa?

– Posso te provar que, às vezes, você pode ser apenas o que sentir, e não o que pensar.

– Está falando de sentimentos? Pensei que isso não existisse aqui. – Ri de forma desdenhosa.

– Estou falando de instintos. Desejo, prazer, vontades... Entenda como quiser. Existe um lado seu que quer fazer diferente daquilo que você pensa.

– Como tem tanta certeza disso? – perguntei. Aquela conversa estava começando a ficar estranha. Por um lado, queria que Caleb calasse a boca e fosse embora, mas por outro, e talvez este estivesse vencendo, gostaria de entender melhor o que ele dizia, pois começava a fazer sentido.

– Eu não tenho certeza, não conheço a senhorita – ele sussurrou, desviando os olhos pela primeira vez na vida. – Por isso falei, espero que seus pensamentos e desejos estejam em sintonia.

Balancei a cabeça, reflexiva.

– Uma coisa no que disse não faz sentido – comentei.

– O quê exatamente? – Ele tornou a me encarar. Senti que, toda vez que o fazia, era como se fosse a primeira. O abalo psicológico e físico se mantinha inalterável.

– Você falou que temos instintos... Que às vezes não agimos de acordo com o que realmente queremos. Tudo bem, concordo, mas tenho motivos. Às vezes queremos coisas insensatas demais... Nossos sentimentos ficam confusos, eles se enroscam e não nos levam a parte alguma. Apenas a razão nos bloqueia, freia toda a insensatez... – falei, sentando-me na cama. – Você propõe um momento sem bloqueios como se isso fosse o correto. Eu não concordo, pois quem vive a vida seguindo apenas os instintos não chega a lugar algum.

– Não devemos ser escravos dos nossos instintos, mas engaiolá-los nunca ajudou ninguém.

– O que você propõe então, Caleb? – perguntei. Queria mesmo saber a sua opinião, pois era um cara experiente nessa coisa de desejo, luxúria... Ele trabalhava com isso, afinal. Devia conhecer a natureza dos desejos humanos como ninguém. Só Deus sabe quantas mulheres teve que enfrentar, cada qual com seus problemas e frustrações para serem esquecidos por meio do sexo sem compromisso. Isso tudo para mim era uma grande piada, mas mesmo assim não deixava de ser um estudo comportamental interessante.

– Proponho que se permita, que experimente unir desejo e ação. Resumindo: faça o que tiver vontade.

– Isso pode ser perigoso. E muito, muito insensato – falei, esgueirando-me para cobrir minhas pernas, que estavam expostas, com o edredom grosso.

– Oh, é sim. Mas é apenas um momento. Um simples gesto que pode mudar a sua vida. Você percorre as lembranças e diz: “sim, eu fiz porque eu quis, e foi bom”. Não há arrependimentos quando fazemos o que sentimos. E se houver, é um arrependimento justificável.

Fiz uma careta.

“Justificável? Duvido muito de que possa justificar ações baseadas na força dos instintos”, pensei.

– E se eu... E se isso acabar afetando a minha vida? – continuei. – Pode ser um momento sem importância, mas... E se não for tão desimportante assim? Se acabar envolvendo sentimentos?

– Bom, então finalmente irá descobrir o que quer. Ninguém merece viver numa prisão criada por si mesmo. É a pior de todas, e muita gente vive nela.

Refleti um pouco. Incrivelmente, aquilo começava a fazer sentido.

– É assim que você se justifica? – questionei.

– Como assim? – ele sussurrou, meio rouco. Oh, eu não aguentava mais sustentar o seu olhar, mas o fazia mesmo assim. Aqueles dois pedacinhos do céu pesavam uma tonelada.

– É desse modo que justifica o que faz? Seu maior desejo é viver assim, agradando mulheres e as ajudando a agradarem a si mesmas?

– Meu maior desejo não está em questão, senhorita Amande. Desculpe, mas não vou falar sobre isso.

– Então você também é escravo de alguma coisa. Deseja falar sobre isso, mas não pode ou não se dá o direito. Viu que não podemos viver apenas fazendo o que desejamos? – retruquei, sentindo-me vencedora do embate.

Caleb se esgueirou na minha direção. Seu rosto ficou perto. Pisquei os olhos umas trezentas vezes, achando que a imensidão azul de seu olhar finalmente me afogaria.

– Na verdade, senhorita Amande, eu não desejo falar sobre isso. De verdade – disse, e me deu um beijo úmido na testa. – Tenha um bom dia.

Caleb se levantou e fechou as cortinas, mas não antes de eu descobrir que o sol já brilhava no horizonte. Sem que pudesse me despedir, ele saiu do quarto, deixando-me com os meus pensamentos. Porém, daquela vez, eles tinham mudado um pouco.

Eram novas reflexões.

11º Capítulo

A gaveta de calcinhas

Não faço ideia do exato momento em que consegui dormir, mas não deve ter demorado tanto. Simplesmente passou despercebido. Acho que estava mesmo cansada. Quando acordei, meu primeiro impulso foi abrir as cortinas que davam para varanda. A vista era simplesmente perfeita.

Fiquei tão admirada que dei passos vagarosos na direção da barra de proteção. Esgueirei-me ali e observei cada detalhe da linda praia diante de mim. A água do mar estava num azul límpido, cintilante, com ondas calmas beijando a areia branquinha. Os coqueiros balançavam a favor do vento. Inspirei profundamente o cheirinho delicioso de maresia. *Que dia lindo!*

Acredito que passei alguns minutos embalada pelas ondas, sentindo o movimento leve que fazia, como se estivesse compondo uma música. Não evitei sorrir nem abrir os braços para receber o sol. Só então percebi que ainda usava o mesmo vestido da noite anterior. Imediatamente, senti-me muito suja.

Olhei para baixo a fim de conferir meu estado deplorável e acabei percebendo que o pessoal que estava na área externa podia me ver, bem como eu a eles. *Que mico!*

Como se não bastasse estar imunda, despenteada e provavelmente fedida, percebi um par de oceanos, tão brilhantes como o original, olhando-me de cima a baixo. Caleb já estava acordado – se é que ele havia chegado a dormir –, e trabalhava mexendo em alguns talheres no estande de culinária.

– Bom dia, senhorita Amande! – ele falou alto, mas só um pouco. Dava para escutar perfeitamente dali. Senti-me uma boba por não ter reparado nele antes. – Dormiu bem?

– Muito bem. Bom dia! – Sorri. – O dia está lindo, você já viu isso? – Apontei para o horizonte à minha frente.

– Não hoje! – confessou, erguendo sua boca para a esquerda de novo. Ah, Caleb... Não faça isso...

– O que está esperando? Venha ver! – chamei, só que foi no impulso. Havia me esquecido de que estava com a cara amassada, provavelmente com um bafo horrível e o cabelo desgrenhado.

– Chego em um minuto. – Caleb sorriu. Sim, desta vez mostrou seus belos dentes brancos. Infelizmente não consegui vê-los direito, pois a distância não permitiu. Ele largou os talheres e, em dois tempos, entrou na casa.

Arrependida de tê-lo chamado, entrei no banheiro e joguei água no meu rosto. Lavei a boca só com água e me desesperei. Aquilo não ia funcionar. Tentei desembaraçar o cabelo com um pente que tinha encontrado em cima da pia, mas o maldito só ficava ainda mais fofo e rebelde.

Caleb deu leves batidas na porta e a abriu sem aguardar respostas. Saí do banheiro e decidi ser sincera:

– Preciso de um banho! Urgentíssimo! – choraminguei. Só depois reparei que ele vestia uma sunga branca muito sexy e camiseta de algodão igualmente branca. Parecia bem à vontade. Tentei, mas não consegui evitar dar uma geral nas suas pernas bem malhadas.

Caleb procurou por alguma coisa no quarto.

– Ainda não desfez as malas? – Apontou para as minhas coisas, que estavam jogadas de qualquer jeito em cima de um pequeno sofá.

– Não... Nem sabia que seria necessário.

Ele riu de leve e disse:

– Tem toalhas limpas no banheiro. Posso arrumar suas coisas no armário enquanto toma banho.

– Faria isso por mim? – perguntei.

– Faria tudo, senhorita Amande – murmurou.

Ai, não... Mal havia acordado e ele já estava falando daquele modo sussurrante, meio rouco e... Ah, Caleb, Caleb...

Encarei-o, mas acabei desviando os olhos, envergonhada.

– Vou só pegar meu biquíni.

Revirei minha mala e encontrei a sacolinha de pano onde havia guardado meu biquíni cor-de-rosa com fivelas e uma saia de banho que combinava. Peguei também a *nécessaire* que continha alguns itens de higiene. Fui ao sanitário sem sequer olhar para trás.

Meu banho foi rápido, mas completo; tive que lavar meu cabelo e refazer a depilação nos cantinhos. Esta última foi bem interessante, visto que já tinha feito todo o serviço no dia anterior. Só que, sem motivos aparentes – ou não – decidi tirar tudo. Sim, tudo mesmo, compreende?

Saí do banheiro completamente pronta. Decidi não secar meus cabelos, pois pretendia mergulhar no mar e depois na piscina. Não necessariamente nesta ordem.

Caleb estava agachado na frente do armário de madeira, separando as minhas coisas. Decidi dar uma olhada. Arrependi-me quase que de imediato. Qual não foi a minha surpresa quando cheguei no exato momento em que ele estava separando minhas calcinhas e sutiãs? Horrorizada, corei de vergonha, porém Caleb não parou o que fazia.

Fui me aproximando até que percebesse a minha presença. Não demorou muito.

– Ah... – resfolegou. – Você foi rápida.

Caleb se levantou e me olhou. Não, ele não olhou para os meus olhos nem para nada que estivesse no meu rosto. O safado deu uma bela de uma sacada nos meus seios, que contornavam super bem a meia taça do biquíni, e na minha barriga cheia de celulites, que estava à mostra. Vergonha? Nem um pouco, que é isso? Quase morri.

– Vou pegar uma blusinha – falei, com as mãos trêmulas de raiva das dietas que não fiz e dos abdominais que menosprezei.

– Na segunda gaveta. – Caleb apontou.

Curvei-me na direção do armário. A gaveta de calcinhas estava aberta e, antes de fechar, percebi uma coisa que me impressionou muito; todas as roupas

íntimas que tinha trazido estavam devidamente separadas por tamanho, cor e tecido. Embora não tenha levado muitas – afinal, só íamos passar dois dias –, havia pelo menos umas oito calcinhas, quatro sutiãs, mais um biquíni e um maiô.

Abri a segunda gaveta e, com as mãos ainda trêmulas, vi minhas blusas organizadas da mesma forma. Peguei a primeira que me apareceu pela frente e soltei um grunhido involuntário.

– O que houve? – Caleb perguntou. – Se quiser que arrume de outra forma, eu posso...

– Está ótimo! – tratei logo de informar. – Obrigada.

Vesti a blusa, que acabou sendo uma camisetinha branca com detalhes em lilás, virada de costas para ele. Depois fechei o armário e sorri. *Ufa*. Que sofrimento era estar na presença daquele homem perturbador e... organizado. Como eu.

E o pior de tudo era que estava só começando.

12º Capítulo

Uma partida de polo aquático

Caleb adorou a vista da minha varanda. Passamos alguns minutos apenas encarando o horizonte, sem nada dizer um para o outro. Não precisava. O clima estava agradável demais. O vento corria mansamente, balançando as folhas dos coqueiros, emitindo sons característicos.

Foi então que ouvimos as vozes das meninas vindas da área externa. Elas estavam acordadas e contentes, prontas para o... almoço. Sim, já era quase meio-dia. Percebi que estava com fome.

Sentamos ao redor da mesa, agora montada na lateral da piscina. As garotas tinham acordado muito animadas, estavam falantes e sorridentes. Confesso que não ingressei em nenhuma conversa em específico, nem mesmo compreendi as coisas que falavam.

– Senhoritas! – disse Marlos, aproximando-se. Desta vez ele usava uma bermuda branca e uma camisa florida de botões, que estavam abertos até a metade. – Preparamos um delicioso cardápio para vocês, com várias opções. Hoje seus acompanhantes irão atendê-las particularmente. Espero que sejam muito bem servidas! Bom apetite!

– Obrigada, Marlos! – disse Fabiana. Ela estava mais animada do que de costume.

– Você está diferente, Fabi – comentou Lara, que também havia percebido a mudança. – A noite passada te fez bem, amiga?

– Um bem imenso, Larinha! – respondeu sorridente.

Uau! Fabiana e o garçom loiro. Certamente rolou.

– Ai, pessoal, estou tão feliz de estar aqui com vocês! – disse Jéssica, que estava mais do que animada, trajando seu biquíni de oncinha mais sexy. Ela

usava óculos escuros enormes e dourados. Estava linda, como sempre.

Naquele momento, Caleb colocou um prato diante de mim. Dei uma conferida, mas não consegui identificar o que exatamente era aquilo. Como estava com vergonha de perguntar – mentira, eu não queria encará-lo de novo nem tão cedo –, acabei comendo tudo sem saber. Uma atitude muito rara vinda de minha parte, pois, quando digo que não gosto de surpresas, isso inclui o cardápio. Preciso saber o que estou comendo, o que vou comer e o que comerei na semana que vem. Está tudo anotado numa folha de caderno dentro da minha agenda.

– O que quer beber, senhorita? – ouvi a voz dele sussurrando perto do meu ouvido. Assustada, dei um leve pulo. O som da risadinha sarcástica de Caleb se fez presente, mas continuei sem olhá-lo.

– Me surpreenda – murmurei olhando para Paloma, que flertava com o Marcelo na maior cara de pau.

Ah, minhas amigas... Todas enlouqueceram. *Que pena!*

– O que vamos fazer hoje? – perguntou Cláudia, que era a única que falava com seu acompanhante como se ele fosse uma garçonete, e não um garçom. Queria tanto agir como ela!

– Não faço ideia, não sei o que esses meninos aprontarão conosco! – disse Jéssica.

– Vamos nos divertir bastante, não tenham dúvidas! – respondeu Fernando, o acompanhante da Lara, o que tinha o cabelo comprido. Estava muito belo naquela manhã. Lara devia estar babando por ele, só não sabia dizer se já tinha rolado alguma coisa. Certamente ela nos contaria depois.

Caleb apareceu depois de cinco minutos, colocando um copo grande na minha frente. O líquido era meio dourado, parecia guaraná. Tinha bastante gelo e um canudo engraçado, que formava o desenho de um coração. Era só o que me faltava! Um coração?

Suguei o conteúdo do copo. Era bem refrescante, tinha mesmo um gostinho de guaraná no fundo, mas parecia ter mais coisas misturadas. Sinceramente? Adorei. E caía perfeitamente com o clima quente que fazia.

– Gostou? – Caleb perguntou no meu ouvido. Cada pelinho da minha nuca eriçou, e meu braço esquerdo ficou com caroços enormes de tão arrepiado.

– Muito bom, obrigada – respondi, ainda sem fitá-lo.

Terminamos de almoçar e, sem querer perder tempo para nada, decidimos tomar banho de piscina. Os garotos se juntaram a nós e nos fizeram um desafio: homens *versus* mulheres no polo aquático. Claro que a gente não tinha a menor chance, mas aceitamos a batalha como ótimas combatentes.

– Vamos acabar com vocês! – disse Fabiana, muito contente, enquanto prendia os cabelos com um elástico. De todas nós, ela era a que mais tinha senso de competitividade.

Vou ser bem sincera, também não queria perder. Juntamo-nos no canto da piscina e começamos a montar uma estratégia. Era bem simples: as meninas que sabiam jogar melhor tentariam passar a bola rapidamente, enquanto as que não sabiam ficariam perto da área da barra para marcar o ponto. Havia uma distância mínima que não podia ser ultrapassada para que o jogador recebesse passe de bola, senão seria considerado impedimento. Acabamos fazendo as marcações com chinelos na lateral da piscina.

Os rapazes trouxeram as barras de ferro e colocaram uma em cada lado da piscina. Reparei quando Caleb, o último a entrar na água, retirou a camisa branca e exibiu seu corpo delicioso. Ele deu um mergulho e emergiu, tendo o cabelo molhado escorrido para frente. Ergueu as mãos e o colocou para trás. Depois olhou na minha direção. Virei o rosto.

O jogo começou e fiquei meio perdida. Os homens eram extremamente mais ágeis, fizeram o primeiro ponto em menos de meio minuto.

– Vocês são lindas, mas não jogam nada! – gritou João, o negro gostoso da Jéssica.

– Isso é o que vocês verão! – berrou Cláudia.

O jogo recomeçou e, desta vez, Claudinha conseguiu permanecer com a bola. Passou para Fabiana, que desviou do Caleb e, quase afundando, jogou-a para o alto. Henrique conseguiu pegá-la. Nadei muito depressa, tocando em seu braço por trás, e ele vacilou. Peguei a bola, desviei do Marcelo e sacudi para a Paloma, que esperava perto da área. Os meninos nem a viram. Ela mirou na

barra e fez nosso primeiro ponto.

– Uhul! – gritou Fabi, sendo acompanhada pela Lara.

– Valeu, Lomita! – berrei.

– Você foi bem – disse Caleb quando passou por mim. Apenas ignorei.

Bom, o restante do jogo foi praticamente dominado pelos garotos. Fazíamos pontos vez ou outra, mas eram raros. No fim, quando já estávamos exaustas, o placar demarcava vinte e cinco a onze. Uma lavada!

– Rá! Eu disse que não são de nada! – falou João, muito animado. Ele parecia mesmo estar se divertindo. Os outros garotos também, visto que sorriam abertamente.

– Duvido que me vençam no pôquer! – Cláudia gritou para os ares. Os meninos falaram todos ao mesmo tempo, cada um dizendo o quanto era bom naquele jogo.

Em poucos minutos, montaram mesas redondas na beira da piscina e se dividiram em dois grupos. Como eu não sabia jogar, tratei logo de me excluir.

– Você aprende fácil – disse Paloma, que era fera demais em qualquer jogo de cartas.

– É, senta aí! – pediu Lara, tentando me convencer a participar.

– Vocês sabem que sou horrível em blefar – respondi. – Relaxem, acho que vou dar uma volta na praia enquanto isso. Estou numa boa!

– Eu vou contigo. – Caleb se ofereceu. Evitei olhá-lo, mas não o impedi.

– Alguém quer vir conosco? – perguntei, mas quase ninguém ouviu. Já estavam absortos demais nas arrumações das cartas.

Suspirei profundamente e tomei coragem.

13º Capítulo

Papo reto na praia

– Vamos então, Caleb? – perguntei.

– Claro.

Ele pegou minha mão e a entrelaçou com a sua. Desvencilhei-me imediatamente.

– Posso ver por onde ando – murmurei.

Caleb me olhou, mas não disse nada. Abriu os portões, fazendo um sinal para os dois seguranças que nos protegiam. Saímos calmamente, sem pressa. Atravessamos a rua sem nada dizer. Não tinha uma viva alma na praia, estava tudo muito deserto.

Antes de pisar na areia branquinha, retirei minhas sandálias rasteiras. Caleb se ofereceu para segurá-las, e acabei cedendo. Corri até a beira do mar, deixando aquele homem misterioso para trás. Adorei a sensação da água gelada em meus pés. O vento estava forte e assanhava os meus cabelos. Abri os braços dando boas-vindas ao sol, que acariciava a minha pele.

– Espero que tenha colocado protetor solar – disse Caleb, aproximando-se.

– Na verdade, não coloquei.

– Então não vamos demorar muito, o sol está quente demais.

– O sol sempre está quente, Caleb. Ele *é* quente. – Tentei fazer uma piada sarcástica. Achei que ele não riria, mas ouvi o timbre maravilhoso de seu riso sussurrado.

– Tem razão, fui redundante.

Deixei meus braços caírem na lateral do meu corpo e olhei para ele. Caleb me encarava, e seus olhos estavam tão claros que davam a sensação de que eram

transparentes. Por causa do sol forte, cintilavam como dois diamantes; sem cor alguma, mas com um brilho intenso.

– O que está pensando, senhorita Amande?

– Não sei... Acho que em nada e em tudo.

– Isso é bom? – ele perguntou.

– Não defini ainda.

Caleb ergueu, devagarzinho, a boca para o lado esquerdo. Era sempre o mesmo lado, incrível. E que cara de safado fazia com um simples gesto! De homem sério, bonito e respeitável, transformava-se no que ele realmente era: bom, não vou dizer o nome. É forte demais até para que eu compreenda.

– Andei pensando no que você me disse. Não muito, mas pensei – admiti. Comecei a caminhar vagarosamente, mantendo os pés na água. Ele me seguiu.

– Pensou? Isso é bom então.

– Sim. – Senti-me envergonhada de repente, pois havia me esquecido de que estava só de biquíni. Caleb já devia ter contado todas as estrias do meu traseiro.

– Chegou a alguma conclusão? – perguntou, interessado.

– Mais ou menos. Sabe, você tem razão sobre algumas coisas. Refleti bastante e... acho que me engaiolo muito. Sou escrava do meu raciocínio.

– Hum... Continue.

– Há coisas que sempre quis fazer, mas nunca tive coragem. Nunca parei para pensar se estava sendo legal com as pessoas... Sei lá, sempre ajo de acordo com o que penso, que pode ser diferente do que quero e diferente também daquilo que as pessoas esperam de um indivíduo comum.

– Por exemplo?

– Bom, eu... Não bebo, quero dizer, ontem bebi não sei como. Não consigo fazer nada sem ser planejado. Fico me julgando o tempo todo, tenho mania de limpeza... Também não danço.

– Você dançou ontem – ele disse. Resolvi desviar meus olhos da areia para

encará-lo. Caleb estava sorrindo, de modo que pude admirar cada contorno de seus lábios.

– Ontem fiz coisas que nunca havia feito. Aquela não era eu.

– Então, quem é você?

– Quando te ignoro estou sendo eu mesma – objetei.

Caleb olhou para mim, parando de caminhar. No impulso, parei também.

– E quando não? – perguntou, fazendo uma expressão esquisita. Não conhecia aquela.

– Quando não, estou sendo alguém que desconheço.

– Então, neste momento, você está sendo alguém que desconhece?

Sério, aquela conversa estava muito estranha. Nem eu sabia aonde queria chegar.

– Não sei direito.

– Posso responder por você? – ele pediu, ainda com a expressão misteriosa estampada no rosto.

– Tente – murmurei.

– Quando você não me ignora, está sendo o que sente. Quando me ignora, está sendo o que pensa.

– Talvez... – Balancei a cabeça. Meu coração havia começado a bater em descompasso depois das palavras dele. Tive que me controlar para continuar firme. – Talvez.

– Desculpe-me a indelicadeza, senhorita, mas quantos anos você tem?

– Vinte e sete.

– Nesses vinte e setes anos, em algum momento, já foi unicamente o que sentia?

Refleti um pouco. Desviei meus olhos e continuei caminhando. Pensava numa boa resposta, mas não consegui dizer nada além da verdade. Talvez estar com um cara como o Caleb servisse de terapia para os meus problemas de

personalidade idosa.

– Não me lembro – respondi. Olhei para trás; Caleb não tinha se movido e, provavelmente, não havia escutado minha resposta. – Não me lembro! – repeti.

– Foi o que pensei – falou, permanecendo no mesmo lugar. – Você quer, de coração, fazer algo a respeito?

Balancei a cabeça.

– Não.

Ele franziu o cenho de um jeito engraçado. Sorri de leve ao observá-lo.

– Sente-se completamente satisfeita com seu senso de racionalidade? – questionou.

– O que é isso? Teste dramático de revista *teen*? Onde devo marcar um xis? – Ri.

Caleb continuou muito sério.

– Apenas me responda se for possível, senhorita Amande.

Meu sorriso foi embora muito depressa.

De súbito, não consegui me controlar. Uma raiva sem limites tomou conta de mim; minhas mãos começaram a tremer e meus olhos marejaram. Não sei como isso aconteceu, mas eu simplesmente explodi. Acho que cansei.

– Quer saber, Caleb? A verdade? Eu me sinto um lixo a maior parte do tempo! – gritei. – Sou certinha demais, perfeita demais... Quero tudo no lugar exato, o tempo todo! Odeio surpresas, odeio não saber o que fazer, o que falar, como agir, para onde ir... Eu quero ter controle sobre tudo! Compreendo perfeitamente que a vida não pode ser assim, por isso sofro demais! Mas, por mais que sofra, nunca mudo! Esta sou eu, Caleb! Satisfeito?

Um eterno minuto de silêncio.

Caleb foi se aproximando devagar, sem nada dizer. Parou bem na minha frente, muito perto. Ergueu a mão e enxugou uma lágrima que eu havia deixado cair.

– Vou repetir a pergunta: quer fazer algo a respeito? – sussurrou bem

baixinho. Olhei para cima, fitando o céu. Alguém ali tinha que me ajudar a suportar a voz doce daquele homem.

– O que vai fazer comigo? – perguntei, quase sem voz.

– Tudo o que você quiser e sentir, mas nada daquilo que pensar.

14º Capítulo

A sala de massagem

Voltamos para casa, silenciosos. Mil coisas vinham à minha mente, mas tentava espantar todos os pensamentos um a um. Era uma tarefa difícil, por isso entrei num estado de introspecção profunda.

O pessoal ainda estava empolgado com o jogo de pôquer. Riam animadamente e falavam coisas que eu não conseguia entender. Caleb segurou a minha mão assim que entramos. Desta vez não o larguei.

– Vem comigo – pediu.

Passamos pelo lado oposto do estande de culinária, de modo que ninguém nos viu. Não era escondido, mas nunca tinha passado por ali antes. Seguimos pela lateral do imóvel até pararmos num local que parecia ser a extensão da casa. Era uma construção de vidro e madeira, devidamente decorada com plantas floridas. Havia duas portas brancas com placas em cima. Em uma delas estava escrito “sauna”, e na outra, “massagem”. Caleb me levou para a segunda.

– Não sabia que tinha isso aqui – falei.

– Íamos trazê-las amanhã, mas todo espaço pode ser utilizado quando quiserem.

Entramos numa sala grande e comprida, com várias cortinas brancas. O lugar estava cheiroso e muito limpo. Possuía azulejos e paredes também brancas, lembrando um hospital. Havia várias mesas apropriadas para massagem. As cortinas estavam abertas, mas percebi que podiam ser fechadas ao redor de cada mesa, criando a ideia de privacidade.

Senti o sangue congelar nas minhas veias. Um frio quase instantâneo se instalou no meu corpo, fazendo as pernas bambearem e os braços tremerem. Estava quente lá fora, mas aqui dentro o clima era agradável por causa de inúmeros ventiladores que trabalhavam incansavelmente.

Caleb me guiou através de todas as mesas, parando na frente de uma porta que havia no fim da grande sala. Abriu-a apenas girando a maçaneta e me fez entrar. Uma pequena saleta se mostrou diante de mim. Ali havia uma mesa ainda maior, parecia mais sofisticada do que as que ficavam lá fora. A sala também era equipada com aparelho de som, ar-condicionado, prateleiras e um armário branco muito bonito.

– Sente-se aqui – ele murmurou, fazendo-me sentar na mesa. Era toda acolchoada, muito confortável.

Eu não fazia ideia do que ia acontecer, por isso estava morrendo de medo. Parecia que tinha entrado numa sala de cirurgia ou algo assim. Temi por mim, pelos meus receios e também pelas minhas reações. Não sabia o que pensar, portanto me dei, pela primeira vez, o direito de me manter ignorante.

Caleb se curvou diante de mim, encarando fixamente os meus olhos. *Ah*...

– Quero que, primeiramente, relaxe. Fique tranquila... Só irei fazer uma massagem em você. Uma massagem completa, não apenas em seus pés. É só se deitar, fechar os olhos e relaxar. Tudo bem?

– Certo – falei, sentindo um pouco de alívio. Uma simples massagem não faria mal algum.

Ele me ajudou a deitar confortavelmente na mesa. Ainda estava usando só o biquíni, por isso fiquei morrendo de vergonha. Agora sim Caleb contaria todas as minhas estrias, somaria com as celulites, multiplicaria pela minha chatice e chegaria à conclusão de que eu era horrorosa.

– Feche os olhos. Apenas sinta, evite pensar. Ok? – sussurrou perto do meu ouvido. Céus...

- Ok.

Meio minuto depois, comecei a ouvir uma música. Estava baixinha, mas era bonita. Algo do tipo Enya. É, pensando bem, acho que era mesmo a Enya. Permaneci de olhos bem fechados, não ousava abri-los. Escutei alguns ruídos. Não soube o que era, mas fiquei quieta.

Depois de um minuto, senti as mãos de Caleb trabalhando em mim. Desta vez, havia começado pelo meu cabelo. Transportei-me para longe em questão de

segundos. Os movimentos que ele fazia eram fantásticos, tinham uma precisão singular. Minha cabeça foi relaxando rapidamente e, sem fazer esforço algum, dei adeus a todos os meus pensamentos. Caleb mexeu no meu couro cabeludo de um jeito tão sutil que meu corpo inteiro amoleceu. Era incrível e ao mesmo tempo arrebatador.

Aos poucos, foi descendo as mãos, massageando o meu rosto. Estimulou minhas bochechas, olhos, nariz, boca, orelhas... Tudo com uma lentidão ritmada. Senti que o sangue corria melhor onde Caleb tocava, como se estivesse abrindo veias que estavam inutilizadas durante algum tempo.

Quando suas mãos desceram pelo meu pescoço, caminhando pelos meus ombros, arrisquei abrir um pouco os olhos. Caleb estava de pé por trás de mim, olhando fixamente para o ponto onde massageava. Sua concentração era tão grande que nem percebeu que eu o estava observando. Sua expressão não era séria, era apenas... calma. Tranquila. Parecia estar relaxando com aquilo.

Tornei a fechar os olhos enquanto aquele homem misterioso massageava cada ponto dos meus braços, descendo pelas mãos. Meu corpo deu umas oito arrepiadas durante este processo. Claro que Caleb percebeu, mas não ousei conferir o que tinha achado disso.

– Vire-se de costas – sussurrou. Senti-me paralisada.

“De costas? Como assim de costas?”, pensei, “Oh, não, Nossa Senhora das Celulites, ajude-me!”

Sem ter outra saída, acabei fazendo o que me pediu. Tentei não pensar no meu traseiro arrebitado. Caleb recomeçou a massagem nos meus ombros, parando na minha nuca. Demorou-se um pouco, mexendo de um jeito particular que me fez relaxar rapidinho.

Suas mãos foram descendo pelas minhas costas, parando no fecho do meu biquíni. Senti meu corpo enrijecer de novo.

– Posso? – ele murmurou.

– Não me pergunte nada.

– Tudo bem – respondeu, e percebi que sorria. Devagar, Caleb soltou a parte de cima do meu biquíni, deixando as tiras caírem de lado. *Uau!*

Por um minuto me senti completamente vulnerável. Porém, a sensação não foi de toda ruim. As mãos dele trabalhavam de forma divina na minha coluna, estimulando cada pedacinho. Caleb se demorava bastante em alguns pontos muito doloridos das minhas costas e só saía de lá quando eles paravam de doer.

De repente, ouvi um ruído. Uma coisa gelada foi derramada sobre mim. O cheiro veio logo em seguida; era divino, estimulante. Caleb espalhou o líquido, que começou a esquentar muito depressa. Suas mãos continuavam fazendo movimentos maravilhosos. Quando dei por mim, o meu corpo inteiro estava tão quente quanto o maldito óleo.

– Continue relaxada – murmurou, e uma nova onda de arrepios se prosseguiu.

Com um movimento lento, Caleb empurrou suas mãos macias na direção do meu traseiro. Sim, ele estava massageando a minha bunda!

Tentei não fazer alarde. Afinal, já havia ido a algumas massagistas, e elas costumavam massagear os bumbuns. O problema era que Caleb não era uma massagista, era um... Era um cara fantástico, incrível, lindo e que... estava me deixando cada vez mais excitada.

15º Capítulo

À flor da pele

Meu corpo inteiro ficou concentrado no meu bumbum, que era divinamente massageado pelo Caleb. Era como se só ele existisse e todo o resto tivesse queimado de vez. A sensação era tão boa que foi muito difícil permanecer quieta, parada como estátua. Eu queria me mover, queria chacoalhar... Sei lá. Entretanto, estava presa pelas mãos daquele homem, entregue aos seus movimentos. Sem controle, sem mapas ou avisos. Não sabia o que ele ia fazer em seguida e tinha medo de sentir a angústia da antecipação. O problema era que, querendo ou não, essa angústia já havia se enraizado em mim.

Uma lista de desejos começou a se formular na minha mente. Eram vontades nítidas, provenientes de ideias malucas. Cada uma mais quente do que a outra. Imaginei uma cena digna do *Redtube* – embora nunca tenha assistido a vídeos pornográficos. A verdade absoluta era que, enquanto sentia as mãos de Caleb descerem pela parte posterior das minhas coxas, eu realmente, de verdade, quis que ele arrancasse a parte de baixo do meu biquíni.

Com uma lentidão quase aterradora, Caleb massageou minhas pernas, descendo pelos pés. Ele parecia ter muita paciência, tranquilidade. Pudera, já devia ter feito aquilo em dezenas de mulheres. Este pensamento encheu o meu peito de um sentimento amargo, quase doloroso. Odiei sentir aquilo, mas tentei expulsá-lo junto com o que tinha restado da minha razão.

Caleb terminou com os meus pés depois de um bom tempo e se aproximou.

– Vire-se de frente – murmurou.

Meu coração deu outro solavanco. Desta vez, porém, não hesitei. Virei-me imediatamente, cuidando para segurar a parte de cima do biquíni. Não cheguei a abrir os olhos durante todo o processo.

Caleb, então, começou a massagear as minhas pernas, erguendo-as apoiadas em seus ombros. Foi estranho... Diferente. Roçava, às vezes, sua barba por fazer na minha panturrilha. Arrisquei observar o que fazia; ele estava de olhos fechados, parecia concentrado naquilo enquanto passava suas mãos pela parte de dentro da minha coxa, perto daquele lugar. Àquela altura, achei que entraria em ebulição.

Observá-lo acendeu ainda mais a chama daquilo que ele havia acendido tão lentamente.

Quando terminou com as pernas, Caleb se aproximou, sem perceber que eu assistia a tudo. Começou a estimular a minha barriga lentamente. Só então olhou para mim. Nossos olhares se cruzaram e, sem nada dizer, mas ainda me encarando, ele retirou toda a parte de cima do meu biquíni.

Abri a boca, sentindo uma pulsação esquisita na lateral do meu rosto. Certamente estava vermelha como um pimentão. Caleb não olhou para os meus seios – mantinha o olhar fixo nos meus olhos –, mas começou a massageá-los sem pedir licença. Uma nova onda de excitação tomou conta do meu corpo.

Movimentando os dedos com habilidade, ele puxou de leve a ponta dos meus seios. Não consegui conter um gemido fraco, que veio das profundezas das minhas entranhas. Juro, tudo lá embaixo ficou completamente ensopado.

– Preciso fazer uma pergunta – murmurou com a voz mais rouca que já ouvi nele.

– Faça logo – gemi.

– O que você quer? – perguntou, sem largar os meus seios. Agora, meu corpo inteiro estava concentrado ali. Cada movimento mandava um espasmo direto para o meio das minhas pernas.

– Me surpreenda – sussurrei com a voz bem baixinha. Ele escutou.

Levemente, Caleb desceu seus dedos deliciosos para dentro da parte de baixo do meu biquíni. Pensei que ia morrer de ataque cardíaco, pois minha pulsação acelerou até alcançar um nível incompreensível. Não conseguia pensar em nada. Absolutamente nada!

Senti-lo naquele lugar abriu em mim um misto de possibilidades malucas.

Foi como um interruptor, capaz de acender as minhas vontades, transformando-me em algo que sequer pensei que pudesse ser.

Caleb, muito experiente, abriu as fivelas laterais que prendiam o biquíni, retirando-o por completo sem deixar de me tocar. Ele também não parou de me encarar nem por um segundo. Agradeci por isso, pois era o seu olhar que me fazia perder o raciocínio. A lentidão de seus gestos me causava sofrimento, ardia a minha carne. Meu ventre estava quente, pegando fogo, de um jeito que me surpreendeu totalmente. Não sabia que era capaz de sentir tantas emoções.

Com um curto movimento, Caleb abriu as minhas pernas, apoiando uma delas em seus ombros. Desta vez, ele beijou meus pés e foi descendo... descendo... de uma forma que me tirava a sanidade. Não sei exatamente o que me fazia permanecer quieta, talvez algum resquício perdido de pensamento racional. Ou o contrário. Só sei que quase tive um troço quando ele tirou seus dedos de lá e os levou até sua linda boca. Pude vê-lo saboreando o meu gosto com vontade, como se fosse mel ou leite condensado. Incrivelmente, não senti vergonha. Não senti medo. Nada mais existia além de puro desejo.

– Você é deliciosa – murmurou, encarando-me.

Depois disso tive que fechar os olhos. A força de seu olhar era magnética, incessante. Eu estava berrando por ele e só não o fazia de verdade por motivos desconhecidos.

Senti quando Caleb voltou a me tocar entre as pernas, desta vez contracenando movimentos mais rápidos, ritmados. Outro gemido me escapou da garganta. Abri-me ainda mais para ele, no impulso. Empurrei meu ventre na direção de seus dedos, implorando por algo que eu nem sabia o que era.

Foi quando aquele homem maravilhoso introduziu seus dedos em mim.

Soltei outro gemido.

– Caleb... – murmurei, sem saber o que falar. O nome dele pareceu ser a coisa certa.

Sua movimentação começou a ser mais intensa dentro de mim, e eu não ousava abrir os olhos. Entreguei-me ao movimento, entrando no ritmo, enquanto era guiada para um mundo mágico onde qualquer coisa era possível.

Como se tudo aquilo fosse pouco, senti uma coisa diferente lá embaixo. Tive que conferir e, com muito espanto, vi Caleb com seu rosto entre as minhas pernas, encostando sua doce boca... Lá. Começou a fazer movimentos com a língua, que combinavam com o ritmo de seus dedos.

Não demorou muito.

Em um segundo estava explodindo, entrando em ebulição, desatando todas as minhas amarras na boca perfeita daquele homem... louco.

16º Capítulo

Arrependimento

– Caleb! – gritei, sentindo minha barriga contorcer involuntariamente.

Aos poucos fui voltando ao normal, deixando uma sensação de saciedade aliviar os instintos. Permaneci resfolegante enquanto observava Caleb se afastando devagar, lambendo os próprios lábios.

Céus... O que eu tinha feito?

Bastou que tudo acabasse para que minhas reflexões ressurgissem. Todas elas, uma a uma, foram voltando e me acusando de todas as formas. Elas me chamavam de todos os nomes feios reservados para mulheres promíscuas e infiéis.

Não devia ter feito aquilo. Não devia ter me deixado levar. Não *mesmo*.

Levantei-me depressa, procurando pelo meu biquíni. Achei a parte de cima e a vesti rapidamente. A parte de baixo estava jogada de qualquer jeito em cima da mesa de massagem. Ia pegá-la quando senti as mãos de Caleb alisando o meu cabelo. Ele me puxou pelas mãos, levando-me para si. Seus braços envolveram a minha cintura.

– Me solta... Por favor, me solta. Falo sério.

– Senhorita Amande... Olhe pra mim – pediu aos sussurros.

Levantei a cabeça e o encarei de perto. Entreabri a boca. Estava começando a ficar cansada de me admirar com a beleza dele.

– Você fez o que quis e o que sentiu – Caleb falou, muito sério. – Pela primeira vez.

– Não importa o que eu quis se o que fiz foi errado – retruquei. – Solte-me, quero me vestir e ir embora.

Caleb atendeu ao meu pedido.

– Para onde vai? – indagou.

– Tomar um banho. Estou lambuzada. Por favor, você está dispensado, não quero mais vê-lo – falei, terminando de me vestir. Peguei uma toalha que estava dobrada em cima de uma pequena prateleira e me enrolei.

– Tem certeza? – Caleb perguntou. Não ousei olhá-lo.

Suspirei profundamente. Senti que estava sendo muito rude com ele. Eu não podia tratar tão mal alguém que tinha acabado de... Você sabe.

– Não, não tenho certeza. Só preciso pensar um pouco, está bem?

– Tudo bem. Só não pense muito.

Saí da sala de massagem sem olhar para trás. Atravessei a lateral da casa e voltei para a área externa. O pessoal não estava mais jogando pôquer. Não havia sinal das minhas amigas nem de seus acompanhantes. Verifiquei a sala e a cozinha; estavam vazias. Procurei pelas meninas em seus quartos, mas não as encontrei. Cheguei à conclusão de que tinham ido a um passeio na praia.

Entrei no meu quarto e tomei outro banho de cabeça. Chorei por alguns minutos debaixo do chuveiro, mas me forcei a não prolongar aquela atitude deprimente. Não ia adiantar lamentar pelo que já tinha passado.

Vesti um short jeans e uma batinha azul caída nos ombros. Sequei os cabelos e me joguei na cama. Achei que ia chorar, mas, incrivelmente, até os meus pensamentos haviam se modificado. Não me sentia mal, muito pelo contrário... Meu corpo estava agradecido, relaxado... Saciado. A massagem de Caleb tinha surtido algum efeito, afinal.

Acabei adormecendo naturalmente. Fui acordada por Paloma, que me sacudiu um pouco.

– Amande? Acorde, vamos jantar!

– Jantar? Que horas são?

– Sete e meia – ela respondeu, sentando-se na lateral da minha cama.

– Que susto, pensei que estava mais tarde. – Acabei sentando também.

Estava me sentindo ótima, renovada.

– E então, amiga... Você sumiu – disse Paloma, encarando-me com curiosidade.

– Ah, eu... estava na sala de massagem... O Caleb fez uma muito boa em mim. – Sorri de um jeito tímido, mas bem convincente.

– Rolou alguma coisa? – perguntou, fazendo uma careta.

– Não! Claro que não! – menti. – Está louca, Paloma?

Ela riu.

– Relaxa! É que as coisas andam meio estranhas. Esses meninos, eles são perfeitos demais. Está sendo muito louco, mas... bem diferente. Estou gostando. E você?

– Também. – Não sabia se estava falando a verdade. – Já... rolou algo entre você e o Marcelo?

– Não, amiga! Deus me livre! Estou só aproveitando, mas sem me envolver, entende? Não sou muito dessas coisas. Você sabe disso.

Aquiesci, balançando a cabeça. Senti-me ainda mais culpada por tudo. Não devia ser novidade o fato de Paloma, uma garota consciente e em quem confio muito, estar resistindo a toda aquela tentação. Porém, já que tinha feito algo muito imprudente, meu desejo secreto era que outra pessoa tão sensata quanto eu tivesse sucumbido. Mas pelo visto eu era a única.

– Sabe dizer se alguma das meninas já... Enfim.

– Que eu saiba, a Jéssica e a Fabiana. Não me surpreende. – Ela riu, animada.

Tentei rir junto, mas só fiz uma careta.

– Vamos, as garotas estão com fome.

– Só vou colocar uma roupa melhor, desço já – avisei.

Paloma piscou um olho e saiu do meu quarto.

Soltei um longo suspiro.

17º Capítulo

O desafio do karaokê

Decidi usar um vestido amarelo, que deixava as minhas costas à mostra. Ele era bem bonito. Sentia-me atraente toda vez que o usava. Não sei por que, mas desejei me sentir mais mulher. Mais madura. Talvez algo dentro de mim tivesse mudado depois que... Depois do ocorrido na sala de massagem.

Realcei os acessórios e calcei sandálias douradas de salto alto. Estava muito arrumada, mas tinha reparado que Paloma estava bem vestida, usando uma saia preta apertada e uma blusinha azul-marinho. Resolvi deixar meus cabelos soltos. Nada de rabos de cavalo.

Fui para a área externa; as meninas já me esperavam ao redor da mesa. Sentei no meu lugar e sorri timidamente.

– E então, amiga, está se sentindo bem? – perguntou Fabiana.

– Estou ótima! – Ri de um modo meio falso. – E faminta também. O que será o jantar? – Tentava ao máximo fingir que nada demais tinha acontecido. Sabia que Caleb estava por perto, por isso mantive o controle e o charme.

– Não faço ideia! – respondeu Cláudia. – Esses garotos sempre nos surpreendem. Olhem lá, o meu anjinho! Lindo, não é? – Apontou para o Henrique, seu acompanhante. Ele estava conversando com o Marcelo atrás do minibar, que tornou a ser montado. Ambos eram realmente muito lindos.

– Nem me falem, o João é magnífico! – Jéssica piscou os olhos pelo menos umas mil vezes.

– O Edu também, gente, um arraso! – Fabiana comentou. – Vai Paloma, conta aí, como é o Marcelo?

– Muito fofo – ela respondeu.

– Hummm, muito fofo, hein, amiga? – Jéssica ironizou, apertando as

próprias bochechas.

Cláudia gargalhou instintivamente. Todas riram, menos a Paloma.

– Fofo é a última palavra que eu diria sobre o Fernando – Lara comentou, meio envergonhada. – Ele é... selvagem.

Rimos novamente. Então, Lara e Fernando já...? Não tive certeza.

– Conta aí, Amande, e o senhor misterioso dos olhos incríveis? – Jéssica perguntou, certamente se referindo ao Caleb.

– Ah... O... O Caleb... Ele é... – gaguejei, sentindo-me meio tonta. Havia cinco pares de olhos curiosos me observando atentamente. – É incrível, como os olhos dele.

As meninas sorriram, mas depois se calaram de um jeito esquisito. Logo em seguida, gargalharam com ainda mais força. Olharam para além da nossa mesa, e foi então que eu soube: Caleb estava bem atrás de mim. Quando dei uma espiada, percebi que ele estava ao lado do Edu em uma distância segura, mas que certamente conseguia ouvir tudo o que dizíamos.

Ambos estavam vestidos elegantemente, usavam ternos escuros com gravata cor-de-rosa. Edu segurava uma bandeja e olhava para Caleb, enquanto este fitava um ponto no horizonte, com o rosto meio avermelhado. Isso mesmo, ele tinha corado de vergonha com o que eu acabara de dizer.

Minha primeira reação foi ficar tão vermelha quanto ele. No entanto, para minha sorte, Marlos apareceu e me salvou do instante altamente constrangedor.

– Meninas, espero que estejam se divertindo! – falou, com seu belo sorriso de sempre.

– Estamos! – Fabiana, Lara e Jéssica gritaram juntas.

– Com certeza! – Paloma berrou de um jeito extrovertido.

– Nosso jantar será bem especial – continuou Marlos, parecendo muito satisfeito com a nossa alegria. – Optamos pelo melhor da comida japonesa; os melhores e mais saborosos pratos da culinária oriental serão servidos. Seus acompanhantes as servirão, como no almoço. Tenham um bom apetite!

Gritamos um “uhul” em uníssono, pois sempre gostamos bastante de comida japonesa. Às vezes nossos encontros de quinta-feira eram regados a muito sushi e saquê.

Caleb se aproximou de mim – deu para sentir o seu cheiro delicioso antes que, de fato, pudesse vê-lo. Não que eu tenha levantado a minha cabeça, permaneci o observando apenas pelo canto de olho. Ele colocou um prato na minha frente, composto de variados tipos de sushis e umas coisas estranhas que não conhecia. Como sempre, não perguntei o que eram. Agradeci timidamente e mandei brasa. Peguei meu *hashi* e fui regando um potinho quadrado com molho *shoyu*.

– A senhorita gostaria de saquê? – Caleb sussurrou próximo demais. Sério, sua boca praticamente se encostou ao meu ouvido. O lado direito do meu corpo se arrepiou. Uma coisa estranha aconteceu na minha calcinha. Incrível como apenas uma singela pergunta teve um poder tão grande sobre mim.

– Por favor – respondi, virando o meu rosto. Nossos olhos se encontraram. Céus... Como ele estava lindo... E como cheirava bem! Instantaneamente, mirei a sua boca desenhada. Foi difícil acreditar onde ela esteve naquela tarde.

– Seu desejo é uma ordem – murmurou e saiu.

Resfoleguei, tentando me recuperar. Voltei a comer com muito custo. As meninas ingressam num bate-papo prolongado sobre as tradições japonesas. Paloma, que era neta de japoneses, começou a narrar várias histórias de sua família. Marcelo acabou ingressando na conversa, falando um pouco de seu pai, que também havia nascido no Japão. Eu pouco prestava atenção no que diziam, só mexia a cabeça e ria quando todos riam.

O jantar acabou, e fomos convidadas a curtir um karaokê, que havia sido instalado na sala. A animação foi geral. Logo, Fabiana teve a ideia de fazer uma competição; quem tirasse a maior nota na máquina tinha o direito de fazer a garota que ficasse em último lugar na rodada pagar uma prenda. E assim foi feito. Todas nós tivemos que cantar.

Jéssica foi logo a primeira. Ela cantou uma música de axé qualquer – algo que falava sobre colocar um canudinho na boca –, que foi dançada animadamente por Lara e Cláudia. Fiquei um tempão escolhendo uma música e

acabei me decidindo pela “Como eu quero” da banda Kid Abelha.

Enquanto as meninas cantavam, alguns rapazes nos traziam bebidas muito saborosas e coloridas. Outros apenas dançavam as músicas conosco. Todos os *drinks* servidos continham álcool, por isso, quando chegou a minha vez, já estava alegre o suficiente para cantar sem medo.

“Diz pra eu ficar muda, faz cara de mistério

Tira essa bermuda que eu quero você sério

Tramas do sucesso, mundo particular

Solos de guitarra não vão me conquistar...

Uh, eu quero você, como eu quero...”

As meninas cantaram o refrão junto comigo, o que ajudou bastante. Jéssica contracenava danças sensuais com o João, enquanto Fabi e Edu criavam uma coreografia meio pornográfica. Eu não olhava para a tela do karaokê, pois sabia a letra da música.

“O que você precisa é de um retoque total

Vou transformar o seu rascunho em arte final

Agora não tem jeito, cê tá numa cilada

Cada um por si, você por mim, e mais nada...

Uh, eu quero você, como eu quero...”

Caleb estava encostado perto da porta de vidro, observando-me com muita concentração. Encarei-o demoradamente e ergui uma das mãos, chamando-o para mim. Ele se aproximou, então envolvi meus braços no seu pescoço. Continuei cantando:

“Longe do meu domínio, cê vai de mal a pior

Vem que eu te ensino como ser bem melhor

Uh, eu quero você, como eu quero...”

Não sei se você sabe, mas esse refrão é repetido umas trezentas mil vezes durante a música. Cantei cada um deles, sendo embalada pelos braços de Caleb,

que me apertavam a cintura e faziam com que me movesse no ritmo certo.

Minha nota não foi tão ruim. Cláudia havia tirado noventa e cinco por cento, portanto ficou em primeiro lugar. Eu estava com setenta e dois. Para o meu triste azar, as meninas tinham tirado mais do que aquilo. Lara chegou a se aproximar de mim, havia ficado com setenta e três.

– Vai ter que pagar a prenda! – disse Cláudia, que àquela altura já estava visivelmente bêbada. – Uhul, vai fazer o que eu mandar!

– Já sei, tive uma ideia! – Jéssica berrou e se aproximou de Cláudia, falando alguma coisa ao seu ouvido.

– Vejam lá o que estão aprontando, hein! – comentei, dando um bom gole na minha bebida.

Elas cochicharam durante muito tempo, formulando ideias loucas. Duas bêbadas decidindo o meu futuro. Adoro... Para não dizer o contrário.

– Que doideira, Jess! Você pensou em tudo isso agora? – Cláudia gritou, abraçando nossa amiga loira. – Boa ideia, mas é meio forte, hein?

– Conta, conta, conta! – Paloma se animou.

– Ai, meu Deus... – murmurei.

– Vai ser assim, amiga... – começou Cláudia, meio trôpega. É, ela realmente exagerou na bebida. Deve ser por isso que tirou noventa e cinco no karaokê. – Vamos vendar os seus olhos com um pano... Você não vai ver nada... Nadinha!

– Uhul! – gritou Jéssica, sendo acompanhada pela Fabiana.

– Então... Nós vamos pedir aos meninos que te deem um beijo bem rápido... Um... Como é o nome Jess? – Cláudia tinha dificuldade até para falar. Seria engraçado se não fosse sua ideia maluca de me fazer beijar os garotos.

– Um selinho!

Céus...

– Sim! Isso mesmo! Você vai ter que descobrir qual foi o beijo do Caleb! – continuou Cláudia. – E o quê mais, Jess? Eu esqueci! – Gargalhou como uma

hiena. Até eu ri.

– Se você não descobrir, terá que pular na piscina do jeito que está – explicou Jéssica, piscando os olhos. – Mas, se acertar, todas nós pularemos na piscina com roupa e tudo!

Todo mundo gritou, até os meninos.

Tirando o fato de que eu ia ter que dar um selinho em todos os caras, fiquei extremamente incitada a aceitar o desafio. Estava confiante também, pois sabia o cheiro do Caleb e iria descobrir com muita facilidade. Elas não sabiam nem imaginavam, mas eu podia identificá-lo muito bem.

– Feito! Eu topo! – berrei.

Os gritos se intensificaram. A algazarra foi geral. Olhei para o Caleb, ele contracenava a caretinha linda novamente.

Safado!

18º Capítulo

Número cinco

As meninas me colocaram de pé no centro da sala. Minhas mãos tinham que ficar para trás, pois uma das regras do desafio era que eu não podia encostar nada nos garotos além da boca. João apareceu com um tampão daqueles de dormir e o colocou no meu rosto, conferindo nos mínimos detalhes se eu estava conseguindo ver alguma coisa.

– Confere direito, hein? Não pode roubar, Amande! – ouvi a voz da Jéssica gritando.

Na verdade, estava uma gritaria medonha. Todo mundo parecia falar de uma só vez.

– Acabamos de aumentar o desafio! – bradou Marcelo. Pelo menos achei que fosse a voz dele. – Se Amande acertar, todos nós cairemos na piscina, menos ela e o Caleb! Se errar, os dois cairão!

Ouvi mais gritos. Até eu gritei de empolgação. O tempo lá fora estava frio, a água da piscina devia estar gelada. Ia ser o máximo assisti-los de camarote. Estava muito confiante na minha vitória. E excitada também, pois ia provar – nem que fosse o mínimo – dos lábios do Caleb. Tentei não me concentrar na babaquice daquela brincadeira. Busquei encará-la como tal.

– Vamos começar! Façam uma fila aqui, garotos. – Jéssica dava os direcionamentos. –Fiquem desordenados! Não, fica aqui, Caleb!

– Você vai perder, Amande! Não tem a menor chance! – Lara berrou.

– É isso aí, vai perder feio! – Fabiana gritou.

– Espero que o seu sapato não seja caro, amiga! – agora foi Paloma.

Eu apenas sorria de leve, sentindo meu coração bater cada vez mais acelerado. Se não pensava em viver fortes emoções na minha despedida de

solteira, bom, agora esse mero pensamento parecia bem ridículo.

– Vamos começar! – Jéssica gritou. – Amande, preste atenção! Você vai beijar o cara número um agora. No final, é só dizer o número. Combinado?

– Combinado! Estou pronta.

– Tem um último pedido? – perguntou Fabiana.

– Não... Nenhum. Estou numa boa – falei.

– Vai lá! Este é o número um! – berrou Jéssica, e as meninas gritaram muito alto.

Senti uma coisa leve nos meus lábios. Foi rápido, mas deu para perceber que não havia sido o Caleb. Até porque, sinceramente, duvidava muito de que ele iria me beijar tão depressa.

– Agora vai o número dois! – ouvi alguém berrar. A gritaria era tanta que foi difícil manter a concentração.

O cara número dois demorou um pouco mais. Senti um cheiro cítrico diferente e, pelo contorno dos lábios, percebi que eram grossos. Eles envolviam quase toda a minha boca. Tive quase certeza de que tinha sido o João. Mais gritos.

– Muito bem, agora este é o número três! – Jéssica prosseguiu.

Fiquei esperando um pouco, mantendo a posição. Minhas mãos para trás começavam a suar, estava aguardando impacientemente pela vez do Caleb. Um misto de angústia, uma antecipação dolorosa me queimava o estômago.

De repente, senti outros lábios nos meus. Eles estavam quentes e doces, mas o cheiro que senti não veio do Caleb. Era um perfume diferente, que foi embora muito rápido. As meninas gritaram mais uma vez, empolgadíssimas. Comecei a rir um pouco, aquilo começava a ficar hilário. Inexplicavelmente, eu estava me divertindo.

– Número quatro! – berraram.

Meu coração deu um sobressalto. Céus... Aquilo parecia não ter fim. É por isso que não gosto de surpresas e adivinhações. Tem coisa mais constrangedora?

Os lábios que senti eram pequenos e finos. Foi um selinho molhado e estalado, meio diferente. Certamente não era o Caleb. Não senti cheiro algum vindo do quarto rapaz.

– Agora, o quinto!

Seu perfume chegou primeiro. Sim, era ele. Caleb ia me beijar, era questão de milésimos de segundos. Com o coração prestes a sofrer um enfarto, entreabri meus lábios e esperei que viesse. Sua boca estava quente e úmida, fazendo-me derreter instantaneamente. Foi um momento muito esperado, mas que, infelizmente, passou num piscar de olhos. Contudo, quando os lábios dele fizeram menção de se afastar, pude sentir os pelinhos de sua barba por fazer roçando no meu queixo. Arrepiei-me por inteira.

Ouvi mais gritos.

– Agora o último, Amande! – disse Jéssica. – O sexto! Pode ir.

O último beijo passou completamente despercebido. Juro, nada senti. Ainda estava absorta por causa dos lábios do Caleb. A sensação de prazer que haviam me causado era palpável, e eu resfoleguei assim que me vi livre do sexto rapaz.

Soltei um longo suspiro e esperei que tirassem a minha venda com cuidado.

Todo mundo estava olhando para mim. Os gritos haviam cessado, pois aquela era a hora da verdade. Pisquei os olhos inúmeras vezes, voltando a me acostumar com a claridade. Arrumei meus cabelos, que tinham bagunçado quando a Jéssica retirou o tampão.

– E então, amiga, pode falar! – disse Fabiana.

– É, sem enrolar, você tem cinco segundos! – gritou Cláudia. – Cinco! Quatro! Três... – Do nada, todo mundo começou a fazer uma contagem regressiva.

– Número cinco! – falei alto, mirando Caleb. Ele estava fazendo a caretinha safada, mas, assim que acertei, mudou a expressão para um sorriso aberto com dentes brancos à mostra. Coisa linda de se ver.

Todo mundo gritou coisas ininteligíveis. Só reparei na Paloma, que,

parecendo sofrer muito, sentou-se com tudo no sofá. Os rapazes começaram a rir, enquanto assanhavam o cabelo de Caleb e davam-lhe tapinhas nas costas.

Foi então que ele começou a gargalhar. Sério, Caleb riu de verdade, abertamente. O som que produziu quase fez meu cérebro parar de funcionar.

– Não vale! Ela roubou! – gritou Fabiana, apontando um dedo para mim.

– Meu sapato é de camurça! – Paloma praguejou, colocando as mãos na cabeça. Finalmente entendi porque tinha ficado tão esquisita; ela ia perder os sapatos, que deviam ter lhe custado o olho da cara.

– Eu não roubei nada! – defendi-me. – Só adivinhei!

– Logo vi que Amande estava confiante demais! – Paloma reclamou.

Lara foi a única que pareceu raciocinar um pouco sobre aquilo. Olhava-me de um jeito esquisito, erguendo uma das sobrancelhas como se tentasse me desvendar. Pisquei os olhos, como mecanismo de defesa. Tinha que fingir que aquilo havia sido completamente normal para mim. Lara me conhece bem, saberia se alguma coisa estivesse errada. O problema era que eu estava fazendo uma coisa que nunca tinha feito antes – e que provavelmente ela não conseguiria identificar, afinal, sempre fui um poço de sensatez.

– Como você adivinhou? – Cláudia fixou os olhos na minha direção.

– Eu só adivinhei, galera, conheço o perfume do Caleb – justifiquei, sentindo meu rosto corar por ele estar ouvindo aquilo. – Só senti o perfume dele e pronto. Nada demais!

As meninas pareceram ter se convencido. Os meninos ainda gargalhavam, super animados.

– Então, vamos correr para piscina! – Jéssica gritou como se aquilo na verdade não fosse um castigo.

Todo mundo correu feito um bando de loucos, menos Paloma – que tinha saído do sofá só porque Marcelo a pegou pelos braços –, Caleb e eu. Decidi não encará-lo de novo. Saí pela porta de vidro, escutando o barulho característico do primeiro mergulho. Jéssica emergiu e começou a gritar como uma doida.

– Está fria pra cacete!

Todos foram mergulhando e rindo, menos a Paloma, que ainda estava inconformada. Ela tentou retirar os sapatos, mas as meninas não deixaram. Sendo assim, mergulhou com tudo, gritando um “foda-se” antes de pular. Comecei a gargalhar sem pausas. A cena na minha frente estava muito engraçada; os rapazes tinham os ternos ensopados, e as meninas reclamavam de frio o tempo todo. Não demoraram muito a começar uma guerra de água gelada para todos os lados.

Sentei-me em um sofá que estava a uma distância segura da piscina. Fiquei só assistindo e gargalhando.

– Você foi ótima. – Caleb se aproximou, sentando-se ao meu lado. Nossas pernas se encostaram. – Pensei que não acertaria.

– Se eu não soubesse que iria acertar, teria desistido do desafio – falei sem olhá-lo.

– Ainda bem que sou um homem perfumado, não estava a fim de molhar o terno. – Ele riu de leve.

Meu braço direito arrepiou, por isso resolvi me afastar um pouco. Não queria que nada dele se encostasse a mim. Não era seguro.

– Pois é. Duvido que acertaria se fosse o contrário – instiguei. Aquele pensamento fez meu coração espremer até quase sair suco. Não estava entendendo nada daquelas reações. Nunca me senti tão estranha na minha vida inteira.

– O quê? Se eu estivesse com a venda e beijasse suas amigas?

– Exatamente.

– Acertaria do mesmo modo – Caleb sussurrou depois de um tempo.

– Ah, é? – perguntei.

– Sim.

Refleti um pouco mais sobre o que ele disse. Era muito fácil falar e me seduzir com as palavras. Caleb sabia fazer aquilo muito bem, mas não seria otária para cair. O objetivo dele era fazer eu me sentir importante, acima de qualquer mulher. Fazia parte de seu trabalho e do jogo de sedução que era

acostumado a jogar.

De repente, senti-me muito cansada. Exausta de verdade e... um pouco triste. Uma sensação horrível de melancolia invadiu o meu peito, deixando-me sem fôlego. Não sei dizer quando começou ou como aconteceu. Só sei que, do nada, senti toda aquela tristeza se transformar em lágrimas. Caleb notou assim que a primeira escorreu pela minha face.

– Você está chorando? Por quê? – perguntou, erguendo a sua mão e alisando o meu rosto. Eu me afastei de imediato.

– Senhorita Amande, o que...

– Pare! – interrompi entre lágrimas. – Apenas pare, Caleb! Isso não tem graça!

Encarei-o. Ele estava com uma expressão estranha. Parecia confuso.

– Mas, o que eu...

– Essas mentiras, esse mundo de ilusão que criaram! – falei um pouco alto. – É tudo uma falsidade! Pode ser divertido às vezes, e cheguei a achar que realmente fosse. Oh, sim, seria perfeito se fosse verdade. Mas não é!

Caleb se aproximou um pouco, muito sério. Parecia realmente assustado com a minha reação inusitada. Enxuguei as lágrimas e respirei fundo. Olhei para a piscina; as meninas ainda se divertiam, não prestavam atenção em nós.

– Olhe pra mim, Amande – pediu com uma seriedade incrível na voz. Havia sido a primeira vez que não tinha se referido a mim como senhorita. Fiquei tão impressionada que o fitei imediatamente.

Caleb segurou o meu queixo com suas mãos macias. Seus dedos brincaram com meus lábios por alguns segundos e, como sempre acontecia quando nossos olhos se enlaçavam, já não era dona dos meus próprios pensamentos.

– Não estava mentindo – murmurou. – Juro. Estou falando o que quero e o que sinto. Sem pensar. Acredite, não menti.

Fiz de tudo para me controlar. Queria chorar, mas engoli o nó que havia se formado na minha garganta. Como ele podia ser tão convincente? E por que sua opinião era tão importante para mim? Tudo estava tão errado! Alguma coisa

esquisita estava acontecendo, deixando-me perdida e bastante solitária.

Caleb se aproximou ainda mais, de modo que nossos rostos ficaram muito próximos. Cheguei a fechar os olhos e a sentir sua respiração, mas não pude prosseguir. Não daquela forma, não na frente das minhas amigas, que sabiam que existiria um noivo apaixonado esperando por mim no altar dali a uma semana.

João Pedro não merecia metade do que estava acontecendo naquele lugar.

19º Capítulo

Confissões

Reabri os meus olhos, fitando de perto os dois oceanos de Caleb.

– Eu sou uma infeliz – murmurei no impulso. Não sei o que deu em mim, mas cheguei àquela conclusão e acabei pensando alto demais.

– Por quê? – ele sussurrou.

Afastei-me rapidamente, a fim de manter uma distância segura. Refleti um pouco, tentando fazer a minha respiração voltar ao normal.

– Eu... Eu nunca tinha feito o que fizemos hoje à tarde – admiti, corando. – Nunca permiti.

Caleb ergueu uma sobrancelha.

– Seu noivo... nunca... nunca te... – Ele estava incrédulo.

– Não. – Balancei a cabeça. – Jamais. A culpa foi minha... Nunca me senti à vontade o bastante, entende? Mas hoje, eu... Quando você estava lá... Não pensei que fosse assim.

– Bom, foi uma experiência, Amande. – Sorriu, chamando-me apenas de Amande pela segunda vez. - Agora você sabe que gosta, e seu noivo poderá te agradar melhor. Uma algema sua foi solta.

Suspirei.

– Sim... Talvez.

– Está triste por causa disso? Não deveria. É assim que funciona, agora você é livre para deixar seu noivo explorar melhor o seu corpo.

– É mais complicado, Caleb – murmurei.

– Conte-me, o que é tão complicado? Estou aqui para ajudá-la.

– Eu... Eu... Nunca... – comecei, mas sinceramente não soube como ia dizer aquilo. Tive muita vergonha. Desviei meus olhos, pois não pude continuar o encarando. – Jamais senti o que senti hoje, Caleb. A verdade é que... eu nunca tinha... Nunca tinha experimentado um orgasmo na frente de alguém – confessei.

– O quê? – Caleb pareceu realmente admirado. Seus olhos se abriram bastante e ficaram iguais a duas bolas de gude.

– Nunca gostei de nada relacionado a sexo. Tenho algumas vontades, mas, quando chega a hora... Não consigo me concentrar... Não relaxo, fico pensando sem parar... Acho que não nasci para isso – completei, sentindo alguma coisa corroendo o meu estômago. Era algo surreal, parecia que aquelas palavras não me pertenciam, porém era tudo o que tinha de mais verdadeiro. E o que, de fato, fazia com que eu tivesse tanto medo de me casar. Uma verdade que não queria admitir nem a mim mesma.

– Amande, isso é mais comum do que você imagina, mas... Seu... Seu noivo sabe disso? – ele perguntou, ainda impressionado.

Balancei a cabeça.

– Finjo orgasmo todas as vezes que transamos – falei. – Caleb, eu não tenho excitação com o João Pedro. Nunca o desejei como desejo vo... – Parei. Aquilo sim seria demais, caso fosse confessado. Ultrapassaria todos os meus limites.

– Como o quê? – perguntou interessado.

– Nada. É só isso o que tenho a dizer, mas quero mudar de assunto. – Suspirei profundamente, tomando coragem para encará-lo. – Vamos falar sobre você.

– Sobre mim? – Caleb ainda não tinha tirado a expressão impressionada de sua face.

– Sim, por favor. Já me abri demais para você, de todas as formas, literais ou não. – Corei. – Quero saber alguma coisa sobre a sua vida.

– Meu nome é Caleb, tenho trinta e um anos. Pronto. – Ele riu um pouco, mas sem graça.

– Não é o bastante. Diga-me, trabalha com isso desde quando?

– Não sei, faz muito tempo.

Virei-me um pouco de lado, queria vê-lo de frente.

– Como começou? Quando? Estou curiosa.

Caleb desviou os olhos, coisa muito rara. Mirou em algum ponto além do sofá.

– Sempre trabalhei como modelo, desde os meus dezessete anos. Trabalhava muito, o dia todo, arduamente, e fazia dietas malucas. Era uma vida difícil, e eu ganhava pouco. Certo dia, descobri que podia ganhar muito mais de um jeito mais fácil.

Aquiesci, interessada de verdade, apesar de ser triste ver um rapaz tão lindo entrando nesse tipo de coisa. Chegava a ser desumano. Caleb devia ser tratado como um objeto constantemente.

– Como descobriu? Pode me dizer?

– A dona da agência. Ela estava... meio carente. Ofereceu muito dinheiro em troca de... favores sexuais. Eu aceitei. Amande, ela me pagou o valor que ganharia em seis meses de trabalho.

– Não tente se justificar, Caleb. Para mim, nada te justifica. Só quero mesmo saber.

– Por que quer saber tanto? – Ele pareceu um pouco chateado. – Sou o que sou. Não preciso de sermões; sou homem e faço a minha vida do jeito que quero.

– Esse é o seu maior desejo? – perguntei, devolvendo a pergunta que já tinha me feito antes.

Caleb me encarou fixamente. Meu coração deu um sobressalto.

– Não – admitiu.

– Eu sabia! – quase gritei, sorridente. – Sabia! SA-BI-A!

– Como você mesma disse, nem sempre fazemos o que queremos. Eu não desejo isso, mas foi a melhor saída. Não faria de novo, mas não me arrependo. É simples.

– Por que foi sua melhor saída? Podia fazer uma faculdade e ir trabalhar

como uma pessoa normal – soltei. – Desculpe-me, você é normal, não quis dizer isso...

– Não disse que não tive escolhas, disse que foi a melhor saída. – Ele foi taxativo.

– Não acha que essa saída é feita para pessoas que têm preguiça de correr atrás do que querem? Uma vida fácil, confortável e cheia de riquezas... Isso não é nada se tiver que abdicar do caráter e do valor moral. Nossos valores são as únicas coisas que temos de verdade.

– Não abdiquei de valor moral algum, além daquele que a sua sociedade tem a hipocrisia de dizer que deve ser mantido. Liberdade sexual não significa desvio de caráter. Só porque transo por dinheiro não quer dizer que eu seja uma pessoa ruim. Sou um cidadão, tenho os mesmos direitos e deveres que você – falou com uma eloquência impressionante. Parecia estar irritado, mas tentava manter a voz firme. – Além do mais, Amande, você não faz ideia do quanto é difícil fazer o que faço. Não chame a minha vida de "fácil, confortável e cheia de riquezas", isso é ignorância da sua parte.

– Tudo bem, Caleb, não quero discutir contigo – proferi. – Cada um faz o que quer, eu te respeito muito. É sério.

– Obrigado – murmurou, voltando a me encarar. Sua expressão estava mais tranquila. Permanecemos em silêncio durante algum tempo, quando ele resolveu falar: – Amande, fiquei preocupado com você.

– Comigo? – Franzi o cenho.

– Sim. Tudo isso que me falou... sobre o seu noivo. Eu... Estou preocupado com o seu casamento.

Suspirei mais uma vez.

– Não quero falar nisso. Conte-me, Caleb, você disse que seu maior desejo não é viver assim. Então, qual é o seu maior desejo? – mudei de assunto rapidamente. Quanto menos raciocinasse sobre João Pedro e o casamento iminente, melhor.

Ele fez a caretinha. Senhor... Dai-me forças. Amém.

– Gosto muito de fotografia. Já fiz vários cursos e estou montando um

estúdio.

– Pretende largar essa... vida? – perguntei.

– Pretendo, Amande. Beleza não dura para sempre. Os anos vão passando e não tenho mais a mesma paciência que tinha.

– Não parece. Foi tão paciente comigo.

– Não falei de você, prometo. Você não me irritou em momento algum, exceto, talvez, quando disse que sou um mau caráter. Mas não te julgo, é sério.

– Me desculpa – falei. De repente, senti uma vontade louca de abraçá-lo. Achando que não seria nada demais, acabei fazendo. Puxei-o para mim e coloquei meus braços ao redor de seu pescoço. Caleb envolveu a minha cintura.

Permanecemos assim por algum tempo, mas não tanto. Achei melhor me afastar.

– Me conta mais... Você tem namorada ou já teve? – perguntei. Estava realmente curiosa.

Caleb fez uma careta.

– Não tenho namorada desde os vinte e dois anos. Não daria certo. A escolha que fiz para mim exige muita solidão. Não acho ruim, gosto de ficar sozinho. Uma vez tentei ter uma namorada, mas ela... Ah, esquece.

– Não, vai... Conta! – Ri um pouquinho. Meu interesse pela história dele só fazia aumentar.

– Bom, ela descobriu sobre o meu verdadeiro “emprego” e colocou fogo no estúdio que eu estava montando antes. – Sorriu. – Ainda bem que eu não estava lá. Isso foi pior para ela, pois pretendia parar assim que ele estivesse pronto.

Abri bem a boca. Quase não acreditei no que me falou. Que coisa horrível!

– Faz quanto tempo isso? – perguntei, indignada.

– Uns quatro anos. Fiquei desanimado demais para construir outro estúdio e acabei torrando todo o dinheiro que tinha guardado. Passei algum tempo sem economizar, mas voltei neste ano. Está na hora de recomeçar. – Caleb não

parecia abalado com aquilo, mas eu estava chocada. Ele já podia ter parado se não fosse a ex-namorada idiota. Como alguém podia fazer algo assim? Destruir um sonho daquele jeito?

– Ela foi presa por causa disso?

– Não. Não abri processo algum contra ela. Fingi que havia sido um incêndio natural.

– Por que fez isso? – questionei, franzindo o cenho.

– Não sei. Acho que me senti merecedor. – Suspirou.

– E falta muito? – Levei uma mão à boca. Estava arrasada. – Digo, para concluir seu novo estúdio?

– Nem tanto. Ando trabalhando demais nos últimos meses. Basicamente, só falta o espaço para colocar as minhas coisas. É difícil arranjar um lugar bacana no Centro, e não queria alugar.

– Tem razão, eu me virei em duas para conseguir um lugar bom. Tenho uma loja de cosméticos no Centro – comentei, depois me lembrei. – Ei! Uma loja de calçados vai ser desocupada ao lado da minha! Eles vão vender, tenho quase certeza! Posso pegar o contato para você!

– Sério? Eu adoraria, seria... ótimo! – Ele ficou muito animado. Depois de um tempo, seu semblante mudou completamente.

– O que foi?

– Nada. Relaxa.

Sorri, meio sem jeito.

– Seu portfólio é bom? Queria vê-lo depois. Ah! Tive uma ideia! Por que não aparece lá no meu casamento e faz umas fotos? Eu já contratei um fotógrafo, mas queria ter umas fotos suas. Que tal?

– Não sei... A gente vê – respondeu, com a mesma expressão estranha.

– Você tem um cartão de visitas? – perguntei. Nem sabia o que estava falando. Ter Caleb no meu casamento seria, no mínimo, estranho. Apresentá-lo ao João Pedro seria constrangedor, e cortar o bolo sabendo que o rapaz que está

tirando foto me fez uma massagem erótica ia ser... tenso. Porém, como você pode ver, eu estava ficando doida.

Doidinha mesmo.

20º Capítulo

Surge uma fantasia

Caleb foi pegar seu cartão de visitas. Voltei a observar a animação do pessoal na piscina, mas, para minha surpresa, todos já haviam saído de lá. Paloma conversava com Marcelo em outro sofá, tendo uma toalha grande em volta de seu corpo. Cláudia estava diante do bar, ensopada, admirando os malabarismos que Henrique conseguia fazer tão bem quanto Marcelo.

– Ei, Paloma! – gritei. – Cadê as meninas?

– Já se recolheram! – ela gritou de volta.

Cláudia ouviu a conversa e, como ainda estava meio bêbada, falou alto:

– Já entendeu, né, amiga? Se “recolheram”! – E gargalhou como uma hiena. Não deu para evitar, acabei rindo também.

Quem não tem amigas loucas que atire a primeira pedra.

– Amande, acho que estou indo dormir agora também – Paloma disse. Vi Marcelo beijando suas mãos e se afastando. Certamente não iriam fazer o que as outras meninas estavam fazendo. Ela veio ao meu encontro, com os lábios tremendo de frio. Tadinha! – Vou levar a Cláudia, ela está bêbada. Vai acabar fazendo besteira.

– Sim, faça isso, por favor.

– Você vai ficar bem?

– Vou sim, já estou indo me deitar também – avisei. Realmente, estava me sentindo um pouco sonolenta.

– Certo. Até amanhã, Mandy! – Gostava muito quando a Paloma me chamava daquilo. Era raro, não sei qual era o seu critério, mas eu gostava.

– Até, Lomita!

Cláudia relutou um pouco, mas acabou indo embora com a Paloma. Os garotos começaram a recolher as coisas que estavam bagunçadas. Marcelo perguntou se eu queria mais alguma coisa, então pedi apenas um pouco de água. Ele veio com uma garrafinha dois minutos depois.

Caleb demorou um pouco, mas trouxe seu cartão de visitas. Antes de ele se aproximar, levantei-me do sofá.

– Estou indo dormir, Caleb – informei. – Ando meio cansada. O dia foi longo.

– Tudo bem. Posso acompanhá-la, senhorita?

“Oh, não... Senhorita de novo?”

Encarei-o fixamente. Por que aquela pergunta tinha que ser feita de uma maneira tão sexy? A voz dele não ajudava; seus olhos, sua boca, seu sorriso... Nada cooperava. Tudo estava contra mim.

– Não sei. – Balancei a cabeça. – Acho melhor não.

– Este é o seu maior desejo? – perguntou. Seus oceanos me queimavam como se fossem duas brasas. E que boba eu fui por achar que podia ser mais forte do que eles!

– Eu tenho um desejo – admiti, inspirando profundamente.

– Posso realizá-lo.

– Eu sei.

– Você disse a mim que não tinha desejos. – Ele franziu o cenho de um jeito elegante.

– Acho que a tal algema que me amarrava os prendia. – Suspirei. – Não vai haver nada, Caleb, acredite – disse a ele, mas na verdade queria dizer a mim mesma. – Só preciso de você e de leite condensado.

Ele logo curvou a boca para o lado esquerdo. Meu coração acelerou ainda mais, e minha cabeça rodou, querendo me forçar a acabar com a palhaçada. Quem disse que eu conseguia? Sabia que era só dizer adeus e subir as escadas sem dor na consciência. Mas então estaria sendo o que penso e deixando tudo o que sinto para trás.

– Leite condensado? – Caleb sussurrou, arrepiando a minha pele.

– Sim. Pode conseguir isso? – Minhas mãos já tremiam.

– Só se for agora.

21º Capítulo

Caleb pode escolher

Subi as escadas lentamente, sentindo-me um pouco tonta. Era difícil acreditar nas minhas próprias atitudes. Se eu dissesse que sabia o que estava fazendo estaria mentindo. Não fazia ideia.

Entrei no meu quarto e deixei a porta aberta. Praticamente arranquei as sandálias. Abri as cortinas da varanda, sentindo um cheirinho de maresia. Inspirei profundamente e decidi deixá-las abertas. Guardei o cartão de visitas de Caleb dentro de uma bolsinha.

Fui ao banheiro e me olhei no espelho. Parecia tranquila. Um e setenta de pura tranquilidade. Observei a mim mesma durante alguns minutos, tentando sentir algum tipo de repugnância, alguma voz que me chamasse de vadia e me mandasse parar de pensar em besteira. Mas o meu eu estava silencioso, inerte. Ele só aguardava. Esperava pelo que viria.

“Quem diria, Amande, que você sofreria um tratamento de choque tão grande e continuaria ilesa? Pior ainda, sentindo-se mais viva do que nunca?”, pensei com meus botões.

Saí do banheiro no exato momento em que Caleb fechava a porta do meu quarto. Quando ele se virou e nossos olhos se encontraram, não pude evitar um gemido fraco. Uma beleza daquele tamanho devia ser proibida. Era uma arma mortal. Talvez, se fosse tão bonita quanto Caleb, eu teria sucumbido igual a ele. Carregar essa responsabilidade na própria pele exige sacrifícios imensos.

Eu sei, tentava justificá-lo. Meu raciocínio procurava por brechas.

Mesmo sabendo que isso era impossível, mesmo consciente de que era loucura... Buscava uma boa justificativa que me fizesse não ter que admitir que ele estava fazendo aquilo porque era obrigado.

Caleb levantou um tubo branco e redondo com as mãos.

– Isto serve? – Entregou-o a mim.

Era calda de leite condensado. Daquelas que podem ser colocadas no sorvete.

– Serve – murmurei.

– Sou todo seu, senhorita Amande – ele disse baixinho. Foi quase um miado rouco, delicioso de ser ouvido. Meu couro cabeludo se arrepiou.

– Por favor, só Amande. A partir de agora, só Amande. Ok? – pedi.

– Como quiser.

Olhei para os lados, envergonhada.

– Tenho uma condição. Uma condição muito séria, Caleb.

– Aceito qualquer condição.

Soltei o ar dos meus pulmões. Eu precisava respirar, mas estava esquecendo. Os olhos dele me hipnotizavam de novo.

– Só vou fazer qualquer coisa contigo se me garantir que também quer – falei.

Caleb ergueu uma sobrancelha.

– Você precisa ser sincero consigo mesmo – continuei. – Assim como eu estou sendo. Unir o sentir e o agir, certo? Foi você quem me ensinou isso. Não vou obrigá-lo a nada. O que tiver de acontecer, será porque nós dois queremos de verdade.

– Amande... Estou sendo pago para isso – ele confessou, com uma expressão indecifrável.

– Certo – respondi, sentindo meu coração estilhaçar, ser reduzido a pó. Entreguei-o de volta a calda de leite condensado. – Pode ir embora. Obrigada por ser sincero. De verdade.

– Você não entendeu.

– O quê eu não entendi? – sussurrei aquela pergunta, mal conseguindo falar.

Caleb balançou a cabeça. Parecia desnorteado. Nunca o vi daquela forma.

– Desculpe-me, nunca aconteceu isso antes. Não sei o que dizer. – A voz dele veio carregada por alguma coisa que eu não entendia. – Estou trabalhando, meu dever é te satisfazer... Amande... De verdade, o que quiser fazer com esta calda, vou querer fazer também.

Meu corpo esquentou completamente.

– Preciso da verdade – supliquei.

– Falo sério. Prometo. Quero estar aqui, é o meu desejo.

– Comigo?

– Contigo – definiu.

22º Capítulo

Leite condensado com Caleb

Ficamos nos olhando por muito tempo. Não sei calcular. Talvez por um segundo, talvez por vinte horas. Não importava. Nada mais poderia ser calculado.

Sem saber o que fazer, peguei a calda das mãos do Caleb.

– Deite-se – falei.

Ele fez o que eu pedi sem pestanejar. Tirou os sapatos e as meias antes de se acomodar na cama. Sentei na beirada e o olhei um pouco mais. Como estava lindo naquela posição! Tive vontades sérias de beijá-lo, mas não pretendia ir além daquilo que estava pensando. O desejo que eu queria realizar chegava a ser puritano mediante as ideias que me surgiam na mente.

– Tire o seu terno... e a camisa.

– Gostaria de tirar para mim? – perguntou bem baixinho. *É um safado mesmo...*

Caleb se ergueu um pouco. Acabei me inclinando para retirar seu terno. Joguei-o longe. Depois folguei o nó da gravata e a tirei por cima de sua cabeça. No percurso, minhas mãos se encostaram ao seu cabelo, assanhando-os um pouco. A sensação foi boa, e eu resfoleguei.

Meus dedos tocaram o primeiro botão da camisa social dele. Caleb se levantou mais, ajoelhando-se na cama. Fiz o mesmo, e ficamos frente a frente. Ele não parava de me encarar. Céus... Meu estômago estava prestes a virar pó.

Tirei o primeiro botão. Parei. Suspirei alto.

Caleb ergueu sua mão esquerda, mostrando-me os botões que havia no punho. Aproveitei para tocar suas mãos de leve, percebendo o quanto eram macias e quentes. Desabotoei o lado esquerdo, depois o direito. Fui bem rápida

no processo, pois não queria perder tempo. Eu tinha pressa.

Finalmente segui para o segundo botão da camisa social. Tirei-o devagarzinho, sem deixar de encará-lo. Minhas mãos tremiam muito, era perceptível. Fui para o terceiro botão. Caleb soltou um suspiro que arrepiou até o cabelinho que fica no dedinho do meu pé, se é que existe algum.

Uma onda de torpor e insanidade invadiu os meus sentidos.

– Não tenho muita paciência – falei, e fiz força na camisa dele. O quarto e o quinto botão voaram para longe, deixando seu peitoral delicioso à mostra.

Caleb sorriu, e eu continuei puxando a camisa com força, até que todos os botões saíram. Estava fora de mim, parecendo uma selvagem maluca. Céus... Ver o corpo dele, bem na minha frente, tão perto, despertou em mim a mesma coisa que tinha despertado na sala de massagens. Quase pulei em cima do Caleb, mas me contive como pude.

Terminei de tirar a maldita camisa, correndo minhas mãos pelos seus ombros, descendo pelos braços. Sua pele era firme e quente, boa de pegar. Joguei sua vestimenta longe. Continuei o encarando.

Seus olhos ficaram diferentes. Não sei dizer o que mudou, só sei que não estavam iguais. Fui atraída por eles como se fossem um ímã muito poderoso; aproximei meu rosto do seu, mas desviei no último segundo. Beijei-lhe o pescoço, abaixo do queixo. Foi um beijo longo, prolongado. Simplesmente fiquei parada ali, sentindo o seu cheiro inebriante, compreendendo que iria me afogar a qualquer momento, e então não teria mais volta. Seria vítima eterna das profundezas do desejo que me amaldiçoava.

Caleb ergueu os braços e envolveu a minha cintura, fazendo nossos corpos se colarem. Não aguentava mais sentir tanto desejo. Ele queimava a minha pele, espalhava-se pelo meu corpo, deixando-me completamente sem razão.

Soltei um suspiro profundo e ergui as minhas mãos, tocando-lhe o peito mais uma vez. Fui descendo meus lábios devagar, fazendo uma trilha de beijos no seu peitoral.

Que delícia!

– Deite-se – sussurrei, afastando-me um pouco. Só um pouquinho.

Caleb fez o que pedi, contracenando a maldita careta.

Procurei pela calda de leite condensado, encontrando-a em cima da cama, bem ao nosso lado. Abri a tampa. Senti o cheiro. Perfeito, do jeito que eu queria. Ia ser difícil compreender a mistura que estava prestes a fazer. Leite condensado é uma maravilha, mas leite condensado com Caleb... Mal conseguia assimilar o que me aguardava.

Lentamente, derramei um pouco do conteúdo no peitoral dele. Caleb não parava de olhar para mim, por nada. Isso me constrangia e, ao mesmo tempo, me excitava. Não parei para pensar; com um curto movimento, curvei meu corpo na sua direção e deixei minha língua fazer o serviço.

O leite condensado estava delicioso, como sempre. Era um sabor que eu conhecia muito bem, pois sempre fui viciada. Entretanto, devo ser muito sincera, navegar minha boca na pele quente de Caleb foi uma coisa fora do comum. Inimaginável.

Havia começado bem devagarzinho, mas simplesmente não consegui manter o ritmo. Buscava sempre mais, como se tudo vindo dele fosse insuficiente para aplacar a onda de calor que soltava espasmos pelo meu corpo. Comecei a sugá-lo com força, vontade, desejo, angústia, insanidade...

A situação piorou quando percebi que Caleb respirava forte. Seu peito começou a inflar rapidamente, e soltava o ar de modo que soprava o meu cabelo. Uma coisa doida aconteceu na minha calcinha quando levantei a cabeça para conferi-lo; ele estava de olhos fechados, mordendo os lábios. *Ai. Meu. Deus!*

Tive que contar até dez para não beijá-lo. Depois da contagem, a vontade ainda era a mesma. Só acordei do transe quando ele, percebendo que eu tinha parado, abriu os olhos e me fitou. Dois oceanos brilhantes me chamaram quase aos gritos.

Desviei o rosto depressa e derramei mais leite condensado. Só que, desta vez, desci para o abdome rígido de Caleb. Inclinei o meu corpo e busquei um espaço entre suas pernas. Suguei todo o conteúdo, insaciável. Estava ensandecida. Fora de mim.

Caleb soltou um grande suspiro. Olhei-o novamente. Ele me encarava, ainda mordendo os lábios. Daria tudo para saber o que estava pensando.

– Diz alguma coisa – sussurrei baixinho, rouca. Minha voz quase não saiu.

– Sua boca é... – ele começou, depois parou e balançou a cabeça. – Perfeita.

– É? – perguntei, insinuante. Senti meu rosto contracenar uma expressão esquisita. Acho que era de excitação, coisa que nunca tinha sentido em um nível tão elevado.

– Muito.

– Preciso fazer uma pergunta – falei, repetindo suas palavras na sala de massagem.

– Faça logo – ele também repetiu as minhas.

– O que você quer? – perguntei, e sorri. Já sabia o que ia me responder.

– Me surpreenda.

E fez a caretinha. Sim... Ele fez. Depois disso, eu simplesmente não tinha como não surpreendê-lo.

23º Capítulo

Arrancando uma algema

Devagar, ergui meu corpo e levei minhas mãos até o fecho do cinto que Caleb usava. De imediato, ele soltou mais um suspiro. Àquela altura eu já não pensava em nada, muito menos em casamento. Isso parecia apenas um detalhe banal, guardado no fundo de alguma gaveta velha e inutilizada.

Fui afrouxando o cinto devagar, até que o livrei totalmente. Trabalhei no botão da calça, foi fácil tirar. Desci o zíper lentamente, sentindo meus dedos tremerem, quase vacilando. Meu coração batia acelerado, e eu achava que desmaiaria a qualquer momento. Enfim, desci um pouco a sua calça, sendo ajudada por ele. Uma cueca branca se fez presente, exibindo um volume que mostrava toda a excitação de Caleb.

Suspirei profundamente pela milésima vez naquele dia.

Devagar, e sem pensar em nada, coloquei uma mão ali dentro. Estava quente demais! Olhei para Caleb; ele tinha voltado a fechar os olhos. Fiz um movimento e vi quando suas mãos apertaram os lençóis que cobriam a cama, franzindo-os. Ele não se mexeu, permaneceu imóvel. Apenas seu peito demonstrava uma respiração acelerada.

Curiosa, decidi abaixar a sua cueca. Deixei-o vulnerável diante de mim, descobrindo-o por completo. Céus... Ainda não sabia o que fazer com aquilo... O que eu imaginava parecia inacreditável demais.

Contracenei alguns movimentos lentos com as minhas mãos, e Caleb soltou um gemido fraco, que fez minha espinha congelar. Pensei que ia cuspir o meu coração, de tão rápido que ele batia. Meus lábios começaram a tremer, bem como os meus dedos. Sentia muito medo.

Hesitante, peguei a calda de leite condensado. Contei até dez. Derramei uma boa quantidade. Lá. A calda escorreu e melou os meus dedos, que o

seguravam com receio. Prendi os meus lábios, mirando fixamente a ereção de Caleb. Contei até dez novamente.

Respirei fundo.

Pensei em desistir.

Pela milionésima vez desde que havia atravessado aqueles portões, desisti de pensar.

Fechei os olhos e suguei todo o leite condensado, misturado ao sabor do Caleb. Ele se contorceu um pouco, soltando outro gemido. Não ousei olhá-lo, mas sua atitude me fez acelerar. Criou em mim uma vontade absurda de explorá-lo até o fim. Um fogo que prometia me fazer explodir, e, se assim fosse, meu último desejo seria que acontecesse nos braços dele.

Aquele pensamento me fez parar, mas não antes de tê-lo limpado completamente. Afastei-me depressa, sentando na cama. Balancei a cabeça e a apoiei em minhas mãos, apesar de os dedos ainda estarem sujos de doce. Não importava. Estava começando a entrar em desespero de novo por causa das minhas próprias atitudes impensadas.

Levei as costas da minha mão à boca, que estava lambuzada. O gosto dele ainda se fazia presente nos meus sentidos. Foi quando o senti alisando meu cabelo. Caleb estava próximo, mas não pude encará-lo.

– Eu nunca fiz isso... – murmurei, sentindo vontade de chorar. – Jamais.

– Foi uma experiência, Amande – sussurrou. – Agora sabe como é.

Caleb não largou os meus cabelos. Brincava com eles e, vez ou outra, alisava também minha bochecha. Eu estava de olhos fechados, com a cabeça abaixada. Tocada pela vergonha.

– Ele não tem o seu cheiro, nem o seu gosto – soltei. Meus sentimentos estavam completamente confusos, misturando-se a uma razão ferida que não conseguia justificar nada.

– Quem?

– Meu noivo.

– Ah...

Levantei da cama, sentindo-me um pouco tonta. Fui até o banheiro e, sem me olhar no espelho, joguei água no rosto. Com esta atitude, esperava acordar, despertar minha racionalidade e me obrigar a agir de acordo com ela. Precisava voltar ao que era antes, pois a experiência de “fazer o que sentir” não tinha me levado a lugar algum além de um território vazio e escuro.

Quando me virei, Caleb estava na porta do banheiro, apoiando a cabeça na lateral. Olhava para mim com seus olhos incríveis. Ele tinha abotoado a calça de novo, mas o cinto estava aberto.

– Estou muito preocupado contigo, Amande. Falo sério. Não sei o que fazer.

– Você acha que eu sei? Estou perdida, e a culpa é sua! – gritei, horrorizada.

– Não sou ninguém pra te dizer o que precisa ouvir. Se eu começar a dizer, estarei ultrapassando a barreira do profissionalismo. Mas, posso te dar um conselho? Precisa falar com alguém a respeito disso.

– Com alguém, quem? Não há ninguém, Caleb. Estou sozinha. Apenas a minha razão machucada e eu. Juntas chegaremos a alguma conclusão – falei. De repente, confiei demais no que havia dito. Essa confiança me trouxe conforto. Eu sabia que ia ficar tudo certo mais tarde, pois, quando eu chegasse à minha casa, pensaria direito nas coisas e tudo voltaria ao normal. Sempre foi assim.

Caleb estava muito sério e igualmente gostoso daquele modo. Não parava de observá-lo. Percebi que o abdome dele tinha vários resquícios do leite condensado.

– Espero que sim – ele disse.

– Você precisa se lavar. – Apontei. Já conseguia sentir o ímã que me empurrava na direção dele. Aquilo parecia não ter fim.

– Preciso – ele murmurou, tocando na própria barriga. *Uau!* Meu coração deu outro solavanco.

– Meu cabelo está cheio de doce – falei.

Caleb riu. Eu também.

– Como ele foi parar no seu cabelo?

Mostrei minhas mãos grudentas que, misturadas com a água que tinha colocado no rosto, só havia piorado a situação. Caleb as segurou, aproximando-se. Colocou-as em seu ombro, melecando tudo de uma vez. Ele estava tão perto e me olhando de um jeito tão diferente... Não dava para saber o que pensava ou sentia. Era um verdadeiro mistério. Queria muito desvendá-lo – podia até perguntar alguma coisa –, mas simplesmente não saiu nada da minha boca quando eu a abri.

– Posso lavá-los – ele disse. Estava tão concentrada nos olhos dele que nem percebi se tinha feito uma pergunta ou uma afirmação. Nem sabia mais do que ele estava falando, para ser bem sincera.

– Lavar o quê?

– Os seus cabelos. – Riu. Quase morri, cheguei muito perto. O riso dele era magnífico, beirava a perfeição. Não estava acostumada com tanta sedução, tanto charme... tanta elegância, educação, inteligência... Não estava pronta para conhecer o Caleb. Mas, ao mesmo tempo, queria. Era o meu maior desejo.

– E eu posso te lavar? – perguntei, insensata.

– Não me pergunte nada.

Caleb me virou de costas com um movimento rápido. Não sabia o que ia fazer, mas fiquei nos olhando no espelho. Ele levantou meus cabelos com uma mão e encostou sua boca no meu pescoço. Minha pele queimou. Com a outra mão, aquele homem magnífico desfez o único botão que prendia o meu vestido amarelo no pescoço. O tecido escorregou e parou na minha cintura. O modelo dispensava o uso de sutiã, portanto meus seios saltaram para frente. Corei de vergonha.

Ainda por trás, Caleb soltou meu cabelo e alisou a minha cintura, empurrando o vestido para o chão. Subiu as suas mãos pela minha barriga e segurou os meus seios. Eu assistia a toda a cena diante do espelho, mal acreditando no que estava fazendo.

De repente, ele levantou a cabeça e também nos olhou. O safado teve a cara de pau de fazer a caretinha linda, emborcando a boca para a esquerda de um jeito que me fez pirar.

– Pensei que você só ia lavar meus cabelos – sussurrei, sorrindo.

– Eu vou, mas preciso tirar suas roupas primeiro – falou bem no meu ouvido. *Socorro!*

Depressa, Caleb puxou as laterais da calcinha até as minhas coxas. O tecido fino deslizou e caiu no chão, junto com o vestido.

– Sua vez – incitei.

Virei na direção dele e desabotoei sua calça em dois tempos. Caleb me olhava, mas tentei me concentrar no que fazia. Abri o zíper e, pegando o cós da calça junto com a lateral da cueca branca, puxei com tudo para baixo, deixando-o exibido.

Completamente nus, Caleb me arrastou para dentro do box. Ligou o chuveiro, mantendo-me afastada, e conferiu a temperatura. Só então me empurrou, entrando comigo debaixo do jato morno. Meu corpo inteiro se arrepiou por causa da água, e ainda mais porque ele começou a mexer no meu couro cabeludo.

– Esta é a terceira vez que lavo o meu cabelo hoje – falei. – As três foram por sua causa.

– Estou sendo condenado por muitas coisas hoje – respondeu. Eu queria vê-lo, mas estava de costas para ele enquanto me passava shampoo.

Caleb lavou o meu cabelo com maestria. Uma dedicação impressionante. Fechei os olhos e relaxei completamente, sentindo seus dedos massageando a minha cabeça. Contudo, a excitação por estar nua com ele debaixo do chuveiro me deixava bem esperta.

– Quando chegará a minha vez? – perguntei, impaciente. Ele me tirava toda a calma, fazia-me ter pressa para realizar coisas que eu nem sabia o que eram.

– Estou acabando. – Ele riu. Céus... Não ria perto de mim, Caleb. – Pronto. Está limpo.

Virei o meu corpo muito depressa, de modo que ficamos frente a frente. Ele estava lindo, com os cabelos e o corpo inteiro molhados. Minha vontade real foi de beijá-lo, mas não pude. Não conseguia entender por que já tínhamos feito

tantas coisas, mas jamais havíamos nos beijado – exceto o casto selinho no desafio do karaokê.

Peguei um pouco de sabonete líquido e esfreguei minhas mãos, fazendo espuma. Comecei a realizar a tarefa que tinha prometido. Ensaboei lentamente cada centímetro do peitoral dele, descendo pelo abdome. Caleb só me olhava. Sua expressão estava misteriosa, não consegui decifrar.

Derramei mais sabonete nas mãos e, fingindo ter uma habilidade que não tinha, comecei a massagear o seu sexo bem depilado. Corei de vergonha durante o processo, por isso não consegui conferir suas expressões. Caleb soltou um gemido baixo, e então percebi que ele crescia devagar. Em pouco tempo, atingiu o que achei ser o seu máximo. Estava firme, pronto para mim.

Uma vontade imensa de sentir o seu gosto se apossou do meu corpo, e me vi inclinando para baixo. Suguei-o com vontade enquanto ele soltava mais gemidos. Era diferente sem o leite condensado, mas eu gostei. Vê-lo tão excitado me deixava louca. O desejo era tanto que podia ser palpável. Meu corpo inteiro já gritava por ele.

Subitamente, Caleb puxou meu rosto para cima, fazendo-me reerguer. Com um movimento rápido, mas preciso, ele me empurrou contra a parede, deixando-me sem saídas. Seus lindos olhos me fitaram com desejos evidentes. Seu corpo tocava o meu, de forma que conseguia sentir sua ereção na minha barriga. Como eu o desejava! Como o queria!

E que tudo mais fosse para o inferno.

Entrelacei meus braços no seu pescoço, trazendo-o para ainda mais perto. Caleb não hesitou durante o processo. Rapidamente, encontrou o caminho até os meus lábios. Beijou-me com uma calma tão intensa que cada músculo do meu corpo relaxou. Cada centímetro de mim lhe deu boas-vindas.

24º Capítulo

Sua mulher

Soltei um gemido fraco entre os lábios de Caleb, mas não queria que parasse. Sua boca me prendia de um jeito surreal, aumentando o meu desejo como se colocasse mais carvão numa fogueira que já estava acesa. Caleb desceu suas mãos pela minha cintura, alcançando o meu quadril. Experiente, puxou-me para cima, obrigando minhas pernas a se abrirem ao seu redor. Em segundos, já estava pendurada, apoiada na parede pelas suas mãos, que apertavam meu traseiro.

O beijo se intensificou ainda mais; a calmaria havia cessado, dando lugar a uma emergência selvagem. Apertei os braços em volta do seu pescoço e empurrei meu quadril na direção de sua ereção. Nossos sexos se encostaram.

Eu o desejava. Muito, em um nível que jamais poderei compreender. Queria que me possuísse ali mesmo, debaixo do chuveiro, sentindo sua pele molhada em mim. Deixaria que a água escorresse pelos nossos corpos, lavando nossa alma e retirando toda a culpa que aquele ato acarretaria.

Fiz outro movimento com a cintura, tentando me encaixar nele. Queria senti-lo em mim profundamente. Queria tê-lo por completo, pois ter apenas a sua língua na minha boca, apesar de fantástico, ficava cada vez mais insuficiente para aplacar a dor que o desejo me causava. Insaciáveis. Esta palavra definia bem as minhas vontades.

– Espere, Amande – Caleb sussurrou, findando nosso primeiro e longo beijo. – Preciso te proteger. Vem comigo.

Não entendi o que ele quis dizer com isso, mas não perguntei nada. Estava meio tonta, fora de mim. Vivenciando um momento sublime de irrealidade, como se estivesse num sonho muito bom.

Infelizmente Caleb se afastou, colocando-me de volta no chão. Ele desligou o chuveiro e abriu o box, puxando-me logo em seguida. Antes de sair

do banheiro, apanhou sua calça, que estava no chão, e a levou junto consigo. Molhamos o quarto inteiro até pararmos de frente para a cama.

Aquele homem lindo me encarou com firmeza enquanto mexia em alguma coisa dentro da calça. Muito rápido, ergueu as mãos e me mostrou um saquinho de preservativos. Corei de vergonha instantaneamente, mas não deixei de encará-lo. Nunca havia feito sexo inseguro na minha vida inteira, mas estaria mentindo se eu dissesse que tinha me lembrado de me precaver.

Caleb abriu o plástico sem nenhuma dificuldade. Havia três preservativos dentro do pacote.

– Posso? – perguntei, tomando coragem.

– Sem dúvida – ele murmurou.

Peguei um dos pacotes, deixando o restante em cima da cama. Abri-o com os dedos e senti a borracha pegajosa em minhas mãos. Aquilo eu sabia fazer. Finalmente uma coisa que eu sabia fazer!

Curvei-me diante dele, sentando na cama. Segurei sua ereção com cuidado e fui encaixando o preservativo. Conferi se estava tudo bem e só então olhei para cima. Caleb mordia os lábios. *Ai*...

Foi então que tive uma ideia. Ou melhor, um pedido.

– Caleb... Quero que faça uma coisa comigo, se for possível – murmurei. Minhas mãos começaram a tremer mediante o que ia dizer. Meu estômago se contorceu, e tive que respirar fundo várias vezes para não passar mal.

– Adoraria fazer qualquer coisa contigo – ele disse baixinho e soltou um suspiro. Minha pele arrepiou por sua causa pela milionésima vez.

– Quero que... que... que faça comigo umas posições diferentes. Quero que me surpreenda, de verdade.

– Posições diferentes? – Tive a péssima ideia de encará-lo. Ele fazia a caretinha.

– Sim, eu... nunca fiz nada além de um “papai e mamãe” sem sal – admiti, sentindo meu rosto inteiro ficar vermelho. – Por favor, não me trate como se eu fosse uma boneca de porcelana.

Caleb nada respondeu. Sua expressão ficou séria, mas ele se inclinou e sentou no meio da cama, levando-me junto. Seus braços fortes me puxaram com muita habilidade, forçando-me a sentar no seu colo de frente. Minhas pernas se abriram, envolvendo-o, e me senti muito exposta. Nossos sexos se encostaram de novo. Imediatamente, eu já queimava por dentro.

Ele abraçou a minha cintura e ergueu a cabeça, ainda me encarando com olhos sérios. Daria tudo para ler os seus pensamentos.

– Diz alguma coisa – murmurei.

– Hoje, você vai ser a minha mulher – rosnou.

Bruscamente, Caleb conseguiu nos encaixar. Senti-o por completo, de uma vez só, e soltei um gemido alto que misturava dor e prazer. Principalmente prazer. Minhas unhas arranharam o seu ombro e, sem que parasse de fazer eu me mover em cima dele, invadiu minha boca com a sua língua doce.

25º Capítulo

Dorme comigo?

Senti que meu desejo explodiria ao redor de Caleb pela terceira vez naquela noite. Ele estava deitado embaixo de mim, apenas me ajudando no movimento com suas mãos firmes na minha cintura. Eu o sentia completamente, inteiro, vivo dentro de mim. O ritmo era louco, profundo, cheio de sutilezas que soltavam espasmos por todo o meu corpo.

Inclinei-me, beijando sua boca úmida de prazer. Meus lábios já estavam doloridos de tanto beijá-lo. Caleb soltou um gemido fraco, abraçando-me pela cintura. Nossos corpos se colaram completamente. Ele não diminuiu o ritmo, pelo contrário, acelerou ainda mais, levando-me para cima e para baixo em questão de milésimos de segundos.

Não suportei.

Ergui-me um pouco e o observei, enquando soltava gritos de prazer que me levavam para longe. Um lugar muito distante, mas onde, inexplicavelmente, ele também estava.

– Caleb! – gemi. – Caleb!

Seus olhos, quase de imediato, apertaram-se. Sua boca entreabriu, e depois ele mordeu os próprios lábios. Agora conhecia aquela expressão. Conhecia perfeitamente. Caleb também estava chegando.

– Amande... – rosnou, então eu soube que tinha vindo. Era sua terceira vez também. Seus braços tremeram, e o abdome se contorceu embaixo de mim. Céus... Que delícia era observá-lo enquanto explodia de prazer por minha causa. *Que homem gostoso!*

Nossos corpos relaxaram juntos. Praticamente tombei em cima dele, sentindo-me exausta. As loucuras que havíamos feito tinham ultrapassado todos os limites da surpresa. Eu estava muito mais do que surpreendida, estava

realizada. Cada pedacinho daquela cama havia sido utilizado.

Caleb levou as mãos para os meus cabelos, alisando-os. Ainda sentia sua respiração forte. Meus seios estavam colados no seu peito, por isso pude sentir seu coração batendo junto com o meu, em um ritmo acelerado.

– Estou morta – falei. – Não aguento mais.

– Não se preocupe, vou deixá-la dormir agora – ele respondeu, ainda um pouco resfolegante. – Quer que lhe faça uma massagem nos pés?

Não conseguia vê-lo, pois tinha enterrado a minha cabeça no seu ombro e não encontrava forças para me mexer.

– Massagem? Caleb, você não cansa nunca? Deve estar exausto também, não vou te aborrecer mais.

– Amande, deixe de ser boba. – Ele riu. – Você não está me aborrecendo. Além do mais, meu dever é fazer tudo o que quiser, em tempo integral.

– Quero que descanse – falei, saindo de cima dele. Nossos corpos se desencaixaram, e a sensação de perda quase me sufocou. Queria tê-lo em mim por mais tempo, mesmo depois de horas sentindo-o de todas as formas possíveis.

Deitei na cama e me virei de lado a fim de conferir suas expressões. Caleb estava arrasado. Tinha o cabelo maravilhosamente assanhado por mim. Também estava meio molhado; uma mistura deliciosa de água do chuveiro e suor de prazer. O corpo inteiro exalava um cheiro de sexo e homem gostoso. *Delícia!*

– Tudo bem – falou, levantando-se da cama. Retirou o preservativo com cuidado, fazendo um nó na borracha.

– Para onde vai? – perguntei.

Ele pareceu pensar um pouco enquanto procurava sua calça pelo chão.

– Vestir minhas roupas, fechar as cortinas e te dar um beijo de boa noite.

Olhei para as cortinas abertas. Dava para ver perfeitamente o resquício do primeiro raio de sol cortando o céu. Estava amanhecendo.

– Vai me deixar sozinha? – murmurei a pergunta, sentindo um vazio imenso sorrindo para mim. Provavelmente gargalharia às minhas custas depois

que Caleb fosse embora.

– Pensei que não dormisse com ninguém – ele falou, vestindo a cueca que tinha se enganchado na calça.

Franzi o cenho.

– Como sabe disso?

– Desculpa... Você comentou com suas amigas na noite em que chegou aqui. Não pude evitar ouvir, estava servindo o jantar a vocês – disse sem me olhar.

– Bom, é verdade. Mas depois de ter feito tantas coisas que nunca haviam me passado pela cabeça... Isso é insignificante – admiti. E fui sincera.

Caleb ergueu a cabeça. Encarou-me demoradamente.

– Quer mesmo que eu durma contigo? – perguntou.

– Não vou te obrigar a nada. Deve estar meio cansado de mim. A escolha é sua. Prometo que não ficarei chateada... Enfim. Faça o que sentir.

Ele balançou a cabeça, aquiescendo.

– Preciso ir ao banheiro – disse.

– Fique à vontade. – Apontei para a porta do sanitário.

Sem me dar respostas, Caleb desfilou sua cueca sexy até o banheiro e fechou a porta.

Estava exausta, portanto nem saí do lugar. Podia tomar um banho, mas o clima estava bom e eu me esfriava aos poucos. Não queria tirar o cheiro dele de mim. Seria a única coisa na qual me agarraria caso ele resolvesse me deixar só. Talvez conseguisse justificá-lo no processo. E, de quebra, podia me justificar também.

26º Capítulo

Porque eu não quero

Caleb saiu do banheiro quatro minutos depois. Sei disso porque contei mentalmente. Ele não olhou para mim, apenas foi fechando as cortinas bem devagar. De repente, parou e observou o horizonte. Passou algum tempo daquela forma, enquanto eu apenas o admirava.

– Você precisa ver isso, Amande. Vem aqui – chamou baixinho, ainda sem me encarar.

Sequer hesitei. Do jeito que estava, aproximei-me das cortinas. Observei o maravilhoso cenário diante de mim; o sol ainda estava nascendo, pintando o céu de uma coloração alaranjada impressionante. As nuvens faziam desenhos esquisitos, surreais. Parecia uma pintura. Daquele ponto não dava para ver a areia da praia, só se eu saísse para a varanda - mas não ia fazê-lo, visto que estava totalmente despida.

Senti os braços de Caleb envolver os meus ombros. Mecanicamente, apoiei minha cabeça em seu peito, abraçando-o pela cintura. Não ousávamos tirar os olhos da água do mar, que nada mais era do que uma imensidão azul e brilhante que contrastava com o laranja do céu. Impressionante!

– Daria tudo para tirar uma foto disso agora – Caleb murmurou, brincando com os meus cabelos curtos.

– A lembrança é mais eterna do que uma fotografia – falei.

– Você acha? Nos esquecemos de tudo muito rápido. A vida é tão corrida... É difícil lembrar com tanta perfeição. Fotografias servem para isso.

– Tem coisas que não dá para esquecer – retruquei.

– O quê, por exemplo?

Refleti um pouco.

– Talvez me esqueça de tudo o que acabamos de fazer – comecei. – Na verdade, será preciso e o farei. Vai ser natural, como uma ferida que sangra até cicatrizar.

Ouvi Caleb soltar um longo suspiro.

– Porém duvido de que vá me esquecer de você – completei, engolindo o nó que havia se formado na minha garganta.

– Talvez precise também – ele disse baixinho. Sua voz saiu carregada de uma coisa que simplesmente não compreendi.

– Não... – Balancei a cabeça de leve. – Não preciso.

– Por que não?

– Porque eu não quero.

Senti seu braço apertar meu ombro.

– Não é assim que funciona? – perguntei.

Caleb não respondeu. Segurou o meu queixo e, lentamente, obrigou-me a fitá-lo. Não vi seus olhos por muito tempo, pois ele se inclinou num instante, deixando nossos lábios se grudarem. Foi um beijo doce, com movimentos curtos. Lábio com lábio.

A sensação de relaxamento me dominou, fazendo meu corpo inteiro amolecer. Estava tão cansada que achei que ia dormir ali, em pé, nos braços dele.

Caleb se afastou um pouco.

– Você está com sono. Vamos dormir.

– Vai ficar? – perguntei, com medo da resposta.

Ele me deu um selinho.

– Vou.

27º Capítulo

Flagrante e antipatia

Ouvi batidas leves na porta. Despertei rapidamente, um pouco desnorteada. Com muita surpresa, percebi que estava nos braços de Caleb, deitada no seu peito. Nunca havia dormido naquela posição, mas me sentia muito bem.

– Amande? – alguém chamou. Mais batidas.

“Oh, meu Deus... Estou frita”, pensei.

Levantei depressa e olhei para o Caleb. Ele dormia como um anjo. Parecia tranquilo, relaxado. Estava lindo como sempre. Alisei seus cabelos de leve, sorrindo feito uma boba. Admirei cada detalhe; o contorno perfeito da sua boca, nariz, olhos... dos cílios compridos e bem pretinhos... das sobrancelhas grossas e arqueadas, do queixo firme, másculo. Sério, nunca achei que tamanha perfeição podia ser possível antes de conhecê-lo.

Novas batidas na porta me fizeram acordar do transe. Afastei o edredom grosso que nos cobria, sem saber o que fazer.

– Amande? – chamaram novamente. Achei que era a voz da Lara.

Enrolei meu corpo numa toalha que estava pendurada perto do armário e decidi abrir uma fresta da porta. Era a Paloma.

– Pensei que estivesse morta – ela disse, sorrindo. – Vamos, as meninas estão te esperando para o café da manhã.

– Que horas são? – perguntei, ainda meio desnorteada.

– Dez horas. Ei, o dia está tão lindo! Preciso ver o mar da sua varanda, deve estar fantástico!

Paloma empurrou um pouco a porta, mas eu a amparei, impedindo-a.

– Depois você vê.

Ela fez uma careta.

– Algum problema, Mandy?

– Não, nenhum. É só que... Ah... Droga! – Não sabia o que dizer. Era péssima em mentiras descaradas.

– O que houve, amiga? Diz pra mim! – Paloma abriu muito os olhos. Ficou assustada de repente. – Por favor, não me diga que... Não, não, impossível! – Balançou a cabeça.

– Eu dormi com o Caleb – confessei. – Agora cale sua boquinha linda e me espere lá embaixo. Se contar para alguma das meninas, juro que te mato, Paloma!

Ela continuou balançando a cabeça, incrédula. Claro que eu não ia matá-la, era apenas força de expressão.

– É improvável! Você não faria isso! Amande, e o João Pedro? Me diga, ele te obrigou? Deve ter usado alguma droga para te convencer... – Paloma estava realmente chocada.

"Oh, sim, claro, a droga da sedução..."

– Claro que não, que ideia de jerico! – rosnei. – Olha, depois conversamos a sós. É sério.

– Só me diga se está bem, pelo amor de Deus.

– Estou ótima, agora faça o que eu disse! – Fechei a porta rapidamente, trancando-a logo em seguida.

Olhei para trás e constatei que Caleb já tinha acordado. Estava deitado de lado, observando todo o desenrolar daquela cena medíocre.

Sorri de leve ao vê-lo. Estava mais gato do que nunca, deitado na minha cama com a cara meio amassada de sono. Perfeito.

– Bom dia – ele disse.

– Bom dia.

– Você contou a ela.

– Não sei mentir. Confio na Paloma, ela vai ficar de bico calado.

Fui até o meu guarda-roupa. Peguei um biquíni preto e um vestidinho florido de praia.

– Preciso ir – Caleb disse, levantando-se depressa. – Tenho que lhe servir no café.

– Não quer tomar um banho comigo? – perguntei, procurando minha sandália rasteira.

– Quero, mas dessa vez não vai dar. Preciso mesmo ir.

– Ok.

– Você vai ficar bem? – perguntou.

– Sim.

Fechei o armário e fui até ele. Dei-lhe um selinho casto e, sem me demorar, entrei no banheiro. Tomei outro banho de cabeça. Fui bem rápida em todo o processo, pois as meninas me aguardavam para o desjejum.

Vinte e cinco minutos depois, estava ocupando o meu lugar na mesa. Paloma me encarou de um modo esquisito, mas as meninas estavam completamente normais. Todas me deram bom-dia, o qual retribui com um sorriso estampado no rosto.

– Que pena que vamos voltar hoje! – disse Jéssica, trajando um biquíni cor-de-rosa minúsculo. – Bem que essa despedida podia durar até o dia do casamento!

Todas riram, menos eu. Se aquilo acontecesse, certamente não me casaria.

– O que será que vamos fazer hoje? – perguntou Fabiana, que parecia tão animada quanto Jéssica.

– Hoje as levaremos na sauna e na sala de massagem! – falou Edu, aparecendo para servir a Fabiana.

De imediato, as lembranças da sala de massagem invadiram a minha

mente. Foi difícil, mas consegui desviar cada pensamento com maestria.

– Oba! – gritaram Lara e Cláudia.

Jéssica aplaudiu, soltando um assovio. Paloma continuou me olhando esquisito. Sério, estava irritando. Percebi que as meninas já estavam sendo servidas pelos rapazes, que usavam bermudas brancas e camisas floridas com os botões abertos. Lindos!

Peguei alguns pãezinhos que estavam em cima da mesa. Passei manteiga e coloquei tudo para dentro. Só então percebi que estava faminta.

– Caleb já está vindo, senhorita Amande – disse Henrique quando passou por mim, indo servir a Cláudia. Seus cachinhos dourados tombaram para frente.

– Ok – murmurei.

Olhei para a Paloma. Ela ainda estava muito séria, entornando uma xícara de café. Eu já me sentia exausta só de imaginar o rumo da conversa que teríamos. Certamente ela daria um sermão imenso, deixando-me com vergonha até de ter nascido.

– Desculpe a demora. – Seu sussurro no meu ouvido me fez pular e soltar um gritinho fino.

As meninas pararam o que estavam fazendo e me encararam. Corei de vergonha, mas tentei parecer tranquila.

– Que susto, Caleb! – Forcei um amplo sorriso.

Ele riu.

– Desculpa! Bom dia, Amande – disse, colocando um prato na minha frente.

Fiquei olhando praquilo e só depois notei que era uma espécie de omelete, recheada com queijo, presunto e coisas que não conseguia identificar. Porém o mais interessante era o formato. A maldita omelete parecia um coração; com dois arcos em cima e a pontinha embaixo. Como ele havia feito aquilo, eu não fazia a menor ideia.

– Bom dia – desejei-lhe pela segunda vez, ainda encarando o meu desjejum.

Olhei para o lado; Claudia estava medindo a quantidade de açúcar exata para o seu café. Henrique a tinha servido com o mesmo prato, mas a omelete estava apenas redonda, como uma bola oval.

Resfoleguei, tentando manter a respiração constante. No impulso, peguei um garfo e desfigurei tudo. O coração sumiu rapidamente, transformando-se em frangalhos. Talvez tenha ficado igual ao meu. Só então comecei a comer, pegando as torradinhas que jaziam ao redor do prato. Estava tudo muito gostoso, mas não consegui me concentrar no sabor.

– O que quer beber? – Caleb perguntou, só que, desta vez, não foi com sua voz rouca sussurrada. Ele até manteve uma distância razoável do meu ouvido. Estranho.

– Café com muito leite quente e depois um copo de água bem gelada.

– Sabia que esse choque térmico faz mal para os dentes?

– Sim, mas eu gosto. Pode trazer? – falei. Não o encarava, apenas olhava para baixo.

– Certamente, senhorita Amande.

Aquilo foi o fim da picada. Ser chamada de senhorita, de novo? Depois de tudo?

A raiva que se instalou em mim fez meu rosto esquentar.

Céus... O que eu estava esperando? Jamais seríamos íntimos o bastante, por mais noites de prazer que passássemos juntos. Caleb não era meu amante, nem mesmo meu amigo. Ele era um profissional e tinha que me tratar como uma cliente. Minha condição era essa: uma mera cliente. Só mais uma em sua lista gigantesca. Já devia ter fodido metade da cidade.

Uma onda de antipatia me deixou de cara fechada durante todo o desjejum. Não conversei com ninguém, nem mesmo tive a capacidade de fingir que ria quando alguma das meninas soltava uma piada besta qualquer.

– Garotas, que tal um mergulho na piscina e um tempinho na sauna? – perguntou Marcelo, depois que tínhamos terminado de comer e só descansávamos um pouco nas espreguiçadeiras que jaziam ao redor da piscina. Perguntei-me onde estava o Marlos. Não o tinha visto ainda.

Minhas amigas gritaram e não hesitaram em cair na piscina. Paloma foi a única que olhou para mim e, vendo que não me moveria, suspirou profundamente. Eu não dei corda; continuei deitada na espreguiçadeira, usando meus óculos escuros e apoiando os braços na testa para o sol não queimar muito o rosto.

Paloma acabou retirando o shortinho jeans que usava e entrando na piscina através dos degraus. Marcelo a ajudava.

– Você não vem, Amande? – gritou Lara.

– Não – respondi simplesmente. Ninguém ousou perguntar de novo. Retirei o meu vestidinho e voltei a me deitar, usando apenas o biquíni.

Depois de alguns minutos, Caleb se sentou na espreguiçadeira ao lado.

– Você está bem? – perguntou.

– Ótima – respondi com ironia. Ele não notou. Ou, se notou, não deixou transparecer.

– Quer fazer alguma coisa diferente?

– Do tipo o quê? Resistir a você? – soltei sem pensar. Não o encarava, apenas mirava um ponto na varanda do meu quarto, que podia ser visto dali.

Silêncio total. Daria tudo para ver sua expressão, mas me decidi por não dar nada.

– Espero que tenha passado protetor solar – ele falou, depois de séculos, mudando de assunto.

– Desta vez, sim. Se precisa tanto de uma ordem, estou dando uma agora: quero um copo de Coca-Cola bem gelada e, logo em seguida, está completamente dispensado da minha presença.

Silêncio de novo.

– É o seu maior desejo? – perguntou baixinho.

– É.

“Não, não é, Caleb. Me desculpa, mas tem que ser assim”, pensei.

28º Capítulo

Voltando a raciocinar

Se eu disser que fiquei feliz tratando o Caleb daquela forma estaria enganando a mim mesma. Entretanto, precisava começar a usar minha razão. Quanto mais cedo, melhor. Estava exausta de me sentir confusa o tempo todo, por isso fiquei tomando sol tranquilamente enquanto raciocinava.

Certo, eu fiz uma besteira. Das grandes. Nada justificava a minha infidelidade. Sim, havia sido infiel ao meu noivo depois de nove anos de relacionamento. Não podia me livrar da culpa dizendo que tinha vivido fortes emoções apenas como um teste – um simples momento que me libertaria para outras situações e abriria a minha mente. Isso tudo foi uma grande balela, porque a verdade implícita em tudo era uma só: eu caí nas garras de sedução do Caleb. Entreguei-me porque quis, e foi com ele e por ele que contracenei cada gesto.

Ou talvez não.

Um lado meu queria realmente experimentar. Uma parte de mim pediu socorro aos gritos, implorando para que eu deixasse de pensar e começasse a sentir, a fazer as coisas porque queria, sem pensar nas consequências, sem calcular, organizar, medir e classificar. Esta parte se sentia extremamente satisfeita e me dava boas-vindas com um sorriso aberto estampado no rosto realizado. Esta parte me agradecia por ter agido daquela forma e me dizia que aquilo havia sido a coisa mais legal que já tinha feito por mim mesma nos últimos anos.

Coloquei o certo e o errado de tudo o que havia feito numa balança mental. Comecei a pesar cada fato, explicando os detalhes e tentando concluir alguma coisa. Relembrei cada palavra do Caleb sobre os instintos e as algemas. A gaiola pessoal imposta por mim mesma. Sim, ela existia, era um fato. Dormir com Caleb não havia me libertado dela – visto que liberdade requer consciência limpa –, mas admiti que me sentia mais livre. De certa forma, estava mais leve.

Decidi retirar os pesinhos da balança. É claro que o lado errado iria ganhar de lavada, pois, como já disse antes, nada me justificava. Infidelidade é infidelidade, não importam as circunstâncias. Fui uma vadia. Fui sim, porém não sou. Eu me conheço e sei que tenho caráter. Então, minha única questão – e a que mais importava, posto que sentir culpa nunca levou ninguém a algum lugar – era o que eu faria dali em diante.

Fingir que nada tinha acontecido? Mudar meus conceitos? Dizer ao João Pedro?

Não podia dizer ao meu noivo que havia dormido com um cara na minha despedida de solteira. Isso seria um choque, uma coisa terrível de suportar. Ele não merecia isso, embora merecesse a verdade. Dizem que a verdade é sempre a melhor opção, mas creio que, se fosse o contrário, eu não ia querer saber. Preferiria que o João refletisse sobre o que realmente queria da vida e tomasse uma decisão. Era o que eu estava fazendo, mas...

Não tinha o que decidir. O casamento estava marcado. Ponto final. Vivi nove anos com um cara decente, não o deixaria por causa de uma noite com um... homem promíscuo. Se confessasse tudo ao João, ele provavelmente acabaria com o nosso relacionamento. Então as coisas dariam em merda, e eu certamente terminaria sozinha, na solidão do meu apartamento, limpando a poeira dos meus livros e reclassificando-os com o mesmo afinco de uma bibliotecária.

Minhas reflexões acabaram gerando algumas decisões.

Primeira decisão tomada: nada diria ao meu noivo. Aquilo ficaria perdido em uma lembrança longínqua, esquecido como um segredo que, aos poucos, perde sua importância. Seria falta de inteligência deixar que um momento medíocre de insensatez me fizesse perder aquilo que construí a vida inteira.

Segunda decisão tomada: a experiência que adquiri com Caleb me ajudaria a não ter medo de me entregar ao João. Sim, eu o beijaria com mais vontade, permitiria que me tocasse – permitiria a mim mesma tocá-lo –, e então nosso sexo ficaria mais prazeroso. Nós dois nos sentiríamos mais realizados neste âmbito. Sendo assim, dormir com Caleb me foi útil, apesar de um erro. Digamos que havia sido uma estratégia – mesmo não sendo a melhor ou a mais justa – para melhorar o meu relacionamento com o João. Na verdade, esta havia sido a proposta do Caleb desde o início. Eu que custei a compreender.

Terceira e última decisão: precisava ajudar o Caleb. Ele tinha que largar aquele tipo de vida deprimente. Foi impossível não me envolver com a sua história, e seria muito estúpida se fingisse não me importar. No fundo, ele é uma pessoa especial. Merece realizar seus sonhos. Adoraria poder ajudá-lo, portanto iria fazê-lo com muita alegria.

Fim de história. Os pingos já estavam nos is.

Minha vida, dali em diante, mudaria totalmente. Seria uma mulher casada, respeitaria e amaria o meu marido. Viveríamos felizes, teríamos filhos e faríamos tudo o que prometemos um ao outro no período de nove anos. Paloma, claro, ficaria calada, e toda aquela loucura seria esquecida com muita facilidade.

Suspirei profundamente, sentindo-me relaxada. Nada como uma boa dose de reflexão. A razão é o refúgio do homem – e da mulher, claro –, direciona os sentimentos insanos pelo caminho certo.

Com esta ideia rodopiando a mente, decidi me virar de costas na espreguiçadeira. A parte da frente já estava pegando fogo por causa dos raios solares. A maquiadora ia me matar quando soubesse que tinha me bronzeado, mas prometi a mim mesma que iria me hidratar bastante até o casamento. Noiva descascando não dá!

De repente, relaxei até demais. Tentei continuar com as minhas reflexões, mas meus olhos foram se fechando naturalmente, até que adormeci.

29º Capítulo

Descobertas

– Amande! Amande, acorde! – disse alguém. Levei um susto, sentando depressa. Ainda estava na espreguiçadeira.

– Vamos almoçar, estou faminta! – comentou Lara, que recolocava um vestidinho roxo.

Eu ainda estava muito desnorteada.

– Você é louca de dormir assim, ainda bem que está na sombra! – completou Jéssica. As meninas estavam molhadas, mas se enxugavam com toalhas e vestiam suas saídas de banho que tinham ficado nas espreguiçadeiras.

Olhei ao redor, percebendo que estava mesmo na sombra. Ergui a cabeça e vi um guarda-sol grande acima de mim, sendo amparado por uma mesinha. Em cima da mesa, uma latinha de Coca-Cola fechada, que já devia estar quente.

– Que horas são? – perguntei.

– Quase três! – disse Cláudia. – Amiga, você perdeu a sala de massagem! Meu anjinho fez uma massagem tão relaxante em mim! Estou me sentindo mais leve!

– Foi demais mesmo, você perdeu! Deixava para dormir em casa! – reclamou Fabiana, penteando os cabelos molhados com um pente de plástico.

– Nossa... Eu dormi demais... – falei.

– Devia estar bem cansada, não é? – alfinetou Paloma, encarando-me de modo insinuante.

Suspirei. Não ia discutir com ela, pois merecia cada deboche.

Recoloquei o meu vestido com calma, enquanto as garotas faziam

comentários detalhados do que tinha acontecido na sala de massagem. Pelo visto, nenhuma experiência havia sido como a minha, na tarde anterior.

– É, galera, vamos acordar deste sonho! Infelizmente! – Lara falou, mas sorriu.

– Jéssica, essa foi a despedida de solteira mais memorável de todas! Você teve razão o tempo todo! – disse Cláudia. – Obrigada por nos proporcionar isso.

– Ah, não foi nada. É sério!

– Acho melhor alguém resolver casar para que possamos voltar aqui de novo! – completou Cláudia, e riu como uma hiena logo em seguida.

Todas riram, eu não.

– Está tão quietinha, Amande! O que você tem, flor? – perguntou Fabi.

– Nada, só estou sonolenta ainda – menti.

As meninas mudaram de assunto e foram caminhando até a mesa do almoço, que já estava posta. Os meninos trabalhavam com uma rapidez impressionante.

– Jéssica, preciso falar contigo – chamei, tocando-lhe o braço. Ela parou e sorriu para mim. As garotas continuaram indo para a mesa, enquanto nós ficamos perto da piscina.

– Sim, pode falar!

– Você precisa ser bem sincera comigo – comecei. O que eu ia dizer havia sido fruto de algumas reflexões, mas todas eram especulativas. – Promete que vai ser?

Ela não hesitou.

– Claro, amiga! O que houve?

– Quero saber a verdade. Essa tal agência que você trabalha como modelo... Jess, nunca vi um trabalho seu por todos esses anos.

– É que eu sou desconhecida ainda e... – Ela piscou os olhos, parecendo não tão firme quanto antes.

– Não minta para mim. Como conhece essas pessoas? Você mesma me disse que eram da sua agência. Eles não são modelos, são... – Parei. Não queria dizer o nome.

Minha querida amiga já tinha lágrimas nos olhos.

– Por favor, não me julgue – ela sussurrou, vacilante. – Não quero ouvir seus sermões, eles são os piores e me envergonham. Você é tão perfeita, tão correta... É uma menina sensata e consciente. Infelizmente nem todos são assim e, certamente, eu não sou.

– Jéssica... – Passei as mãos nos meus cabelos. Minhas dúvidas viraram certezas.

– Sim, Amande, eu sou uma garota de programa. Ou o que você quiser chamar. Me chame de puta se preferir, mas isso não vai mudar o que sou. – Ela choramingava.

Levei uma mão à boca. Mesmo desconfiada, aquilo foi um choque para mim.

– Como isso foi acontecer? – murmurei. – Como fomos tão estúpidas de não termos descoberto? Por que não nos contou? Por que não pediu ajuda? Jéssica, somos suas amigas. Nós te amamos. Você não precisava fazer isso! Vender o próprio corpo como se fosse um objeto! Está estragando a sua beleza entregando-a a qualquer um!

– Não comece, Amande... – Jéssica parecia muito nervosa. – Não comece! Já disse que nem todo mundo é como você.

– Como eu? Também erro, Jéssica.

– Não, você não erra – ela disse. – Mas é muito fácil para você. Sua família está sempre contigo, sempre teve apoio de todo mundo, ninguém te odeia, ninguém sequer consegue te odiar! É diferente comigo, está bem?

– O que é diferente? Você tem a sua família! Tem a nós!

– Tive uma mãe idiota e um padrasto que abusou de mim dos quinze aos dezoito anos! – falou um pouco alto demais. – E por mais que eu dissesse à mamãe, ela não acreditava em mim! Isso não é família, Amande! Precisei me virar! Saí de casa assim que atingi a maioridade. Não podia ficar lá...

Naquele ponto, a surpresa tinha virado indignação. Impossível acreditar no que Jéssica estava me dizendo. Que horror! Não fazia ideia daquilo! Pensei que ela tinha saído de casa porque sempre gostou de ser independente. E como nunca demonstrou dificuldade financeira, achei que estivesse se dando bem na vida. Que boba eu fui!

– Jéssica... Isso é um absurdo! Por... Por que não chamou a polícia? Por que não nos disse nada? Esse homem é um criminoso!

Ela balançou a cabeça, enxugando lágrimas de seus maravilhosos olhos verdes.

– Você não sabe o que é isso, Amande. Ele me ameaçava. Fazia coisas horríveis.

– Tem que denunciá-lo... – Permaneci incrédula.

– Ele já morreu! O infeliz se matou há dois anos. Nunca disse a vocês, mas foi o que aconteceu.

– Deus... – resfoleguei, desesperada. Por mais que fôssemos diferentes, eu amava a Jéssica. Aquilo foi um baque, uma tristeza enorme para mim.

– Amande! Jéssica! Venham comer! – Lara gritou de longe.

– Estamos indo! – gritei de volta, tentando ficar calma.

Jéssica enxugou mais lágrimas e colocou seus óculos escuros de grife. Acabei fazendo o mesmo. Aquela conversa ia ter que esperar um pouco. Não podíamos fazer alarde, ia ser um choque muito grande para as meninas.

– Não conte a elas. Por favor. Amande, por favor... – pediu aos sussurros.

– Vamos conversar depois. Você e eu. Muito seriamente.

Enxuguei mais lágrimas e recoloquei os óculos. Inspirei profundamente.

Jéssica aquiesceu e foi andando em direção à mesa. Comecei a segui-la, achando que meu mundo talvez tivesse sido uma grande mentira até então.

30º Capítulo

Dolorosa despedida

– Senhoritas, nossa última refeição...

Marlos foi interrompido por uma chuva de “aaaaaaaaaah’s” oferecida pelas meninas. Ele riu de leve com a reação delas. Até a Jéssica parecia ter se recuperado, agindo de acordo com sua alegria costumeira. Já eu permaneci calada e quieta.

– Infelizmente o fim de semana acabou. Foi um prazer recebê-las e, após o almoço, gostaria de fazer uma avaliação junto com as senhoritas. Esta avaliação é muito importante para nós, pois é por meio dela que vamos melhorar nosso atendimento em todos os aspectos.

– Vocês foram perfeitos! – gritou Cláudia. Ouvi risadas.

– Muito obrigado, senhorita Cláudia, fico feliz por ter achado isso – continuou Marlos. – Seus acompanhantes irão lhes servir agora. Depois do almoço, terão alguns minutos para se despedirem deles. Infelizmente os meninos terão de ir também.

Outra chuva de “aaaaaaaaaaah’s”.

– É isso, vejo as senhoritas na sala de estar, depois de se despedirem dos garotos. Tenham um bom apetite!

Caleb não disse nada quando colocou um prato na minha frente. Vi camarões enormes regados a um molho de alguma coisa que não soube dizer o que era. Veio acompanhado com arroz soltinho, batatas e uma salada divina. Comecei a comer rapidamente, percebendo o quanto sentia fome. Estava delicioso!

Fiquei esperando que Caleb me perguntasse o que eu ia beber, mas ele não o fez. Em vez disso, colocou um copo grande cheio de gelo com um conteúdo preto dentro. Era Coca-Cola. Suspirei fundo e bebi um pouco do

líquido através de um canudo.

Paloma me observava às vezes, mas desviava os olhos toda vez que eu a encarava. Jéssica nem parecia ter acabado de revelar o maior trauma da sua vida. Começou uma conversa fervorosa com as meninas sobre sapatos. Segundo ela, o de Paloma – que fora estragado com a água da piscina – ainda tinha solução.

Não me envolvi em conversa alguma. Entrei muda e saí calada. Caleb não falou comigo em nenhum momento, nem mesmo quando colocou na minha frente duas bolas de sorvete de chocolate e, ao lado, um tubo de calda de leite condensado igual ao que havíamos usado na noite anterior. Sentindo-me um pouco constrangida, não coloquei a calda no meu sorvete e tratei de oferecer o tubo às meninas, que melecaram suas sobremesas com uma grande quantidade do conteúdo.

Após o almoço prolongado, as garotas se levantaram e foram conversar com seus acompanhantes. Ficaram em lugares separados, como se quisessem manter a privacidade. Eu apenas me levantei devagar e, sem olhar para nada, fui andando até a sala de estar.

Estava bem perto da porta de vidro quando senti sua mão segurar a minha.

– Não vai se despedir de mim? – ele perguntou. Fiz a idiotice de encará-lo. Caleb estava extremamente sério, de um jeito que eu não conhecia. Parecia irritado, chateado com alguma coisa. Meu coração acelerou instantaneamente.

– Adeus – falei.

Ele aquiesceu, ainda rígido. Seus dentes pareciam estar trincados dentro de sua boca rosada e convidativa. Aquela expressão só fazia dele o homem estressado mais lindo do planeta. Sem concorrentes à altura.

– Fique bem. Boa sorte com o casamento.

– Terei sim – respondi.

– Chegou a alguma conclusão?

– Com certeza.

– Posso saber qual?

– Não. Cabe apenas a mim – falei, tentando ser firme. A verdade era que minhas pernas estavam tremendo nas bases, bem como os meus braços. Meu couro cabeludo pinicava, meu estômago se contorcia e meus olhos queriam muito chorar.

– Certo, perdoe-me a intromissão. De qualquer forma, espero que tenha sido uma boa conclusão.

– Foi sim.

– Ótimo.

– Ótimo – retruquei.

Caleb fez uma reverência curta e ia se afastando quando... quando eu simplesmente pulei no pescoço dele. Dei-lhe um abraço enorme, que foi correspondido com muita surpresa. Inspirei seu cheiro como se quisesse que ele circulasse dentro de mim para sempre.

– Obrigada, Caleb – choraminguei, engolindo o nó na minha garganta. – E me desculpe também!

– Eu que te agradeço e peço perdão, Amande. Ei, não chore... Por favor.

– Foi tudo especial pra mim. Muito mesmo, só quero que saiba disso.

- Foi especial pra mim também. Juro.

Então nos separamos devagar. No percurso, dei-lhe um beijinho casto na bochecha e ele me beijou a testa.

– A gente se vê por aí – falei. – E obrigada pelo guarda-sol. Eu teria virado um pimentão.

– Disponha sempre – ele disse e, lindamente, fez a caretinha com os lábios emborcados.

Antes que cometesse alguma loucura, dei as costas e entrei na sala de estar. Não ousei olhar para trás.

31º Capítulo

Voltando pra casa

Depois de preenchermos uma folha de papel que continha os variados aspectos que seriam avaliados por Marlos – confesso que dei nota máxima a todos –, seguimos para os nossos quartos. Tomei um banho quente, organizei as minhas coisas na mala e dei adeus àquela cama. Pensei que não iria, mas sofri profundamente ao me despedir daquele lugar. Já não era mais a mesma. Alguma coisa dentro de mim dizia que eu nunca mais voltaria a ser.

A viagem de volta para casa foi silenciosa. Até mesmo Jéssica e Cláudia, que nunca ficavam mais do que dez minutos sem falar alguma coisa, permaneceram caladas. Cada qual navegava em seus próprios pensamentos. Eu estava preenchida por um sentimento deprimente de vazio. Como pode isso? Ser preenchida pelo vazio?

A *van* nos deixaria na porta de nossas casas. Quando chegamos à cidade, pedi para Jéssica descer no meu apartamento. Ela tentou se desviar, mas não conseguiu. Fui muito insistente. Acabei sendo a primeira a ser deixada e me despedi das meninas com muito carinho. Veria Lara no dia seguinte lá na loja, mas provavelmente só encontraria o restante no casamento. Isso se Paloma não resolvesse me encontrar durante a semana a fim de me imprensar na parede.

– Pode ir me contando tudo – falei assim que coloquei a minha mala no canto e me deitei com tudo no sofá. Jéssica fez o mesmo, ela já se sentia à vontade no meu *apê*.

– Não preciso repetir o que já falei. Não me faça ter de fazer isso. – Ela estava séria. Parecia cansada.

– Como tudo começou, Jess? Quem te levou pra esse caminho?

– Amande... Tenho espelho em casa, sei que sou bonita. Sempre fui diferente das outras meninas. Os caras me olham nas ruas, não importa o que eu

vista.

- Isso não é um motivo. Está longe de ser

Ela balançou a cabeça.

– Claro que não é, mas você pode imaginar que isso faz as coisas serem mais fáceis para mim. Decidi pôr um anúncio no jornal, este foi o começo. – Jéssica tirou os óculos escuros e os colocou na mesa de centro. Depois arrancou os sapatos e colocou os pés no sofá. – Estava sem dinheiro e queria sair de casa depressa. Não aguentava mais ser ameaçada e abusada de todas as formas. Minha mãe ficava contra mim o tempo todo, ela dizia que eu era uma puta e que era eu quem dava em cima do marido dela.

– Então você saiu e decidiu ser abusada por caras desconhecidos. Certo. Faz todo sentido para mim – retruquei.

– Pelo menos estaria ganhando dinheiro – ela se justificou. O que para mim, claro, não foi uma justificativa coerente. – Além do mais, não estaria sendo abusada. Estaria fazendo porque queria.

– Fazendo porque queria. Este assunto de novo? – Suspirei.

– Como assim? – Jéssica piscou os olhos.

– Deixa pra lá. Bom... Quer dizer que você quer sair dando pra qualquer um por dinheiro. É o seu desejo mais profundo! – ironizei, encarando-a com olhos ferozes. Não sabia se sentia raiva ou pena. Era um misto horrível.

– Não, não é o meu desejo mais profundo, Amande. Tenho perspectivas, está bem? Queria montar um salão de beleza, sempre gostei de mexer com cabelo.

– E por que não montou até agora? Está juntando uma grana pelo menos? – perguntei, lembrando-me do Caleb.

– Cheguei a fazer alguns cursos, mas nunca terminei nenhum. O meu trabalho me ocupa muito tempo. Não é fácil, Amande. Hoje estou confortável, pois sou conhecida no ramo...

– Rá! Fala sério.

– É verdade – ela disse seriamente.

– Se é tão conhecida, deve ter muito dinheiro. Quanto é a sua hora, Jéssica? Os caras mais ricos da cidade devem pagar uma fortuna por você. Por que não está juntando dinheiro?

– Eu não disse que não estava!

– Então? Por que não sai dessa?

Jéssica suspirou.

– Amande, eu gosto de me vestir bem. Gosto de usar coisas novas, adoro meu carro importado, amo meu apartamento luxuoso. Vou ao esteticista toda semana, faço depilação quase diariamente e sigo uma rotina de estética que nenhum salão de beleza poderia custear. Vivo bem, ganho bem e, com a minha fama, tenho direito de escolher até com quem vou transar.

Fechei os olhos e balancei a cabeça. Era difícil acreditar naquilo.

– Beleza não dura para sempre – comentei, lembrando-me novamente do Caleb e de suas palavras. – Um dia você vai envelhecer e nenhum velho rico babão vai te querer.

– Não fala assim, Amande! Vou envelhecer, mas até lá já vou ter guardado um dinheiro legal. Além do mais, acredite ou não, recebo proposta de casamento de muitos velhos ricos babões, como você chamou. E eles estão dispostos a me dar qualquer coisa. São pessoas da alta sociedade, nadando em dinheiro, mas solitários.

– Você se casando com um velho babão? Não me faça rir! – Fiz uma careta.

– E o que é que tem? Casamento não passa de conveniência.

– Engano seu. Casamento é amor, respeito, carinho... Casamento é um laço, uma aliança que você não entende ou não quer entender.

– E você entende? – perguntou Jéssica, sentando-se no sofá. Seus olhos se fecharam numa careta desdenhosa. – A quem pensa que está enganando?

– Do que está falando?

– Não sou idiota, Amande.

– Não sei do que está falando.

Silêncio geral.

O problema de quem tem culpa no cartório é esse. Você não sabe quando uma pessoa está blefando contigo ou se está falando sério. Jéssica me olhava com uma expressão tão ferina que decidi apenas me manter na retaguarda. Só que não adiantou muito. Ela falou o que não devia mesmo assim.

– Você não ama o João Pedro – murmurou, parecendo mais calma. Seu semblante mudou completamente em um milésimo de segundo.

Meu coração quase saiu pela boca. Por que ela estava dizendo aquilo do nada?

– Eu sempre o amei, desde os dezessete anos.

– Sim, você o amou muito. Sei bem disso, pois acompanhei cada passo. Mas acabou, e você não percebeu. Ficou acostumada com ele... Com medo de ficar sozinha. O coitado deve sofrer muito contigo. Faz todos os seus gostos e entra em todas as suas manias de organização e sistematização.

– Quem pensa que é pra falar assim de mim e do meu noivo? – perguntei, sentindo uma onda de irritação dominar o meu ser. *Que raiva!*

Jéssica sorriu, mas foi um sorriso triste.

– Viu? Foi só descobrir que sou uma prostituta e já acha que não sou ninguém. Por isso não contei a vocês. Não queria perder a amizade das garotas que mais amo neste mundo.

– Jess, acho melhor você ir embora. Estou cansada. Não quero discutir contigo. Eu também te amo, está bem? Isso não vai mudar, sempre estive do seu lado.

– Eu sei, Amande, me desculpa. Estou infeliz com tudo isso. E preocupada com você também. Nenhuma das meninas tem coragem de te dizer o que eu disse, mas todas pensam a mesma coisa. Estamos vendo você se alegrar, mas acho que não te veremos realmente feliz. Existe uma diferença.

– Não entendo... – murmurei, sentando-me no sofá. Aquela conversa estava tomando rumos muito esquisitos.

Jéssica suspirou.

– Não me leve a mal, Amande. Mas não acredito que seu casamento dará certo. Vou apoiá-la até o fim, subirei no altar contigo e serei uma madrinha exemplar. Porém, no fundo, eu não acredito.

Balancei a cabeça, sentindo que ia começar a chorar a qualquer momento.

– Por quê? Por que acha isso?

– Você namora um cara há nove anos... e ele não conhece um lado seu que outro cara conheceu em dois dias.

Meus olhos quase saltaram das órbitas.

“Paloma filha de uma mãe!”, foi a primeira coisa que pensei.

– Olha, não fique com raiva da Paloma – disse Jéssica, adivinhando meus pensamentos. – Ela precisou nos contar.

– Ela traiu a minha confiança... – murmurei. Já estava chorando. De raiva, ódio, ressentimento, culpa...

– Não, ela só quis te ajudar. Somos suas amigas, confie em todas nós. Estamos muito preocupadas contigo.

– Só aconteceu, está bem? O que você disse não faz sentido. Eu já transei com o João Pedro, assim como transei com o Caleb.

– Mas, nunca dormiu com o João Pedro. Você não dorme com ninguém, sabemos disso há muitos anos! Além do mais, nunca foi insensata, nunca mesmo. Alguma coisa aconteceu... Sabe que sim. Aquele lance do selinho no karaokê não me enganou!

– Não aconteceu nada – rosnei.

– Olha o exemplo da Claudinha, ela ama o Renato! Manteve-se fiel o tempo inteiro, não deu um passo em falso, mesmo com aquela tentação bem diante dela. Cláudia se conteve porque existe amor, Amande. Se existisse isso em você, também teria se contido.

Levantei do sofá e fui até a porta. Abri-a imediatamente, queimando de

ódio.

– Vá embora, Jéssica.

– Tudo bem, eu vou. Mas, por favor, repense o seu casamento.

– Eu vou me casar! – gritei.

Jéssica sorriu.

– Só se for muito burra – disse.

E foi embora, levando consigo sua mala cor-de-rosa com plumas.

32º Capítulo

À espera de um e-mail (ou de um milagre)

Assim que fechei a porta com força, sentei no chão da sala e chorei por muito tempo. Tenho até vergonha de dizer isso. Estava me sentindo traída pelas minhas amigas e por mim mesma. Parecia que nada era como eu achava que fosse.

Só tive coragem de me levantar quando ouvi o telefone tocando. Era o João Pedro.

– Amor, você já chegou?

Ele estava ligando para o número fixo, então supus que a pergunta era retórica. Simplesmente não respondi.

– Amor?

– Sim, estou em casa.

– Você está bem?

– Sim – menti.

– Como foi a despedida? Vou passar aí, quero te dar um beijo. Senti saudade o tempo todo.

Céus... Eu mal tinha me lembrado dele.

– Não, querido. Estou tão cansada! Vou tomar um banho e capotar. É sério, mal consigo ficar de pé. – Aquilo era verdade, porém, não estava sentindo sono. Era tristeza mesmo.

– Tudo bem. Amanhã a gente se vê então?

– Combinado.

– Daí você me conta cada detalhe do que aconteceu lá.

– Está bem. Tchau.

“Acredite, João, você não vai querer saber dos detalhes”, pensei.

Desliguei o telefone antes mesmo de ele se despedir. Não estava com paciência e começava a encontrar sentido no que Jéssica havia me dito. Tinha pensado coisas tão diferentes... Já estava com todas as decisões tomadas! Por que tudo tinha que mudar tão depressa?

A noite foi longa e solitária. Não conseguia pregar o olho. Tentei dormir em todas as posições, até coloquei vários travesseiros e me apoiei neles, imaginando o Caleb. Nada funcionava. Minha última saída foi tomar um calmante.

Meus pensamentos estavam cada vez mais confusos, guiando-me para direções que pareciam opostas. Todos os caminhos eram certos e errados ao mesmo tempo. Não era uma solução matemática, em que um cálculo podia ser feito e sempre gerava um resultado fixo. A complexidade da minha vida e de todas as baboseiras que andei fazendo estava me deixando louca.

Acordei com fortes dores de cabeça, mas tive que ir trabalhar. Cheguei à minha loja mais cedo e fui dando uma limpada, mesmo sabendo que havia funcionárias para isso. Não me importei; o que é meu, limpo na hora que quiser. Quando Lara chegou, falei algumas coisas sobre a loja e me tranquei na minha sala. Não queria ouvir sermões sobre o que aconteceu na despedida de solteira. Estava com vergonha de todas as minhas amigas.

Liguei o computador e abri a minha bolsa, pegando o meu celular e a carteira. Havia saído de casa sem comer nada, estava faminta. Decidi tomar alguma coisa na cafeteria que tinha na galeria perto de onde a minha loja se encontrava. Assim que saí, deparei-me com a grande placa de “vende-se” na frente da sapataria ao lado. Lembrei-me imediatamente do Caleb. Ele estava precisando de um bom espaço para o seu estúdio e, apesar de não o querer por perto, não podia ser tão egoísta a ponto de atrasar o seu sonho de parar de se prostituir. Peguei um papelzinho e anotei o número do telefone de contato que tinha na mesma placa. Só então fui fazer o meu desjejum.

Voltei à minha loja, e as primeiras clientes já haviam chegado. Não me pergunte como alguém pode acordar cedo para comprar cosméticos, mas tenha certeza de que isso é mais comum do que você imagina. Resolvi algumas

coisinhas com a funcionária que ficava no caixa e voltei para minha sala. Ignorei a Lara novamente.

No impulso, mexi na minha carteira e peguei o cartão de visitas do Caleb. Precisava lhe dar o número da sapataria. Juro, passei meia hora olhando para o cartãozinho preto com detalhes prateados. Era bem elegante e tinha o nome “Caleb Duarte” escrito com letras cursivas bem charmosas. Logo abaixo, tinha o telefone e o seu e-mail: klebduarte@gmail.com.

– É isso! – murmurei para mim mesma. – Vou mandar um e-mail. Será melhor do que ligar!

Peguei o computador, abri a minha caixa de entrada e cliquei em “escrever”. Sério, eu não sabia por onde começar. Queria falar tantas coisas para ele... Mas nada era útil o bastante. Decidi ser sucinta. Só queria dar uma informação, nada mais.

Sendo assim, escrevi as seguintes palavras:

“Bom dia, Caleb.

Aqui está o número da loja de sapatos da qual te falei. Eles estão mesmo vendendo o espaço. Espero que consiga realizar o seu maior desejo.

Amande Martins.”

Depois coloquei o número e o endereço. Achei que tinha soado bem profissional e longe de intenções. Cliquei em “enviar”, e já era.

Confesso que deixei o meu e-mail aberto durante todo o dia. Esperava algum tipo de resposta, qualquer coisa, mas não veio nada. Talvez Caleb não conferisse sua caixa de entrada diariamente. Ou talvez estivesse ocupado.

Trabalhando.

Balancei a cabeça, tentando tirar aquele pensamento de mim. Não sei por que, mas pensar nisso me causava um mal horrendo. Tanto que fiquei de mau humor durante quase todo o dia. Resolvi mais alguns problemas relacionados à loja, coisas bobas. Estava tudo em ordem.

À tarde, recebi uma ligação. Era da costureira.

– Amande? Aqui é Célia, querida.

– Oi, Célia! O que houve, algum problema?

– Você combinou comigo para pegar o seu vestido hoje, às quatro horas. Esqueceu?

Olhei para o relógio em cima da minha mesa. Eram quatro e trinta e seis. Céus... Outro atraso. Aliás, aquilo foi muito além de um atraso. Foi um esquecimento. Sendo que nunca me esqueço das minhas responsabilidades. E quando digo nunca, é nunquinha.

– Célia! – quase gritei. – Estou chegando aí, me desculpa!

Ela riu ao telefone.

– Não se preocupe, estou aqui até as seis.

– Vou agorinha mesmo, já estou saindo!

– Tudo bem, querida. Até mais!

Cheguei ao Celia's Noivas às cinco e meia. O trânsito estava horrível, mais parado do que de costume. Quase não conseguia estacionar o meu carro. Enfim, entrei no estabelecimento. Peguei o embrulho enorme e pesado que continha o meu vestido de noiva. Não ia precisar experimentar, pois já tinha feito a última prova. Estava perfeito.

Pedi mil perdões à Célia, depois liguei para a Lara. Não ia conseguir voltar ao trabalho, por isso pedi que organizasse as coisas e fechasse a loja. Quarenta minutos depois, estacionei o carro na garagem do meu apartamento. Foi quando meu celular tocou.

Era o João.

– Amor, estou chegando aí daqui a vinte minutos. Vou só colocar gasolina.

Meu coração congelou. Não sei por que, mas queria ficar sozinha. Precisava pensar um pouco, sei lá. Não estava a fim de encarar o João. Entretanto, eu me vi sem saídas.

– Tudo bem. Estou esperando – murmurei, e desliguei o telefone.

Suspirei profundamente. O que estava acontecendo comigo? *Alguma coisa* não estava normal. Não mesmo!

Tomei um banho rápido e fiquei esperando o meu noivo. Ele não demorou muito. Estava preparando uma salada e assando fatias de frango quando ouvi a campainha. Fui atender a porta.

– Oi, amor! – João sorria e segurava um buquê de rosas brancas. Estava bonito, usando uma calça jeans e uma camisa com desenhos alternativos na frente. Ele mesmo havia criado os desenhos.

Meu noivo era um homem alto e magrinho. Usava óculos, tinha os olhos castanho-claros e o cabelo meio aloirado. Era um rapaz lindo. Pelo menos eu sempre achei.

João me deu um selinho e entrou. Peguei o buquê e fui buscar um vaso.

– E então, foi pegar o vestido hoje? – ele perguntou da sala, enquanto eu colocava água no vaso e o depositava em cima da bancada da cozinha.

– Fui. Está aí no sofá. Não abra!

– Ele parece ser grande.

– Você vai ver quando chegar a hora – falei, agora voltando a minha atenção para as fatias de frango, que tinham queimado um pouquinho de um lado.

– E o sábado que não chega! – João disse, animado.

– Pois é – murmurei para mim mesma.

– Quer alguma ajuda?

– Pega o suco aqui na geladeira. Está com fome?

João apareceu na cozinha e fez o que pedi.

– Estou.

Ele pegou dois copos, dois pratos e os talheres. Já sabia onde eu guardava tudo. Como sempre fiz questão de me sentar à mesa – embora João prefira comer no sofá, assistindo à TV –, ele também pegou dois kits de jogo americano e os depositou lado a lado na minha mesa redonda de mármore branco.

Em dez minutos, já estávamos comendo.

– Você não me falou como foi a despedida de solteira.

– Foi boa – me limitei a dizer.

– Não vale só dizer isso. Quero saber o que fizeram.

Suspirei. Eu não sabia mentir, mas tinha que tentar. Meu futuro dependia daquilo.

– A casa era linda, tinha piscina... O quarto que fiquei tinha vista para o mar. Fomos à praia, enfim, curtimos muito. Até bebi um pouco. Foi divertido.

– Você bebeu? – João franziu o cenho, incrédulo.

– Bebi. Não queria dar uma de chata.

Ele riu um pouco.

– Jéssica me disse que ia contratar um serviço de *buffet* para vocês não se preocuparem com a cozinha.

Meu sangue congelou. Deus... Por que é tão ruim mentir? É difícil acreditar que muita gente o faça com tamanha facilidade.

– Sim, ele era ótimo... Digo, a equipe era muito boa.

“Se mata, Amande!”, pensei.

– Fico feliz que tenha se divertido. A minha despedida será na quinta-feira. Os garotos não querem me dizer aonde vão... Ficaram de me pegar em casa e disseram que só me devolveriam pela manhã.

– Ah. Legal.

João fez uma careta.

– Você está tão esquisita, amor! Pensei que ia reclamar comigo por causa disso.

– Não estou esquisita, só acho que você tem o direito de se divertir. Deixa os meninos te levarem para onde quiserem, afinal, as meninas fizeram o mesmo comigo.

Ele riu e se inclinou para me beijar. Deu-me outro selinho casto.

Depois do jantar, João lavou os pratos e eu terminei de organizar a cozinha. Deixamos tudo limpo e nos sentamos no sofá.

– Nem acredito que nos casaremos – ele murmurou, puxando-me para perto dele. – É um sonho, sabia?

– João... – Tentei me erguer. – Você... Preciso fazer uma pergunta.

– Pode fazer, amor.

– É que... Você é feliz comigo?

Ele riu de leve, mostrando seus dentes enfileirados. Seu sorriso era bonito. Ponto final. Não irei acrescentar esta frase com um “mas...”, pois não vou – e nem quero – compará-lo a ninguém.

– Claro que sou! Que ideia é essa?

– Não, é que... Você se satisfaz comigo? – perguntei meio inibida. Não sabia onde queria chegar, mas pelo menos eu podia chegar a qualquer canto com ele.

– Como assim, amor? – João estava achando tudo muito esquisito. Pudera, jamais havia falado sobre aquilo.

– Deixa pra lá – murmurei.

– Não, linda... Conta.

– É sério, não é nada. – Forcei um sorriso.

– Tem certeza?

– Tenho – menti.

– Então vem cá, quero te beijar direito.

João me tomou em seus braços, e eu me deixei levar. Seus lábios eram conhecidos, doces, singelos. O seu beijo era sempre calmo, sem pressa. Ele me alisava os cabelos com mãos leves. Senti o seu cheiro; era super reconhecível para mim. Estava mais do que acostumada e me senti em casa.

Não vou fazer comparações, esqueça. Só estou descrevendo e não comparando. Comparar a lua e o sol é crueldade. Ambos têm sua beleza, seus

encantos. São capazes de afetar os meus sentidos. Porém não posso me enganar. Fiquei decepcionada.

Senti-me como uma cadela, no termo literal da palavra. Se bem que também me senti no não literal. Mas, imaginem só a seguinte historinha: eu era uma cadela acostumada a sempre comer a minha ração saudável e tranquila. Até que um belo dia alguém me serve um pedaço farto de carne, e me delicio. Então, do nada, a carne me é tirada e devo voltar a comer ração.

Parece horrível dizer isso, e é. Até eu me choco, mas foi como me senti quando João me empurrou no sofá e prendeu seu corpo em cima do meu. Sabia onde ele queria chegar. O problema era que eu não queria chegar lá. Não era o meu desejo.

– João... – Suspirei, tentando me afastar. – Vamos... Vamos esperar o casamento.

– Amande, deixe de besteira. Já fizemos isso tantas vezes.

– Mas... Assim dará mais vontade. Nossa lua de mel será mais... Enfim, intensa – enrolei. Estava um poço de falsidade. Coisa feia. Lamentável.

– Hum. Tudo bem, então. – João se afastou, mas me puxou para cima dele. Sentei em seu colo, tendo os pés apoiados no sofá. Meu noivo me segurou como se eu fosse um bebê.

Sorri um pouco. João era especial. Sim, sem dúvidas. Eu podia ser feliz com ele, facinho. Aliás, nós íamos ser felizes. Deus abençoaria nosso amor perante uma igreja lotada de convidados.

33º Capítulo

Reencontro

A terça-feira praticamente voou. Liguei para alguns contatos do meu casamento, reconfirmando tudo. Nada podia dar errado, do contrário sei que ficaria possessa. Havia organizado tudo com muito trabalho, portanto queria que cada detalhe beirasse a perfeição.

Lara precisou ir provar os ajustes do vestido dela, e como eu havia prometido que lhe daria folga, assim foi feito. Acho que seus problemas com relação às gordurinhas foram curados na minha despedida de solteira. Fernando lhe tratava tão bem o tempo todo! Isso eleva muito a autoestima de uma mulher.

João não veio me ver na terça, pois teria que trabalhar num projeto até tarde. Este é o grande problema em ser *freelancer*. Preferia que ele tivesse um emprego fixo, mas enfim, não vou ficar reclamando disso agora. A vantagem de tudo foi que finalmente relaxei e consegui dormir bem.

Na quarta-feira, quando cheguei à loja, Lara já tinha aberto e estava organizando os materiais. Comecei a ajudá-la, mas me arrependi. Como ainda estava cedo, as outras funcionárias não tinham chegado, portanto éramos só nós duas. Claro que ela ia comentar alguma coisa.

– Você está bem, Amande? – perguntou.

– Estou ótima! E você?

– Muito bem também. Sua despedida de solteira me fez um bem enorme. Me sinto viva, sabe? É diferente.

– Pois é – falei.

Silêncio total.

– Amande, eu sei que...

– Não quero falar sobre isso. – Cortei logo o mal pela raiz. Estava só esperando ela começar.

Lara suspirou, voltando a desembalar algumas amostras grátis.

– Só espero que saiba o que está fazendo – disse por fim.

– Eu sei o que estou fazendo – menti. Uma mentira muito da cabeluda. Eu não fazia ideia do que estava fazendo.

Fiquei na minha sala a manhã inteira. Abri o meu e-mail pela milésima vez desde a segunda-feira; não havia uma mensagem sequer do Caleb. Soltei meu trigésimo suspiro da última meia hora. O que estava esperando? Nem eu mesma conseguia responder a esta pergunta.

Pensava na loucura que havia se tornado os meus dias quando Lara bateu na minha porta e entrou sem pedir licença. Parecia muito assustada. Estava branca como um papel.

– O que foi, Lara? Aconteceu alguma coisa?

Ela apontou para a porta.

– Tem... uma pessoa que quer falar contigo.

– Quem? – Franzi o cenho. Não estava esperando visitas, e não tinha fornecedor marcado para aquele dia.

– Veja você mesma, está na ala de perfumes. Vá logo antes que eu dê um grito! – Lara falou alto.

– Ok, mas tenha calma!

Saí voando até a ala de perfumes. A curiosidade falou mais alto, queria saber quem tinha abalado tanto a Lara. Assim que cheguei lá, simplesmente estaquei. É sério, sabe quando você para do nada e fica sem ação, grudada ao chão feito um pé de jaca dura? Foi o que aconteceu comigo.

Tudo isso porque, na ala de perfumes, estava nada mais nada menos do que o próprio Caleb, em carne e osso. Estava lindo como sempre; vestindo uma calça jeans escura, sapatos super da hora e uma camisa vermelha estilosa por baixo de uma jaqueta preta. Diferente de tudo o que eu já tinha visto nele.

Caleb estava meio inclinado, observando as prateleiras de perfume com muita concentração. Estava tão absorto no que fazia que não me viu chegar. Por isso, dei meia volta e encontrei Lara perto dos hidratantes.

– Eu não vou lá – murmurei, sentindo minha voz fraquejando. Tinha certeza de que estava tão branca quanto a Lara quando foi me chamar.

– Ah, vai sim! – Ela me empurrou de leve, e aquilo acabou me fazendo voltar para a ala de perfumes.

Caleb estava do mesmo modo. Vi quando pegou um dos perfumes e espirrou no punho. Esfregou com os dedos e cheirou. Balançou a cabeça logo em seguida.

O que raios ele estava fazendo?

– Pois não, senhor – falei baixinho, chegando mais perto.

Caleb olhou para mim. Preciso dizer algo mais? Ele apenas olhou para mim. E isso significou tudo, pois meu coração acelerou imediatamente, minhas mãos começaram a tremer, minhas pernas quase falharam e me senti perdida em outra dimensão. Mas isso não foi tudo. O pior foi quando o maldito ergueu o canto da boca para o lado esquerdo, contracenando a caretinha safada.

Foi então que percebi algo diferente nele: estava barbeado, e sua pele lisinha à mostra mexeu com a minha imaginação em questão de segundos.

– Amande. Que bom te ver de novo – disse, abrindo ainda mais o sorriso. – Sua loja é fantástica. Adorei!

– Que bom que gostou, senhor. Temos uma linha completa de perfumes masculinos, são cheirosíssimos. – Rá! Estava fazendo de propósito. Pretendia tratá-lo como cliente até o fim, assim como ele havia feito comigo.

– Isso é bom, mas eu estava procurando um perfume feminino – respondeu, tornando a fitar a prateleira.

– Temos esta linha nova aqui, senhor – falei, pegando um papelzinho e espirrando a amostra de um perfume que tinha acabado de lançar no mercado. – Veja se gosta.

Caleb pegou o papel dos meus dedos, porém sem se encostar a mim.

Inspirou profundamente.

– Não, não é este. É algo mais doce. Com um leve aroma de flores... Eu não entendo de perfumes, desculpe. Só saberei quando senti-lo de novo.

Meu estômago deu uma reviravolta. Por dentro, estava prestes a dar um grito e pular em cima dele. Por fora, apenas mantinha uma seriedade profissional impressionante. E viva a falsidade!

– Bom, temos trinta e sete perfumes femininos distintos, sinta-se à vontade para sentir o cheiro de cada um, senhor. – Empurrei um potinho que continha vários pedacinhos de papéis. Peguei também um pote menor, com um pouquinho de grãos de café. Aquilo servia para as pessoas sentirem vários cheiros sem se confundirem.

Caleb franziu o cenho, encarando-me com uma expressão esquisita.

– Muito bem, vamos começar, então – falou, pegando o primeiro papel. Segurou uma amostra e espirrou o conteúdo. Levou o papel ao nariz. Jogou-o fora. – Não é este.

Caleb pegava o segundo quando decidi dar um fim àquilo.

– O que faz aqui, Caleb? – perguntei.

– Vim agradecer o e-mail – comentou, cheirando o café e pegando o terceiro frasco. O segundo também não tinha lhe deixado satisfeito. – E dizer que sou seu novo vizinho.

– O quê? – falei alto demais. – Você comprou?

– Quase. Vamos ver a papelada ainda. Adorei o espaço, é perfeito, do jeito que sempre quis. O dono da sapataria vai se mudar no fim do mês, então queria vender logo. Tinha algumas pessoas interessadas, mas ele me deu prioridade assim que descobriu que eu pagaria à vista. – Ele se virou na minha direção e piscou um olho. Meu coração derreteu.

– Isso é ótimo, Caleb! Fico muito feliz por você! – falei, sorrindo. Adorei ter feito parte daquilo de alguma forma.

– Estou muito contente mesmo, Amande. – Caleb já estava na quinta fragrância. – E você, como está?

– Estou ótima! – menti. Bom, só um pouquinho. A verdade é que me sentia bem com a presença dele.

– E o casamento, como estão as coisas?

– Tudo pronto. Só falta tocarem a marcha nupcial.

Caleb me encarou. Havia ficado sério de repente.

– Legal – murmurou, pegando o sétimo perfume. – Bom... Pretendo ir almoçar quando acabar aqui, mas tem que ser algo especial, pois estou muito feliz. Então... Pensei que eu deveria almoçar com a pessoa que me ajudou nisso.

Encarei-o, mas ele não me olhou. Jogava o papelzinho com a oitava fragrância no lixinho que ficava embutido ao lado da prateleira.

– Isso é um convite? – decidi perguntar. Minha voz quase não saiu.

– É. Quer ir almoçar comigo? – Seus olhos azuis maravilhosos me fitaram por longos minutos.

– Depende – me vi respondendo.

– De quê?

No impulso, peguei seis papeizinhos de uma vez só. Separei alguns perfumes aleatórios, espirrando-os em cada papel. Depois os entreguei ao Caleb.

– Se acertar, eu vou – murmurei.

Caleb fez a caretinha.

– Você sabia o tempo todo o que eu estava procurando? – perguntou em tom de brincadeira.

– Você é bem previsível, Caleb.

– Sou?

Sorri timidamente.

– Não, mas eu queria que fosse.

– Queria?

– Você está me enrolando, vamos! – desviei o assunto. - Aceita ou não o desafio?

– Claro que sim! – Ele pegou os papeizinhos e começou a cheirá-los, um por um. Jogou três deles fora, até que parou no quarto. – É este. Foi muito fácil.

Entregou-me o papel, jogando os outros no lixo. Sua confiança era louvável.

Inspirei o papel que tinha escolhido e estaquei completamente. Minha cabeça deu um giro de trezentos e sessenta graus. Achei que ia desmaiar ali mesmo.

O maldito havia acertado.

– Tem certeza de que é este? – blefei, fazendo uma careta.

– Absoluta. – Ele não se deixou abater.

– E se eu te dissesse que errou?

– Eu diria que você é péssima em blefe. Por isso não quis jogar pôquer.

Ri. Achei graça naquilo, apesar de ainda estar quase sem ar.

– Olha, eu não teria tanta certeza assim. Acho que você errou, hein? – continuei com o disfarce.

– Amande... Não tente me enrolar. Se não quer almoçar comigo, é só dizer. Sei perfeitamente que este daí é o seu perfume. Não pode ser outro.

– Você acertou mesmo – murmurei, pegando na prateleira o perfume que eu usava. Entreguei-o a ele.

– Vou levar.

– Vai levar? – Fiz uma careta. Céus... Esse homem vai me matar um dia.

– Sim, algum problema?

– Nenhum. É só levá-lo ali ao caixa, a Fabíola vai te atender. Vou pegar a minha bolsa. Estou morrendo de fome.

– Te vejo na saída – ele disse, piscando um olho novamente.

Estava frita.

34º Capítulo

Estranho almoço

Dez minutos depois, encontrei Caleb muito concentrado, analisando a vitrine da minha loja.

– Essas fotos são boas. – Ele apontou para as fotografias das modelos que haviam feito ensaio com os produtos da loja. Tinha quadros imensos no fundo da vitrine. – Mas sabe o que eu acho? Você podia fazer um ensaio e colocar suas próprias fotos.

– Eu? Ser a modelo? – Comecei a rir.

– Sim, por que não?

– Vou nem responder! – Balancei a cabeça, achando tudo muito hilário.

– Você é linda, Amande. Acredite. – Ele pareceu bem sério enquanto me olhava. No mesmo instante, meu sorriso foi embora. Só conseguia ver o oceano de seus olhos se aproximando com uma onda cruel, um tsunami que arrasaria tudo o que havia posto de pé. Era perigoso estar com ele. E eu, de boba, dando corda.

– Bom, vamos lá? – mudei de assunto. – Aonde pretende me levar?

– A um lugar que eu adoro. Você está de carro?

– Estou sim, e você?

– Também. Vamos comigo, depois te trago de volta.

– Ok. Traga mesmo, hein? – Rimos.

Certo, tudo bem, o Caleb tinha um BMW. Era lindo, todo prateado, chegava a reluzir. Impossível não chamar atenção. Abri minha boca quando vi o carro dele e quase pensei em desistir. Sério, o que eu ia fazer rodando pela cidade sozinha com Caleb dentro de um BMW?

Tentei fingir normalidade e até que consegui. Respirei fundo, sentando-me no banco do carona.

– Bela máquina – murmurei depois que ele deu partida.

Caleb respondeu só depois de um tempo, quando o silêncio no carro se tornou um pouco sufocante:

– Gastei bem o dinheiro.

– Estou vendo.

– Bom, me acostumei com a Charlotte, não troco nem vendo por nada – disse.

– Charlotte? – Franzi o cenho.

– É o nome da BMW. – Riu abertamente.

Comecei a gargalhar, e ele me acompanhou.

– Gosto de colocar nome nas coisas. Quase tudo que possuo tem nome. Sei lá, deve ser porque não tenho amigos. Faço de conta que as coisas podem me compreender. – Caleb ainda ria, mas eu simplesmente parei. Não vi graça no que falou.

Fiquei observando seu perfil enquanto dirigia com muita prudência. Isso mesmo, ele não estava querendo se mostrar com seu carro caríssimo. Dirigia como se estivesse guiando um popular.

– Pensei que não te veria mais – soltei sem querer.

Caleb me olhou, mas não demorou muito. Teve que prestar atenção no trânsito.

– Eu também – ele disse baixinho, num sussurro.

Fiquei calada depois disso. Não tinha o que dizer nem o que pensar. Sua voz havia feito o meu corpo inteiro ficar paralisado. Ele tinha tanto efeito sobre mim! Só queria ser imune a tantos encantos, mas simplesmente não conseguia. As lembranças do fim de semana invadiram a minha mente. Uma onda de desejo se apossou do meu corpo enquanto o via diante de mim, tão diferente, mas tão igual.

Paramos no estacionamento de um restaurante. Já o conhecia, por isso fiquei aliviada. Não queria estar em um lugar esquisito, pois me sentiria perdida. Deixaria apenas que a própria presença do Caleb me causasse essa sensação.

Escolhemos uma mesa no canto. O ambiente era bem legal; elegante na medida certa. Eu gostava mais da organização do lugar e do cheiro cítrico delicioso que alguns arranjos de flores forneciam. Caleb deixou sua jaqueta preta na entrada, bem como deixei o meu blazer cinza-escuro.

– Já veio aqui? – Caleb perguntou depois que nos sentamos.

– Poucas vezes, mas sim.

O garçom veio nos atender.

– O que você quer? – perguntou-me.

Encarei-o demoradamente.

– Me surpreenda – murmurei.

Caleb era fã de massas de qualquer tipo, e, como o lugar tinha uma variedade muito boa, acabamos pedindo várias coisas distintas. Bom, na verdade foi ele quem pediu, pois ficou com medo de que eu não gostasse de algo. Como ele estava dirigindo, e eu trabalhando, pedimos apenas suco de laranja.

– Estou impressionado, Amande – comentou enquanto esperávamos nosso pedido chegar. – Sua loja é incrível. Bem espaçosa, cheia de variedades e toda equipada com um bom gosto absoluto. Os móveis são belos demais... E aquelas esculturas entre as prateleiras? São perfeitas!

Ri timidamente, sentindo-me corar.

– As esculturas são da Paloma, ela é uma artista e tanto! O restante é resultado de um trabalho muito grande e meticulosamente planejado. Também tive ajuda de uma colega designer de interiores.

– Ficou perfeita, meus parabéns! Você é muito competente. Há quanto tempo tem a loja?

– Três anos. Mas passei uns dois apenas planejando. Só tirei do papel quando tive certeza de que iria dar certo. Graças a Deus, deu.

– Fez tudo sozinha? – Caleb pareceu surpreso.

– Sim. Meu pai me ajudou um pouco com o capital inicial, mas eu mesma consegui reunir boa parte dos fundos. Sou formada em administração de empresas, então coloquei em prática cada detalhe do que estudei.

– Perfeito. Fico muito orgulhoso de você.

Corei de novo.

– Obrigada.

O garçom trouxe nossos sucos, então Caleb ergueu seu copo e juntou com o meu.

– Ao seu sucesso, que seja absoluto – ele disse.

– Não, nada disso! Ao seu estúdio, que será um sucesso absoluto – rebati.

– A nós, então – Caleb murmurou e parou de sorrir. Ficou me encarando daquele jeito que não devia. Senti meu corpo esquentar automaticamente.

Sorri feito uma boba e bati meu copo no dele. Depois tomei dois goles grandes.

Nosso pedido foi atendido enquanto discutíamos sobre o cheiro que emanava dos arranjos. Caleb não sabia de nada sobre perfumes, mas gostava de sentir e analisar as fragrâncias. Pensei que não tinha notado o leve odor que parecia rodopiar no ambiente, afinal, quase ninguém parava para perceber certas sutilezas. Fiquei admirada com a sua sensibilidade.

– Então por isso descobriu qual era o meu perfume. Fui enganada.

– Senti bem o seu perfume, Amande. Não tem como esquecer.

Ele não me olhou enquanto disse aquilo, e dei graças a Deus. Havia ficado muito desconcertada, por isso nada respondi. Fui salva pelo garçom, que trazia mais suco de laranja.

Percebi que havíamos pedido comida demais. Sério, tinha uns cinco pratos distintos que, juntos, podiam servir bem umas quatro pessoas. Começamos a rir disso, mas não hesitamos em comer. Caleb tinha muita fome e comia empolgado, enquanto eu, inexplicavelmente, estava com o apetite nas alturas.

Nossa mesa ficou lotada de comida, e tudo estava delicioso.

Saboreava um pouco de nhoque com massa de batatas quando ele decidiu tocar no assunto.

– Conseguiu resolver os problemas com o seu noivo? – questionou sem me olhar.

– Que problemas? – perguntei baixinho. Meu sangue parou de circular nas minhas veias. Pelo menos a sensação foi essa.

– Ah, não me faça dizer isso aqui. – Riu. – Você sabe, as algemas.

– Bom, tenho uma lua de mel inteira para isso.

– É verdade. Já sabem aonde vão? – Caleb ainda não me olhava. Só observava o próprio prato e, às vezes, seu copo de suco.

– Fernando de Noronha.

Ele assobiou.

– Belo lugar.

– Já esteve lá?

– Uma vez, com uma clien... Sim, uma vez. – Pareceu desconcertado. Já eu, senti minha cabeça esquentar. Não sabia o que era aquilo, mas era muito, muito quente.

Imaginar Caleb numa ilha paradisíaca de mãos dadas com uma mulher mais velha – rica e cheia de botox – não me fez bem. Soltei meus talheres no prato. Ele não percebeu, continuou comendo de um jeito meio nervoso.

– Não precisa ter vergonha do que é – falei, soltando um suspiro. – Sei bem o que você faz, então podemos falar sobre isso abertamente. O que acha?

– Prefiro não tocar neste assunto.

– Tudo vai ficar no passado mesmo. Você será um bom fotógrafo.

Caleb também suspirou, voltando a me encarar. Agradeci por isso, mas, ao mesmo tempo, quase implorei para que não me olhasse daquela forma. Ele parecia tenso. Seus olhos estavam mais escuros. Só um pouquinho, visto que

jamais deixavam de brilhar.

– Não sei. Às vezes tenho dúvidas.

– Ei, vai sim. Acredite, sua vida vai ser outra. Finalmente realizará seu maior desejo, não é?

– Sim, mas... não sei se vou me adaptar – confessou. – Tenho medo de ficar fazendo as duas coisas... De me complicar. Conheço muita gente, Amande, e muita gente me conhece. Vai ser difícil ser levado a sério como um profissional.

Senti o receio de Caleb pular dentro do meu peito como se, na verdade, pertencesse a mim.

– Vai dar certo, acredite. Mantenha o profissionalismo, seja competente. Competência é uma coisa que ninguém pode distorcer. Se for competente, terá respeito.

Caleb aquiesceu, desviando os olhos.

– Respeito... É isso. Exatamente isso o que quero.

- Então... Ei, olha pra mim. – Ele me atendeu. Prendi a respiração. – Vai dar certo. Se te faltarem com respeito, pode me chamar na loja ao lado. Vou ter uma conversinha com o sujeito.

Caleb gargalhou. Eu o acompanhei, mas fiquei observando mais do que propriamente rindo. Como era bom vê-lo sorrir!

– De fato, ninguém ganha de você numa discussão! – ele falou, ainda rindo.

– Que mentira! Só ando perdendo feio desde que te vi.

– Sério? – Caleb franziu o cenho. – Pensei que tinha perdido todas.

– Se tivesse perdido, eu não teria dormido contigo – soltei.

Ele resfolegou. Sim, bem na minha frente, como se o ar tivesse lhe faltado nos pulmões. E eu me odiei por dentro por ter sido tão cara de pau. Não devia ter tocado no assunto, mas simplesmente não parava de me lembrar, enquanto o observava, do modo como ele me tocou e me agradou no fim de semana. Era

esquisito tê-lo perto de novo.

– Pensei que tinha feito porque queria e não pelo que falei – disse seriamente.

– Vamos mudar de assunto? – pedi.

– Ok.

Voltamos a comer, silenciosos. Devoramos tudo o que conseguimos, de modo que não sobrou tanta coisa. Mesmo assim, pedi para que embalassem as sobras.

– Tem muita gente passando fome, não aguento desperdiçar comida – confessei. – Olha, são... – Olhei o meu relógio de pulso. – Duas e meia? Nossa, já devia estar na loja!

– Vou te levar agora. Porém, pensei que ia querer uma sobremesa. Tenho uma ótima, especialmente para você – falou. Meus pensamentos voaram longe, muito além de um mero doce. Pensava em outro tipo de sobremesa.

– Poxa, desse jeito não vou resistir.

- Não resista – murmurou com uma voz rouca maravilhosa.

Caleb chamou o garçom e falou baixinho com ele. Não consegui escutá-lo. Logo em seguida, virou-se para mim e sorriu. Coisa linda! Ficava tão diferente sem a barba por fazer, mas ao mesmo tempo tão... sexy. Acho que isso nunca mudaria.

Alguns minutos depois, o garçom chegou com nossas sobremesas.

O prato diante de mim me mostrava um bolinho branco, similar a um pudim. Ao redor, uma calda, também branca, deixava evidente que estava delicioso.

– O que é? – perguntei, mas já sabia a resposta.

– Pudim de leite condensado... – Caleb sussurrou. Meu braço e perna esquerda se arrepiaram. – Com calda de leite condensado.

35º Capítulo

Quanto você custa?

A sobremesa estava deliciosa, e confesso que, a cada colherada, recordava-me do sabor do Caleb na minha língua. Foi difícil comer tudo com ele me olhando de um jeito tão safado. Estava me seduzindo, e isso era óbvio. Só não conseguia entender por que fazia aquilo. Não estávamos mais na praia, portanto não havia necessidade.

– Agora posso te levar? Está satisfeita?

Olhei para o relógio. Três e dez da tarde. Minha loja só fechava às seis, mas, com o trânsito, provavelmente só conseguiríamos chegar às quatro horas. Bom, eu já tinha perdido uma boa parte da minha tarde, por que não perder logo o restante?

– Estou satisfeita, mas que tal levarmos a comida que mandamos embalar até a praça que tem aqui perto? Podemos dar a algum morador de rua antes de irmos – sugeri.

Caleb sorriu.

– Você é fantástica.

– Só faço as coisas certas. O que me diz?

Ele olhou o próprio relógio no pulso. Fez uma leve careta, quase imperceptível, mas eu notei. Pareceu refletir um pouco.

Não sou tão besta quanto pareço. Percebi rapidinho que ele tinha cliente marcada.

– Caleb, se não puder ir, tudo bem. Eu compreendo. Posso oferecer a comida para alguém perto da galeria.

Ele não me olhou.

– Preciso fazer uma ligação – informou.

– Fique à vontade.

– Com licença. – Caleb foi se levantando, mas fiz um sinal para que ficasse.

– Não precisa sair. Vou ao sanitário e volto já – falei, levantando-me da mesa.

Fui até o banheiro elegantíssimo do restaurante. Soltei todo o ar que havia prendido nos pulmões. O que estava fazendo? Não devia ter aceitado almoçar com o Caleb. Não *mesmo*! Era tudo tão... estranho. Ser o que ele é, fazer o que ele faz. Se eu fosse vista com ele na rua, e alguém o reconhecesse? Pensariam que eu estava contratando seus serviços. Talvez até achassem que também fazia parte daquele tipo de vida lastimável. Se alguém da família me visse com ele? E se algum amigo, ou o próprio João, aparecesse do nada?

Fui mesmo muito imbecil. Caleb estava pagando um almoço para mim, sendo que o dinheiro foi conseguido por meio de sexo com outras mulheres. Talvez até do sexo que tinha feito comigo no fim de semana. Afinal, quanto tinha ganhado com aquilo? Isso era simplesmente ultrajante!

Uma lágrima sorrateira caiu, mas eu a enxuguei muito depressa. Lavei as mãos, retoquei o batom e respirei fundo. Precisava me livrar dele o quanto antes. Era o correto a ser feito.

Quando saí do banheiro, Caleb ainda falava ao celular. Fui me aproximando devagar, com medo de escutar coisas que não queria. Como ironia do destino, foi exatamente isso o que aconteceu.

– Não, tudo bem, querida – ele falava com uma voz doce. – Ainda neste mês, prometo. Vou encontrar um horário bom na minha agenda. Só não dá pra ser hoje, desculpe.

Um momento de pausa.

– Sei que sente saudades, vou fazer o possível.

Outra pausa.

– Certo, não se preocupe. Até mais. Um beijo. – E desligou.

Foi o fim da picada. Sério. Soltei um soluço alto e levei uma mão à boca, tentando me conter. Caleb acabou me ouvindo e olhou na minha direção. Eu estava perto, mas não tanto. Pensei em ir embora. Meu desejo era simplesmente sair correndo, porém não pude.

Ele me olhava de uma forma tão... Não sei explicar sua expressão. Talvez fosse infelicidade. Só sei que tive muita pena. Se o abandonasse sozinho nunca iria me perdoar, principalmente depois de ter cancelado com uma cliente. Não queria ser um estorvo, pois não tinha nada a ver com a sua vida. Ele que fizesse o que bem entendesse, e eu seria uma boba se começasse a me importar.

Sentei-me à mesa, pegando um guardanapo. Enxuguei as lágrimas até elas secarem. Caleb nada falou. Não queria olhá-lo, mas não tive saída; o que vi foi horrível. Sua expressão era de puro sofrimento.

– Desculpa – murmurei.

– Eu que peço perdão. Isso vai ter fim em breve.

– Sim, eu sei. Fico feliz por você. Enfim... Acho melhor ligar pra ela de novo e dizer que vai encontrá-la. Quero ir embora e vou pegar um táxi.

Caleb ficou calado. Depois de séculos, perguntou:

– É o seu maior desejo?

Balancei a cabeça, negando. Estava sendo sincera, não queria deixá-lo. Eu precisava, mas não queria. Não depois de ter visto tanta infelicidade em seus olhos.

– Quanto custa? – perguntei.

– O quê? – Caleb não entendeu.

– Qual é o seu preço? Quero saber o seu preço.

Ele fez uma cara muito feia. Pareceu irritado.

– Pra quê quer saber?

– Quero saber o tamanho do absurdo. – Balancei a cabeça de novo, indignada.

– Varia muito – murmurou. – Depende de muitas coisas. Do lugar, da

pessoa, da ocasião.

– Quanto? – rosnei.

– Vai de oitocentos a três mil reais – disse sem me olhar. – A hora.

Abri meus olhos ao máximo.

– A hora? – quase gritei.

– É.

Não consegui resistir. Comecei a chorar como uma criança, debulhando-me em lágrimas. Era difícil entender aquele jogo; ao mesmo tempo em que era um valor alto demais – que explicava totalmente a BMW –, era muito pouco. Uma hora com Caleb simplesmente não tinha preço. Não para mim.

– Amande... Não chore, por favor. – Ele se levantou e me puxou da cadeira, fazendo-me levantar. – Vamos sair daqui, podemos dar uma volta na praça como sugeriu. Já paguei a conta.

Que escolha tinha? Segui-o para fora do restaurante, tentando parar de chorar.

Idiota. Essa sou eu.

36º Capítulo

Convites

Chegamos à praça com muita tranquilidade. Eu havia parado de chorar e me mantinha silenciosa, enquanto Caleb segurava o meu blazer nas costas. Só me senti um pouco melhor quando entreguei a embalagem de comida a uma senhorinha que estava sentada em um dos bancos de cimento. Ela pedia dinheiro com um chapeuzinho surrado e parecia com frio.

Caleb resolveu doar a própria jaqueta para ela, que ficou contente e nos fez ganhar o dia. É sempre bom fazer o bem. Sinto-me mais leve quando percebo que fiz alguma coisa certa e é por isso que faço em todos os âmbitos da minha vida. Bom, pelo visto, menos em um. O meu coração não ia nada bem...

Adoraria conversar com Caleb, mas não encontrava assunto. Não queria falar nada sobre o casamento, a prostituição, nem sobre o fim de semana ou qualquer coisa que envolvesse nós dois. O maior problema era que todos esses assuntos estavam na minha cabeça, de modo que não conseguia pensar em nada diferente.

– Você vai trabalhar sempre assim, elegante? – ele perguntou quando estávamos cruzando uma pequena ponte. Havia um riacho abaixo de nós. Era um lugar bonito, bem arborizado. Tinha até uma pista de *cooper*.

Olhei para mim mesma. Estava vestindo uma saia cinza combinando com o blazer e uma blusa fina de seda na cor champanhe. Meu sapato *scarpin* era de salto e bem discreto, mais ou menos da cor da minha pele.

– Gosto de me vestir bem.

– Você tem bom gosto em tudo. – Ele fez a caretinha. Senhor... Dai-me forças.

– Não me generalize.

Caleb riu.

– Tem razão, devo conhecer apenas a sua ponta do iceberg. Mas pode ter certeza de que fico impressionado cada vez que descubro mais sobre você.

Corei um pouquinho.

– Posso dizer o mesmo de você – murmurei.

Andamos em silêncio até alcançarmos um banco de ferro que ficava de frente para um chafariz. Era uma construção antiga, diferente. Dois anjos cuspiam as águas que escorriam aos montes, provocando um barulhinho que mantinha a constância.

Ficamos observando os anjos por um bom tempo, calados. Eu não pensava em nada, apenas observava tudo ao meu redor e tentava manter a respiração calma. Às vezes passava uma rajada mais forte de vento, e conseguia sentir o cheiro dele bem de leve. Toda vez que isso acontecia, meu couro cabeludo arrepiava.

Foi olhando para o céu do fim daquela tarde que me lembrei de um assunto.

– Ei! Preciso ver seu portfólio! – gritei. – Está com ele aí?

– Ah... – Caleb pensou um pouco. – Não, na verdade não trouxe.

– Poxa, quero muito que tire umas fotos do casamento. É sério! – Peguei a minha bolsa e puxei um convite. Sempre guardava um dentro dela, caso encontrasse alguém que tivesse me esquecido de convidar para o casamento. Claro que isso não chegou a acontecer, visto que a minha lista foi repassada pelo menos umas trezentas mil vezes. – Tome, é seu.

Ele pegou o papel prateado e o observou dos dois lados. Hesitou um pouco, olhando para mim. Depois puxou uma pequena aba para fora, e o convite se abriu inteiro em formato de coração.

– Legal... – Suspirou.

Realmente era legal. O convite estava mesmo muito bem formulado. Além de ele se abrir em forma de coração, tinha uma foto minha e do João estampada, e as informações do convite ficavam ao redor. Aquele design custava uma nota, mas, como dizia o dono do *Jurassic Park*, “não poupei despesas”.

– Este é o seu noivo? – Caleb perguntou, apontando para o João.

A foto estava bem maneira. Havia sido tirada em uma viagem que fizemos à praia, portanto estávamos abraçados e sorridentes. Como pano de fundo, as ondas do mar morriam na areia.

– Não, é o meu irmão – falei, rindo. – Claro que é o meu noivo, né?

– Você tem irmãos?

– Não, sou filha única. E você?

– Tenho uma irmã mais nova, a Júlia. Ela mora na cidade vizinha.

– Hum... – Sorri. Caleb estava um pouco sério, observando o convite em suas mãos. Acho que estava lendo as informações sobre o endereço da igreja e da casa de recepções. – Então... Se estiver ocupado no sábado, tudo bem. A cerimônia é às oito da noite, mas a festa vai rolar até o amanhecer.

– Não vou estar ocupado no sábado... – ele murmurou, ainda muito sério.

Silêncio total.

Olhei o meu relógio. Dali a algum tempo começaria a escurecer, já eram cinco horas e dezesseis minutos. Havia sido o almoço mais prolongado da minha vida.

– Você quer mesmo ver o meu portfólio? – Caleb perguntou, ainda com o convite em mãos.

– Claro que sim!

– Bom... Neste caso a gente pode ir lá pro meu apartamento. Eu te mostro as coisas que já tenho para o estúdio. Coloco tudo dentro de um quarto.

– Não sei, Caleb... Preciso pegar o meu carro. Está ficando tarde – falei, olhando-o de perto. A verdade era que eu tremia só de pensar em ficar sozinha com ele.

– Não seja por isso; passamos na loja, pegamos o seu carro e seguimos para o apartamento. Não vai demorar, estará em casa antes das sete.

Ele virou o rosto na minha direção. Permaneceu daquele modo por muito tempo, enquanto eu travava uma guerra interna. Um lado meu, composto por um

anjinho puro e casto, chorava e esperneava, dizendo-me para não ser tão boba a ponto de aceitar. Já o outro lado, um demônio sedutor que cuspia chamas ardentes, falava educadamente, usando sua voz mais sexy e tentadora. Ele dizia: “Amande... O que está esperando, meu bem?”.

Caleb ainda olhava dentro dos meus olhos, aguardando uma resposta. Do nada, ergueu uma mão e alisou a lateral da minha face com a ponta dos dedos. Foi descendo para os meus lábios bem devagarzinho. Seu toque fez meu corpo inteiro tremer e a minha respiração se tornar ofegante.

Certamente aquele homem impressionante estava de acordo com o meu lado demônio. Os dois juntos não davam sequer uma chance remota ao anjinho que chorava.

Uma pena.

37º Capítulo

Mais adjetivos

Passei na loja rapidamente. Lara já estava organizando as coisas para fechar. Não me demorei, apenas disse que precisava sair rápido e peguei as chaves do carro na minha gaveta. Confio muito em Lara, então fiquei despreocupada, o que é raro, pois nunca agi desta forma. Com certeza ela notou, só foi prudente o bastante para ficar calada. Se bem que, se Lara tivesse dito alguma coisa, poderia ter me impedido de cometer aquela loucura.

Onde já se viu, sozinha com Caleb em seu apartamento?

Bom, o fato é que segui a BMW dele pelo trânsito caótico da cidade e, quando menos esperei, já estava em um bairro cheio de prédios sofisticados. Não devia ficar impressionada, mas fiquei. Era o bairro onde eu morava.

Passamos direto pelo meu apartamento. Cruzamos uma avenida e entramos na quinta rua à esquerda. Sei disso porque estava calculando. A BMW parou na frente de um prédio enorme e, em questão de segundos, um portão eletrônico se movia. Eu não sabia se podia entrar com o meu veículo na garagem.

Adivinhando meus pensamentos, Caleb saiu do próprio carro e caminhou até o meu.

– Pode entrar, vou estacionar na vaga vinte e sete. Você estaciona na vinte e oito, certo?

– Ok!

Meus braços começaram a tremer. Minhas pernas também. Foi difícil estacionar, embora não tenha sido perceptível o tamanho esforço que eu fazia para dirigir. Parecia que estava em um sonho ou em alguma coisa irreal que não fazia parte da minha vida.

– Amande... – sussurrei para mim mesma assim que desliguei o motor. – Você está ficando doida. – E saí do carro.

Entramos em um elevador grande e muito sofisticado. Caleb apertou o número dezessete e se virou, sorrindo para mim. Eu não parava de encará-lo como uma idiota.

– Sabia que somos quase vizinhos? Moro neste bairro – comentei.

– Sério? Onde você mora?

– Na rua do *Subway*. Uns três apartamentos depois.

Caleb balançou a cabeça, incrédulo.

– Que mundo pequeno!

Sorri em resposta. Estava ficando cada vez mais nervosa. Mal acreditava que estava prestes a conhecer o apartamento do Caleb. Não, sério, eu? No apartamento dele? Por quê? Diga-me, por quê? Tentava responder a esta pergunta, mas as respostas vinham embaralhadas. Então, sem alternativas, simplesmente desisti de respondê-la.

O apartamento dele era limpo e bem organizado. Tinha um cheirinho bom, misturado com o seu perfume. Claro que a minha pele arrepiou quando entrei no recinto. Esperava ver um cafofo desarrumado, afinal, ele é um homem solteiro que mora sozinho. Porém o que vi me deixou surpreendida.

Amplo e confortável, o apartamento tinha móveis de última geração, mesclados com antiguidades lindíssimas. Ambos faziam do ambiente algo atual e muito aconchegante. Não contive um “uau” quando fomos entrando na sala de estar. Os sofás eram compridos e brancos, as estampas ficavam por conta das almofadas. A TV era enorme, embutida na parede, e havia uma aparelhagem de som, DVD e umas coisas esquisitas, que supus serem videogames, dispostos em um *rack* branco com detalhes de metal.

Por um momento pensei que fosse ver um ambiente escuro, talvez todo pintado de vermelho – a cor da luxúria –, mas estava enganada. O branco era predominante, embora uma das paredes da sala tivesse completamente revestida por fotos enormes de Caleb. Certamente eram fotografias de estúdio, da época em que era modelo, se bem que havia também alguns retratos em que ele estava mais velho.

Passei um tempão olhando para aquela parede, percebendo cada mudança

nele. Não havia sido muita coisa afinal. Em algumas fotos Caleb estava com o cabelo maior; em outras, bem curtinho. Os olhos eram os mesmos, bem como o desenho de suas grossas sobrancelhas. Pirei na batatinha quando reparei melhor uma foto em que ele estava na praia e usava um chapéu, tendo uma camisa de botões molhada e totalmente aberta. No seu abdome maravilhoso, um caminho da felicidade evidente se perdia dentro de uma calça escura. A carinha sexy que fazia matava qualquer ser vivente que usasse calcinhas. E alguns que usavam cuecas também.

– Você sai com homens? – perguntei do nada, ainda olhando a parede. Foi no impulso.

– O quê? – Caleb riu. – Não sou gay, Amande.

– É sério... Não achei que fosse gay, mas o seu trabalho exige certos sacrifícios, não?

– Alguns colegas fazem isso, mas eu não. Só faço acordo com mulheres.

– Já tentou?

Caleb ficou em silêncio. Senti meu coração quase sair pela boca.

– Já, mas não rolou nada.

– Hum... – Toquei numa foto em que Caleb vestia um terno escuro com uma camisa branca por baixo. Seu cabelo estava mais comprido. Havia posado com a maldita caretinha estampada na face. – Estou tentada a levar sua parede para o meu *apê* – soltei. Foi sem querer, juro. Eu acho.

– Mesmo? Por quê? – Caleb parou do meu lado. Evitei o seu olhar.

– Estou brincando – murmurei. – Então, sua secretária é uma mulher muito rigorosa com a organização. Gostei de ver. Sua casa está impecável!

– Não tenho secretária. – Riu. – Eu mesmo arrumo minhas coisas. Não gosto de ninguém arrumando nada por mim.

Congelei no tempo. Minhas pernas vacilaram em cima do salto. Tentei dizer alguma coisa, mas simplesmente não consegui. Sério. Aquele homem na minha frente tinha mania de organização, assim como eu? Não devia me admirar, o modo como tinha separado as minhas calcinhas não podia ser mera

coincidência.

Com muito custo, tirei os olhos das fotografias na parede e encarei o original. Balancei a cabeça.

– O que foi? – perguntou.

– Nada e tudo. Quando eu me decidir, respondo.

Ele ia fazer a careta. Sei que ia. Só que eu não podia deixar, não *mesmo*. Com um curto movimento, coloquei meu dedo indicador na sua boca.

– Não faça isso...

– Isso o quê?

– Essa cara de boca entortada. Pelo amor de Deus, não a faça! Isso é um perigo. Você sabe que é uma arma e usa sem pudor algum. Que coisa feia, Caleb!

Ele gargalhou.

– Sabe, você é engraçada.

Acabei rindo também. Não me achava engraçada, só estava abobalhada com a presença dele e com as coisas que descobria sobre sua vida.

De repente, seu celular começou a tocar. Ele o tirou do bolso da calça e sorriu.

– É a minha irmã – murmurou e atendeu. – Oi, Ju! Tudo bem?

Uma pausa.

– Sim, eu sei disso! Fiz exatamente aquilo que te falei.

Caleb me olhou, ainda sorridente.

– Eu sei, Ju! Relaxa! Depois te ligo, prometo. Beijo, te amo. – E desligou.

“Ainnnnnnnnnnnnnnnn”, pensei. Sim, pensei isso mesmo, exatamente deste modo. Fiquei encantada com a forma carinhosa com a qual tratou a irmã mais nova. *Que fofo!*

Caleb olhou ao redor. Parecia estar procurando por alguma coisa. Ele

seguiu até o fim da sala, reparando em algum ponto ao lado do sofá. Depois voltou e sorriu para mim. Logo em seguida, puxou minhas mãos e me guiou por um corredor amplo, que tinha quadros maravilhosos e de muito bom gosto.

Entramos na cozinha. O que dizer? Grande, toda equipada em inox e madeira enegrecida. Parecia um pedacinho de ambiente da *Tok&Stok* ou vinda de um programa culinário da TV.

– Ah, achei! – disse Caleb, soltando a minha mão e se curvando rente a uma mesa linda, de madeira toda trabalhada. – Amande, conheça a rainha desta casa.

Ele pegou uma gatinha nas mãos, abraçando-a.

– Esta é a Lulu. Não ria do nome, estava sem imaginação. – Caleb pegou a patinha da gata e contracenou um "tchauzinho". – Oi, Amande, sou a Lulu. Dou tanto trabalho! Papai já trocou o sofá três vezes por minha causa! Mas ele me ama mesmo assim! – imitou uma voz engraçada.

Rachei de rir.

Lulu era uma gatinha linda, toda branquinha. Tinha os olhos tão azuis quanto os do pai. Ela deu uma miadinha singela e se recostou no Caleb, totalmente relaxada. Ele a abraçou forte, encostando-a em seu rosto. Um amor!

Ergui minhas mãos para segurá-la, e Caleb a apoiou como se fosse um bebê recém-nascido.

– Gosta de animais? – perguntou.

Abracei Lulu com cuidado. Ela era tão macia!

– Gosto, mas não crio. Tenho pena.

– Pena?

– Sim, sempre acho que estão sofrendo por alguma coisa. Fico deprimida... Enfim, eu me apego fácil e morro de medo de que algo ruim aconteça.

Caleb sorriu.

– Sempre acontece alguma coisa, mas adoro animais. São minhas companhias, na verdade. A Lulu é a minha melhor amiga, né, Lulu? – disse,

inclinando-se para a gata. Depois se ergueu novamente. – O Don deve estar em algum canto. É o filho da Lulu, ele adora se esconder nos lugares mais inusitados. Tive que reorganizar a casa para não machucá-los, está tudo seguro para ambos circularem como desejarem.

– Muito bom, você é um ótimo pai – comentei, sentindo meu coração se apertar.

Ok. Caleb era lindo. Mas, veja só, isso é apenas um detalhe! Ele também era educado, consciente, charmoso, inteligente, sexy, cheiroso... De tudo isso eu já sabia! Só não sabia que ele era engraçado, sensível, carinhoso, solitário, prudente, organizado e tinha um extremo bom gosto para decoração. Será possível que esse homem não se cansa de ter tantos adjetivos?

De súbito, seu celular começou a tocar novamente. Ele o pegou e atendeu.

– Ju, você está me enlouquecendo! – reclamou, fazendo uma careta engraçada. – Já te disse!

Enquanto Caleb atendia à irmã, fui deixando a Lulu no chão. Estava com medo de machucá-la, não sabia se ela estava gostando das minhas carícias.

– Eu sei, garota! Que coisa! Não se preocupe. Vai lá, vê se me erra na próxima!

Uma pausa.

– Também te amo, maninha. Tchau!

Ele desligou e sorriu. Sorri de volta.

– Desculpa, ela está me ajudando a resolver uma coisa.

– Tudo bem – respondi. – Fiquei curiosa... Ela sabe o que você faz?

Caleb fechou a expressão.

– Sabe. Toda a minha família sabe, e é por isso que sou um homem sozinho. A Júlia é a única que mantém contato comigo, mas ela mora um pouco longe. Só nos vemos às vezes.

Aquiesci. Meu coração, coitado... Não sabia se batia ou se parava. Olhei

para o chão. Suspirei profundamente. Uma tristeza imensa invadiu o meu peito.

Senti Caleb se aproximando. *Ai, não...*

– Não tenha pena de mim – falou, tocando-me novamente no rosto.

Balancei a cabeça e me afastei um pouco. Não podia deixá-lo se aproximar muito.

– Vamos... Mostre-me seu portfólio – murmurei vacilante.

Fiz uma pequena oração, algo do tipo “não me deixeis cair em tentação”. Contudo, estava quase certa de que aquilo não funcionaria. Quase.

38º Capítulo

Caindo em tentação

Caleb me mostrou o quarto onde estava juntando as coisas para o estúdio. Era o único lugar da casa – pelo menos o único que eu tinha visto até agora – que estava um pouco desarrumado. Os móveis estavam desmontados, cobertos por plásticos. Alguns Caleb tentou montar, mas não tinha concluído. Havia um monte de máquinas, tripés e coisas que não fazia ideia do que eram.

– Sorria! – Caleb chamou, e eu me virei.

Ele tirou uma foto, e a máquina fez vários ruídos.

– Acabei de tirar um monte de fotos suas apenas com um clique – falou, sorrindo amplamente. Depois colocou a máquina dentro de uma caixa.

– Duvido de que alguma tenha prestado!

– Oh, sim, todas prestaram.

Corei um pouco.

– Vem, vou te mostrar meu portfólio. – Caleb segurou a minha mão e me guiou de volta para a sala de estar.

Sentamos no sofá branco. Era muito confortável, meu corpo inteiro afundou. Caleb abriu uma gaveta embutida na mesa de centro e retirou de lá vários encadernados.

– Este aqui é de paisagens. – Apontou para um álbum que tinha a capa preta, depois me ofereceu o de capa vermelha. – Este é de pessoas.

Conferi cada fotografia com muita excitação. Caleb era mesmo incrível! A maioria das fotos de pessoas foi feita por meio de tomadas com modelos. Havia retratos em praias, piscina, academias e as tradicionais no estúdio.

No fim do portfólio havia algumas fotos sensuais. Uma mulher muito

linda, com olhos azuis felinos, posava trajando apenas uma lingerie branca e um véu de noiva. Ela fitava a câmera como uma profissional, contracenando diversas posições. Suas curvas perfeitas foram meticulosamente fotografadas.

Sim, ficaram incríveis. Todavia, meus dedos começaram a tremer tanto que precisei parar de passar as páginas. Aquela mulher parecia muito à vontade com o fotógrafo. Muito mesmo.

– Esta é a Júlia. – Caleb apontou. Estava sentado ao meu lado e tinha percebido quando eu parei.

– Su... Sua irmã? – murmurei. Claro que me senti uma completa idiota.

– Sim, essas fotos foram tiradas antes do casamento dela, no quarto de hotel que alugou para fazer a maquiagem, o penteado... Enfim.

– Sei, também aluguei um quarto com essa finalidade... – ponderei. – Sua irmã é linda, Caleb. Maravilhosa. Eu devia ter notado, ela tem os seus olhos.

– Ela é linda mesmo – sussurrou, muito perto. Seu hálito soprou meu cabelo. Minha calcinha deu um tremelico.

Afastei-me um pouco no sofá e peguei o álbum das paisagens. Estava tão magnífico quanto o de pessoas, porém gostei muito mais daquele. A visão de perspectiva do Caleb era perfeita; as cores eram sempre vivas, as imagens pareciam querer saltar dos retratos. Fotografava detalhes tão sutis! Prova de que era um homem sensível, curioso, observador. Apaixonante...

– São lindas – murmurei, fechando o último álbum. – Você tem talento. Muito, muito talento.

Encarei-o. Ele sorria enquanto me olhava.

– Obrigado. Vindo de você, o elogio é mil vezes melhor.

Fiquei envergonhada.

– Na verdade você tem muitos talentos, Caleb. Onde aprendeu a fazer tantas coisas? Digo, a pirofagia, a massagem corporal... – Diminuí a voz gradativamente.

– Na área em que atuo muitas portas são abertas com a inclusão de certas habilidades. Fiz um curso de massoterapia completo. Também fiz um de garçom,

mas não cheguei a concluir. Já a pirofagia, peguei algumas aulas com o Edu. Ele é bem mais fera do que eu.

– O loirinho da Fabiana? – perguntei, recordando-me do garçom loiro gostosão.

– Sim, ele mesmo. É meu colega, trabalhamos juntos em alguns eventos.

– Sei... – De repente, lembrei-me da Jéssica. – Você é colega da minha amiga Jéssica também, não é?

Caleb fez uma careta. Pareceu refletir um pouco.

– Já fizemos uma tomada de fotografia juntos uma vez, faz muitos anos. Não mantenho muito contato com ela.

– Soube no domingo que ela é uma... Que trabalha como você. Jéssica me confessou tudo, mas as meninas nem desconfiam. Foi um choque, sabe? Ainda me sinto esquisita quando penso em tudo. Fui meio rígida com ela.

– Desculpa dizer isso, mas é meio óbvio. O jeito como se comporta é similar a muitas... Bem, conheço várias garotas...

– Acho que fomos todas umas cegas. Não percebemos os problemas que enfrentava... Sabe, ela era abusada pelo padrasto desde os quinze anos! Um absurdo! Podíamos ter ajudado, e tudo seria diferente.

– Histórias assim são mais comuns do que imagina. Já vi casos piores, mas sim, é muito triste. Uma grande covardia.

– Sim... Enfim. – Suspirei. Não queria prolongar o assunto, pois ainda tinha muito o que conversar com a Jéssica. – E a massoterapia? Você faz perfeitamente! Podia trabalhar com isso também, teria muitas clientes.

– Não me vejo trabalhando com isso – admitiu.

– Por que não?

– Porque não consigo não me envolver quando estou fazendo uma massagem. Tem que ser um momento íntimo, entende? Um momento de entrega de ambas as partes. Eu relaxo tanto quanto a pessoa.

Encarou-me fixamente.

– Sei... – aquiesci e, tentando controlar a minha respiração, olhei a hora. – Olha só, você disse que eu ia sair antes das sete. Já são sete e meia!

Caleb se aproximou um pouco.

– Não especifiquei se seriam sete *da noite* – murmurou.

Seus olhos me prenderam completamente. Sério, dava para sentir algemas enormes saindo deles e me prendendo contra o sofá, deixando-me sem saídas. As mesmas reações que dominavam meus sentidos se fizeram presentes, como se nada fosse capaz de mudar a atração que Caleb exercia sobre mim. A promessa de suas palavras fez meu corpo amolecer, e eu já não mandava mais nos meus próprios pensamentos.

Parecia loucura. E era.

Em câmera lenta, Caleb se aproximou ainda mais, deixando nossos rostos muito próximos. O ímã latente em seu corpo chamava o meu aos murmúrios, implorando para que eu me entregasse.

– Preciso fazer uma pergunta – ele sussurrou. Sua boca estava quase encostada à minha. Os dois oceanos que carregava no olhar reuniam forças para me inundar de novo. Conseguia sentir todo aquele poder e sabia que nada que eu fizesse seria o bastante para vencê-lo.

– Faça logo – respondi murmurante. O desejo fez meu corpo latejar mais uma vez, soltando espasmos que acendiam minhas vontades e fantasias. A imaginação ia longe e, para mais longe ainda, ia a minha capacidade de raciocínio. Era loucura... Tudo era louco demais.

Já sabia qual era a sua pergunta.

– O que você quer? – disse, encostando a ponta de seus lábios, de leve, nos meus.

Ele sabia a minha resposta.

– Me sur...

Sequer esperou eu terminar de responder. Caleb finalmente nos uniu de novo.

39º Capítulo

Só quero ser sua

Seu beijo era exatamente o mesmo que eu me lembrava. Tinha uma tranquilidade dominante, mas ao mesmo tempo era forte, poderoso. Enlaçava-me de todas as formas, acendia em mim possibilidades improváveis. Sua língua na minha contracenava malabarismos que só me deixavam ainda mais excitada.

Segurei seus cabelos, trazendo-o para mim, sentindo a maciez de cada fio. É incrível como um simples momento pode se tornar intenso. Tomada por uma vontade quase absurda de tê-lo imediatamente, subi nele, sentando-me de frente no seu colo. Minha saia também subiu, ajudada por suas mãos que me agarraram o quadril.

O beijo se intensificou muito. De uma calmaria leve como a brisa de verão, transformou-se em chamuscas de uma enorme labareda. Comecei a ficar sem ar, por isso afastei meus lábios e curvei a cabeça, beijando-lhe o queixo, descendo pelo pescoço. Inspirei o seu cheiro com vontade, enquanto ele mordiscava a minha orelha e fazia meu corpo inteiro tremer.

Caleb soltou um longo suspiro, apertando-me ainda mais contra si. Já podia sentir sua ereção abaixo de mim, ultrapassando a sua calça e roçando na minha calcinha. Gemi baixinho no seu ouvido, sentindo cada pedacinho do meu corpo se preparar para ele. Beijamo-nos de novo. O desejo parecia surgir de uma fonte inesgotável.

Sentir os lábios de Caleb nos meus, mais uma vez, foi um momento tão emocionante que cheguei a ficar com os olhos marejados. Desci o meu rosto na direção de seu ombro e enxuguei algumas lágrimas na sua camisa disfarçadamente. Acho que ele não percebeu, por isso tratei logo de me recompor. Suspirei fundo e voltei a lhe beijar a boca. *Delícia.*

Minhas vontades só faziam aumentar a cada segundo e, sinceramente, já tinha desistido de tentar raciocinar. Com uma pressa dominadora, abaixei as

minhas mãos e alcancei a barra da camisa vermelha de Caleb. Ele se contorceu e levantou os braços, ajudando-me a tirá-la. Joguei-a longe e me inclinei para lhe beijar a boca novamente. Alisei o seu peitoral, apertando-o entre os dedos. Queria sentir a sua pele quente. Era urgente. Uma necessidade.

Caleb se desviou da minha boca e me beijou o pescoço, dando outra mordiscada na minha orelha. Gemi baixinho. Suas mãos puxaram minha blusa devagar, até o tecido fino deixar o meu corpo. Ele logo procurou os meus seios, afastando o sutiã para cima. Beijou-os com vontade, enquanto eu pensava que teria um ataque cardíaco. Cheguei a temer pela minha própria vida, porém, pensando melhor, morreria feliz nos braços dele.

Habilidoso, Caleb desfez o fecho do sutiã na primeira tentativa – e com uma só mão –, deixando-me exposta muito rapidamente. Desta vez, sugou meus seios com paciência, beijando-os com carinho. Senti-me nas nuvens, deixando meu corpo se concentrar nas carícias que aquele homem encantador me fazia com tanta delicadeza. Prendi meus dedos no seu cabelo, soltando gemidos baixos de prazer.

Depois de tempo incalculável, Caleb ergueu a cabeça e encontrou novamente o caminho para os meus lábios, fazendo-me provar de seu doce mel. Nossos corpos se colaram durante o processo. Estávamos quentes, excitados... Podia sentir um líquido fervente escorrendo pela minha calcinha, abrindo espaço para recebê-lo. Como eu o queria!

Um fio de raciocínio surgiu do nada, chamando-me por um nome: vadia. Foi apenas um sussurro, mas que me fez parar de beijá-lo.

– Caleb... Não posso fazer isso... – Fui extremamente vacilante, visto que, enquanto falava, tocava-lhe os braços e ombros com muita ternura.

– Pode fazer o que quiser – ele respondeu, rouco. Seus dois diamantes brilhavam de tanto desejo.

– É errado...

– Talvez... Mas é o meu maior desejo – murmurou, descendo o zíper da minha saia localizado na parte de trás. Puxou-a com jeito, retirando-a por cima dos meus braços. – E o seu?

Minha resposta veio em forma de um longo beijo. “Foda-se”, foi o que

pensei naquele instante. O pensamento me fez sorrir, e vi que Caleb também sorriu um pouco, mas sem desgrudar seus lábios dos meus. Era estranho não sentir sua barba alisando o meu corpo, mas isso não fez tanta diferença assim. Minha sede por ele era a mesma. Exatamente igual à de sempre.

Subitamente, Caleb me segurou com força, pedindo para que eu me agarrasse a ele. Fiz o que pediu, enlaçando meus braços no seu pescoço e as minhas pernas na sua cintura. Só então ele se ergueu do sofá, levando-me junto como se eu tivesse o peso de uma pena.

Andou comigo em seus braços, só de calcinha, até um lugar que achei ser o seu quarto. Meus sapatos caíram no meio do caminho, em algum ponto do amplo corredor. Caleb me deitou numa cama extremamente confortável, colocando seu corpo sobre o meu logo em seguida. Fez um movimento com as pernas, e seus sapatos caíram no chão.

Nossos lábios se juntaram novamente, porém de uma forma ainda mais intensa. Minhas mãos percorreram seu abdome, descendo ainda mais. Queria-o logo. Sem rodeios. Simplesmente o queria, tinha uma fome insaciável.

Livrei-o do cinto e desabotoei a sua calça, enquanto ele me beijava o pescoço, provocando arrepios na minha pele. Caleb então se ergueu e tirou a própria calça, deixando à mostra uma cueca preta da *Calvin Klein*. Tornou a me envolver, e eu voltei a encaixar minhas pernas ao redor de sua cintura. Minhas mãos exploraram seu cabelo, descendo devagarzinho pela nuca. Arranhei suas costas através de movimentos longos que iam de cima a baixo. Caleb soltou um suspiro profundo, cheio de promessas. Era tão bom e intenso estar com ele!

Foi então que aquele poço de mistério em forma de homem parou e me encarou seriamente.

– Desculpe-me, Amande, mas hoje eu quero te tratar como uma boneca de porcelana – murmurou. Deu-me um selinho demorado e voltou a me olhar com seus diamantes, que estavam tão escuros quanto jamais foram.

– Trate-me como quiser – respondi. – Só quero ser sua. Agora.

Caleb sorriu e se inclinou para frente, deixando-me de cara com seu peitoral. Dei-lhe inúmeros beijos bem ali. Ele contraiu os músculos e conseguiu pegar alguma coisa em cima da cabeceira de sua cama. Era um preservativo. Ofereceu-o a mim, ainda com um sorriso meio bobo nos lábios. Coisa linda!

Abri o pacotinho com os dentes, enquanto Caleb se ajoelhava na cama e tirava a cueca, deixando-o todo exposto só para mim. *Delícia.*

Com pressa e desejo, sentei-me na cama e me curvei para frente, beijando a ponta de sua ereção. Caleb soltou um gemido fraco. Aquilo serviu de incentivo – se é que eu precisava de mais algum – para que decidisse usar a minha língua. Ansiava pelo seu gosto. Era maravilhoso senti-lo nos meus lábios. Caleb entrelaçou seus dedos nos meus cabelos, apertando meu couro cabeludo até me fazer arrepiar. Acelerei o movimento, sentindo-o completo na minha boca, porém não me demorei muito. Queria tê-lo em mim com urgência.

Coloquei o preservativo e me ajoelhei, retirando a calcinha branca de algodão. Não era a mais sexy, mas era super confortável para trabalhar. Caleb tinha que me perdoar, afinal, havia me pegado de supetão. Poderia viver mil vidas, mas em nenhuma delas conseguiria imaginar que a noite terminaria daquela forma.

Caleb me puxou para si, abraçando-me com força pela cintura. Nossas peles se encostaram; estavam muito excitadas, preparadas, clamando uma pela outra. Senti sua ereção latejante na minha barriga e prendi meus braços no seu pescoço.

– Você é perfeita – murmurou. Aquilo estava longe de ser verdade, mas ele não esperou respostas. Puxou minhas pernas com cuidado e me deitou na cama. Tornou a apoiar seu corpo no meu. Tratei de lhe envolver a cintura com as pernas, ficando completamente exposta, pronta para ele.

Caleb foi me invadindo aos poucos, bem devagarzinho. Não tinha pressa. Encarava-me fixamente durante o processo, mordendo os lábios. Sua expressão era tão deliciosa que simplesmente fiquei paralisada. Apenas me concentrei na sensação maravilhosa daquele homem me possuindo, centímetro por centímetro.

Soltei um gemido alto quando fiquei repleta dele. Caleb não desviou os olhos de mim, mas parou o movimento e nos deixou daquele modo – dentro um do outro – por longos segundos. Entreabriu os lábios. Acho que ia falar alguma coisa, mas simplesmente desistiu e começou a se mover com lentidão.

O movimento permaneceu vagaroso por muito tempo; se fosse música, seria uma valsa cheia de floreios. Ele navegava em mim, beijando-me a boca, o pescoço, os seios... Mordia-me a carne de leve. Eu era dele. Toda dele. Senti que

seu lugar era exatamente ali, dentro de mim. Estávamos em casa. Não podia ter nada de errado conosco.

Meu desejo foi tomando forma devagar, em pequenas doses, no mesmo ritmo em que Caleb me possuía. Espasmos intensos faziam meu corpo se contorcer; meu ventre exigia cada vez mais e, a cada choque, implorava por outro. Abri ainda mais as pernas, oferecendo-me totalmente àquele homem. Assanhei-lhe os cabelos e contracenei figuras surreais nas suas costas, utilizando as minhas unhas. Meus gemidos ficavam mais intensos, pois sabia que chegaria a qualquer momento. O sabor da antecipação era cruel, mas, ao mesmo tempo, marcante.

Meus braços começaram a tremer, apertando a nuca de Caleb. Estava vindo... Soltei todo o ar dos pulmões, enquanto ele, notando meus espasmos, acelerou o ritmo. Deixou-o intenso, selvagem. Senti seu corpo esquentar e começar a suar contra o meu, exalando um cheiro maravilhoso, que só fez meus olhos revirarem e o meu desejo alcançar o ápice da própria loucura.

Soltei um grito alto de prazer.

– Caleb! – Acompanhado pelo nome dele. Fui ao céu e... devo estar lá até hoje.

– Isso, meu bem, assim... – Caleb sussurrou, sem diminuir o ritmo. – Vem pra mim, vem.

Eu soltava gemidos intensos, repletos de uma satisfação que jamais pensei que me fosse permitida. Meu ventre se contorcia com muita velocidade.

Foi quando Caleb suspirou e fechou os olhos. Mordeu os lábios com força.

– Vou... – disse, mas parou. Explodiu dentro de mim. Seus braços se apoiaram na cama, ao redor do meu rosto, e ele chocou sua boca contra a minha, grunhindo entre os meus lábios. – Amande...

Seu abdome se contorceu, dando alguns pulos antes de relaxar.

Abracei-o com força, fazendo seu peso ficar todo em cima de mim. Ele permaneceu inerte; apoiou a cabeça entre os meus seios enquanto eu lhe alisava os cabelos escuros. Dava para sentir seu coração se acalmando aos poucos. Fiquei concentrada nele, de olhos fechados.

Após longos minutos, Caleb se levantou e me encarou. Sua expressão estava séria.

– Está com fome? – perguntou, depois de um tempão apenas me observando.

– Faminta.

40º Capítulo

Preparando o jantar

Entrei no banheiro do Caleb. Era enorme e todo equipado. Estava extremamente limpo e cheiroso, muito raro para um homem que mora só. Sorri de orgulho. Fiz xixi, mas senti necessidade de me molhar um pouco. Estava suada e lambuzada lá embaixo. Acabei entrando debaixo do chuveiro e me enxugando com a sua toalha. Tinha o cheiro dele.

Saí do banheiro vestindo apenas a minha calcinha. Caleb estava me aguardando, usando sua cueca preta e uma camiseta de algodão também preta. Delícia! A escuridão dos cabelos e dos trajes acendia mais ainda o brilho de seus olhos.

– Vista isso. – Entregou-me uma camisa cinza. Fiz o que pediu e fiquei sambando dentro dela. O cheiro dele subiu imediatamente. Inspirei fundo. – Dobrei suas roupas, elas estão em cima da mesa de centro, lá na sala.

– Senhor organização, não aguenta ter nada espalhado pela casa – falei, sorrindo. Dei-lhe um selinho.

Caleb me tomou pela cintura.

– Vai dizer que você aguenta?

– Eu não – confessei.

Rimos de nós mesmos. Sério, nunca pensei que encontraria alguém tão encucado quanto eu. Aquilo me trazia certo conforto, pois jamais me sentiria uma recalcada viciada em limpeza perto dele.

– Vamos ver o que tem na geladeira – disse, segurando a minha mão.

Voltamos para a cozinha. Havia um gato em cima de uma bancada alta de madeira, enroscado entre uma sanduicheira de inox e o liquidificador.

Caleb segurou o bichano.

– Olha só quem deu o ar da graça! – Segurou o gato como se fosse um bebê. Aquele era diferente da Lulu, parecia menor. – Este é o Don Juan, Amande, só que é mais conhecido como Don. Um rapaz muito preguiçoso, não é, papai? De conquistador ele não tem nada! – Caleb deu um cheiro na cabecinha do animal. *Que lindo!* Sério, eu não saberia definir quem era o verdadeiro gato.

Ri um pouco e dei "oi" para o Don, balançando suas patinhas. Ele soltou um miado curto, e Caleb o colocou no chão.

– Você ama esses gatos, não é? – perguntei, enquanto Caleb lavava os braços na pia e abria a porta da geladeira. Lavei minhas mãos também, pois tinha tocado no Don.

– Demais. São minhas crianças.

Sorri amplamente. *Que fofo!*

– Bom, temos creme de frango, é só esquentar. Está uma delícia, fiz ontem à noite. Podemos preparar arroz e uma salada para acompanhar, que tal?

– Você fez? – Fiz uma careta, observando-o de um jeito divertido.

Caleb riu.

– Sim, eu fiz. Por quê? Duvida?

– Claro que sim! Duvido de que esteja bom, deve estar parecendo uma gororoba! – Gargalhei.

– Desafio aceito! Vou esquentar agora mesmo!

Como assim? Caleb cozinha? Não pode ser. Não pode *mesmo*.

Ele recolheu algumas verduras e legumes na geladeira, enquanto eu pegava uma panela e enchia de água para fazer o arroz. Foi quando vi um controle remoto em cima da bancada. Fiquei procurando alguma TV, mas só achei um *microsystem*, que estava fantasticamente embutido na lateral de um dos armários.

– Acho que vou perder o desafio! – choraminguei. – Som na cozinha? Você deve mesmo cozinhar, e bem.

Caleb gargalhou.

– Pode ligá-lo, se quiser!

Apertei o botão *“Power”* e dei *play*. Queria saber o que o Caleb andava ouvindo. Uma voz melodiosa se fez presente, acompanhada por acordes deliciosos de violão e aplausos eloquentes. Um CD ao vivo.

– Paula Fernandes? – quase gritei, fazendo uma expressão que me faria ser confundida com uma paciente em um manicômio. – Você escuta Paula Fernandes?

Caleb riu e começou a cantar um trecho da música enquanto fatiava um tomate.

– Sou pássaro de fogo... Que canta ao teu ouvido... Vou ganhar esse jogo, te amando feito louco, quero teu amor bandido... – A voz dele saiu baixinha, mas no ritmo. – Não gosta?

– Conheço algumas músicas... Ela tem uma bela voz.

– Tem sim, vem cá. – Caleb enxugou as mãos em um paninho e me tomou pela cintura. Voltou a cantar no meu ouvido. – *Tô* a fim dos teus segredos, de tirar o teu sossego, ser bem mais que um amigo... – Minha pele se arrepiou, e ele começou a me embalar numa dança calma. – Não diga que não... Não negue a você um novo amor, uma nova paixão... Diz pra mim... Tão longe do chão, serei os teus pés... Nas asas do sonho rumo ao teu coração... Permita sentir, se entrega pra mim... Cavalgue em meu corpo, minha eterna paixão...

Confesso que fiquei absolutamente sem jeito. A letra era profunda demais e continha promessas que me deixaram confusa. Não sabia o que Caleb queria cantando aquilo no meu ouvido. Estava brincando comigo? Tentava só me desconcertar?

Afastei-o depressa, usando a desculpa de que a água já estava fervendo. Ele me mostrou onde estava o arroz, então despejei o conteúdo na panela. Peguei uma cenourinha que estava num prato em cima da bancada e comecei a passá-la no ralador. Permaneci muito séria, enquanto a Paula Fernandes falava coisas sobre um coração independente que corre perigo por alguém. Tentei não pensar em nada, principalmente no fato de ter transado com Caleb de novo e de estar na sua cozinha preparando um jantar como se fôssemos amantes. Amantes... Essa era a palavra que nos definia? Eu tinha um amante? Poxa vida, Caleb sabia que ia me casar. Mesmo assim, tinha me seduzido até o seu apartamento – claro, com

meu total consentimento. Tudo isso para quê? O que queria comigo, afinal? Podia ter quem quisesse, na hora em que estivesse a fim... Qualquer mulher adoraria dormir com ele. Por que eu? Por quê?

Este raciocínio não conseguiu ser expurgado. Era doentio demais. Eu ia me casar! Faltavam apenas dois dias, estava tudo pronto! Céus... Não podia ter um amante às vésperas do meu casamento. Aliás, simplesmente não podia ter um amante. Ponto final.

Pena que a Paula Fernandes tinha começado a cantar uma música que eu conhecia, e meus pensamentos foram dissolvidos pela voz de Caleb que sussurrava a canção, olhando fixamente para o pimentão que cedia ao movimento da faca.

Não consegui permanecer em silêncio:

– Eu já sonhei com a vida, agora vivo um sonho... Mas viver ou sonhar, com você, tanto faz...

Caleb riu.

– Conhece essa? – perguntou. Aquiesci e continuei cantando:

– Não diga não precisa... Eu digo que é preciso... A gente se amar, demais, nada mais!

Cantamos juntos:

– Mas tem que ser assim, pra ser de coração, não diga não precisa-ah-ah-aaah!

Caleb limpou as mãos de novo e se aproximou, puxando os meus braços. Fez meu corpo girar trezentos e sessenta graus, em uma dança engraçada. Começou a me embalar e rodopiar, contracenando passos loucos. Eu tentava acompanhá-lo, mas só conseguia rir.

Quando a música acabou, aquele homem magnífico me emborcou para trás em um passo de tango, de modo que meu cabelo curto quase se encostou ao chão. Encarou-me fixamente, enquanto tentava me segurar no seu pescoço. Comecei a rir sem pausas, mas ele continuou sério.

– Linda... – murmurou. – Adoro quando ri. Fico louco.

Sem esperar respostas, Caleb me ergueu depressa e beijou a minha boca, empurrando-me até me deixar sem saídas. Seus lábios me prenderam novamente, e sua língua já me invadia como se ali fosse a sua casa. Do nada, Caleb me ergueu com cuidado, fazendo-me sentar na bancada. Abraçou a minha cintura e levantou a cabeça para continuar me beijando, pois agora eu estava acima dele.

Ficamos daquele jeito por longos minutos, apenas investindo em nosso beijo. Não queria largá-lo, a sensação era boa demais. Enchia meu corpo de tranquilidade, por mais agitados que meus pensamentos pudessem estar.

– Eu quero ser sua paz, a melodia capaz de fazer você dançar... – Caleb sussurrou a outra música que a Paula estava cantando. Olhou nos meus olhos. – Eu quero ser pra você, a lua iluminando o sol... Quero acordar todo dia pra te fazer todo meu amor...

– Caleb... – falei sem jeito. – Pare com isso, está bem?

– Parar com o quê? – ele disse, mas continuou sem tirar os olhos dos meus: - A cada novo sorriso teu, serei feliz por amar você...

Senhor...

– Com isso. Sabe do que estou falando. Não há necessidade, sou uma mulher madura.

Ele parou de cantar. Continuou me encarando, só que, desta vez, estava muito sério. Sua boca se encolheu completamente, transformando-se apenas em um risco. Estava trincando os dentes?

– O creme já está bom, e o arroz precisa ser mexido – falou, desvencilhando-se de mim como se eu pegasse fogo.

Ainda estava em cima da bancada e permaneci lá enquanto Caleb me dava as costas e conferia o fogão. Suspirei profundamente. Olhei para o relógio da cozinha; eram nove horas. Pretendia ir embora logo após o jantar e acabaria com aquela palhaçada de uma vez.

O problema era que o olhar sério do Caleb havia me deixado triste. Muito, muito triste. De modo insuportável.

– O que está acontecendo? – perguntei, murmurante.

– Nada, Amande. Nosso jantar está pronto. Pode pegar os pratos ali, na segunda porta? – Apontou para um armário, sem me encarar.

– Só faço isso se vier aqui e me der um beijo. E me garantir que está tudo bem. – Fiz birra.

Caleb se virou na minha direção. Fez a caretinha. Sim, a maldita careta da boca levantada para o lado esquerdo. Oh, Céus... Meu corpo tremeu, soltando um espasmo gostoso que partia do meu cérebro e atingia o meio das minhas pernas.

Ele se aproximou devagar e, sem pressa, abraçou a minha cintura. Beijou-me loucamente. Foi um beijo urgente, selvagem. Acendeu de novo a chama que só ele conseguia manter; só ele acendia, só ele apagava. Minhas pernas e braços o envolveram. Segurava seu rosto, sua nuca, seu cabelo... Estava indecisa. Só queria beijá-lo como se não houvesse amanhã.

De repente, Caleb puxou a barra de sua camiseta – a que eu estava vestindo –, deixando-me só de calcinha diante dele. Beijou meu pescoço e segurou meus seios, fazendo minha pele arrepiar. Já me sentia pronta. Preparada para ele. De novo. Será que um dia eu estaria totalmente saciada?

– Vou te garantir que está tudo bem, Amande – sussurrou, e sua promessa se tornou dívida muito rapidamente. Ah, e eu cobraria até o último centavo.

41º Capítulo

Leite condensado com Amande

Caleb me largou por alguns instantes e abriu a geladeira. Inclinou-se e depois pegou alguma coisa. Quando fechou a geladeira, já expressava a sua careta safada. Meu couro cabeludo pinicou de imediato. Em suas mãos, estava uma caixinha de leite *Moça*.

Oh... Meu...

Minhas pernas e braços tremeram. Resfoleguei. O que ele ia fazer com aquilo? Não ousei perguntar. Estava tão vulnerável ali diante dele. Meus seios expostos me deixavam desconcertada. E era para eles que Caleb olhava, prendendo os lábios.

Adivinhei seus pensamentos pervertidos. Caleb, aproximando-se perigosamente, derramou uma quantidade generosa do leite condensado, que estava muito gelado, em meus seios. Eles se arrepiaram e encolheram, fazendo mais um espasmo agitar a minha calcinha. Senti um líquido quente escorrendo lá embaixo. Já estava molhada antes mesmo de Caleb começar a me sugar, como se eu fosse um delicioso picolé. Picolé de leite condensado.

Soltei um gemido, acompanhado de um longo suspiro. Eu já o queria. Queria muito. Apertei seus cabelos, puxando-os de leve. Ele não parava por nada. Avançava em mim como um louco, deixando sua língua me explorar em várias direções. Meus seios estavam arrepiados, contraídos... Adorando cada beijo que aquele homem espetacular me dava.

– Ah... Que delícia... – murmurei baixinho.

Vi quando bolinhas arrepiadas se sobressaltaram na pele dele assim que eu sussurrei. Aquilo só me fez pirar ainda mais. Vê-lo excitado por minha causa tirava todo o meu raciocínio, se é que ainda tinha algum. Havia perdido qualquer resquício de razão desde que tinha entrado por aquela porta.

– Leite condensado com Amande... – Caleb sussurrou entre meus seios. Havia me limpado inteira. – Quero mais.

Ai...

Subitamente, ele me empurrou para trás, fazendo-me deitar completamente na bancada alta. Estava fria, mas não reclamei; meu corpo já pegava fogo mesmo. O sabor da antecipação circulava pelas minhas veias, deixando meu estômago em frangalhos. Só me restou esperar pelo que viria.

E veio rápido.

Caleb puxou as minhas pernas para si, abrindo-as totalmente. A calcinha branca me cobria, mas não o impedia. Colocou seus dedos deliciosos por dentro do tecido, chacoalhando as coisas por ali, bem devagar. Soltei um suspiro. *Uau!*

– Hum... Seu sabor já foi fabricado – rosnou, levando à boca os dedos lambuzados de mim.

Seus olhos queimavam o meu corpo, que estava oferecido de bandeja para ele. Jazia ali, em sua mesa. Eu era o jantar.

Com um movimento rápido, Caleb juntou minhas pernas e puxou a minha calcinha, retirando-as completamente. Voltou a abrir as minhas pernas, e então eu estava totalmente exposta. Vulnerável e... queimando de desejo. Muito, muito desejo.

Sem esperar por nada, Caleb pegou a maldita caixa de leite *Moça* e, lentamente, foi me inundando com o conteúdo. O líquido gelado me trouxe um prazer incrível. Gemi alto.

Antes que pudesse assimilar alguma coisa, o maldito se curvou inteiro diante de mim, provando do meu gosto com muita vontade. Usava os lábios e a língua ao seu favor, fazendo-me derreter na sua boca. Meu desejo só fazia aumentar enquanto ele contracenava gestos que eu nem sabia como eram, visto que não conseguia ver seu rosto.

Puxei seus cabelos, abrindo-me ainda mais para ele. Meu ventre o exigia. Caleb não parou por nada e, por mais que eu precisasse de uma pausa, manteve-se constante. Deliciosamente constante. Meu coração só faltava sair pela boca, que estava seca, louca para matar a sede com um beijo prolongado.

Caleb começou a sugar com força, exigindo-me ainda mais. Sua boca pedia por mim, ansiava pelo gosto do meu prazer. Queria grandes doses, as mais carregadas.

Não o neguei. Na verdade, simplesmente não podia negar, nem se quisesse. A língua dele sabia exatamente o que buscava. Cada movimento era um martírio, um caminho que se iluminava rumo ao ápice da excitação. Em instantes, o céu se abriu para mim e uma luz colorida refletiu os olhos de Caleb, que se ergueram um pouco para me ver afundando no êxtase. Gritei alto, chamando pelo seu nome. Ele não parou, fazia movimentos ainda mais rápidos enquanto meu corpo se contorcia, expulsava –o.

Sério... Acho que nunca tive um orgasmo tão intenso na minha vida. Aquilo superou tudo... Tudo *mesmo*.

Depois de me contorcer inteira, minhas pernas relaxaram. Só então Caleb se sentiu satisfeito.

Eu estava completamente sem fôlego. Respirava alto, com os olhos fechados. Minhas pernas não me obedeciam, e meus braços ainda estavam trêmulos. Porém, a sensação de saciedade era única. Impressionante.

– Estou morta! – sofri para dizer. – Morri, é sério. Não tenho forças.

Ouvi o riso do Caleb.

– Acalme-se um pouco – murmurou.

Senti suas mãos massageando as minhas coxas com cuidado, e depois beijos úmidos foram espalhados, formando uma trilha até os meus joelhos. Ele era tão habilidoso, tão... atencioso! Perguntei-me o que eu havia feito para merecer tamanha perfeição.

– Preciso me lavar – falei. – E preciso de comida, do contrário vou morrer de verdade.

Caleb apoiou suas mãos nas minhas costas, erguendo-me devagar. Colocou-me no chão como se eu fosse feita de vidro. Suas mãos me tocavam de uma forma tão leve que chegava a me comover de verdade.

Ele me devolveu a calcinha e a camisa cinza.

– Pode ir ao banheiro do meu quarto. Fica à vontade, use o que quiser – disse, dando-me um selinho. Depois, sussurrou a música que estava tocando e que, por sinal, eu nem tinha notado. – Se está pensando em voar na direção de me amar, voa...

Maldita Paula Fernandes!

42º Capítulo

Batalha de filmes

Tomei banho no banheiro do Caleb pela segunda vez. Estava me sentindo muito suada, portanto também lavei o cabelo. Acabei usando, além de sua toalha, seu shampoo, sabonete, pente e até a sua escova de dente. Sim, encontrei-a em um aparato de metal ao lado da pia. Acabei achando seu perfume e espirrei um pouco no meu pescoço. Cheirinho de Caleb, que delícia!

Quando cheguei à cozinha, Paula Fernandes cantava algo sobre querer provar o sabor do amor de alguém. Caleb sussurrava a música, terminando de abrir uma garrafa de vinho com um saca-rolha. A mesa estava posta, e uma vela cheirosa incensava o ambiente.

– Vai tentar me embebedar? – perguntei, sorrindo.

Caleb também sorriu.

– Não precisei.

– Está muito convencidinho – reclamei. Aproximei-me por trás dele e o abracei, beijando-lhe as costas. Como era bom estar com ele!

Caleb se virou um pouquinho.

– Mentira, Amande! Você não fez isso!

– O quê?

– Tirou seu cheiro completamente e colocou o meu no lugar! Ah, não... Não acredito!

Gargalhei.

Ele fez uma careta e saiu da cozinha. Voltou com o embrulho da minha loja em mãos. Com uma cara de quem ia aprontar, desembalou o meu perfume que havia comprado e espirrou uma grande quantidade em si mesmo. Golpe

baixo!

– Não! – gritei, mas não adiantou. – Não vale!

Gargalhamos ainda mais alto. Caleb me tomou pela cintura e me ofereceu um selinho demorado.

– Vamos comer, Amande. Daqui a pouco esfria tudo e então vou ter que partir pra sobremesa de novo! – falou.

Corei de vergonha, mas sorri.

Vou ser bem sincera, o creme de frango estava divino. Aliás, tudo tinha ficado muito bom. Até tomei o vinho sem pestanejar, esquecendo-me completamente de que ia pegar o carro. Bom, como eu morava cinco ruas depois, fiquei despreocupada. Mesmo assim, nunca havia sido imprudente daquela forma.

Depois do jantar, olhei para o relógio da cozinha. Ia dar onze horas da noite, e eu ainda estava na casa do Caleb, trajando a camisa dele, sentindo seu gato ronronando entre as minhas pernas.

– Bom... Foi tudo muito bacana, mas eu tenho que ir.

– Ah... Mas, já?

– Sim, eu... preciso mesmo ir.

– Dorme aqui comigo, Amande – pediu, encarando-me fixamente.

– Caleb... Eu vou me casar. É sério, acho que... não posso prosseguir com isso.

Ele me ignorou completamente.

– Achei que assistiria a um filme comigo. Gosta de comédia romântica?

– Go... Gosto. – Caleb também gosta de comédias românticas? Ah, não... Para!

– Adoro a Julia Roberts, tenho uma coleção. Sabe qual é o meu filme favorito com ela?

– Qual?

Caleb fez a caretinha safada.

– “Noiva em fuga”.

Meu coração congelou. O que ele queria dizer com aquilo? Peguei minha taça de vinho e tomei o restante do conteúdo. Caleb ainda me olhava, soltando faíscas azuis muito brilhantes na minha direção.

As coisas não podiam ficar assim. Decidi rebater.

– Sério? Pensei que fosse “Uma linda mulher” – ironizei.

– Por que pensaria isso?

– Não sei, talvez porque a Julia faz o papel de uma prostituta.

Ele desfez o sorriso sarcástico. Ficou me olhando por muito tempo, enquanto eu enchia minha taça e entornava o conteúdo de uma só vez. De novo.

– Bom, não vou deixá-la ir. Você tomou três taças cheias, não está em condições de pegar o carro – falou, ainda muito sério. – O que vai ser? “Noiva em fuga” ou “Uma linda mulher”?

– Pode ser “Dormindo com o inimigo” – alfinetei. Novamente Caleb fez uma careta.

– Pode ser “O casamento do meu melhor amigo” – rebateu.

Suspirei profundamente. O que era tudo aquilo? Até a própria Julia Roberts ficaria tensa com a situação.

– É sério desta vez. Gosto de “O sorriso de Monalisa”. Que tal? – Nem acreditava que estava concordando em passar a noite inteira com o Caleb. E o que era pior, ele sequer precisou pedir muito. Acabei colocando a culpa no vinho, deixando meu raciocínio e poder de discernimento no mesmo lugar onde tinham ficado o dia inteiro: longe, muito longe.

– Perfeito, embora eu prefira o sorriso de Amande.

Pela bilionésima vez na minha vida, meu rosto ficou vermelho por causa do Caleb.

43º Capítulo

Quitando a dívida

Depois de esperar Caleb tomar um banho – ele bem que me chamou para acompanhá-lo, mas preferi ficar quietinha –, aconchegamo-nos na sua cama. Ele tinha fechado as janelas e descido uma linda cortina azul, que combinava com alguns móveis do quarto. Um bom gosto absoluto. Logo em seguida, ligou a TV e pegou o filme, colocando-o num aparelho de DVD. Tentei não pensar muito no modo carinhoso com que Caleb me puxou para os seus braços, fazendo meu corpo se aninhar no dele. O maldito ainda teve a cara de pau de ficar alisando meus cabelos. Sério, ele não parou por nada.

Não conseguimos terminar de assistir ao filme. Tudo bem que já tinha assistido antes, mas, quando a Julia contracenou uma cena mais picante com o Dominic West, Caleb começou a me beijar feito um louco. Então, já era. Eu não tinha chance alguma perante o seu charme. Era uma presa fácil demais.

Quando acordei, Caleb dormia calmamente, abraçando-me de lado. Já era dia. Saí da cama devagarzinho, não queria acordá-lo. Estava tão belo daquela forma... Lindo demais.

O peso do arrependimento começou a me invadir quando cheguei até a cozinha e constatei que já eram nove horas da manhã. Peguei um copo de água e bebi de uma só vez. Lulu veio me dar bom-dia, e eu acabei segurando-a em meus braços.

– Oh, Lulu... O que vou fazer com seu pai? Diz pra mim...

A gatinha começou a lamber as patas, ignorando-me completamente. Devia estar mancomunada com ele, estavam juntos na missão de me deixar louca. Tudo o que aconteceu foi tão errado! Eu havia perdido o juízo, completamente. Onde estava com a cabeça quando aceitei tamanha insensatez? Que idiotice da minha parte!

Uma voz sussurrante cortou meus sentidos, chamando-me de vadia. O

anjinho consciente que tanto tinha chorado para que eu não caísse em tentação, agora sorria e dizia, com uma expressão irônica: “tentei avisar, sua estúpida. Agora chora.”.

Foi exatamente o que fiz. Soltei Lulu na cozinha e me debulhei em lágrimas, procurando as minhas roupas. Encontrei-as na sala, devidamente dobradas. Sem a presença de Caleb confundindo meus sentimentos, coloquei a cabeça para funcionar. Como podia ter dormido com outro cara dois dias antes do meu casamento? Era loucura demais! Nada me justificava.

Outra voz se fez presente. Desta vez, chamou-me de traidora. Soltei um soluço engasgado, sentindo as lágrimas ensoparem meu rosto. Vesti as roupas e calcei meus sapatos. Procurei pela minha bolsa, que havia deixado em cima de uma mesa pequena, logo na entrada do apartamento. Eu estava sendo injusta com todo mundo, inclusive comigo mesma. João não merecia aquele comportamento. Minha infidelidade havia ultrapassado todos os limites. Era absurdo ficar dando espaços ao Caleb. Mesmo se ele quisesse alguma coisa... Não, claro que não queria nada. Ele sabia perfeitamente que eu ia me casar, portanto queria se divertir às minhas custas. Afinal, eu era a garota corretinha incorruptível. Devia ser um prêmio para ele, uma coisa interessante e diferente... Um desafio.

Era isso. Caleb estava me usando o tempo todo.

Ciente da força de sua própria sedução, organizou aquela armadilha para me fazer dormir ali. Não, não ponho a culpa nele, ponho em mim mesma. Fui uma garota, uma adolescente boba. Certamente ele riria de mim quando acordasse, pensando no quão fácil foi me possuir de novo.

Um cenário inteiro foi montado na minha cabeça. Eu, a corretinha, traindo o meu noivo e me deixando levar por um garoto de programa. Com aquela conversa de romantismo explícita nas letras da Paula Fernandes, Caleb queria que eu fizesse o quê? Largasse o meu casamento, desistisse de tudo, só para ter o prazer de me ver arruinar a minha vida? Claro que ele não pretendia ficar comigo, seria idiotice criar laços com uma mulher como eu, tendo dormido com mulheres de vários tipos, inclusive mais experientes e bonitas. Caleb era areia demais para o meu diminuto caminhão.

As coisas ficavam cada vez mais claras na minha mente, como a água mais cristalina. Tudo havia sido um plano cruel, muito bem elaborado. Caleb era um

conquistador, um bom conquistador, vivia à mercê disso. Era o seu trabalho, o que sabia fazer de melhor e havia feito durante longos anos. O pior de tudo era que eu, mesmo sabendo, deixei que me seduzisse, que colocasse caraminholas na minha cabeça.

Irritada, peguei a minha bolsa. Estava disposta a não me deixar enganar. Caleb não podia saber que eu havia caído de uma forma tão infantil. Não riria de mim, começaria a entender que eu era uma mulher madura, com capacidade de raciocinar sobre o que fez comigo. Foi com este pensamento que, tomada pelo ódio, raiva e ressentimento, tive uma grande ideia.

Abri a minha bolsa e sentei no sofá. Peguei um talão de cheques e uma caneta. Calculei mentalmente o horário que havíamos passado juntos; começamos a transar às sete e meia, dormimos à meia-noite. Quatro horas e meia. Arredondei para cinco, começando a somar e multiplicar. Supondo que ele tinha me cobrado o preço mínimo, oitocentos reais a hora, então aquilo tudo teria me custado quatro mil reais. *Uau!*

Estava prestes a me casar, não podia gastar aquele valor, mas preenchi o cheque mesmo assim. Quatro mil reais, em nome de Caleb Duarte. Assinei e peguei uma folha de papel da minha agenda. Escrevi as seguintes palavras:

“Espero que seja o suficiente. Se for menos, fique com o troco. Se for mais, gostaria de que me ligasse para que eu possa fazer outro cheque. Aliás, queria muito que fizesse umas fotos no meu casamento, mas tive uma ideia... Sabe as fotografias que tirou da sua irmã? Quero algumas daquelas. Vou estar no hotel, já maquiada e penteada, às dezessete horas. Esteja lá, pago qualquer preço por elas, pois meu noivo irá adorá-las. Se não puder ir, mande-me um e-mail avisando.”

Com lágrimas nos olhos, coloquei o endereço do hotel e deixei o bilhete em cima da mesa de centro. Havia sido extremamente fria em cada palavra. Não falei sobre a noite, sobre nós... Ainda evidenciei o meu casamento e deixei claro que nossa relação era meramente profissional. Acreditei piamente que aquilo era o correto a ser feito.

Peguei o elevador ainda chorando, mas tive que me acalmar. Passei na portaria e conversei com o porteiro, avisando que não tinha a chave elétrica para abrir os portões. O funcionário pediu para que eu buzinasse quando saísse, pois ele mesmo abriria.

E assim foi feito.

Cheguei em casa arrasada. Precisava tomar banho, trocar de roupa e ir trabalhar. Peguei meu celular a fim de ligar para Lara, mas acabei ficando absolutamente surpresa. Havia mais de trinta ligações do João Pedro e umas quatro da própria Lara. Decidi ligar para o celular da minha amiga.

– Onde esteve, Amande? – ela gritou. – Pelo amor de Deus, você está bem?

Minhas mãos já tremiam.

– Está tudo bem, Lara. – Tentei manter firmeza na voz. – O que aconteceu? Está tudo certo com a loja?

– Com a loja sim, Amande. Tudo certo. O problema é você e o seu sumiço. – Lara parecia muito nervosa. – João Pedro não te encontrou em parte alguma, seu apartamento estava vazio... Ligou para todas nós! Quando me ligou, tive que inventar uma mentira horrorosa, pois era a única que sabia que você estava com aquele... Com o Caleb!

Fechei os olhos. Céus... As lágrimas tornaram a cair.

– O que você disse a ele?

– Que você estava comigo... Que já tinha ido dormir e estava um pouco estressada com o casamento. Enfim, ainda bem que ele acreditou. Amande, o João está muito preocupado. Por favor, Amande... Diga-me que não está apaixonada por aquele gigolô! Você dormiu com ele de novo?

A tal palavra fez meu corpo inteiro tremer e as lágrimas se multiplicarem.

– Sim – murmurei com a voz fraca.

Lara ficou em silêncio. Sabia que estava chocada.

– Sim o quê? Você está apaixonada? Oh, meu Deus, eu sabia... Sabia que isso ia dar em merda! Amande, esse cara não é pra você!

– Falei que sim, dormi com ele. Não estou apaixonada, Lara, não sou uma criança. Vou me casar com o João e pronto. Simples.

– Amande... Amande, você está perdida. Não vê que as coisas estão

erradas? Como vai se casar com um cara que não ama mais? – disse Lara, repetindo as palavras da Jéssica.

O que era aquilo? Um complô contra mim?

– Claro que o amo...

– Você não o ama! Só ainda não percebeu. A Amande que eu conheço jamais agiria desta forma... Esse Caleb te tirou do foco. Está apaixonada pelo gigolô! Não quer admitir, mas está! E ele é o que é, Amande, acha que mudaria por você? Duvido muito! Quanto pagou para dormir com ele?

– Nada – menti. – Ele fez porque quis, está bem? – Nem eu mesma compreendi os motivos de estar defendendo o Caleb.

– Ai, Deus... Será que ele se apaixonou por você? Ah... Amande... Se essa paixão for recíproca, não acha melhor desfazer esse casamento?

– Não estou apaixonada por ele! – gritei. – Preciso desligar, Lara, estou chegando aí daqui a uma hora, no máximo, e odiaria se viesse falar comigo sobre este assunto. Está tudo resolvido, tudo sob controle!

Lara suspirou.

– Quero te ver inteira, Amande. Se eu perceber que não está inteira, juro que conto tudo para o João.

– Você não ousaria...

– Faria qualquer coisa para te ver feliz. Acredite.

Era só o que me faltava!

44º Capítulo

Analisando os sintomas

As paredes da minha sala, lá na loja, estavam me sufocando. Tentava me manter erguida, mesmo morrendo de vontade de chorar sem parar. Não queria que Lara me visse fraquejando. Ela pareceu ter falado sério a respeito de contar tudo para o João.

Abri o meu e-mail e fiquei esperando alguma coisa vinda do Caleb. Nada. Nem uma mensagem sequer. João Pedro havia me ligado antes mesmo do almoço. Expliquei a ele que estava um pouco nervosa com o casamento e que tinha preferido me afastar e conversar com uma amiga. Mais uma mentira para a minha lista mais recente. Eu estava ficando boa naquilo. Bom, acho que, quando se tem muito a perder, as mentiras podem ser ótimas aliadas.

O dia passou. Juro, nem senti. Qualquer hora era hora, cada instante perdia o significado. Sentia vontade de sumir, de me transformar numa pequena formiguinha. O peso das responsabilidades nunca me foi empecilho, mas, naquele dia, trabalhei apenas por trabalhar. Não queria me envolver com nada, nem com os fornecedores de batons, que estavam simplesmente me enchendo o saco.

Fui jogando as coisas para o alto, empurrando com a barriga. Lara percebeu, claro, mas a simplicidade com a qual eu enfrentava as situações deixou-a de bico calado. Eu podia ser perfeitamente correta, educada, sorridente... Mas, por dentro, estava gritando. Pedindo liberdade. Tal qual o conceito do filme “O sorriso de Monalisa”. Ninguém sabe, de fato, o que está por trás de um sorriso. Ele engana, diferentemente das lágrimas. Elas não enganam ninguém, e foi por isso que me acompanharam durante toda a viagem de volta para casa.

Era noite de quinta-feira. João Pedro me ligou de novo, avisando que estava saindo com os amigos para a sua despedida de solteiro. Fui completamente apática, não me importava. Sua ausência era um alívio para mim.

Deitei no sofá e pensei um pouco mais nas coisas. Como podia estar tão despreocupada com relação ao João Pedro? Não estava mais me importando como sempre me importei. Será que as minhas amigas estavam com a razão o tempo todo? Será que realmente tinha deixado de amar o João? Era fato, eu não sentia mais vontade de beijá-lo ou de fazer amor com ele. Não estava com saudades. Na verdade, simplesmente não pensava em mais nada além de dois olhos azuis muito brilhantes.

Caleb não havia me mandado e-mail algum. Nem me ligado. Nem nada. A falta que ele me fazia era sufocante, deixava-me em um estado perturbador de vazio, solidão e tristeza. Precisava ouvir seu riso, só assim eu teria certeza de que tudo estava bem.

A sensação de suas mãos me tocando invadiram a minha lembrança, deixando a minha pele arrepiada. Meu coração acelerou, e então já estava chorando novamente.

Naquele momento percebi, talvez tarde demais, que tinha caído de vez na armadilha dele. Eu não podia me casar com o João. Não... Não o amava mais, não como antes. Era diferente. Sentia respeito por ele e um carinho incrível. Mas... Não podia continuar o enganando.

Nem a mim mesma.

Precisava aceitar a única verdade que fazia meu corpo latejar: estava completamente apaixonada pelo Caleb. Sim, era muito mais do que simples desejo... Era mais do que fantasias. Não podia haver enganos; aquilo queimava dentro de mim.

Depois de um dia inteiro de sofrimento, finalmente admiti a mim mesma; eu não havia feito sexo com o Caleb, não *mesmo*... Havia feito amor, de corpo e alma, entregando a minha vida em suas mãos. Todos os sintomas estavam evidentes demais: saudades, ciúmes, benquerer, preocupação, envolvimento, desejo... Não podia continuar ignorando. Era demais para mim, insuportável.

Como uma lâmpada que acendia e iluminava a minha consciência, dei-me conta de que ele não tinha o meu telefone. E talvez, por isso, ainda não tivesse ligado. Tudo bem que Caleb podia ter mandado um e-mail, mas enfim... Não tinha o meu número. Eu sentia tantas saudades... Queria entender tudo aquilo. Precisava conversar, necessitava de que ele me dissesse a verdade sobre os

momentos que passamos juntos. Seria uma conversa entre adultos; sem rodeios, sem jogos. Mesmo sendo loucura, precisava saber o que ele sentia, se era algo tão forte quanto o que me preenchia o peito.

Foi por isso que peguei seu cartão de visitas na minha bolsa, decidida a ligar. Caleb atendeu no primeiro toque.

– Alô? – Sua voz estava séria.

– Oi, Caleb – murmurei.

– Amande? – O timbre se modificou para um sussurro rouco, trôpego.

– Sim... Eu... Eu precis...

– Amande, estou trabalhando agora – ele disse, interrompendo-me. Sua voz estava um poço de firmeza e seriedade. – Não posso falar. Estarei sábado no hotel para tirar as fotos.

– Tu... Tudo bem... – gaguejei, resfolegante.

– Até. – E desligou.

Quer mesmo que eu diga como me senti depois daquele telefonema medíocre? É simples dizer: meu mundo inteiro caiu. Desmoronei. De verdade, senti cada base que me mantinha de pé cair muito depressa, espalhando cacos pelo chão.

Caleb havia me cortado tão rápido! Estava com outra mulher, fazendo seu “trabalho”. Entregando para qualquer uma o que havia me dado com tanta delicadeza. Será que ele era delicado com todas? Será que todas ficavam encantadas, seduzidas, apaixonadas? Não duvidava. Até porque no dia anterior, no restaurante, a mulher que tinha hora marcada com ele havia dito que estava com saudades.

Soltei inúmeros soluços, chorando sem nenhuma dignidade. Parecia uma criança que havia acabado de perder seu doce. Chorei de todas as formas, até meus olhos incharem e, mesmo quando aconteceu, continuei chorando. Será que tinha me enganado tanto assim? Céus... Por que era tão complicado?

Estava encolhida no sofá quando ouvi a campainha. Forcei meu corpo a se levantar e verifiquei o olho mágico. Era a Paloma. Por isso que o porteiro não

tinha interfonado antes; qualquer amiga minha podia entrar no meu prédio quando bem entendesse.

Abri a porta.

– Amande, eu... – Paloma foi falando, mas parou quando me viu. – Mandy! O que aconteceu? Você está... horrível!

– Hoje não, Paloma – murmurei, soltando um novo soluço. – Péssima hora. Por favor, vá embora. – Tentei fechar a porta, mas ela me impediu.

– Pare com isso. Precisa de ajuda! Conte-me, o que aconteceu? Foi o Caleb, não foi? Lara me contou que dormiu com ele ontem. João Pedro me ligou também...

– Pelo visto, são todas umas falsas. Não conseguem esconder nada de ninguém. Vá embora, Paloma.

– Não. Somos as suas amigas. Estamos no seu time, Amande, pare de achar que estamos contra você! Queremos que seja feliz!

– Estou apaixonada pelo Caleb – admiti entre lágrimas. Estava pronta para falar mais coisas, contudo, simplesmente não pude. Comecei a soluçar sem pausas.

Paloma entrou no apartamento e me abraçou com força, fechando a porta atrás de si. Passei meus braços na cintura dela, enquanto tentava buscar algum conforto.

– Mas ele é só um conquistador! – continuei, com a voz chorosa mais feia do mundo. – Não posso deixar que estrague a minha vida. Vou casar com quem me ama!

– Compreendo, Amande – ela disse, guiando-me até o sofá, mas sem deixar de me abraçar. – Você está certa.

Parei, encarando-a. Não esperava que dissesse aquilo. Tudo parecia tão errado!

– O quê?

– Você está certa. Não pode trocar o certo pelo duvidoso. Seria muito idiota se largasse o casamento com João por causa de uma paixão por um garoto

de programa. João te ama muito, e sei que te fará feliz. Você gosta de segurança... Ele sabe te agradar.

– Pensei que todas estavam contra este casamento. Jéssica me disse que...

– Jéssica é uma louca, Amande. Ela não entende certas coisas. Você é uma mulher sensata. Pode ter se desviado no caminho, mas foi apenas um lapso. Isso vai passar, vai ver... E fará a coisa certa. Essa paixão vai acabar muito rapidamente.

Aquiesci, balançando a cabeça. Começava a me sentir mais calma. O senso de racionalidade de Paloma era um conforto, um direcionamento para a minha alma perdida. Ela estava de fora, portanto tinha uma ideia mais ampla de tudo aquilo. Certamente estava com toda razão.

Suas palavras me apontaram um caminho e, vendo que ele me levaria a algum lugar, voltei a me sentir segura.

Abracei-a ainda mais forte.

– Obrigada – murmurei. – Vai ficar tudo bem.

– Vai sim. Confie no seu bom senso – Paloma falou e enxugou o meu rosto com as mãos. Apesar de toda a dor, já me sentia melhor.

Não há nada mais reconfortante do que ter bons amigos.

45º Capítulo

Confissões entre amigas

Paloma decidiu ficar comigo um pouco mais. Segundo ela, não era bom que eu permanecesse muito tempo sozinha, pois isso podia dar vazão a pensamentos errôneos, movidos pelo desespero da solidão. Ela estava certa, e agradeci a sua presença. Fizemos brigadeiro de panela – comida típica de mulheres com dor de cotovelo – e sentamos confortavelmente no meu sofá. Paloma tentava falar sobre outras coisas, mas percebi que alguma coisa a incomodava.

– Lomita, estou sentindo que quer me dizer algo – falei, colocando uma colher cheia de brigadeiro na minha boca. Uma delícia! – Até agora só falamos de mim... Aconteceu alguma coisa?

Minha amiga curvou um pouco a boca, pensativa. Parecia travar uma batalha interna.

– Bom, é que... Acho que cheguei a uma conclusão sobre a minha vida. E isso é um dos motivos por ainda não ter matado a Jéssica por nos levar naquela louca despedida de solteira.

Franzi o cenho, curiosa. Paloma deu mais uma colherada no doce. Parecia nervosa com o que estava prestes a dizer. Como se fosse doença contagiosa, comecei a ficar também. Tudo o que estava relacionado ao fim de semana passado me deixava tensa.

– Desembucha – incitei.

Ela fez uma careta. Ergueu-se um pouco no sofá, colocando para trás seus grossos fios de cabelo liso. Os olhinhos puxados vacilaram, e sua pele corou de imediato.

– Eu acho que sou lésbica – murmurou.

Ahn?

Absolutamente surpresa, voltei a me sentar no sofá. Paloma havia desviado os olhos de mim, encarando o horizonte da minha sala.

– Como assim “acha”? – consegui questionar.

– Eu... Sabe... Acho os rapazes bonitos e muito interessantes... O Marcelo é um deles. Só que... não tenho desejos... Ele me ajudou a perceber isso.

– Mas você sente alguma coisa por mulheres?

– Sim, sempre senti. Só nunca tive coragem de aceitar. Acho que minha sensatez não me permitia enxergar a verdade – explicou, largando o brigadeiro de lado. – Não queria admitir isso a mim mesma, portanto colecionei relacionamentos ruins a minha vida inteira! Neste fim de semana consegui finalmente notar... que não vou conseguir ser feliz me relacionando com homens.

Eu estava chocada, claro.

– Não sei o que dizer, Lomita...

– Não precisa, só queria que alguém soubesse. Sabe, Amande, acho que às vezes você e eu pensamos demais nas coisas. Somos tão iguais, não é? Vivemos a vida fazendo sempre o que nossa razão nos manda.

– Isso não devia ser um problema, Paloma. Não mesmo...

– Você não sabe o quanto é difícil... – Os olhinhos dela marejaram. – Não faz ideia das coisas que já suportei.

Paloma estava sentada em um sofá individual, por isso me levantei e a puxei pelos braços. Fiz ela se juntar a mim no sofá maior, dando-lhe um forte abraço.

Era impressão minha ou todas as minhas amigas tinham algo chocante a revelar?

– Queria que me contasse tudo – sussurrei. – Quem sabe possa te ajudar? É só o que quero, amiga.

Paloma suspirou profundamente.

– Sempre senti coisas estranhas, sabe? Mas nada foi mais forte do que aquilo que senti quando... – parou, parecendo bastante envergonhada. Mais

lágrimas verteram de seus olhos, e eu tratei de enxugar uma a uma, bem como ela havia feito comigo há apenas alguns minutos.

– Quando o quê? – perguntei, começando a ter medo da gravidade da situação.

– Amande... Sempre fui louca, apaixonada pela Jéssica – confessou, entre murmúrios e lágrimas doloridas.

Meus olhos se abriram ao máximo, absolutamente surpresa, estarrecida. Porém, de repente, aquilo tudo começou a fazer sentido.

– É por isso que... você sempre foi meio implicante com ela – falei, alisando-lhe os cabelos.

– Jéssica é tão... tão linda, sabe? Tão... Ah, Amande, não sei explicar. Só sei que sempre fui louca por ela, desde o Ensino Médio. – Paloma parecia desesperada, falando tudo muito depressa. – As coisas pioraram muito depois que ela me arrastou para uma festa na casa de uma colega no ano passado... Vocês não foram, pois tinham compromisso. Naquela festa... ela... ela me beijou, Amande.

Meu coração só faltou sair pela boca. Estava muito surpresa. Mesmo. De verdade. Não fazia ideia de que aquilo tudo podia ser possível. Era irreal demais para que eu acreditasse.

– Vocês já ficaram? – quase gritei.

Paloma soltou um soluço.

– Sim... Ela estava bêbada, sabe? Mas eu não estava, Amande. Beijei a Jéssica porque quis, porque sempre foi o meu desejo mais profundo... Não sei o que deu nela... Não sei o que pensou no momento... Só sei que a atitude partiu dela, e eu devolvi o beijo com a mesma intensidade. Não foi algo simples, banal... Foi um momento bem demorado e intenso, Mandy. Difícil de assimilar... – Paloma falava e chorava como se aquilo fosse um absurdo sem tamanho, como se realmente não acreditasse que estava me confessando. – Depois que terminou, Jéssica simplesmente não tocou no assunto. E nem eu... Foi como se nem tivesse acontecido. Não consigo entender até hoje... Fico mantendo a esperança de que faça de novo. Amande, isso é horrível.

– Paloma... Acho melhor você não esperar nada da Jéssica – falei, lembrando-me das confissões que nossa amiga havia me feito no domingo.

– Por quê?

Comecei a lhe narrar toda a história que a Jéssica havia me contado, cada detalhe sórdido. Desde o padrasto que a abusava até a verdadeira “carreira” que seguia. Contei sobre o absurdo que tinha sido a nossa completa ignorância sobre o assunto, visto que poderíamos ter ajudado desde o começo. Paloma parecia cada vez mais nervosa com a situação, e isso de alguma forma me deixava triste.

– Não acredito nisso... – resfolegou, tomada por lágrimas. Sua dor havia aumentado bastante. – Como ela teve a coragem de fazer isso consigo mesma... Amande, o que eu faço? Pensava que ela era uma modelo... Quando na verdade é uma... Não... Não posso acreditar! Preciso falar com ela, Mandy... Preciso!

Afaguei os cabelos de Paloma, tocada pela compaixão.

– Paloma... Jéssica não vai deixar de ser o que é. Eu te conheço, sei as coisas de que gosta... Assim como a conheço. Posso dizer com convicção que ambas são como água e óleo. Você também sabe disso, só está cega pela paixão. Sabe que, mesmo se tivesse algo a mais com a Jéssica, não iria acabar bem. Precisa manter os pés no chão, essa foi a vida que ela escolheu... e que nada tem a ver com você – expliquei.

Paloma balançou a cabeça, concordando comigo.

– Eu sei... Você tem toda razão. Acho que o que me resta é esquecê-la de vez. É uma pena, pois também sou amiga dela e a quero muito bem. Não vou deixar de manter contato nunca... Até porque não quero me distanciar de vocês. São tudo o que tenho de melhor.

– Nem deve se distanciar... Odiaria se fizesse isso.

– Não vou, prometo – jurou. – E também direi toda a verdade na próxima reunião que tivermos. Claro, sem falar nada sobre a Jéssica. Só preciso ser sincera com todas... Não quero mais me esconder, Amande.

– Tenho certeza de que ninguém vai sair te julgando ou te tratando diferente por causa disso. Confiamos em você, amiga. O importante é se sentir bem consigo mesma... – falei. Apesar de ainda estar muito surpresa, tentei

manter a minha cabeça no lugar. Paloma estava precisando do nosso apoio, e eu realmente duvidava de que alguma das meninas o negasse.

– Tenho muito medo, Mandy. De pensarem que estou dando em cima de vocês, de não quererem mais a minha presença, de não se sentirem confortáveis... – Paloma voltou a chorar, mas se afastou um pouco e pegou mais uma colher de brigadeiro. – Eu sou a mesma pessoa... Vocês me conhecem há muitos anos. A única diferença é que não vou mais ir atrás de namorados. Quero encontrar alguém para mim, e será uma mulher. Uma namorada.

– Sim... Você vai ver, tudo vai se resolver. Conte comigo, Lomita, estou do seu lado.

Paloma sorriu, enxugando as lágrimas na gola de sua blusinha azul.

– Estamos em situações tão complicadas, não é?

Suspirei.

– Sim... Às vezes culpo essa maldita despedida de solteira – admiti. – Mas acho que, se não fosse ela, eu continuaria no escuro com relação a muitas coisas. Coisas sobre mim, sobre vocês... Foi uma descoberta para todo mundo.

– É verdade, já desisti de praguejar mentalmente aquela despedida. – Paloma se inclinou no sofá e conferiu o relógio de parede que estava na cozinha. – Está muito tarde, acho que já vou indo.

– Ah, não, Paloma... Por favor, dorme aqui comigo. Não quero ficar sozinha. Não posso ficar pensando no Caleb, é sério – confessei, sentindo meu coração partido começar a latejar. Os milhões de caquinhos em que ele se dividiu começaram a se remexer dentro de mim, provocando uma dor absurda.

De imediato, lágrimas doloridas invadiram o meu rosto. Comecei a soluçar como uma criança, imaginando Caleb dormindo com outra mulher naquele exato momento. O pensamento era assustador e me deixava com uma infelicidade fora do comum. Sentia-me perdida, abandonada e completamente envergonhada pelo que fiz.

A única coisa que queria era que ele me ligasse. Queria muito ouvir sua voz dizendo que as coisas terminariam bem. Mas... Não podia esperar que isso acontecesse, pois não ia. A verdade era uma só: nada ficaria bem até que eu

finalmente o esquecesse. Com o casamento, seria obrigada a fazê-lo, e então ficaria pronta para ser feliz com o João.

– Amiga... Estou nervosa com tudo isso – disse Paloma, voltando a me abraçar forte. – Tenho certeza de que o casamento é a melhor opção, mas estou com medo.

– Também estou, mas vou superar. Juro que vou – respondi, porém sem nenhuma convicção. A verdade era que estava perdida, sentia-me cega no meio de um tiroteio. Contudo, só existia uma direção a ser seguida. Não podia olhar para trás, pois recuar não iria fazer sentido. Minha única escolha era seguir em frente e me conformar. Rezar para que nenhuma pedra no caminho me fizesse cair.

Organizei o sofá-cama na minha sala, e Paloma acabou dormindo comigo. Sério, nem me importei por ter descoberto que era lésbica, isso não mudaria em nada a nossa amizade. Já havíamos dormido juntas muitas vezes; ela sempre me respeitou e nunca me olhou de forma diferente, mesmo quando trocava de roupa na sua frente. Por que isso mudaria agora?

Assistimos a alguns filmes e pegamos no sono naturalmente. Nada de comédias românticas ou dramas, optamos por filmes de ação com muitos tiros e cenas eletrizantes. Tudo para que não nos lembrássemos de nossas dores. Tentávamos espantar cada um dos medos, deixando-os de lado. Ignorando-os.

Juntas, vencemos mais uma noite.

46º Capítulo

Maldita véspera

Paloma tomou o desjejum comigo e seguiu para casa. Ia trocar de roupa e retornar ao seu ateliê, pois tinha algumas encomendas pendentes. Fiquei muito agradecida pela força que me deu, pois muito provavelmente não conseguiria suportar sozinha. Tinha medo de cometer uma loucura como, por exemplo, procurar pelo Caleb.

Como ia me casar no dia seguinte, fui trabalhar apenas no período da manhã. Dei várias instruções para Lara, pois ela iria abrir a loja e ficaria responsável por tudo enquanto eu estivesse na lua de mel. Organizei muitas coisas, solucionei problemas e adiantei pendências. As funcionárias foram devidamente instruídas. Trabalhei arduamente, e isso me distraiu bastante. Fiquei muito feliz com o meu desempenho e também despreocupada, pois confiava em Lara e sabia que as coisas estariam em ordem mesmo com a minha ausência.

No almoço, comi alguma coisa numa padaria e fui ao salão de beleza. Não ia deixar tudo para o dia do casamento – a ideia foi realmente dividir em partes, adiantar logo o que já podia ser feito. Sendo assim, fiz uma sessão completa de depilação. Sério, cada pelinho do meu corpo foi removido. Um sofrimento imenso, mas que valeu a pena. Os resultados ficaram ótimos.

Também fiz as minhas unhas dos pés e das mãos. Foi um processo demorado porque decidi decorá-las. Porém no fim ficaram belíssimas, com arranjos maravilhosos de flores nas cores branca, prata e champanhe. A manicure disse que ia me matar se eu pensasse na possibilidade de lavar pratos ou fazer qualquer coisa que prejudicasse a integridade delas.

Realizei uma hidratação completa no meu cabelo, pois no dia seguinte só teria o trabalho de secar e modelar o penteado. Decidi fazer um corte legal nele. Não podia mexer no comprimento para não ameaçar o penteado que já havia escolhido previamente, portanto só dei uma repicada e defini uma franja longa. Adorei cada um dos resultados.

Quando voltava para casa, vi uma coisa bem interessante na vitrine de uma loja. No impulso, estacionei o carro. Jamais havia entrado em um *sex shop* na minha vida inteira, mas o modelo de uma lingerie na vitrine me deu uma ideia genial. Ele era feito especialmente para noivas: toda branca e tinha meias enfeitadas com renda. A parte de cima era toda rendada, trabalhada minuciosamente com pedrinhas brilhantes. Já a parte de baixo havia sido a que mais me agradou – uma calcinha fina muito pequena, quase transparente. Na parte de trás, um lacinho branco singelo puxava um pequeno véu. Gostei muito de tudo, pois não tinha fio dental – odeio fio dental –, mas era sexy e chamava atenção.

Imediatamente pensei em usá-la na tomada de fotografias com Caleb, antes do casamento. Sequer me dei o direito de imaginar o quanto seria estranho vê-lo de novo. Entretanto, não pretendia ficar me lamentando. Precisava mostrar a ele o quanto podia ser forte e bonita, mantendo um profissionalismo enorme. Queria que me visse inteira, decidida a me casar. Só assim ele não riria de mim pela confusão que havia feito a minha vida se transformar. Sairia daquela palhaçada com a cabeça erguida e a dignidade reformulada.

À noite, João passou no meu apartamento.

– Foi muito boa a minha despedida – ele disse, abraçado comigo no sofá. – Fomos a uma boate, não de *striptease*, claro. O lugar era ótimo.

– Hum... – Dei-lhe um selinho tímido. Realmente não sabia o que dizer. Estava sem graça.

– Sei que vai ficar meio chateada, mas acabei bebendo um bocado. Os caras me fizeram experimentar todas as bebidas possíveis.

– Relaxa.

João suspirou, olhando-me seriamente.

– Amande, o que está havendo, afinal? Nunca te vi tão estranha.

Afastei-me um pouco do abraço, sentindo vontade de chorar. Todavia, engoli o nó na minha garganta e me mantive firme. Era horrível mentir, principalmente para o João. Perguntei-me até quando aquele sofrimento ia durar. Estava ficando cansada.

– Sou uma noiva prestes a casar – respondi. – Estou uma pilha de nervos.

João sorriu, puxando-me. Deitei em seu colo como se fosse um bebê. Ele distribuiu inúmeros beijos no meu rosto. Fechei os olhos e tentei senti-lo ao máximo. Precisava voltar a gostar das carícias dele, afinal, seriam as que eu receberia dali em diante, até que a morte nos separasse.

Um frio subiu pela minha espinha quando pensei nisso, e então já tinha me levantado do sofá bruscamente.

– Acho que vou dormir mais cedo hoje. – Esta foi a minha desculpa esfarrapada. – Tenho que acordar cedo amanhã para o dia de noiva no SPA.

– Tudo bem, amor, já vou indo.

João se levantou e me deu um longo beijo, ao qual correspondi prontamente.

– Amanhã você será a minha esposa – ele sussurrou no meu ouvido. Um medo aterrador se apossou do meu corpo, enraizando-se na minha alma. – Será minha para sempre.

– Sim, meu bem – murmurei.

João sorriu e foi embora, mas não antes de me dar mais um longo beijo.

E eu... tratei de tomar meus calmantes.

47º Capítulo

Dia D

Acordei morrendo de dor de cabeça. Meu corpo todo parecia em frangalhos, mas nada podia ser pior do que o meu estômago. Logo de cara, vomitei tudo o que estava nele, o que de fato não era muita coisa. Tomei alguns remédios e vesti um biquíni por baixo de roupas simples. Preparava-me para encarar as sessões no SPA.

Mamãe chegou ao meu apartamento às nove horas da manhã, junto com a Claudinha. Elas me ajudariam levando o vestido, os sapatos e tudo o que fosse necessário para o hotel onde me vestiria mais tarde.

– Você já devia estar pronta, filha! – Mamãe me abraçou, sorrindo de orelha a orelha. Ela estava tão bem, parecia muito feliz.

– Já estou pronta, mãe. Vou ao SPA e chego ao hotel às duas horas em ponto.

Cláudia também me abraçou, mas parecia séria demais. Pudera, ela sabia o que estava acontecendo na minha vida. Certamente as garotas já haviam lhe contado tudo. Foi estranho vê-la com aquela expressão, visto que sempre foi a mais extrovertida entre nós.

– Vá logo, então! Vamos levar suas coisas agora – respondeu mamãe.

– Ok... – Peguei minhas chaves e fui embora. Nem dei instruções para elas sobre as coisas que precisariam levar. Sinceramente? Mal estava me importando. Eu era, de longe, a noiva mais desanimada do planeta.

Cheguei ao SPA às dez horas e fiz inúmeras sessões de relaxamento. Sério, entrei em banheiras de hidromassagem, piscinas aromáticas, tomei banhos de creme e fui remexida de diversas formas a manhã inteira.

Confesso que não consegui relaxar como deveria. Para ser bem sincera, chorei na maior parte do tempo. Tentei me controlar, mas não consegui. As

garotas no SPA pensaram que eu estava nervosa e emocionada por causa do casamento e acabaram fazendo de tudo para que me sentisse bem. Bom, eu só conseguia chorar ainda mais. Foi bem vergonhoso.

Depois de um almoço leve e tranquilo oferecido pelo estabelecimento, decidi voltar a ser forte. Tinha que parar de sentir pena de mim mesma, de nada iria adiantar. Meu destino já estava corretamente traçado, estudado e calculado. Não podia recalculá-lo naquele momento, ainda mais se adicionasse fatores que não fariam sentido algum. Eu chegaria a um resultado errôneo e me arrependeria para sempre.

Quando cheguei ao hotel, as meninas já estavam devidamente penteadas; usavam um coque elegante, enfeitado por uma flor cor-de-rosa, que combinava com o vestido. Algumas maquiadoras iam e viam, terminando de organizá-las. Quanto mais cedo estivéssemos prontas, melhor.

Nada falei com as meninas, elas estavam estranhamente sérias. Apenas mamãe e minha tia Zilda – mãe da minha prima Ana, que seria a daminha de honra – estavam alegres e comentavam animadamente sobre cada detalhe da cerimônia.

A cabeleireira veio logo secar meus cabelos, com uma habilidade impressionante. Meu cabelo era curto e estava muito bem hidratado, portanto o processo não durou mais do que meia hora. Logo, ela pegou os grampos e o *spray* fixador – aquilo sim ia demorar. O penteado era rebuscado, um arranjo de cachos e tranças laterais, com detalhes em fios de pérolas e flores parecidas com as das meninas, só que brancas. Uma pequena tiara estrategicamente colocada iria segurar o véu longo que escorria pelo chão.

Eu não sorria nem me olhava no espelho. Cada instante era uma dor imensa para mim, mas toda a angústia era intensificada quando percebia que logo chegaria a hora de ver o Caleb. Acho que estava mais nervosa para vê-lo do que para me casar. E isso era estranho, mas sabia que estava sendo embalada pelas dores da paixão ferida.

Lara me olhava às vezes, com cara de poucos amigos. Paloma era a única que sorria e acenava um “legal”, indicando que eu estava sendo forte o bastante, uma guerreira. Sentia-me aliviada com isso. Jéssica era a mais falante, comentava sobre coisas que, quando chegavam ao meu cérebro, perdiam o sentido.

Quando a maquiadora passava o *spray* fixador no meu rosto, já devidamente maquiado, minha mãe entrou no grande e luxuoso quarto do hotel, dando-me a notícia.

– Filhota, tem um rapaz chamado Caleb lá fora. Ele disse que combinou com você para tirar umas fotos.

Minhas amigas pararam o que estavam fazendo e me encararam. Jéssica sorriu maliciosamente, enquanto Lara esbugalhava os olhos e Cláudia soltava um suspiro prolongado. Fabiana terminava de fechar o vestido, com a ajuda de uma das costureiras que eu havia contratado só para nos ajudar a fazê-lo.

– Certo, diga a ele para me esperar no quarto ao lado – respondi quase sem fala. Mamãe saiu do quarto, e as meninas começaram a falar tudo de uma só vez.

– Não acredito, Amande! – gritou Lara.

– Por que fez isso, enlouqueceu? – Paloma parecia nervosíssima.

– Deixem-na em paz. Ela fez o certo, tenho certeza! Amande sabe o que está fazendo! – Jéssica, para minha surpresa, ou não, foi a única que me apoiou.

– O certo? Chamar o cara assim, sem mais nem menos? – disse Fabiana, fuzilando-me com os olhos.

Soltei um suspiro e me levantei da cadeira. Estava usando a lingerie que tinha comprado por baixo de um roupão branco, mas ninguém sabia disso.

– Fodam-se – falei em alto e bom tom. Todas me encararam, chocadas. Só Jéssica que riu. Nunca havia mandado alguém ir se foder na minha vida inteira. – É sério, fodam-se mesmo. Não estou nem aí para o que acham ou deixam de achar. Cansei.

O quarto que havia alugado era duplo, portanto, na verdade, eram dois quartos que se interligavam por uma porta corrediça. Abri-a rapidamente, antes que desistisse de tudo. As garotas ainda estavam pasmas com a minha atitude revoltada. Deixei-as para trás e fechei a porta atrás de mim.

Minha mãe estava conversando com o Caleb. Ele a beijava nas mãos e dizia educadamente que era um prazer tê-la conhecido. Mamãe ria, meio envergonhada – certamente desconcertada pela beleza dele –, dizendo-lhe que era muito gentil. Nenhum dos dois havia notado a minha presença.

– Mamãe... – falei, chamando-lhes a atenção. Não olhei para o Caleb, apenas mantive os olhos fixos na minha mãe. – Pode ir agora. Pretendo tirar essas fotos a sós com o Caleb para que saiam mais espontâneas.

Devia ganhar um prêmio de melhor atriz do ano. Sério, minha firmeza foi notável. Até eu aplaudiria se estivesse assistindo àquilo.

– Sim, sem problemas... – disse mamãe, caminhando até a porta corrediça.

– Não deixe as meninas entrarem – completei.

– Certo, filha, fique tranquila.

Mamãe me ofereceu um sorriso imenso de alegria, saindo do quarto logo em seguida.

Socorro!

48º Capítulo

Sessão de fotos

Olhei para baixo um pouco envergonhada. Tentei evitar ao máximo o instante em que olharia diretamente nos olhos de Caleb, mas infelizmente teve que acontecer. E, quando nossos olhos se cruzaram, achei que iria desmaiar ali mesmo. Os sintomas continuavam iguais, um a um, fazendo-me passar mal de verdade.

Caleb estava mais lindo do que nunca; usava uma calça jeans preta com sapatos e camisa também pretos. Parecia estar de luto. Seu visual era complementado com um chapéu de abas curtas que lhe dava um ar muito charmoso. Seus olhos, sempre brilhantes, inundaram meu mundo com um oceano azul tão esplêndido quanto sempre foi.

Ele estava tão sério. Muito, muito sério. Por um momento pensei que ia me oferecer a sua careta linda de boca entortada, mas seu semblante não se modificou por nada. Agradeci por isso. Sim, pois se ele fizesse a maldita careta, tenho certeza de que seria o meu fim.

– Oi, Caleb – consegui dizer. As palavras vieram das minhas entranhas, e a força que coloquei foi tanta que me senti um pouco atordoada.

– Oi, Amande – ele respondeu com uma voz muito estranha. Nunca o vi tão sério desde que o conheci. – Podemos começar?

Caleb ergueu uma máquina fotográfica que parecia muito cara.

– Sim, podemos – respondi.

Morrendo de vergonha, comecei a desamarrar a corda que prendia o roupão. Caleb continuou me olhando, e lhe devolvi o olhar com a mesma intensidade. Devagar, fui me despindo, deixando o roupão cair completamente abaixo de mim. Ele resfolegou. Sim, tenho certeza de que soltou todo o ar do pulmão, como se estivesse prendendo aquele tempo todo. Acabei fazendo o

mesmo, como se fosse uma reação muito natural.

Seu olhar me prendia completamente. Eram ímãs, e eu sabia que me atrairiam para sempre. Contudo, tinha que ser mais forte do que eles. Precisava suportá-los até o fim.

– Como vamos fazer? – perguntei baixinho, aproximando-me. Mantive uma distância segura. Caleb ainda me olhava, mas, desta vez, tinha entreaberto os lábios.

Ele não me respondeu. Continuou me olhando sem cessar, e achei que ia desmoronar. Não conseguia suportar seus olhos, não mesmo. Eram pesados demais, a carga era dolorida, angustiante.

– Caleb... Por favor... – pedi, quase implorando. Minha voz mal saiu. Estava me sentindo exposta demais na frente dele. A calcinha da minha lingerie era realmente transparente na dianteira.

Ele pareceu ter saído de um transe. Moveu-se rapidamente, arrastando uma cadeira de madeira super luxuosa. Colocou-a na frente de uma parede toda branca.

– Sente-se, Amande – murmurou.

Fiz o que pedi.

– Agora levante suas pernas, apoie na braçadeira.

Obedeci.

Caleb pegou o meu véu e o arrumou todo armado ao redor da cadeira. Eu o observava sem cansar, mas ele não olhou para mim durante o movimento. Sentir seu cheiro tão de perto fez meu coração acelerar muito. Meus braços tremeram, e perdi toda a força que estava reunindo para enfrentá-lo. Suspirei alto.

– Quero que fique à vontade, Amande. Precisa ser algo espontâneo... Faz de conta que sou seu noivo. Tente me seduzir – ele disse sem me olhar. Fingia que estava arrumando alguma coisa na máquina.

– Não vou fazer esforço algum – soltei.

– Ótimo.

Caleb se posicionou diante de mim e tirou uma foto antes mesmo que eu me sentisse preparada. Como ele simplesmente não parou de me fotografar, obriguei a mim mesma a lhe oferecer olhares mais insinuantes.

– Pode trocar de posição à vontade – alertou. – Seja você.

Fiz o que pediu. Sentei-me na cadeira de diversas formas, ousadas ou não. Dei uma de modelo e comecei a fazer caras e bocas, usando minhas mãos ora para tocar meu próprio corpo, ora para me apoiar na cadeira. Caleb estava sendo absurdamente profissional. Às vezes se aproximava bastante, e eu me sentia intimidada, principalmente quando ele tirava a máquina do rosto e ficava me observando de perto, ajudando a me posicionar melhor. Esses momentos eram os mais dolorosos. Só Deus podia ter ideia do quanto tive vontade de me entregar e cair no choro sem nenhuma dignidade. Caleb estava jogando muito sujo.

– Pronto... Acho que já basta de fotos na cadeira – ele falou.

Levantei-me prontamente, segurando meu véu para que não ficasse preso em algum lugar. Ele era mesmo muito grande.

– Venha aqui na cama, Amande – Caleb murmurou, apontando para a cama enorme do hotel. Ela estava forrada com uma colcha grossa, branca e bem felpuda. Muito confortável e elegante.

Sentei na beirada da cama e observei. Ele segurou meu olhar durante longos segundos. Seu rosto continuava sério demais; a boca rosada era apenas um risco, e os olhos estavam mais abertos do que de costume.

– Deite-se – murmurou. Fiz o que pediu. – Devagar para não desmanchar o cabelo.

Caleb arrumou o véu em volta de mim, espalhando-o pela cama de um modo bem interessante.

– Levante os joelhos – pediu. – Vou tirar algumas fotos desta forma, mas depois quero que improvise. Continue tentando seduzir. Mantenha os olhos em mim.

– Certo – falei, corando de vergonha.

Logo em seguida, ele começou a tirar muitas fotos; de perto, de longe e dando uma volta completa ao redor da cama. Tirou muitas fotos mesmo,

explorando cada ângulo da posição em que eu estava.

– Pode começar a improvisar – murmurou depois de um tempo.

Comecei a fazer poses aleatórias, morrendo de vergonha. Não sabia como seduzir, mas bem que tentei. Fingi estar tirando as meias, ainda deitada. Toquei no meu corpo, improvisei algumas caretas que faziam parecer que eu estava sentindo muito desejo. Bom, eu realmente estava, não precisei fingir. O que eu mais queria naquele momento era que ele se juntasse a mim naquela cama. Cheguei a imaginar toda a cena, e talvez, por isso, tenha conseguido contracenar caretas e poses cheias de excitação.

Sentei-me e continuei fazendo várias poses. Depois fiquei de joelhos, levantei meus braços, coloquei-os na minha cintura, fingi que ia tirar a minha calcinha... Caleb fotografava tudo com maestria.

Fiquei de costas e virei minha cabeça. Queria que ele clicasse o veuzinho que saía da minha calcinha na parte de trás. Depois de várias fotos daquele modo, decidi me levantar e continuar de costas. Fingi tirar a calcinha bem devagar. Ouvi Caleb soltar um suspiro, e acabei sorrindo. Foi a primeira foto que ele tirou de um sorriso meu.

– Pronto, Amande – ele disse antes que eu abaixasse ainda mais a calcinha. Pretendia assustá-lo mesmo. Estava adorando poder mexer com ele, pois sabia que estava funcionando. – Já temos muitas fotos.

Virei-me de frente. Caleb ergueu os olhos para mim. Céus... Por que eu tinha a capacidade de perder todo o meu juízo quando ele me olhava?

– Quero mais uma... – murmurei, ficando de joelhos na cama. Não sabia bem o que ia fazer, mas tomei coragem e, com as mãos para trás, comecei a tirar meu sutiã. Caleb abriu um pouco a boca, observando-me.

O sutiã rendado saiu muito rápido. Tirei-o completamente, com um movimento muito lento. Meus seios ficaram à mostra. Caleb não tirou os olhos dos meus. Parecia chocado, e aquilo me deu muito prazer.

– Caleb... – sussurrei, visto que ele sequer havia se movido.

– O quê? – disse, ainda me olhando.

– Algumas fotos... – Apontei para a sua câmera.

Caleb balançou a cabeça.

– Chega, Amande. É sério, não vou tirar fotos suas assim.

Meu sangue congelou nas minhas veias.

– Por que não?

– Porque não. Vista-se.

– Caleb, eu estou pagando para...

– Vista-se, Amande – ele rosnou, parecendo muito zangado.

Fiz uma careta horrível e peguei o meu sutiã de volta. Não queria contrariá-lo, pois parecia realmente muito chateado, indignado ao nível máximo. Coloquei o sutiã na frente, mas não consegui fechar. Começava a ficar chateada também, porém comigo mesma. Acho que havia ido longe demais...

– Ajude-me – falei, virando de costas. Caleb não hesitou. Senti suas mãos me tocarem, colocando o fecho da peça íntima. Minha pele inteira arrepiou, e um desejo absurdo de senti-lo ainda mais invadiu todo o meu corpo.

Assim que conseguiu me ajudar, virei de frente, pegando suas mãos. Ele estava perto, muito perto de mim. Inspirei profundamente o seu cheiro maravilhoso e levei suas mãos até a minha barriga, obrigando-o a me tocar. Ele não reagiu. Seu toque quente e macio me fez arrepiar mais uma vez e o desejo latejar com ainda mais força. Era incrível o modo como aquele homem conseguia me envolver totalmente.

No impulso, tentei pegá-lo. Porém, para minha surpresa, Caleb tirou as mãos de mim e segurou meus punhos com força, no último segundo. Afastou-se um pouco, ainda me segurando. Seus olhos me encararam com firmeza, e sua boca se franziu ainda mais.

– Já chega, Amande – ele disse, quase rosnando. Foi um sussurro baixo, mas que se transformou em um grito logo em seguida: – Chega disso, que droga!

49º Capítulo

Caleb explode

Encarei o Caleb, sentindo meus olhos se esbugalharem.

– De quê está falan...

– Não aguento mais! – ele continuou gritando, interrompendo-me. Ainda segurava meus punhos. – Olha só o que está fazendo consigo mesma! Olha o que está fazendo comigo! Acha isso justo? Diga-me, acha que está sendo justa?

Seu olhar ficou ainda mais rígido. Meu coração batia tão rápido que pensei que fosse parar. Estava surpresa, chocada com suas reações. Não esperava por aquilo. Meu rosto ficou completamente vermelho, tocada pela vergonha absoluta.

– Caleb, eu...

– Por que está fazendo isso, Amande? Por quê? Com que objetivo? Até que ponto pretende me humilhar? – Soltou minhas mãos com força, afastando-se ainda mais. Parecia que eu estava pegando fogo ou com alguma doença muito contagiosa.

– Humilhar? A única pessoa que humilhou alguém aqui foi você! – consegui retrucar, morrendo de ódio.

– Eu? O que eu te fiz?

– Nada, Caleb. – Balancei a cabeça, sentindo meus olhos marejarem. – Isso não me importa mais.

– Nunca te importou de verdade... Fui muito idiota em achar que você podia se importar com a gente... Se importar comigo. Fui um otário!

Balancei a cabeça de novo, incrédula. Não conseguia entendê-lo, simplesmente.

– De quê está falando, Caleb? Não entendo, eu me importo contigo! – falei, engolindo o nó que tinha se formado na minha garganta.

– Como não entende, Amande? Será possível que não deixei claro? Você é tão inteligente, é difícil acreditar que não entendeu porcaria alguma do que aconteceu entre nós.

Neste momento, ouvi um barulho na porta corrediça. As meninas foram entrando aos poucos, certamente conseguiram ouvir os gritos. Nunca vi Caleb falar tão alto em toda a minha vida. Ele estava fora de si. Tão fora de si que não viu quando minhas amigas entraram no quarto, surpresas.

– Não consegui dizer com todas as palavras, está bem? – ele continuou, encarando-me ferozmente. – É difícil para mim... Você não faz ideia. Eu não tinha certeza das coisas, mas... simplesmente não pude ignorar!

– Continuo sem saber do que está falando, Caleb... – admiti, sentindo que ia chorar a qualquer momento.

Caleb apertou os próprios punhos. Olhava-me como se eu fosse uma estúpida. Comecei a concordar com ele.

– Você não ama esse cara, Amande! Vai casar com ele sem amá-lo! Acha isso certo? Acha isso justo? Ele não sabe te dar prazer, não sabe fazer você se sentir bem, não consegue extrair o melhor de você! Ele não te modifica, não te acrescenta, não te entende! E você vai casar com ele para quê?

– Pare de dizer besteiras... – sussurrei, vacilante.

– Como tem coragem de achar que os momentos que vivemos não significaram nada? Eu duvido, Amande. DUVIDO! Conheço muito do desejo para compreender que aquilo não foi só sexo. Eu não fazia amor há anos, Amande. Entendeu agora? Não foi só um momento, não foi só um ato. Como não conseguiu sentir isso? Sei que você sentiu muito mais, só está tentando se enganar! Sei muito bem disso, não sou burro! – Caleb falava tudo tão rápido que era difícil assimilar.

As meninas continuaram mudas, assistindo a tudo. Olhei-as de soslaio. Procurava pela minha mãe, mas, graças a Deus, ela não estava lá.

– Mas você decidiu me humilhar... – continuou Caleb. Sua voz foi

ganhando outro timbre. A ferocidade foi dando lugar a algo mais... triste. Na verdade, seus lindos olhos se encheram de lágrimas, ficando ainda mais brilhantes. – Por que fez isso comigo, Amande?

Caleb retirou um papel dentro do bolso. No início, não consegui identificar o que era.

– Acha que pode pagar pelo que te dei? – perguntou baixinho, sacudindo o papel na minha frente. Então eu soube que era o maldito cheque que havia deixado em seu apartamento. – Acha que sou seu brinquedo? Seu objeto?

– Eu... Eu não... – tentei falar alguma coisa, mas nada saiu.

– Olha, pretendia te devolver isso educadamente. Afinal, pensei que você sabia bem o que queria para si. Pensei que eu realmente tinha me enganado, me iludido... Tentei acreditar que você seria feliz com esse casamento. Só que acaba de vir para cima de mim como se não estivesse prestes a se casar. É absurdo demais, Amande!

– Caleb, eu não...

– Pare de se enganar! – ele gritou, mas depois amansou a voz. – Amande... Acorda. Raciocine. Seja o que pensa, sente e quer. Você não está sendo nada além de uma boba! Sinceramente, peço desculpas por não ter sido claro. É estranho para mim... É novo demais... Nunca senti coisa igual. Fiquei perdido, mas já me encontrei. Sei o que quero e sei o que posso fazer. Posso fazer tudo por você, Amande.

Ai... Meu...

– Não... Você não pode – consegui murmurar.

– Você sabe o que fiz a minha vida inteira e também sabe quem eu era. Sim, eu era... Porque não sou mais. Prometi a mim mesmo que nunca mais me venderia. Não depois de te ver chorar daquele jeito no restaurante...

Queimei de raiva.

– Não é mais? Então me diga o que fazia quando te liguei na quinta-feira! Você estava “trabalhando”! Nos braços de uma vagabunda qualquer! – falei com a voz carregada de ironia, gesticulando as duas aspas da palavra “trabalhando”.

– Eu menti! Estava com muito ódio de você por causa disso. – Caleb sacolejou o cheque de novo. – Nunca me senti tão arrasado em toda a minha vida! Foi a primeira vez que me senti, de fato, um objeto. Um mísero e desprezível objeto. Mal conseguia falar contigo, principalmente tendo a certeza de que tinha me procurado só para me usar de novo!

– Não foi isso... Não foi, eu juro... Não queria te tratar assim... – Levei uma mão à boca, espantada. Estava quase chorando e só não tinha feito até aquele momento porque não queria manchar a maquiagem. Que idiotice, não?

Ouvi as meninas cochicharem. Caleb olhou para elas pela primeira vez e pareceu desconcertado. Não tinha mesmo percebido a presença delas no quarto.

– Você não pode pagar pelo que te dei, Amande – ele concluiu, rasgando o cheque em mil e um pedaços. Parecia muito calmo, mas sei que estava nervoso. Suas mãos tremiam. Caleb jogou os papéis picotados no chão, bem na minha frente. – Meu próprio prazer foi comprado por muito tempo, mas o que eu te dei não tem preço. O que você me deu também não tem. Senti cada fibra. Só espero que não perceba isso tarde demais. E espero, de coração, que não venha me procurar com um anel na mão esquerda. Não te quero pela metade.

Meus olhos estavam esbugalhados, observando-o quase sem acreditar. Caleb se calou e andou até a porta. Estava indo embora.

– Preciso fazer uma pergunta – murmurei, rouca. Sabia que as lágrimas viriam logo.

Ele se virou e respondeu prontamente:

– Faça logo.

– O que você quer? – perguntei, sem saber o que me esperava.

Caleb passou as mãos pelo rosto. Estava muito, muito nervoso.

– Se eu tiver significado alguma coisa para você, Amande, por favor... Por favor, se puder... Eu te imploro... Me surpreenda. É o meu maior desejo. – Uma única lágrima sorrateira escorreu de seus olhos brilhantes. Antes de sair do quarto, concluiu: - Mando as fotos quando ficarem prontas. Não precisa pagar por elas, considere um presente de casamento.

As minhas próprias lágrimas vieram logo em seguida.

50º Capítulo

Casar ou não casar: eis a questão!

– Você não pode casar com o João! – gritou Fabiana, assim que se aproximou.

Eu não tinha saído do lugar. Simplesmente não encontrava forças para me mexer. Ainda estava ajoelhada em cima da cama, com cara de bocó e lágrimas incessantes lambuzando a maquiagem recém-concluída.

Jéssica tinha pegado uma esponja e dava batidinhas de leve na minha bochecha. Ela sorria amplamente. Acho que era a única.

– Claro que ela vai casar! – disse Paloma. – Amande não é idiota. Esse cara não é confiável.

– Por que não? – perguntou Jéssica, deixando o sorriso morrer. Mirou Paloma fixamente.

– Ele é um garoto de programa – Paloma alfinetou, enfrentando seu olhar. – Deve estar acostumado a seduzir mulheres e depois deixá-las ao léu. Não acreditei em nada do que disse!

Jéssica fez uma careta, mas nada respondeu. Continuou enxugando minhas lágrimas com a esponja. Eu estava desnorteada, parecia fora de mim.

– Pessoal... Cheguei realmente a acreditar – comentou Cláudia, balançando a cabeça. Uma ruga de preocupação estampava a sua testa. – Ele até chorou! Acho que falava sério. Amande... Não é melhor cancelar o casamento?

– Cancelar? Está tudo pronto! – Lara gritou desesperada.

– Que horas são? – alguém perguntou, acho que foi a Fabi.

– Seis e meia! Você precisa colocar o vestido AGORA, Amande – disse Paloma, tentando me levantar da cama.

Eu a observei, mas não consegui enxergar nada. Minha mente não conseguia focar em nada que estivesse naquele quarto. Não via um palmo diante de mim. Ao menos as lágrimas tinham secado e, com uma conferida básica no espelho de cabeceira, percebi que a maquiagem permanecia intacta. Pudera, havia sido toda trabalhada com produtos à prova d'água.

– Gente! Ela não pode se casar assim! – Fabiana tomou minhas mãos, mas eu me desvencilhei.

– Amande não pode cancelar, meninas – disse Lara, parecendo muito nervosa. Percebi que seu vestido ficou ótimo depois que foi melhor adaptado. Estava linda. – Quem pode provar que tudo dará certo com o Caleb, mesmo ele sendo sincero? Um relacionamento de nove anos não pode ser esquecido por causa de uma semana!

– E o que importa? João faz parte do passado! – completou Jéssica, observando-me de perto. – Não ligue para elas, Amande, vá atrás da sua felicidade. Hoje ela se chama Caleb. Vamos embora daqui, precisa cancelar essa porcaria de cerimônia! Vamos te dar cobertura!

– Enlouqueceu, Jéssica? – Paloma se aproximou. – Quer acabar com a vida dela?

Eu sabia que Paloma estava sendo forte e corajosa por enfrentá-la tão de perto.

– Meninas! Vocês estão aí! – mamãe gritou, entrando pela porta corrediça. Sua animação chegava a me comover. O vestido que usava era muito elegante, com detalhes dourados. Estava encantadora. – Amande, o que está fazendo sem o vestido? Vamos, querida, vamos logo!

Fui praticamente arrastada para o outro quarto. A costureira já aprumava o vestido, só esperando a minha presença dentro dele. Não pretendia me casar com aquela lingerie – embora o modelo do vestido dispensasse o uso da parte de cima –, iria trocá-la por uma menos audaciosa, mas simplesmente esqueci.

Entrei no vestido de noiva em dois tempos, enquanto mamãe e a costureira amarravam as cordas entrelaçadas de tecido brilhante que tinha atrás. Era um modelo espetacular, todo trabalhado em contas de pérolas e umas pedrinhas muito brilhantes. Também era bem armado e tinha uma cauda imensa, que se misturava com o véu e dava um efeito fantástico. Não tinha alças, mas

desenhava bem o corpo e finalizava com um decote ultradiscreto, na medida certa.

Minhas amigas ficaram caladas por causa da presença da minha mãe, porém seus semblantes indicavam um nervosismo horroroso. Permaneceram silenciosas, observando o modo sério como eu me transformava em uma bela noiva.

Todas ficaram completamente prontas, bem como a minha prima Aninha. Só esperavam por mim; eu estava colocando um brinco bem discreto dado pela minha mãe. Ela me dizia, com lágrimas nos olhos, que havia se casado com aquele brinco e que ele também me traria sorte no casamento. Eu nada respondi, apenas sorri timidamente.

De repente, ouvi uma batidinha na porta. Cláudia foi atender, temerosa, mas era apenas o meu pai. Ele trajava um terno escuro muito elegante. Nunca o vi tão bem vestido em toda a minha vida. Sorriu quando me viu e se aproximou, dando-me um beijo na testa. Senti sua barba grisalha e macia.

– Estou tão orgulhoso de você, minha filha – ele disse, com a voz embargada.

“Oh, pai... Não estou orgulhosa de mim mesma”, pensei.

– João é um rapaz muito bom, Amande – papai continuou, observando-me de cima a baixo. – Tenho certeza de que serão felizes.

Ouvi alguém gemer baixinho. Certamente havia sido uma das meninas. Bom, eu também queria me dar o direito de gemer baixinho. Na verdade, fiz isso internamente.

– Sim – limitei-me a responder. Queria que aquela tortura acabasse logo. – Estão todas prontas? – perguntei, virando-me para as meninas. Não podia continuar observando a alegria dos meus pais. Estavam tão satisfeitos, contentes, orgulhosos...

Céus... Por que tudo tinha que ser tão difícil?

– Estamos prontíssimas! – Jéssica foi a única que gritou, excitada.

Sério, nunca poderei compreendê-la. Não ouso sequer chegar perto. Paloma sorriu, balançando a cabeça como sinal de desaprovação. Certamente

havia pensado da Jéssica o mesmo que eu.

Lara estava com os olhos esbugalhados. Morria de medo.

Fabiana e Cláudia permaneceram sérias, com cara de que comeram e não gostaram.

– Então, vamos – falei, olhando para o relógio que tinha na parede do quarto. Eram sete e meia da noite. Meu coração estremeceu. – Temos meia hora para chegar à igreja.

51º Capítulo

O Sorriso de Monalisa

Se te disser que conseguia raciocinar naquele momento, estaria mentindo muito feio. As coisas estavam me guiando como se eu nada pudesse fazer para mudar. A limusine estacionada no hotel, o meu pai segurando a minha mão durante toda a viagem, a minha mãe começando a chorar, as expressões sérias das minhas amigas... Tudo isso não chegava a ser assimilado pelo meu cérebro.

Não sabia o que estava fazendo. E, pior ainda, não fazia a menor ideia do que iria fazer. Só compreendia que estava prestes a me casar e que talvez, depois disso, eu me arrependeria para todo o sempre.

Parar de pensar no que Caleb tinha me dito era tarefa impossível. Sua seriedade, suas palavras, seus gestos... Sua lágrima. Como pude ser tão cruel com ele? Sabia que aquele maldito cheque iria deixá-lo abalado e mesmo assim achei que estava fazendo a coisa certa. Havia sido uma imbecilidade de minha parte! Mas... Como eu podia adivinhar? Simplesmente tinha entendido tudo errado.

Ele estava tão magoado... Tão triste comigo. Parecia realmente machucado, nervoso demais. No fim, tudo o que passamos havia sido tão importante para ele quanto para mim. E, no fim, eu me via perdida, sem direcionamento, sem ter como raciocinar direito. Queria muito recuar, mas como fazê-lo? Minha família estava feliz, completamente ignorante ao que tinha me acontecido.

Que escândalo seria se simplesmente não aparecesse na igreja! E como ficaria o João? Não... Não podia abandoná-lo sem mais nem menos. Ele havia sido meu companheiro durante nove anos. Uma pessoa compreensiva, inteligente, sensata... O que pensaria de mim? Não podia fugir. João não merecia ser magoado. Não tinha para onde correr. Estava sem saídas, dominada pela força dos acontecimentos.

– Chegou a hora, filha – meu pai sussurrou e, tarde demais, percebi que já estávamos na frente da igreja. Além da grande escadaria, conseguia vê-la lotada; os meus familiares já tinham chegado e entravam com pressa, escolhendo seus lugares. A notícia de que a noiva havia chegado se espalhava rápido demais.

Meu coração se agitou muito. Minhas mãos tremiam, bem como minhas pernas. Sentia vontade de chorar, mas tentava manter tudo sob controle. Vi quando as meninas desceram do carro que ia à frente e se colocaram em fila, segurando buquês maravilhosos. Estavam tensas... Igualmente nervosas.

Papai saiu da limusine. Não entendi o que iria fazer, mas de repente ele abriu a porta ao meu lado. Sério, eu tinha mesmo perdido metade da minha sanidade. As coisas aconteciam em câmera lenta, como se fizessem parte de um sonho. Ou de um pesadelo.

Ouvi a voz da Jéssica me respondendo quando falei que ia casar de todo jeito. Parecia ter acontecido há muitos anos, mas foi no domingo passado. Ela disse: “só se for muito burra”. De fato... era como estava me sentindo naquele momento. Como uma anta acéfala.

– Filha? – Papai me fez acordar do transe. Ele estava me oferecendo uma mão, esperando que eu saísse do carro. – Está tudo bem?

– Sim... – murmurei e me apoiei nele. Nem sei como criei forças para sair dali. Queria ter criado raízes naquela limusine. Só assim, quem sabe, arranjaria alguma boa desculpa para não seguir adiante.

Uma funcionária do cerimonial me entregou o buquê. Sabia o nome de cada uma das flores que estavam nele – visto que eu mesma havia mandado fazer –, mas simplesmente não consegui me lembrar. A mulher sorria muito satisfeita e arrumava o véu atrás de mim, bem como a cauda do vestido.

Papai me ofereceu o braço direito. Eu o segurei forte, e ele riu baixinho. Acho que acabei cravando minhas unhas decoradas em sua carne.

– Está pronta, Amande? – perguntou a moça do cerimonial. Nem conhecia a criatura, mas acenei com a cabeça. – Ótimo. As madrinhas vão entrar agora. Vocês esperem a marcha nupcial começar a ser tocada e só então poderão entrar. Certo?

– Certo! – disse meu pai, muito animado. Depois, virou-se para mim e

sorriu pela milésima vez naquela noite. – Vai dar tudo certo, filha.

Enquanto subíamos as escadas, juro que tentei acreditar nele. Mas... Tudo estava tão errado que foi praticamente impossível. Sabia muito bem que nada daria certo.

As garotas deram uma última olhada para trás, como se quisessem o meu consentimento para seguir adiante. Balancei a cabeça, aquiescendo. Não me pergunte como suportei ficar quieta, aparentemente calma e até um pouco sorridente. Conseguia me ver no filme “O Sorriso de Monalisa”. Ninguém ali sabia a guerra que se travava dentro de mim, a verdadeira ideia por trás do meu sorriso. Queria gritar, mas não podia. Queria sair correndo, mas os braços do meu pai me seguravam com força, lembrando-me o tempo inteiro de que tinha que permanecer de pé.

Já podia ver alguns familiares que estavam nas últimas fileiras dos bancos compridos dentro da igreja. Alguns me olhavam, outros admiravam as meninas, que tinham começado a entrar com muita classe. Elas estavam lindas demais. Logo em seguida, minha prima Ana começou a entrar também, tão pequenina, carregando uma cesta de pétalas de rosa. Ela as jogava no tapete vermelho comprido que levava até o altar, formando uma trilha perfumada.

Um minuto de completo silêncio.

Olhei para o meu pai, e ele me devolveu o olhar, sorrindo.

Pensei em ir embora. Pensei, principalmente, na Julia Roberts. Oh, sim, ela saberia perfeitamente o que fazer. Eu podia dar uma de “Noiva em Fuga”, já que estava contracenando “O Sorriso de Monalisa” tão bem. Podia sim. Seria bom demais para ser verdade; simplesmente sair correndo e pegar o primeiro táxi que aparecesse.

Queria ter feito isso. Só que não consegui.

Não consegui porque, além do tapete vermelho na minha frente, pude vê-lo. No altar, João sorria, esperando por mim. Estava lindo, com um terno maravilhoso, sofisticado. Parecia feliz. Sim, muito feliz...

A Julia que me perdoasse, mas não cometeria tal absurdo. Meu senso de organização, cálculo e estratégia iria me odiar para sempre se o fizesse.

Sendo assim, a marcha nupcial foi iniciada. Meu coração deu um salto.

“Nossa Senhora das Noivas em Fuga... Ajude-me”, pensei, rindo de mim mesma. Rindo da minha própria desgraça.

52º Capítulo

Vozes do além

João ainda sorria. Ele me olhava dos pés à cabeça. Estava muito emocionado, muito mesmo. Eu o conhecia, sabia suas reações como ninguém. Sua pele estava um pouco avermelhada no pescoço, sinal de que também estava tenso.

Eu andava devagar, passo a passo, na sua direção, sendo apoiada pelo braço de papai. Meus familiares sorriam. Alguns até choravam. Bom, pelo menos todas as minhas tias estavam com lágrimas nos olhos. Também queria ter o direito de chorar e espernear, mas seguia meu trajeto como uma dama muito bem-educada.

Olhei para as minhas amigas; elas já estavam no altar, observando-me com cautela. Prestavam atenção em cada gesto que eu fazia. Paloma e Jéssica eram as únicas que riam. Elas estavam lado a lado, e Jéssica segurava os braços de Paloma. Não fazia ideia do que aquilo significava, mas Paloma devia estar quase pirando com tanta aproximação.

Finalmente chegamos ao altar. Foram só alguns passos, mas me sentia como se tivesse percorrido a maratona de São Silvestre. Em meio a trezentos mil flashes dos fotógrafos contratados, meu pai cumprimentou o João com um abraço bem caloroso. Meu noivo – e futuro marido – beijou a minha testa logo em seguida.

– Você está linda – murmurou. Permaneci séria.

Ficamos diante do altar, lado a lado, enquanto o padre começava a dar as boas-vindas. Não me pergunte o que ele disse. Não conseguia ouvir nada que fizesse parte da realidade. *Mesmo.* A única coisa que conseguia ouvir claramente era a voz da minha própria consciência.

O demônio sexy, que havia me feito cair em tentação durante a semana,

estava chorando. Ele tinha perdido as forças – estava com as asas vermelhas cortadas, jorrando sangue. O anjinho também chorava. Inexplicavelmente, ambos estavam juntos nas lamentações, como se sofressem do mesmo mal.

Uma voz distante me chamou de vadia. Era a mesma, aquela que media meu poder de discernimento. Ela repetia sem parar a mesma coisa: vadia, vadia, vadia, vadia... Às vezes se explicava: “Você dormiu com outro cara durante a semana, sua vadia. E agora está aí, fingindo que nada aconteceu. Vadia, vadia, vadia, vadia...”.

Outra voz se juntou aos meus sentidos. Uniu-se ao muro de lamentações em que havia se transformado a minha existência. Porém aquela era a voz dele. Caleb. Suas palavras soaram na minha mente, martelando-me sem cessar.

“Amande... Acorde. Raciocine.”

“Você não pode pagar pelo que eu te dei, Amande.”

“Seja o que pensa, sente e quer.”

“Você não ama esse cara, Amande! Vai casar com ele sem amá-lo! Acha isso certo?”

“Sei o que quero e sei o que posso fazer. Posso fazer tudo por você, Amande.”

A última lembrança me fez iniciar um choro incessante:

“Se eu tiver significado alguma coisa para você, Amande, por favor... Por favor, se puder... Eu te imploro... Me surpreenda. É o meu maior desejo.”

As coisas pioraram quando as recordações – não das palavras do Caleb, mas do que fizemos juntos – começaram a invadir a minha mente como inúmeras rajadas que me acertavam em cheio o coração. Todos os momentos que passamos surgiram como um filme; tudo o que foi falado, sentido, experimentado, vivido, transformado... Cada detalhe, desde a primeira dança até sua lágrima no quarto do hotel.

Céus... Como eu o amava! Amava muito. Era forte, intenso. Longe de qualquer explicação lógica. Amava o modo como ele se movia, amava seu toque, seu cheiro, o jeito sufocante como erguia a boca sempre para o canto esquerdo... Amava sua voz, seu corpo, sua educação, sua inteligência, seu

charme, seu sorriso... Amava quando cantava, cozinhava, me observava e respirava... Tudo me deixava louca. Tudo me levava para apenas um lugar que, definitivamente, não era em cima daquele altar.

Não podia me casar. Não mesmo. Seria loucura demais, e cometeria um erro muito maior se deixasse acontecer. Por incrível que possa parecer, não casar era a coisa mais certa e justa que eu podia fazer por mim, pelo João e pelo Caleb.

– NÃO! – gritei com todas as minhas forças.

Por um momento, nem sabia onde estava. Não sabia dizer se o padre já tinha me perguntado se eu queria casar. Acho que não... Bom, deve ser por isso que as pessoas se assustaram tanto.

João olhou espantado para mim.

– Amande... O quê...

– Não posso me casar! – continuei. Estava nervosa, querendo desabafar tudo de uma vez. Queria sair gritando, berrando, implorando... Tudo, menos permanecer calada. – Não posso fazer isso!

Olhei para as meninas. Lara já chorava, enquanto Cláudia e Fabiana apoiavam a cabeça nas mãos. Jéssica ria alto, e Paloma olhava para mim tão chocada quanto o restante da igreja. Até o padre tinha ficado sem reação.

Voltei a encarar o João. Ele estava de queixo caído, extremamente confuso. Meu coração batia forte, mas não podia voltar atrás.

– Você não pode mais me fazer feliz, João – falei baixinho. – Também não posso te fazer feliz desse modo.

– Amande... O que está dizendo? Nós... Nós... – O coitado estava muito nervoso. Acho que não conseguia acreditar no que acontecia.

– Sinto muito... – murmurei, balançando a cabeça. – Não vamos ser felizes. É melhor acabar com isso agora, antes que seja tarde.

– Amande... – João me segurou nos braços, mas eu me afastei depressa.

– Acabou, João – sussurrei, de modo que ninguém além dele pudesse ouvir. Meu objetivo não era humilhá-lo, mesmo sabendo que seria impossível ir embora sem fazê-lo. – Sinto muito, de verdade.

Dito o que precisava, achei que aquela igreja estava pequena demais para mim. Todos estavam tão espantados que ainda não conseguiam demonstrar qualquer reação além do choque. Tomada pela vergonha, culpa e alívio, simplesmente saí correndo a toda velocidade.

Se a Julia Roberts pudesse me ver, certamente teria me aplaudido.

53º Capítulo

Noiva em fuga

Atravessei o tapete vermelho depressa, tentando ignorar as pessoas que me olhavam com muito espanto. Desci as escadarias da igreja, segurando boa parte do tecido do meu vestido. Vozes chamavam o meu nome, mas estavam distantes. Ignorei-as. Continuei correndo por um longo estacionamento, percebendo que estava cheio. Os carros de todos os familiares estavam lá.

O sapato branco de salto alto começou a machucar demais os meus pés, porém não ousei diminuir a velocidade. Parece fácil fugir de uma igreja, mas não é. Um grande pedaço seu fica para trás, embora você sinta que a maior parte está seguindo adiante. Mesmo assim é um processo doloroso, movido por muitas incertezas.

A voz de Caleb soou mais uma vez na minha consciência:

“Eu te imploro... Me surpreenda”.

Oh, sim. Havia surpreendido não apenas a ele, mas a mim mesma e a todos aqueles que me conheciam, de um modo geral. Claro, aquilo era uma boa lição. Eu experimentava o doce sabor do aprendizado, digerido minuciosamente a cada passo que dava para longe da igreja. De quê adiantou ser certinha a minha vida inteira, pensando e repensando em tudo, para no fim descobrir que a minha felicidade estava em um lugar tão diferente do planejado?

Jamais teria conhecido o Caleb se não me permitisse o novo, o surpreendente. E nunca teria provado algo tão bom se não deixasse todo o meu raciocínio e sanidade de lado. Pode ser loucura para muita gente... E é. Foi a maior loucura que já fiz, mas acredito que também foi a decisão mais certa que tomei. Sentido? Nenhum.

Há coisas que, como diz a música, só os loucos sabem... E só eles podiam me justificar.

Não provei para as pessoas que eu podia, mesmo sendo tão sensata, agir de forma diferente. Não provei para o Caleb que tinha coragem o bastante para surpreendê-lo. Não havia provado para o João que nove anos podiam se transformar em nada durante um curto espaço de tempo. Não provei para as minhas amigas que não era uma pessoa perfeita, nem para os meus pais.

Depois de tudo o que fiz e passei... Simplesmente não provei nada a ninguém. Só provei a mim mesma que posso, sou capaz de ir atrás do que quero. Tenho a capacidade de não apenas pensar, mas de sentir e agir de acordo com meus desejos. Nunca mais eu os deixaria de lado. Cada um dos meus maiores desejos seria ouvido, e tenho certeza de que viveria loucamente feliz pelo resto da minha vida. Talvez tudo o mais fugisse do meu controle. Bom, que assim seja. Se a felicidade não pode ser controlada, quem sou eu para ditar suas regras?

Consegui tomar um táxi depois de cruzar a primeira avenida. As ruas não estavam movimentadas, portanto foram poucas as pessoas que viram a noiva em fuga. O taxista não fez perguntas, e eu lhe disse aonde ir sem hesitar. Usando as mesmas palavras do Caleb, sabia exatamente o que queria e o que podia fazer.

Do nada, comecei a gargalhar. Muito, feito uma doida varrida. O taxista olhou para mim e, incrivelmente, começou a rir também.

– O senhor deve estar achando que sou louca! – gritei, ainda rachando de rir.

– Só acho que você parece feliz por ter deixado o casório – ele respondeu. Seu semblante era tranquilo e divertido. Parecia uma boa pessoa.

– Acredite, estou indo atrás da minha verdadeira felicidade!

– Isso é bom. Você tem coragem de ir atrás dela. Nem todos teriam, portanto você não é louca. Apenas quer ser feliz. Loucos são aqueles que não querem.

Filosofia de taxista, que legal. Adoro encontrar pessoas assim, capazes de falar coisas inteligentes. Entretanto, aquilo me fez calar. Eu estava longe de ser uma mulher corajosa. Sinceramente, estava morrendo de medo. Meus braços tremiam... Tudo tremia. Pior que uma batedeira elétrica.

– Estou com muito medo! – berrei. Sério, estava falando alto demais. Acho que tentava desabafar o que havia se entalado na minha garganta.

– Claro que está. Mas, quem não tem medo, não tem coragem.

– Verdade.

Quando menos esperei, cheguei ao meu destino. Olhei ao redor, verificando se estava mesmo no lugar certo. Sim, era ali. Exatamente ali. Desci do táxi depressa.

– Oh... Eu não trouxe dinheiro! – berrei, esquecendo-me completamente de que estava sem documentos, dinheiro, cartões e o diabo a quatro. – Espere aqui, irei arranjar.

– Não, moça... Fica por minha conta. É sério. Só resolva o que tem de resolver – disse o taxista, sorrindo para mim.

Ainda bem que ainda existem almas caridosas no mundo.

– Obrigada! Valeu! Deus lhe pague e dê o dobro! Obrigada pelas palavras também! – Gargalhei, sentindo-me um pouco tonta de excitação. O taxista riu e foi embora, deixando-me diante de um prédio muito luxuoso.

Subi uma pequena escadaria, chegando à portaria.

– Boa noite – disse o porteiro, olhando-me de cima a baixo. – Posso ajudá-la?

– Sim! Você me ajudou na quinta-feira, lembra? Precisei sair do prédio pela manhã, mas não tinha a chave eletrônica! Lembra-se de mim? Hein? Hein? – Não ria. Eu estava mesmo muito eufórica e falante. Acho que tinha perdido todo o juízo.

– Lembro sim... – O porteiro franziu o cenho. Devia estar assustadíssimo com a cauda do meu vestido e o véu, que ocupava quase toda a escadaria atrás de mim.

– Então! Preciso ir ao apartamento dezessete! É meio urgente, senhor. Por favor, deixe-me entrar!

– Preciso interfonar antes, dona. Apartamento dezessete... É do senhor Caleb, não é isso?

– Sim, mas não interfone! Por favor, é sério! Não quero assustá-lo!

O porteiro me observou.

– Acho que ele vai se assustar se eu não interfonar – falou, sorrindo de leve.

– Por favor! Se você tiver problemas, coloco a culpa inteira em mim! Só me deixe passar! – choraminguei, ficando um pouco chateada. – Olha, eu não fugi da igreja para ser contrariada agora! Pelo amor de Deus, ajude-me a resolver os meus problemas! Não vê que estou desesperada?

O funcionário pareceu refletir um pouco mais. De repente, balançou a cabeça e, apertando apenas um botão, destrancou uma enorme porta de vidro e metal.

– Obrigada! – gritei, mas sem perder tempo. Corri direto para o elevador.

– Vou ficar de olho em você pelas câmeras, mocinha! – ouvi-o dizer, mas não tive a chance de respondê-lo.

Segui rumo ao apartamento do Caleb. Sério, tive a impressão de que o elevador chegaria ao dezoito, mas não ao dezessete. A demora me causava uma angústia imensa. O sabor da antecipação era amargo, queimava as minhas entranhas.

Depois de finalmente alcançar o décimo sétimo andar, voei pelo pequeno hall de entrada e toquei a campainha centenas de vezes seguidas, sem pausas.

Meu coração congelou de vez quando ouvi um barulho na porta. Caleb girava a chave e a maçaneta.

Quando ele me viu, plantada rente à porta, tive a sensação de que o mundo inteiro podia se explodir ao meu redor. Não daria a mínima. O que mais importava se tudo de que eu precisava estava diante de mim?

Caleb colocou seus lindos olhos sobre os meus e não os desviou por nada. Sua boca abriu um pouquinho, só um pouquinho. A expressão era perplexa, mas tão linda quanto só ele conseguia ficar.

Oh, ele estava tão perfeito! Vestia uma bermuda cinza bem simples e uma camiseta branca. Parecia super à vontade, mas seus olhos, depois de melhor observados, estavam diferentes. Consegui identificar logo; Caleb os tinha um pouco avermelhados na parte que devia ser branca. Sim, ele andou chorando.

– Não vai me convidar para entrar? – murmurei, um pouco temerosa. Não sabia qual era o nível da raiva que ele estava sentindo de mim.

Mais do que depressa, Caleb me puxou pelos braços, fazendo-me entrar no apartamento. Uma tonelada de vestido me acompanhou. Com um movimento brusco, ele fechou a porta atrás de si e me empurrou contra a primeira parede que encontrou, sem desgrudar os olhos dos meus.

Derreti imediatamente. Estava entregue, ele podia fazer o que quisesse comigo.

– Nunca pensei que te diria isso... – Caleb murmurou com uma voz rouca maravilhosa, fazendo minha pele inteira arrepiar. Uma lágrima saiu de seus olhos incríveis. – Mas você é louca, Amande. Não acredito que... Achei que já estivesse casada.

– Só se eu fosse muito burra – respondi, enlaçando meus braços no seu pescoço.

54º Capítulo

Enfim, sós...

Caleb me tomou pela cintura, ainda com lágrimas nos olhos. Não sei por que, mas tinha parado de chorar desde que entrei no táxi. Sendo assim, apenas enxuguei as lágrimas daquele homem lindo, que agora era meu. Meu homem lindo, maravilhoso e gostoso. Difícil acreditar, mas sei que me acostumaria facinho.

Ia beijá-lo com vontade, porém alguém apareceu do nada. Era uma mulher.

– Caleb, quem era na... – Ela parou e me observou atentamente, com os olhos bem abertos. Parecia bastante surpresa.

A mulher era muito bonita, muito *mesmo*. Lembrava uma daquelas modelos internacionais; alta, magra e sexy. Os cabelos pretos compridos e os olhos azuis brilhantes deixavam-na parecida com a Megan Fox.

Afastei-me rapidamente, como se Caleb pegasse fogo. Balancei a cabeça, extremamente puta da vida. Levei uma mão à boca. Meu coração se espremeu até quase virar pó. Caleb não podia estar com outra mulher, podia? Como tinha coragem de fazer aquilo?

– Amande, acalme-se – ele falou, voltando a me puxar. – Esta é a Júlia, minha irmã. Ju... Amande realmente me surpreendeu.

Céus... Claro que era a irmã dele! Eu devia tê-la reconhecido, mas fui movida pelo desespero momentâneo.

– Oh, meu Deus! – Júlia praticamente gritou. – Eu disse, Lebinho! Falei que ela não ia se casar!

Júlia voou para cima de mim, dando-me um abraço imenso. Eu ainda estava meio desnorteada, mas confesso que o alívio foi tanto que comecei a chorar copiosamente.

– Amande... Você é linda! Meu irmão estava tão triste... Ele pensava que ia te perder, sabia? – ela falou, sem desfazer o abraço. Olhei para o Caleb por trás dela. Ele fazia a caretinha. Sim, a caretinha linda. – O bobo se apaixonou logo de cara. Quase que não ia te procurar essa semana. Tive que obrigá-lo! Sou uma irmã muito irritante quando quero!

Comecei a rir e chorar ao mesmo tempo. Júlia me soltou, mas só o bastante para dar uma bela olhada em mim. Um raio X completo.

– Você é encantadora, Amande... Vai fazê-lo muito feliz! Fez a escolha certa! – Ela me deu um beijo no rosto e finalmente me largou. Foi até o Caleb e lhe deu um selinho casto. Parecia extremamente feliz. – Leb, vou indo. Vocês têm muito para conversar! Eu disse, não disse? Nunca erro!

Caleb riu e a abraçou com força.

– Obrigado, maninha.

– “Obrigado” nada! Está me devendo uma agora! – gargalhou.

Júlia foi até o sofá e pegou sua bolsa, passando por nós com a maior alegria.

– Se cuidem, crianças! *Bye*, *bye*! Ah, Amande... – Antes de ir, ela se virou na minha direção, colocando seus lindos olhos azuis em mim. – Quero sobrinhos logo, nada de demorar!

Gargalhei, e ela também. Caleb apenas sorriu, meio envergonhado.

Em instantes, o apartamento ficou muito silencioso.

- Enfim, sós... – murmurei, e praticamente me atirei em cima dele.

55º Capítulo

Maior desejo

Caleb me beijou com vontade. A emergência era sufocante. Ele me prendia em seus braços e me apoiava na parede, removendo qualquer chance que tinha de me mover. Eu estava completamente sem ar, mas não queria parar de beijá-lo para fazer algo tão desimportante quanto respirar.

Apertei ainda mais os meus braços ao redor do seu pescoço, assanhando seus cabelos macios. Puxava-o para mim. Queria senti-lo por completo, queria-o todo. Soltei um gemido fraco, aproveitando cada sensação maravilhosa do meu corpo se preparando para recebê-lo.

Afoita, puxei a barra da sua camiseta para cima, retirando-a completamente. Com mãos urgentes, vasculhei seus ombros, peitoral e abdome. Tocá-lo de novo foi tão... mágico. Parecia mentira. A emoção de sentir a pele de Caleb, sem medo ou qualquer coisa que pudesse me fazer recuar, era fantástica. Perfeita.

Tê-lo não era mais um erro. Era uma obrigação.

Subitamente, ele me pegou nos braços como se fosse um bebê, guiando-me com tudo através do amplo corredor. A cauda do meu vestido foi arrastando pelo chão, bem como o enorme véu.

Caleb não tirava os olhos de mim, encarava-me fixamente, com lágrimas nos olhos e um sorriso estampado em sua linda face. Enxuguei algumas de suas lágrimas com os dedos. Ele sorriu ainda mais. Sorri de volta, afundando meu rosto no seu pescoço. Inspirei profundamente, sendo embriagada pelo seu cheiro fora do comum.

“Obrigada, meu Deus... Obrigada, obrigada!”, pensei, achando que meu dever era agradecer pela alegria imensa que estava sentindo. Sentia-me aliviada, como se pudesse respirar de novo depois de quase ter morrido afogada.

Fui carinhosamente depositada em cima da cama, com a barriga virada para baixo. Não demorou muito; senti as mãos habilidosas de Caleb desfazerem o laço do meu vestido, folgando-o aos pouquinhos, enquanto fazia pausas curtas para me beijar as costas. Delícia.

Seus lábios estavam quentes e úmidos, distribuindo espasmos de prazer pelo meu corpo inteiro. Fechei os olhos e me concentrei em cada carícia. Eu me arrepiava o tempo todo, mas não queria que acabasse. Achava que não conseguiria ser mais feliz do que aquilo.

Quando terminou de desenlaçar o vestido, Caleb me puxou para fora da cama, fazendo-me ficar de pé na sua frente. Eu não comandava o meu corpo, era apenas uma marionete que obedecia com muito prazer. Estava nas mãos dele. Ou seja, no melhor lugar onde poderia estar.

O tecido pesado logo caiu no chão, deixando-me livre do peso e da culpa que ele podia acarretar. Porém, sinceramente, culpa era a última coisa que eu conseguia sentir. A felicidade era grande demais para ser manchada com qualquer outra coisa.

Caleb me ajudou a sair do vestido com muito cuidado, depositando-o em cima de uma cadeira logo em seguida. Depois, aproximou-se de mim.

– Estava rezando para que ainda estivesse com essa calcinha – Caleb murmurou no meu ouvido, abraçando-me forte.

Meus seios à mostra grudaram no seu peitoral. Minha pele inteira arrepiou, e alguma coisa dentro daquela calcinha se sentiu muito relaxada. Uma de suas mãos desceu pela minha cintura e puxou o pequeno véu que saía do laço na parte de trás da calcinha. Mais do que depressa, a mesma mão boba explorou cada centímetro do tecido fino, só que por dentro.

Soltei um gemido alto.

– Não vai tirar o meu véu? – perguntei, murmurante.

– Qual dos dois? – Caleb riu, e minha pele queimou. – Pretendo tirar só este daqui – avisou, puxando minha calcinha para baixo bem devagarzinho.

Disposto a me deixar louca de excitação, Caleb se afastou um pouco e se curvou diante de mim, ajoelhando-se no chão. Terminou de tirar a minha

calcinha, dando-me inúmeros beijos que iam do meu sexo até os meus joelhos. Fiquei completamente exposta para ele, ardendo de desejo.

O movimento que fazia era lento, sem pressa. Cada beijo me deixava ainda mais louca e preparada para ele. Olhei para o teto e sorri. Céus... Como eu o queria. Será que aquela chama arderia assim para sempre? Não fazia ideia, mas estava disposta a arriscar.

– Os sapatos e as meias também vão ficar – Caleb murmurou, apertando suas mãos no meu traseiro enquanto beijava algum ponto embaixo do meu umbigo.

– Não sabia que você tinha fantasias com noivas – falei de modo divertido, puxando-lhe os cabelos.

Caleb ergueu a cabeça e me ofereceu seus dois oceanos brilhantes. Os mesmos em que eu pretendia me afundar muito em breve. Na verdade, acho que ainda estou nadando neles até hoje. Havia sido um mergulho sem volta.

Como se fosse pouco ser tão lindo, o lado esquerdo de sua boca foi se erguendo devagar. *Safado!*

Soltei um suspiro enorme.

– Desde que a noiva seja você – ele disse, com a voz rouca. – Quer casar comigo?

“O QUÊ?”, pensei. No impulso, comecei a rir.

Caleb se levantou depressa e me jogou na cama, espalhando meu véu por toda parte. Sem demoras, colocou o seu corpo sobre o meu, prendendo-me completamente. Minhas pernas lhe envolveram a cintura. Seus olhos, agora firmes, continuaram me encarando.

– Falo sério. Quero você pelo resto da minha vida, Amande. Finalmente encontrei quem eu procurava... Alguém que conseguiu me salvar de uma existência sem sentido. Alguém para amar, de verdade. – Beijou-me com cuidado. – Entenda que preciso e quero você pra mim – murmurou entre meus lábios.

Meus olhos ficaram marejados.

– Eu sou sua – sussurrei.

Caleb fechou os olhos. Soltou um suspiro que fez as coisas lá embaixo ficarem ainda mais molhadas. Uma lágrima molhou seu rosto, mas tratei de sugá-la com um beijo. Lambi os lábios e senti um gostinho salgado. Qualquer coisa vinda do Caleb era fantástica, até mesmo uma simples lágrima.

– Repete – pediu.

– Sou sua, Caleb, meu... Meu amor – falei, dando-lhe um selinho estalado.

– Só minha?

– Sim. E você? – perguntei.

Ele reabriu os olhos, obrigando-me a prender a respiração.

– Sou só seu desde que fui seu pela primeira vez. Serei para sempre.

– É sério isso? – Fiquei muito surpresa.

– É sim. Eu me apaixonei por você, Amande. Desde o fim de semana. Não consegui ter mais ninguém... Não pude. Pensei em nunca te procurar, mas... – Suspirou. – Desculpa pela confusão que arranjei na sua vida. Não queria que fosse assim.

– Foi a confusão mais necessária do mundo. Não me arrependo de nada... Faria tudo de novo, só que de um modo melhor. Sequer colocaria essa droga de vestido.

– Nem vestiria a calcinha deliciosa? – ele perguntou, sorrindo com malícia. *Safado!*

Comecei a rir, sendo acompanhada por ele. Logo em seguida, dei-lhe um beijo muito demorado. Caleb escorreu uma de suas mãos até o meu sexo e o alisou com carinho. Soltei um gemido.

– Sim! – gritei de prazer. – Aceito!

Ele não desviava os olhos dos meus. Tocava-me com uma delicadeza fora do comum. Senti seus dedos se lambuzando enquanto me acariciava. Eu estava pegando fogo, molhada demais. Pronta para ele.

– Casar comigo? – perguntou.

– Aham – assenti.

Caleb me beijou profundamente, com urgência, colocando sua língua deliciosa na minha boca. Continuou explorando cada pedaço de mim com seus dedos habilidosos, fazendo-me derreter ao redor dele.

– Vai ser na praia – continuei, entre gemidos. – Sem planejamento algum.

– Sem planos... – murmurou.

– Sem cálculos.

– Uma desorganização completa – ele disse, rindo entre meus lábios.

– Sim. A cor do bolo nem vai combinar com o buquê – completei, aproveitando para arrancar a sua bermuda com toda força que consegui reunir. Deixei-o exposto para mim. Ele já estava deliciosamente pronto.

Caleb riu. Eu também.

– Vou ser tão feliz quanto jamais fui – sussurrou no meu ouvido, movendo-se até fazer nossos corpos se grudarem e, finalmente, estarem dentro um do outro. Pele com pele. Pela primeira vez, sem preservativos.

É difícil descrever o que senti quando Caleb me preencheu por inteira. Soltei um gemido fraco, e ele resfolegou, apertando os olhos.

– Eu também – respondi, sentindo-o completo, magnífico, em um ritmo lento que fazia a minha vida se encher de uma alegria nunca sentida.

Eu sabia, tinha certeza de que, enquanto estivesse com o Caleb, todo o restante estaria sob controle. Não precisaria me preocupar em estar sendo chata ou corretinha demais. Podia ser eu mesma, e seria o suficiente.

Caleb teve o dom de me transformar, de me tocar profundamente e de me fazer sentir, em primeiro lugar. Ele arrancou, com muita delicadeza, cada uma das algemas que me prendiam dentro de mim mesma. Abriu a porta da gaiola e me deixou voar.

Voar ao seu lado.

Queria muito viver assim. Livre. Unindo o sentir e o agir, buscando o melhor de mim a cada dia, respeitando meus limites e experimentando sempre.

Com Caleb, minha vida estaria organizada, calculada, planejada e... Completamente louca, bagunçada, fora do lugar. Sei bem que este misto me fará feliz, pois é o equilíbrio que faz as coisas ficarem certas.

Sei também que seremos felizes. Juntos. Afinal, é o nosso maior desejo.

2 anos depois...

Devia ter colocado uma saia. Sei lá, algo mais sexy. Tudo bem que o encontro era apenas informativo, mais casual impossível. Só queria trocar uma ideia. Afinal, eu estraguei a vida do sujeito. Foi sem querer, juro. Quero dizer... Bom, não faço nada sem querer. Foi querendo mesmo, e daí? Amande não seria feliz com ele. Logo, ele também não seria feliz com ela. Era um fato. Na verdade, acabei fazendo um favor para os dois.

Claro que fiz um favor, olha esse cara bem na minha frente! Definitivamente, o João havia mudado. Muito. Da água para o vinho. Qual é, ele nunca teve tantos atrativos na vida dele! Nunquinha mesmo, conheço-o desde o Ensino Médio.

Neste período, jamais havia encontrado um bom motivo para levá-lo pra cama. Além de, claro, estar noivo da minha amiga. Nem conseguia entender como Amande fazia aquilo sem reclamar. Mas... Olha só. O homem está um espetáculo!

– Quando vai me falar o motivo por ter marcado este encontro, Jéssica? – ele perguntou, observando-me de cima a baixo. Aqueles olhos castanho-clarinhos estavam me chamando.

Uh, lá lá! Chama eu, meu bem, que estou facinho.

– Vou dizer logo logo, João. Deixa eu te olhar um pouco mais. Querido, você *tá* uma beleza, hein? Andou malhando? Que pergunta a minha... Claro que andou malhando!

João riu. Há! E que sorriso, filhinha... Vem cá, lindinho, vou te fazer sorrir ainda mais.

– Você é louca, Jéssica.

– Sempre fui. Bom, primeiramente, vim saber se você está bem. Mas nem preciso perguntar, né? Nunca te vi tão gato – falei, piscando um olho.

Tudo bem, eu estava flertando com o ex-noivo de uma das minhas melhores amigas. *Tá*, e daí? Ex é ex. Passado. Carta fora do baralho. Além do mais, duvido de que Amande fosse se importar se eu dissesse que tinha dormido com o João.

Ela quer que ele seja feliz, não quer? Lembro-me bem de tê-la ouvido dizendo isso. Tenho certeza de que João ficará bem feliz quando eu mostrar uma coisa pra ele. Sendo assim, estou fazendo apenas mais um favor.

– Fala logo. Não tenho todo tempo do mundo. – João pareceu estar irritado. *Affe!* Certamente não tem noção do que posso fazer com ele entre quatro paredes. Se soubesse, meu bem, duvido que se irritaria.

– Tudo bem, vai... – Suspirei. – Estou me sentindo culpada pelo que aconteceu. Você sabe, ser abandonado no altar...

João fechou a cara, contracenando uma expressão rígida.

– Se é isso que quer saber: não, não estou depressivo. Não tentei me matar, nem fico me lamentando por aí. Aconteceu. Acha que eu iria chorar pela Amande para sempre? Passaram-se dois anos! Preferi ir viver a minha vida, correr atrás do tempo perdido. Ganhei muito mais com isso.

“Ganhou mesmo, gato!”, pensei.

Pisquei os olhos.

– Você já superou tudo? – perguntei, meio temerosa.

– Claro que sim. Nada como enfiar a cara no trabalho, conseguir um emprego fixo numa empresa internacional, passar algumas horas na academia e transar com todas as mulheres que deram mole. Isso eleva a autoestima de qualquer homem, não acha? – Seu olhar se transformou em algo mais... Safado? Uh, sim. Safadinho!

Uau! João agora era um cara descolado, bem sucedido e... pegador? *Uhul!* Gostei, gostei muito. Viu como sou demais? Fiz duas pessoas se tornarem as melhores que elas podiam ser. Tudo isso com uma só cartada. Sou genial, pode me parabenizar.

– Você soube de tudo o que aconteceu? – questionei. Tentava deixar minha respiração mais calma, mas foi quase impossível. Aquele olhar matador do João

tinha me acertado em cheio. Filho... Que saúde, hein?

– Amande me contou três meses depois de sair correndo na igreja – desdenhou.

– Você aceitou ouvi-la? – Fiz uma careta. Se tivesse acontecido comigo, nunca mais olharia para a cara do sujeito. – Pensei que não tinham se visto mais. Ela nunca fala sobre isso.

– Não nos vemos mais, só estava curioso – falou. – Ela parecia bem disposta a se explicar. Insistiu muito, até que cedi. Você sabe como Amande consegue ser chata, não é? Estava irritado com ela me procurando... Achei melhor sentar com calma e ouvir a ladainha toda.

– Ela contou sobre o... O...

– O tal gigolô da despedida de solteira? – ele bufou. Seu rosto começou a ficar vermelho. – Era só o que me faltava. Fiquei muito puto com essa parte da história. Na verdade, desejei que o relacionamento deles desse errado. Sinceramente? Desejo até hoje, mas creio que não vai acontecer. Fiquei sabendo do "casamento".

Sorri. O casamento de Amande e Caleb, há sete meses, foi simplesmente lindo. Na beira da praia, ao som de acordes maravilhosos de violão. Tudo light, só estavam presentes os mais íntimos. Parecíamos *hippies* curtindo uma *vibe*.

Bebi demais naquele dia. Bebi tanto que... Bom, acabei beijando a Paloma de novo, atrás de uns coqueiros. Na verdade foram uns amassos bem gostosinhos. *Tá*, sempre soube que ela gostava de mim. Acho que ainda gosta, sei lá. Aquela implicância tinha que ter fundamento. Quando ela nos confessou que era lésbica, sinceramente, não foi um choque para mim.

Tipo, eu gosto dela, gosto muito. Mas não sou lésbica, sou bissexual. É bom demais ficar com uma delicinha de vez em quando. A Paloma é linda, com aquela beleza oriental exorbitante. Já pensei em chamá-la para uma noite inteira de prazer comigo, mas acho que não aceitaria. A coitada é tão certinha, acho que não gostaria muito de ser penetrada com os brinquedinhos que tenho lá em casa. Eu até que podia tentar algo a mais só que... Não sinto que vou deixar de ser o que sou por causa dela.

Não posso magoar, nem perder a amizade de uma grande amiga. Também

acho que não daria certo namorando uma garota. Às vezes gosto de uma coisa mais... máscula, se é que me entende. Oh, eu adoro uma coisa máscula. E, naquele momento, estava louca para admirar a coisa máscula do João. Será que é grande?

– Duvido mesmo que dê errado, João. Se eu fosse você, desistia de pensar nisso. Eles estão muito felizes, sério. Nunca vi a Amande tão mudada – expliquei. – Caleb foi a melhor coisa que podia acontecer na vida dela, e vice-versa. Aceite isso e seja feliz também, com quem quer que seja.

– Não estou a fim de relacionamentos. Não pelos próximos... Sei lá, mil anos. Não estou procurando ninguém para mais nada além de uma boa noitada.

Ofereci-lhe a expressão mais sexy que conseguia contracenar. Aquela era imbatível, qualquer homem que a admirasse aceitaria dormir comigo numa boa. Não deu outra; João finalmente tirou aquela carranca estampada na face e me olhou de uma forma meio... quente. Ai, delícia. Adoro!

– Está com sorte, meu bem... – murmurei.

João sorriu, mas de uma maneira bem safadinha. Rá! Nunca perco um embate, filha. Já era.

Decidida, resolvi me aproximar ainda mais dele. Estávamos sentados em um sofá chique, que tinha no meu restaurante favorito. Eles serviam as melhores caipiroskas que já tinha tomado na minha vida. Um lugar exótico e perfeito para um encontro. Só não sabia que iria terminar assim, confesso. Como ia adivinhar que João tinha virado um... um... gostosão? Desculpa aí, nunca dispenso um gostosão. Nunquinha.

João não saiu do lugar. Continuou me encarando de um jeitinho que eu adoro nos homens. Uma safadeza explícita saía de seus olhos, deixando meu corpo inteiro quente. Bem quentinho, preparadinho. Ai, que tesão!

– Acho que isso não é muito certo, é? – ele perguntou, mantendo o olhar fixo no meu. Confiança. O novo João agora confiava no próprio taco. Duvido de que o idiota noivo da Amande de dois anos atrás fosse capaz de me olhar sem desviar os olhos.

Gente, eu salvei uma vida! Tenho tanto orgulho de mim mesma! Aliás, salvei três vidas! Quatro, se contar a que Amande estava esperando. Bom, não ia

dizer ao João que sua ex-noiva estava grávida. Até porque era muito recente, nem o Caleb sabia ainda. Os resultados dos exames sairiam apenas na semana que vem, mas cara... Não tenho dúvidas. Não depois de que a vi vomitando todo o sushi que tínhamos comido no encontro entre amigas da semana passada.

– Quem se importa com o certo, hein? Eu não me importo – respondi, aproximando-me ainda mais. João finalmente se desarmou, puxando-me para si. Rá, ele tinha pegada agora? Impressionante!

Ficamos grudadinhos no sofá, olhos fixos um no outro.

– Foda-se o certo – ele disse e me inundou com seus lábios macios. Aquilo era só o começo.

Ui. Delícia. Adoro!

VEJA TAMBÉM!

A HISTÓRIA COMPLETA NA VERSÃO DO CALEB

DESPEDIDA DE SOLTEIRA – Caleb

Facebook Despedida de Solteira: https://www.facebook.com/pages/Despedida-de-Solteira-Mila-Wander/184148235066652?ref=hl

Skoob Despedida de Solteira: http://www.skoob.com.br/livro/317946-despedida-de-solteira

SOBRE A AUTORA:

Mila Wander nasceu e mora em Recife. É pedagoga, brinquedista, maquiadora profissional e escritora. “Meu Conselheiro de Luz” foi sua primeira obra concluída e publicada em 2012. É organizadora da coletânea “Em Contos de Amor”, que será publicada em 2013, contando com a participação de quinze autores nacionais. Despedida de Solteira é o seu romance de estréia na literatura erótica.

CONTATO: camilavnw@gmail.com

Copyright© – Todos os direitos reservados. Qualquer cópia parcial ou total é proibida.